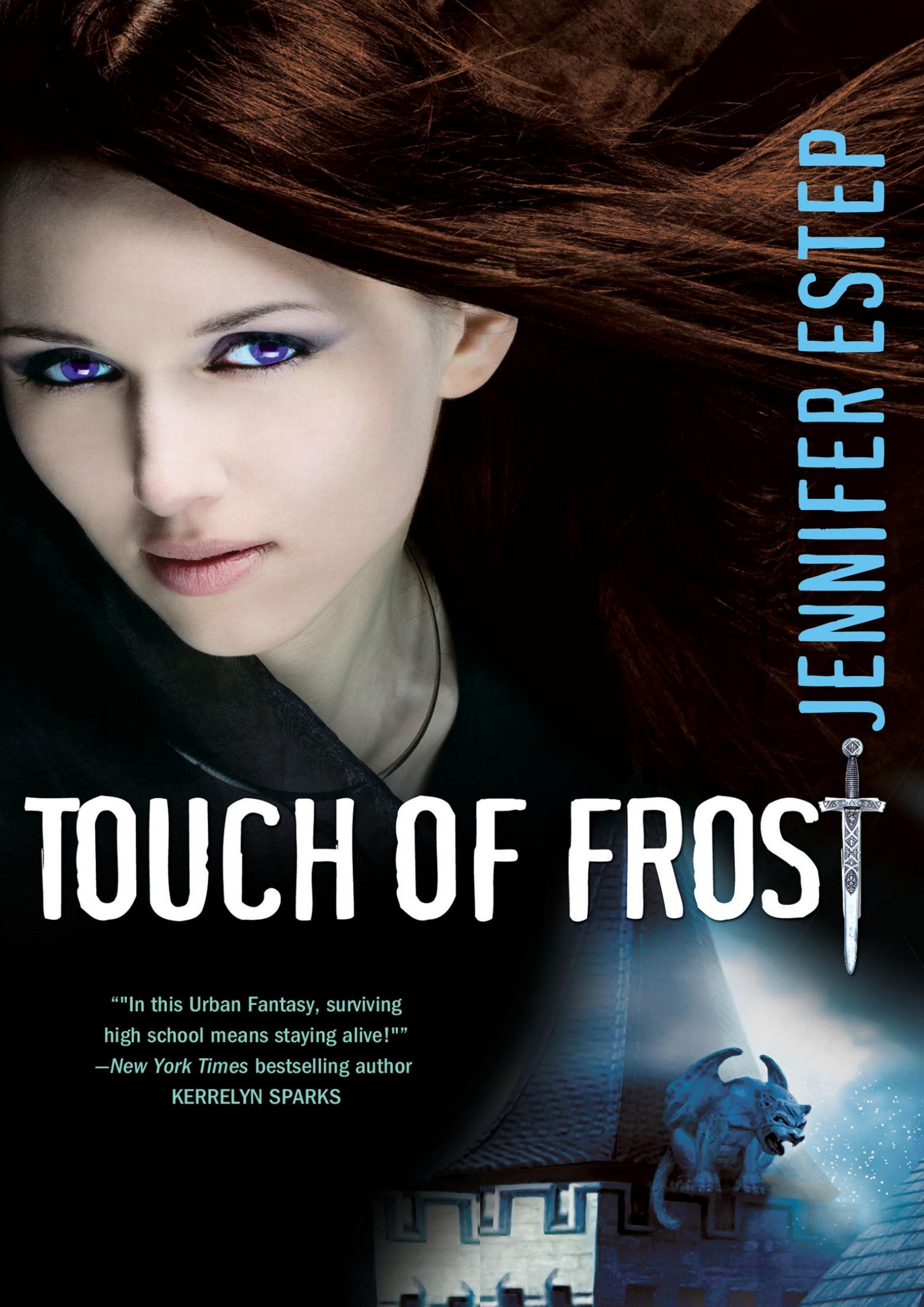




JENNIFER ESTER

TOUCH OF FROST



"In this Urban Fantasy, surviving
high school means staying alive!"
—*New York Times* bestselling author
KERRELYN SPARKS





JENNIFER ESTEP

TOUCH OF FROS†

Mythos Academy

LIVRO 01

Papyrus

Traduções de

Livros



Tradução: Joana

Revisão: Fran

Formatação: Shadow Hunters

Qui sait beaucoup ne craint rien.

“Do muito saber vem o nada a temer.”

MEU NOME É GWEN FROST, e eu vou para a Mythos Academy – uma escola de mitos, magia e garotos guerreiros prodígios, onde até mesmo o mais humilde nerd sabe como arrancar a cabeça de alguém com uma espada e Logan Quinn, o mais gostoso cara Espartano na escola, também vem a ser o mais mortal.

Mas ultimamente, as coisas ficaram entranhas, mesmo para a Mythos. Primeiro, uma garota mesquinha, Jasmine Ashton, foi assassinada na Biblioteca de Antiguidades. Depois, alguém roubou a Tigela das Lágrimas, um artefato mágico que pode ser usado para trazer quase a segunda Guerra do Caos. Você sabe, morte, destruição e muitas outras coisas ruins, bem ruins. Coisas piradas como essas acontecem o tempo todo na Mythos, mas eu estou determinada a descobrir quem matou Jasmine e por que – especialmente uma vez que eu deveria ter sido aquela que morreu...



Eu estava quase saindo do Valhalla hall quando uma janela no segundo andar abriu e uma mochila navegou para o lado de fora e despencou ao chão na minha frente. De alguma forma, eu sufoquei o grito surpreso dentro da minha garganta. Especialmente uma vez que a mochila foi seguida um segundo mais tarde por um cara que aterrissou em uma baixa, perfeita agachada. Ele ficou aos seus pés com facilidade, como se os seis metros da queda não fossem nada para ele, e eu vi quem ele era.

Logan ‘Pirado’ Quinn.

Estava mais escuro do que claro agora, e o Espartano parecia até mesmo mais perigoso nas sombras enegrecidas. A pálida, lua leitosa destacava mechas azuis no seu cabelo negro espesso e ondulado. Logan espanou umas poucas folhas de seu jeans de marca, então olhou acima para me encontrar encarando-o. Seus olhos estreitos em seu rosto cinzelado.

“Bem, bem, se não é a garota Cigana aqui fora no escuro, completamente sozinha”...



I

- E U SEI O SEU SEGREDO.

Daphne Cruz se inclinou mais perto do espelho sobre a pia e colocou outra camada de gloss rosa pálido sob seus lábios, pontualmente me ignorando da maneira que todas as garotas muito populares faziam.

Da maneira que todos faziam na Mythos Academy.

— Eu sei o seu segredo. — Eu repeti em uma voz mais alta.

Eu me afastei da estátua de uma ninfa marinha contra a qual eu estive inclinada, patinei em direção a porta que conduzia para fora do banheiro das garotas, e a tranquei. Eu poderia não me importar quem sabia o segredinho sujo de Daphne, mas eu estava propensa a apostar que ela se importaria antes que nós estivéssemos terminado. Isso era o porquê de eu me certificar que todas as cabines de mármore branco estivessem vazias e esperei pelo resto das amigas de Daphne

partirem de seus locais no assento almofadado no canto antes que eu me aproximasse dela.

Uma vez que Daphne esteve satisfeita que seus lábios estavam cheios de gloss a um alto brilho, ela largou o tubo dentro das profundezas da sua bolsa Dooney & Bourke de tamanho descomunal. A seguir, ela tirou uma escova de cabelos e foi trabalhar nas suas lisas, mechas douradas. Ainda me ignorando.

Eu cruzei meus braços sob meu peito, inclinando contra a porta, e esperei. As complexas figuras erguidas de guerreiros e monstros esculpidas na densa porta de madeira pressionaram contra minhas costas, mas eu ignorei os estranhos grumos e saliências. Os duzentos dólares que eu estava conseguindo por esse trabalho significavam que eu poderia dispor de ser paciente.

Depois de outros dois minutos, quando seu cabelo tinha sido escovado uma dúzia de vezes e ela percebeu que eu realmente não ia, sabe, *embora*, Daphne finalmente designou-se a virar o olhar para mim. Seus olhos pretos lançaram-se sob meu jeans, T-shirt estampada, e capuz roxo fechado, e ela soltou um pequeno bufar de desgosto, obviamente ofendida que eu não estivesse vestindo as últimas tendências da moda como ela estava. Que eu não tivesse o mesmo olhar crítico para os padrões de moda que ela e suas amigas tinham.

Aparentemente, o tema de hoje tinha sido argila, porque o modelo estava em tudo que Daphne vestia, do seu casaco de casimira, à sua saia preta plissada, à estampada calça justa de malha preta e rosa que exibia em suas pernas. O contraste das cores claro e escuro fazendo-a perfeita, a pele âmbar parecia até mais luminosa. E também o brilhoso lábio com gloss.

— Você sabe o meu segredo? — Daphne repetiu, um sarcasmo arrastando na sua voz. — E que segredo seria esse?

Então a Valquíria queria ser mal-humorada. Nenhum problema.

Eu sorri. — Eu sei que você pegou o bracelete de berloques. Aquele que Carson Callahan estava indo dar para Leta Gaston como um presente de *você vai ao baile de formatura comigo*. Você arrancou isso da mesa do dormitório dele ontem quando ele estava ajudando você com a sua lição de Inglês.

Pela primeira vez, dúvida cintilou nos olhos de Daphne, e descrença preencheu o seu lindo rosto antes que ela fosse capaz de esconder. Agora, ela estava olhando para mim – *realmente* olhando para mim – tentando descobrir quem eu era e o que eu queria. Depois de um momento, seus olhos estreitaram.

— Você é aquela garota Cigana — Daphne murmurou. — Aquela que vê as coisas.

Aquela garota Cigana. Isso era como todos na Mythos Academy me chamavam. A maioria por que eu era a única Cigana presa aqui nessa escola para mágicos guerreiros esquisitos. Uma garota de classe média cuja estranha habilidade tinha aterrado-a aqui dentre os ricos, populares, e inegáveis poderosos. Como Daphne Cruz, uma mimada, metida aspirante a princesa que também vinha a ser uma Valquíria.

— Qual é o seu nome? — Daphne perguntou. — Gail? Gretchen?

Wow. Eu estava impressionada que ela sequer soubesse que começasse com um *G*.

— Gwen, — Eu disse a ela. — Gwen Frost.

— Bem, Gwen Frost, — Daphne disse, virando sua atenção de volta a sua bolsa. — Eu não tenho ideia do que você está falando.

Sua voz e rosto estavam, os dois, apenas tão insípidos quanto o dourado espelho cinza na frente dela. Eu poderia ter até mesmo acreditado nela, se suas mãos não tivessem se apertado, o menor que fosse, enquanto ela colocava a sua escova de cabelo de volta na sua bolsa. Se eu não soubesse apenas o quanto bem as garotas como ela, podiam mentir.

Apenas o quanto bem todos podiam mentir.

Eu alcancei dentro da minha bolsa carteira cinza e extraí uma limpa sacola plástica. Um pequeno prateado berloque com formato de uma rosa brilhou no interior. Eu poderia muito bem ter mostrado a ela um saco cheio de maconha pela maneira com que Daphne visivelmente recuou.

— Onde — onde você conseguiu isso? — ela sussurrou.

— Carson não tinha terminado de colocar todos os berloques no bracelete da Leta quando ele mostrou isso a você durante a sua sessão de tutoria ontem à tarde, — eu disse. — Eu encontrei esse aqui bem, bem atrás da mesa dele no seu dormitório. Isso caiu ali quando você agarrou o bracelete e recheou-o dentro da sua bolsa.

Daphne soltou uma gargalhada, ainda mantendo a farsa. — E porque eu faria algo assim?

— Porque você é louca pelo Carson. Você não quer que ele peça Leta para sair. Você o quer para si mesma.

Daphne se curvou, suas mãos caindo de uma das pias que se enfileirava com a parede abaixo do espelho. Seus dedos curvados em torno das torneiras prateadas, as quais tinham o formato de cabeças de Hidras, antes de deslizarem abaixo para a cuba. Suas unhas francesinhas arranharam pelo mármore branco, e pálidas faíscas rosadas de magia dispararam das pontas dos seus dedos. Daphne poderia apenas ter dezessete anos como eu, mas Valquírias eram incrivelmente fortes. Eu sabia que se ela quisesse, Daphne Cruz poderia arrancar essa pia da parede facilmente como um Hulk poderia.

Talvez eu devesse ter medo da Valquíria, das estranhas faíscas rosadas da princesa, e especialmente da sua força e do que ela poderia fazer comigo. Mas eu não estava. Eu já perdi uma das pessoas com a qual eu mais me importava. Tudo mais era torpe em comparação com isso.

— Como você sabe isso? — Daphne perguntou, sua voz mal acima de um sussurro.

Eu encolhi de ombros. — Porque, como você colocou, eu vejo coisas. E assim que eu encontrei esse berloque, eu soube que você era aquela que levou o bracelete.

Eu não disse nada mais a Daphne sobre meu dom Cigano, sobre minha habilidade de conhecer a história dos objetos apenas por tocá-los, e ela não perguntou.

Ao invés, a Valquíria continuou me encarando com seus olhos pretos. Depois de cerca de trinta segundos de silêncio, ela chegou a uma espécie de decisão. Daphne se endireitou, alcançando dentro da sua bolsa mais uma vez, e tirou sua carteira. Combinava com o modelo da bolsa.

— Tudo bem, — ela disse. — Quanto vai custar para você me dar esse berloque e esquecer sobre toda essa coisa? Cem dólares? Duzentos?

Dessa vez, minhas mãos foram aquelas que se apertaram em punhos. Ela estava tentando me comprar. Eu não esperava nada menos, mas o gesto ainda me fez ficar zangada. Como todos na Mythos Academy, Daphne Cruz podia pagar pelo melhor de tudo. Uns poucos cem dólares eram nada para ela. Ela gastou essa quantia na sua parva *bolsa*.

Mas uns poucos cem dólares não eram nada para mim. Eram roupas e quadrinhos e um celular e uma dúzia de outras coisas que garotas como Daphne nunca tiveram que se preocupar.

— Carson já me pagou — eu disse.

— E daí? — ela disse — Eu vou pagar mais a você. Quanto mais você quiser.

— Desculpe. Uma vez que eu dei a minha palavra a alguém, eu a mantenho. E eu disse a Carson que eu iria encontrar o bracelete de berloques para ele.

Daphne inclinou sua cabeça ao lado como se eu fosse alguma estranha criatura que ela nunca viu antes, algum monstro mitológico disfarçado de uma garota adolescente. Talvez fosse estúpido da minha parte, não apanhar o seu dinheiro que ela estava tão ansiosa por me dar. Mas minha mãe não teria levado o dinheiro de Daphne, não se ela já tivesse feito uma promessa a alguém mais. Minha mãe, Grace, foi uma Cigana, justo como eu. Com um dom, justo como o meu.

Por um momento, meu coração doeu com culpa e saudade. Minha mãe se foi, e eu sentia *muita* falta dela. Eu sacudi minha cabeça, mais para empurrar a dor ao lado do que qualquer outra coisa.

— Olha, só me dê o bracelete. É tudo o que eu quero. É tudo o que Carson quer.

Os lábios de Daphne se apertaram. — Ele — ele sabe? Que eu peguei o bracelete? E por quê?

— Ainda não. Mas ele irá saber se você não devolvê-lo para mim. Nesse *momento*.

Eu abri o topo da sacola plástica e a estendi para ela. Daphne encarou ao berloque de rosa brilhando no interior. Ela mordeu seu lábio rosado, manchando o seu gloss no seu dente, e afastou o olhar.

— Ótimo — ela murmurou. — Eu não sei por que eu sequer o peguei em primeiro lugar.

Eu sabia por que eu tive um flash de Daphne quando eu toquei o berloque. Assim que meus dedos roçaram a rosa prateada, uma imagem de uma Valquíria loira estourou dentro da minha mente. Eu vi Daphne sentada na mesa de Carson, olhando fixamente para o bracelete, seus dedos apertando-se ao redor das ligações de metal como se ela quisesse rasgá-los em dois.

E eu senti outra emoção da garota, também, da maneira que eu sempre sentia o que quer que fosse que eu tocasse, um objeto ou até mesmo outra pessoa. Eu senti o quente, pulsante ciúme de Daphne que Carson estava pensando em pedir para sair com Leta. A morna, suave, efervescente paixão que Daphne tinha por Carson, apesar do fato que ele fosse um total integrante de banda e ela era parte de

uma multidão de populares. Seu frio, doloroso desespero que ela não gostasse de alguém do resto dos seus esnobes amigos, confirmava isso.

Mas eu não disse a Daphne nada disso. Quanto menos pessoas soubessem sobre meu dom e as coisas que eu via e sentia, melhor.

Daphne puxou o bracelete para fora da sua bolsa. Carson Callahan poderia ser um integrante da banda, mas ele tinha dinheiro, também, o qual era por que o bracelete era uma pesada, cara coisa lotada com uma dúzia de berloques que tinham juntos. As unhas de Daphne raspavam contra um dos berloques, um pequeno coração, e mais faíscas rosadas de magia tremulavam como vaga-lumes no ar.

Eu estendi a bolsa de novo, e Daphne derrubou o bracelete no lado de dentro. Eu fechei o topo e amarrei o plástico, com cuidado para não tocar na jóia. Eu não queria outra apresentação de slides dentro da mente de Daphne Cruz. A primeira quase me fez sentir pena dela.

Mas qualquer simpatia que eu poderia ter tido por Daphne desapareceu quando a Valquíria me deu um frio, arrogante olhar que significava muito como uma garota malvada antes dela ter completado.

— Você conte a alguém sobre isso, Gwen Frost, e eu irei estrangular você com esse horroroso capuz roxo que você está vestindo. Me entendeu?

— Claro. — Eu disse em um tom agradável. — Mas você pode querer se acalmar antes de você ir para a sua próxima aula, Daphne. Seu brilho labial está manchado.

Os olhos da Valquíria se estreitaram, mas eu ignorei o seu maldoso olhar sujo, destrancando a porta do banheiro, e saindo.



2

EU PISEI PARA FORA DO BANHEIRO E DENTRO DO CORREDOR. EM ALGUM lugar mais profundo no prédio, uma campainha soou, me avisando que eu tinha cinco minutos para chegar à minha próxima aula, então eu desci com o fluxo de estudantes caminhando em direção à ala oeste do prédio de história – Inglesa.

Do lado externo, Mythos Academy parecia como uma escola preparatória da elite para a Ivy League¹, mesmo embora fosse localizada na Montanha Cipreste, apenas do lado de fora de Asheville, subindo as terras altas do oeste da Carolina do Norte. Tudo sobre a academia sussurrava dinheiro, poder, e esnobismo, dos

¹ (Ivy League – conjunto das seis melhores universidades americanas do Noroeste dos EUA, incluindo Yale, Harvard, Duke)

prédios de pedras cobertos de hera ao perfeito quadrilátero de grama podada ao refeitório que era mais como um restaurante cinco estrelas do que uma cafeteria de escola. Sim, do lado de fora, a academia parecia *exatamente* como o tipo de lugar que pessoas ricas mandariam seus bebês mimados a um investimento confiável para prepará-los para eles irem à Yale, Harvard, Duke, ou alguma outra faculdade cara aceitável.

Do lado de dentro, entretanto, era uma estória diferente.

Em um primeiro olhar, tudo parecia normal, se não um pouco abafado e totalmente fora de moda. Sabe, armaduras polidas revestindo as paredes, cada uma apertando uma afiada, arma pontiaguda. Pedras esculpidas e caras pinturas a óleo de batalhas mitológicas cobrindo as paredes. Estátuas de mármore branco de deuses e deusas de pé nos cantos, seus rostos virados em direção uns aos outros, mãos sustentadas sob suas bocas, como se eles estivessem fofocando sobre todos que passavam pelos seus poleiros.

E então, havia os estudantes. Idades entre dezesseis a vinte e um, estudantes do primeiro ano até o sexto ano, todos os formatos, tamanhos, e etnias, com livros e bolsas em uma mão e seus celulares na outra, mandando mensagens de texto, conversando, e caminhando tudo ao mesmo tempo. Cada um deles vestia as roupas mais caras que seus pais podiam custear, incluindo Prada, Gucci, e, lógico, Jimmy Choos.

Mas se você olhasse além das roupas de grife e eletrônicos chamativos, você notaria outras coisas. Coisas estranhas. Como o fato que muitos dos estudantes carregavam armas. Espadas, arcos, e dardos na grande maioria, tudo enfiado dentro do que pareciam sofisticadas bolsas de tênis de couro. Cor coordenando para combinar com a roupa do dia, claro.

As armas eram apenas acessórios na Mythos. Símbolos de status de quem você era o que você podia fazer, e quanto dinheiro seus pais tinham. Apenas como as faíscas coloridas e flashes de magia que rachavam no ar como eletricidade estática. Mesmo o mais humilde nerd aqui sabia como arrancar a cabeça de alguém com uma espada ou podia transformar o seu interior em papa ao murmurar um feitiço ou dois.

Era como ir para a escola em um episódio da *Xena: A Princesa Guerreira*².

Isso era o que todos os jovens da Mythos Academy eram – guerreiros. Verdadeiros, guerreiros mitológicos vivos. Ou ao menos o fantástico – seja lá o

² (Xena – seriado de TV que retrata a época mitológica)

que – descendente deles. As garotas era Amazonas e Valquírias, pela maioria, enquanto que os garotos tendiam a ser Romanos e Vikings. Mas havia outros tipos de guerreiros misturados também – Espartanos, Persas, Troianos, Celtas, Samurais, Ninjas, e todo o resto, de cada cultura antiga, mítica, ou conto de fadas que você sempre ouviu e muitos que você não. Cada um com sua própria habilidade especial e magia, e os egos para combinar.

Como uma regra geral, entretanto, todos eram ricos, bonitos, e perigosos.

Todos menos eu.

Ninguém olhou para mim e ninguém falou comigo enquanto eu marchei em direção ao meu sexto período de aula de história-mítica. Eu era apenas *aquela garota Cigana*, e não rica, poderosa, popular, bonita, ou importante o bastante para ser registrada no radar social de qualquer um. Era final de Outubro agora, quase dois meses para o segundo semestre, e eu não tinha ainda feito nenhum amigo. Eu até mesmo não tinha ninguém casual com que eu pudesse me sentar no almoço no refeitório. Mas meu estado sem amigos não me incomodava.

Pouca coisa me incomodava, desde a morte de minha mãe ha seis meses atrás.

Eu deslizei para o meu assento na aula de história-mítica da Professora Metis bem antes da campainha soar novamente, indicando que todos deveriam estar onde era suposto estarem por agora.

Carson Callahan virou-se no seu assento, o qual era na minha frente. —

Você já encontrou? — ele sussurrou.

Carson era um cara alto, um metro e oitenta e três, até mesmo com uma estrutura ossuda, esguia. Ele sempre me lembrava de um triângulo, por que ele tinha ângulos afiados, dos seus tornozelos aos seus joelhos aos seus cotovelos. Mesmo o seu nariz era reto e pontiagudo. Seu cabelo e sua pele eram de um castanho moreno, e as estruturas quadradas dos seus óculos de armação preta faziam seus olhos parecerem como bolas de leite maltado dispostas em seu rosto.

Eu podia ver por que Daphne gostava dele, entretanto. Carson era doce e fofo, dessa tímida, maneira tranquila que nerds tão frequentemente eram. Mas Carson Callahan não era apenas qualquer tipo de nerd – ele era um nerd de uma banda de metal pesado e o grande tambor da Banda da Mythos Academy, apesar dele ser o único com dezessete anos e um estudante de segundo ano como eu. Carson era um Celta e supostamente tinha algum tipo de talento mágico para música, como um poeta guerreiro ou algo assim. Eu não sabia o que exatamente. Pela maior parte,

eu tentei não notar tais coisas. Eu tentei não notar um monte de coisas na Mythos – especialmente o fato do quanto eu não pertencia aqui.

Eu entreguei à Carson o bracelete ensacado, com cuidado para não deixar meus dedos tocarem os dele para que eu não tivesse vislumbres do nerd da banda. Porque além de sentir as emoções de Daphne, eu também tive um breve clarão das de Carson quando eu pesquei o berloque da rosa detrás da mesa dele ontem. Eu não via apenas a pessoa que tocou algo no passado – eu podia ter clarões de todos que uma vez colocaram a mão no objeto. *Alguma vez.*

O que significava que eu sabia para quem Carson realmente queria dar o bracelete de prata não era Leta Gaston como ele afirmava.

— Como prometido. — Eu disse. — Agora, é sua vez.

— Obrigado, Gwen.

Ele colocou uma nota de cem dólares, a infra-estrutura dos meus honorários, em cima da mesa. Eu peguei o dinheiro e o deslizei para dentro do bolso do meu jeans.

Como uma regra geral, eu ignorei todos os outros estudantes da Mythos, e eles me ignoraram – ao menos até eles precisarem que algo fosse encontrado. Era o mesmo bico que eu fiz no passado, na minha antiga escola pública, para ganhar um dinheiro extra. Pelo preço certo, eu encontrava coisas que estavam perdidas, roubadas, ou por outro lado indisponíveis. Chaves, carteiras, celulares, animais de estimação, sutiãs abandonados, e cuecas amassadas.

Eu ouvi uma Amazona na minha aula de cálculo reclamando que ela perdeu o seu celular, então eu ofereci para encontrar para ela, por uma pequena taxa. Ela pensou que eu fosse maluca – até eu pescar o celular da parte traseira do seu closet. Revelando que ela o deixou em outra bolsa. Depois disso, a notícia se espalhou ao redor do campus sobre o que eu fiz. Os negócios ainda não estavam exatamente bombando, mas estava progredindo.

Desde que meu dom Cigano me permitia tocar um objeto e imediatamente saber, ver, e sentir sua história, não era muito difícil para eu descobrir ou solucionar as coisas. Claro, se algo estivesse perdido, eu não podia realmente, você sabe, tocá-lo – por outro lado o item não estaria perdido em primeiro lugar. Mas as pessoas deixavam vibrações em todos os lugares – sobre todos os tipos de coisas. O que eles tiveram de almoço, que filme eles queriam assistir essa noite, o que eles realmente pensavam dos seus tão-denominados melhores amigos.

Normalmente, tudo o que eu tinha que fazer era roçar meus dedos de um lado ao outro da mesa do sujeito ou remexer através da bolsa de uma garota para ter uma ideia muito boa sobre onde ele deixou sua carteira ou onde ela largou o seu celular. E se eu não visse imediatamente a localização exata do item desaparecido, então eu continuava tocando a coisa até que eu conseguisse – ou tivesse uma imagem de quem poderia ter roubado. Como Daphne Cruz apanhando o bracelete de berloques da mesa de Carson. Algumas vezes, eu me senti como Nancy Drew ou talvez Gretel³, seguindo uma pista de migalhas de pão psíquicas até eu encontrar o que eu estava procurando.

Havia até mesmo um nome para o que eu podia fazer – psicometria. Uma extravagante, maneira frou-frou de dizer que eu via imagens na minha cabeça e tinha flashes do sentimento de outras pessoas – quer eu quisesse vê-los ou não.

Ainda assim, parte de mim gostava de saber os segredos das outras pessoas, vendo todas as grandes coisas e pequenas que eles estavam tão desesperadamente tentando esconder de todos, incluindo deles mesmos algumas vezes. Isso me fazia sentir esperta e forte e poderosa – e determinada a não fazer coisas totalmente estúpidas, como deixar um sujeito tirar fotos minhas de calcinha e sutiã.

Rastreando telefones celulares pode não ser o mais glamoroso emprego no mundo, mas era muito melhor do que fazer batatas fritas gordurosas no Mickey D's. E certamente pagava muito mais aqui na Mythos do que na minha antiga escola pública. Voltando ali, eu estaria com sorte se conseguisse vinte dólares por um bracelete perdido, ao invés do legal duzentos dólares que Carson deu para mim. O fluxo de caixa bônus era a única coisa que eu gostava sobre essa estúpida academia.

— Onde ele estava? — Carson perguntou. — O bracelete?

Por um momento, eu pensei sobre entregar Daphne e dizer a Carson sobre a sua massiva paixonite por ele. Porém, uma vez que a Valquíria não tinha sido abertamente malvada comigo no banheiro, apenas vagamente ameaçadora, eu decidi salvar esse pouco de informação para uma hora em que eu pudesse realmente precisar. Desde que eu não tinha dinheiro, força, ou grande poder mágico como os outros jovens na academia, informação era a única influência real que eu tinha, e eu não vi nenhuma razão para não estocá-la.

³ (meninas personagens de livros que desvendam mistérios)

— Oh, eu encontrei atrás da sua mesa no seu dormitório. — O berloque da rosa, de qualquer maneira. Ele estava preso bem lá no fundo, entre a mesa e a parede.

Carson franziu o cenho. — Mas eu olhei ali. Eu sei que olhei. Eu procurei em todos os lugares por isso.

— Eu imagino que você só não olhou forte o bastante. — Eu disse em um tom vago, e puxei o meu livro de história-mítica para fora da minha bolsa.

Carson abriu sua boca para me perguntar algo mais quando a Professora Metis bateu no seu pódio com o fora de moda, cetro prateado fino que ela também usava como um apontador. Metis era uma descendente Grega, como eram muitos dos professores e jovens na Mythos. Ela era uma mulher pequena com um grosso, atarracado corpo, pele de bronze, e cabelo preto que sempre estava puxado para trás em um alto, apertado coque. Ela vestia um terno com calças verdes, e óculos prata cobriam seu rosto.

Ela parecia toda austera e séria, mas Metis era uma das melhores professoras na Mythos. Ela ao menos tentou fazer a sua aula de história-mítica interessante por algumas vezes deixar que a gente fizesse jogos e montasse quebras-cabeça e essas coisas, mais do que apenas memorizar os fatos chatos.

— Abram seus livros na página cento e trinta e oito. — Professora Metis disse, seu suave olhar esverdeado cintilando de aluno por aluno. — Hoje, nós vamos falar um pouco mais sobre Panteão assim como seus guerreiros batalhando para defender Loki e seus Ceifadores do Caos.

Mas hoje não ia ser um dia divertido. Eu rolei meus olhos e fiz como ela pediu.

Além de ir à escola com todos os jovens guerreiros mitológicos, eu também tinha que aprender sobre toda a sua estúpida história. E, claro, havia um grupo de mágicos bonzinhos que se organizaram e se chamavam de Panteão cujo único propósito era lutar com um grupo de mágicos vilões chamados de Ceifadores, que queriam, bem, trazer o Caos.

Até agora, Professora Metis tinha sido muito vaga sobre o que exatamente o *Caos* era, e eu não tinha exatamente prestado muita atenção em toda a conversa afiada da coisa de magia. Mas eu estava supondo que envolvia morte, destruição e blá, blá, blá. Eu preferiria muito mais ler um gibi que eu tinha escondido no fundo da minha bolsa carteiro. Ao menos eles tinham uma base da realidade. Mutações genéticas podiam *realmente* acontecer.

Mas deuses e deusas submergindo? Usando jovens guerreiros prodígios para lutar alguma batalha antiga, hoje, nos dias modernos? Com monstros mitológicos se atirando na luta apenas por diversão? Eu não estava certa se eu acreditava *nisso*. Mas todos mais na Mythos acreditavam. Para eles, mitos não eram apenas histórias – eles eram *histórias, até mesmo fatos*, e eles eram todos muitos, muitos *reais*.

Enquanto Professora Metis zumbiu mais uma vez sobre como absolutamente mal os Ceifadores eram, eu olhei fixamente para fora pela janela, vendo o meu reflexo no vidro. Cabelo castanho ondulado, um punhado de sardas na minha pele pálida de inverno, e olhos que eram de um curioso tom de roxo, acentuado pelo capuz que eu estava vestindo.

Olhos violetas são olhos sorridentes, minha mãe sempre dizia em uma voz provocadora. Seus olhos eram da mesma cor que os meus, embora eu sempre pensei que eles faziam-na parecer bonita e a mim uma aberração.

Uma estúpida dor inundou meu coração. Não pela primeira vez, eu desejava que eu pudesse rebobinar o tempo e voltar à maneira que as coisas tinham sido antes de eu vir à Mythos Academy.

Seis meses atrás, eu era uma adolescente normal. Bem, tão normal quanto uma garota com uma estranha habilidade poderia ser alguma vez. Mas o dom Cigano corria na família Frost. Minha avó, Geraldine, podia ver o futuro. Minha mãe, Grace, era capaz de dizer se ou não as pessoas estavam mentindo apenas ao ouvir suas palavras. E eu tinha a habilidade de saber, ver, e sentir coisas apenas ao tocar uma pessoa ou um objeto. Mas nossos dons Ciganos sempre foram apenas isso – dons, pequenas coisas que nós podemos fazer – e eu não tinha pensado muito sobre eles, de onde eles tinham vindo, ou se outra pessoa tinha magia como a nossa.

Até o dia em que eu peguei a escova de cabelo de Paige Forrest depois da aula de educação física.

Nós estávamos no vestiário trocando de roupa depois de jogar basquete, o qual eu odiava por que eu era completamente uma bosta nisso. Sério, uma bosta *em todos os sentidos*. Como, tão ruim que eu consegui me atingir na cabeça com a bola quando eu estava tentando fazer um lance livre.

Depois da aula, eu estava quente e suada e quis puxar o meu cabelo para trás em um rabo de cavalo. A escova de Paige estava colocada no banco entre nós. Paige não era uma das minhas amigas mais próximas, mas nós estávamos no mesmo círculo semi-popular de garotas espertas. Algumas vezes, nós saíamos

quando nosso grupo saía junto, então eu perguntei a ela se eu podia usar a sua escova.

Paige me encarou por um segundo, uma estranha emoção piscando nos seus olhos.

— Claro.

Eu peguei a escova, nunca sonhando que eu sentiria algo. Apesar da minha psicomетria, eu normalmente não captava muito vibrações fora do comum, com objetos do cotidiano como canecas, computadores, pratos, ou telefones. Coisas em locais públicos que muitas pessoas usaram ou que tinham uma simples, específica função. Eu apenas obtinha os maiores, mais profundos, vívidos, flashes de alta definição, quando eu tocava objetos os quais as pessoas tinham alguma conexão pessoal, como uma fotografia favorita ou uma amada peça de jóia.

Mas assim que minha mão se fechou em torno da escova de cabelo, eu vi uma imagem de Paige sentada na sua cama com um homem mais velho. Ele escovava seu longo cabelo preto exatamente cem vezes, apenas como todos afirmavam que você tinha que fazer. Então, quando ele terminou com o seu cabelo, o homem desatou o roupão de Paige, a fez deitar de costas na cama, e começou a tocá-la antes de tirar sua calça.

Eu comecei a gritar depois, e eu não parei.

Depois de cerca de cinco minutos, eu desmaiei. Minha amiga Bethany me disse que eu continuei gritando, mesmo quando os paramédicos vieram me levar para o hospital. Todos pensaram que eu estava tendo um ataque epilético ou algo assim.

Eu acho que Paige sabia, entretanto. Sobe meu dom Cigano e o que eu podia fazer. Duas semanas antes, ela me pediu para encontrar o seu telefone desaparecido. Eu caminhei pelo quarto de Paige, tocando sua mesa, sua cabeceira, sua bolsa, e sua estante, e eventualmente vi uma imagem da sua irmãzinha roubando o telefone para que ela pudesse bisbilhotar as mensagens de texto de Paige. Algumas vezes, eu me perguntava se Paige tinha colocado a sua escova de cabelo ali no banco apenas para que eu a pegasse. Apenas para que alguém *soubesse*, assim alguém *sentiria* exatamente o que ela estava passando.

Eu acordei no hospital mais tarde naquele dia. Minha mãe, Grace, estava ali, e eu disse a ela o que eu vi.

Isso é o que você faz quando algo terrível acontece com uma das suas amigas. E devido a minha mãe ser um detetive da polícia que gastou toda a sua vida ajudando as pessoas. Eu quis ser apenas como ela.

Essa noite, minha mãe prendeu o padrasto de Paige por abusar dela. Minha mãe ligou quando ela estava no departamento de polícia e me disse que Paige estava segura agora. Ela me prometeu estar em casa em uma hora, assim que ela terminasse com a papelada.

Ela nunca chegou.

Minha mãe foi atingida por um motorista bêbado depois que ela deixou a estação policial naquela noite. Vovó Frost me disse que ela morreu instantaneamente. Que ela nunca sequer viu o outro carro guinando em direção a ela ou sentiu a horrível, horrível dor da batida. Eu esperava que fosse como aconteceu, por que minha mãe esteve tão dilacerada com o acidente de carro que o caixão estava fechado no seu funeral. O que eu podia me lembrar disso, de qualquer forma.

Eu não voltei para a minha antiga escola depois disso. Meus amigos foram super legais sobre tudo, especialmente Bethany, mas eu não quis ver ninguém. Eu não quis fazer nada além de deitar na minha cama e chorar.

Mas um dia, três semanas depois do funeral da minha mãe, Professora Metis apareceu na casa de Vovó Frost. Eu não sabia exatamente o que Metis disse para ela, mas Vovó comunicou que finalmente era hora para que eu fosse à Mythos Academy para que eu pudesse aprender como usar completamente o meu dom Cigano. Eu pensei que eu já pudesse controlar a minha psicometria muito bem, e eu nunca realmente entendi o que minha vovó quis dizer quando ela disse *finalmente*, como se eu devesse ter ido para a Mythos todo o tempo ou algo assim.

— Gwen?

O som do meu nome me estalou para fora das minhas memórias.

— O que?

Metis olhou por cima da armação dos seus óculos prata para mim. — Eu perguntei a você qual deusa foi responsável pela vitória do Panteão sobre Loki e seus Ceifadores?

— Nike, a deusa Grega da vitória. — eu disse automaticamente.

Professora Metis franziu o cenho. — E como você sabe disso, Gwen? Eu ainda não mencionei Nike. Você já leu adiantado o próximo capítulo? Isso é muito aplicado da sua parte.

Eu fiz muita coisa na noite passada, sobretudo por que eu estava entediada e não havia nada de bom da TV. Dada a minha falta de amigos na Mythos, não era como se eu tivesse algo mais para ocupar meu tempo aqui.

Eu não acho que Metis falou nisso como uma zombaria, mas risadinhas ondularam através da sala com as suas palavras. Minhas bochechas inflamaram vermelhas, e eu me afundei um pouco mais baixo no meu assento. Ótimo. Agora, todos iriam pensar que eu era *aquela garota Cigana nerd*, que não tinha nada melhor para fazer do que estudar. Poderia ser verdade, e eu poderia estar insanamente orgulhosa do meu GPA⁴ 4.0, mas eu não queria que os outros jovens soubessem disso.

Ocorreu-me que eu não estava muito certa de como eu sabia a resposta da pergunta de Metis. Eu não acho que Nike foi mencionada no capítulo que eu li. Mas uma vez que não era a coisa mais estranha que eu encontrei na Mythos, eu empurrei para fora da minha mente.

Professora Metis espetou um dos mais risinhos com um olhar sujo antes de perguntá-lo uma pergunta até mesmo mais obscura sobre Ceifadores.

Quando eu estava certa que Metis não ia me chamar novamente, eu voltei a encarar para fora da janela e meditei sobre como eu causei a morte da minha própria mãe apenas pegando a escova de cabelo da garota errada.

⁴ (GPA – é uma escala de pontuação America que classifica para a faculdade, na maior parte das escolas a pontuação máxima é 4.0)



3

HISTÓRIA-MÍTICA ERA A MINHA ÚLTIMA AULA DO DIA. ASSIM QUE A campainha soou, eu meti meu compêndio dentro da minha bolsa.

— Te vejo por aí, Gwen.

Carson Callahan gritou uma alegre despedida e deslizou a sacola plástica com o bracelete de berloques dentro de um dos bolsos da sua calça cargo caqui de marca. Eu assenti para ele, colocando minha bolsa no ombro, e parti.

Eu caminhei abaixo no lotado corredor, empurrei-me através da primeira porta que eu vim, e pisei no lado de fora. Cinco prédios principais constituíam o coração da Mythos Academy – ciência- matemática, História- Inglesa, o ginásio, o refeitório, e a biblioteca – todos agrupados unidos em uma disposição vaga, como os cinco pontos de uma estrela. Apesar de eu estar aqui por dois meses agora, todos os prédios tinham a mesma aparência para mim – pedra cinza escura coberta com espessa, pesada vinha de hera brilhante. Largas, arrepiantes estruturas

Góticas, com torres e parapeitos e varandas. Estátuas de vários monstros mitológicos como grifos⁵ e Górgonas empoleirados em todos os prédios, suas bocas abertas em silenciosos, zangados rosnados.

Um enorme quadrilátero aberto e uma série de calçadas curvilíneas conectavam os cinco prédios uns com os outros antes dos paralelepípedos acinzentados serpentearem abaixo em um morro, e mais distante com os dormitórios dos estudantes e às outras estruturas que constituíam o resto do exuberante estabelecimento da academia. Grama verde ainda rolava sobre os lisos gramados, apesar do frio de Outubro. Aqui e ali, altos áceres* e carvalhos espalhavam suas extremidades amplamente, suas folhas mantendo a última chama brilhante de vermelho sangue e laranja abóbora.

Eu fechei o zíper do meu capuz, enfiei minhas mãos nos meus bolsos, e segui ao outro lado do quadrilátero, contornando os grupos de estudantes que paravam para conversar, puxando para fora seus celulares, e verificando suas mensagens. Eu estava cerca da metade do caminho quando uma alta, excitante gargalhada captou minha audição.

Eu virei minha cabeça e vi Jasmine Ashton sendo o centro das atenções, debaixo da imponente árvore de carvalho silvestre que ficava no centro do quadrilátero.

Jasmine Ashton era a garota mais popular da minha aula, o qual consistia de estudantes de dezessete anos de idade, do segundo ano. Jasmine era também uma Valquíria com uma juba de cabelo loiro morango, brilhantes olhos azuis, e as mais caras roupas de grife que o dinheiro podia comprar. Ela era o tipo de garota que fazia todos olharem para ela – mesmo para o seu escasso, maravilhoso, grupo de amigas vestidas de forma semelhante. Jasmine sentava em um banco de ferro debaixo da árvore de carvalho silvestre, olhando para algo no seu laptop e sorrindo, junto com Morgan McDougall, sua melhor amiga.

Com seu cabelo preto, olhos amendoados, corpo curvilíneo, e saia super curta, Morgan era apenas levemente menos bonita e popular do que Jasmine, o que a fazia a diva de número dois na nossa aula. A reputação de Morgan por ser uma vadia furiosa que dormia com quase todos a fazia a número um com os caras, entretanto. Naturalmente.

⁵ (Grifos – criatura lendária com cabeça e asas de águia e corpo de leão e Górgonas – Medusa)

Mais duas outras garotas sentavam-se em cada lado de Jasmine e Morgan, enquanto Daphne Cruz empoleirava-se em cima de um cobertor de lã na grama na frente do banco. Todas as populares princesas Valquírias tendiam a ficar unidas.

As garotas não estavam sozinhas. Samson Sorensen estava em pé atrás de Jasmine, esfregando seus ombros com uma extasiada devoção de um escravo. Sem se espantar, uma vez que o Viking era o namorado de Jasmine e um dos caras mais fofos da escola. Cabelo castanho arenoso, olhos cor de avelã, covinhas. Samson podia facilmente se passar por um modelo da Calvin Klein. Ele também vinha a ser o capitão do time de natação. Sem futebol aqui. Todos os jovens da Mythos Academy faziam extravagantes, esportes frou-frou como natação, tênis, tiro ao alvo, e esgrima. Sério, esgrima. Qual era o intuito disso?

Vendo Jasmine e Samson juntos era como encarar uma versão da vida real de Ken e Barbie. Eles apenas pareciam essa perfeição juntos, como se eles tivessem sido feitos um para o outro.

Os outros estudantes da Mythos podiam não prestar muita atenção em mim, mas eu ainda era capaz de ouvir muitas fofocas cabeludas por conta própria. O rumor dizia que havia Grande Problema no paraíso entre o casal feliz. Evidentemente, Samson estava pronto para ir Adiante, uma vez que ele e Jasmine estavam namorando desde o ano passado, mas ela não estava pronta para ganhar dinheiro com o seu cartão de V ainda –

Eu estava tão ocupada olhando para eles que eu bati em um cara caminhando no lado oposto do outro lado do quadrilátero. E, claro, minha bolsa carteiro deslizou para fora do meu ombro e caiu no chão, espalhando meus livros em todos os lugares. Por que isso só acontecia com garotas como eu.

— Desculpe, — eu murmurei, caindo de joelhos e tentando reunir tudo de volta para dentro da minha bolsa antes que alguém desse uma boa olhada em qualquer coisa, especialmente na agora vazia lata de cookies com gotas de chocolate que Vovó Frost tinha assado para mim e no gibi que tinha deslizado para fora. As páginas coloridas batiam-se e agitavam-se como libélulas na brisa.

Ao invés de me contornar como eu esperei que ele fizesse, o cara que eu atingi decidiu agachar-se perto de mim. Meus olhos agitaram-se para cima ao seu rosto. Me levou um segundo para reconhecê-lo, mas quando eu fiz, eu congelei. Porque Logan Quinn era o cara que eu tinha acabado de bater.

Uh- oh.

Dentre todos os jovens ricos guerreiros na Mythos, Logan Quinn era o tipo de cara que assustava a *todos*. Ele fazia aquilo que ele quisesse, com quem ele quisesse. E muito do que ele gostava de fazer envolvia em ferir pessoas.

Tudo sobre Logan gritava *bad boy*, do seu espesso, sedoso, cabelo de tinta preta ao seus intensos olhos azuis gelo, a sua jaqueta de couro preta que destacava seus amplos ombros. Oh sim, ele era sexy, em um áspero, amarrotado, do tipo *Eu-acabei-de-sair-da-cama-de-alguma-garota*. Aparentemente, Logan atingia as expectativas e estava bem com o seu jeito de dormir com a maior parte, se não todas, as garotas mais gostosas na Mythos. Supostamente, ele assinava no colchão das garotas que ele marcava o placar para manter o controle de todas elas. Algo que os outros caras começaram a fazer, entretanto não com tanto sucesso quanto Logan. Exceto talvez com o quarto de Morgan McDougall.

Logan Quinn também era descendente de uma longa linha de Espartanos. Sim, *aqueles* Espartanos, os guerreiros que afastaram milhares de vilões antes da maioria deles recuar na antiga batalha de Termópila. Todos dos quais tinham sido trazidos à tona por Gerard Butler e seus homens com abdômen esculpidos em 300. Professora Metis nos deixou assistir ao filme na aula, três semanas atrás, antes dela proceder com a nossa leitura sobre a importância histórica da batalha. Mas o abdômen de Gerard tinha sido impressionante o bastante para eu sonhar acordada sobre ele e desligar Metis.

Havia somente uma mão cheia de Espartanos aqui na Mythos, mas todos os outros estudantes andavam cuidadosamente ao redor deles. Mesmo os mais ricos, esnobes garotos pensavam melhor antes de irritar um Espartano. Ao menos, na frente dele, de qualquer forma. Isso porque os Espartanos eram facilmente os melhores lutadores na academia. Espartanos eram nascidos guerreiros. Era tudo o que eles sabiam fazer, e tudo o que eles sempre fizeram.

Diferente dos outros jovens, Logan Quinn não carregava uma arma com ele. Nem os outros Espartanos que eu tenha visto. Eles não precisavam de uma. Uma das coisas pelas quais os Espartanos eram conhecidos eram suas habilidades de pegar qualquer arma – ou qualquer *coisa* – e automaticamente saber como usá-la e até mesmo matar alguém com ela. Sério. Logan Quinn era o tipo de cara que podia me apunhalar no olho com um ferrado Twizzler⁶.

Algumas vezes, eu não sabia se eu realmente acreditava em todas essas coisas malucas a minha volta. Como Espartanos e Valquírias e Ceifadores. Algumas

⁶ (twizzler é um doce popular nos EUA, que tem a aparência de um barbante entrelaçado colorido)

vezes, eu me perguntava se eu estava presa em um asilo de loucos em algum lugar, apenas sonhando tudo isso. Como Buffy. Mas se isso fosse o caso, você pensaria que eu estaria tendo mais diversão, que eu ao menos, me imaginaria sendo uma das populares princesas Valquírias ou algo –

Logan alcançou o quadrinho da Mulher Maravilha que esteve dentro da minha bolsa. O movimento me tirou do meu torpor.

— Me dê isso!

Eu arrebatei o gibi para fora da grama. Eu não queria que Logan Quinn contaminasse minhas coisas com sua assustadora, vibração Espartana psico-assassina, o qual podia acontecer se ele o tocasse. Era como os objetos conseguiam emoções atadas a eles em primeiro lugar – por pessoas tocando-os e entregando-os e usando-os sempre. Eu meti a edição da Mulher Maravilha dentro da minha bolsa, junto com todas as outras e a vazia lata de cookie, o qual tinha o formato do biscoito com gotas de chocolate que uma vez o continha.

Logan ergueu uma sobrancelha, mas não disse nada ao meu óbvio faniquito.

— Desculpe, eu corri pra cima de você, — eu murmurei de novo, ficando de pé. — Não me mate, tudo bem?

Logan se levantou também, e dessa vez sua boca ergueu-se em algo que quase pareceu como um sorriso. — Eu não sei, — ele murmurou. — Garotas Ciganas contribuem-se tão terrivelmente fácil de matar. Iria levar apenas um segundo.

Sua voz estava mais profunda do que eu pensei que seria, com um rico, timbre gutural. Assustada, eu olhei acima e encarei o seu rosto – e localizei as faíscas de diversão em seu olhar gelado.

Meus próprios olhos se estreitaram. Eu não gostava de ser feita de boba, nem mesmo pelo mais perigoso bad boy como Logan Quinn. — Sim, bem, essa garota Cigana vem a ter uma avó que pode amaldiçoar você tão desagradavelmente que o seu pau irá ficar preto e cair, então olhe onde você anda, Espartano.

Isso não era verdade, lógico. Minha Avó Frost via o futuro. Ela não amaldiçoava pessoas – ao menos, não que eu saiba. Era difícil dizer a cerca de Vovó algumas vezes. Mas não havia razão para Logan Quinn saber que eu estava blefando.

Ao invés de ficar intimidado, sua boca fez aquele movimento de sorriso novamente. — Eu acho que eu preferiria olhar você andar, garota Cigana.

Eu franzi o cenho. Ele estava – ele estava realmente *flertando* comigo? Eu não podia dizer, e eu não queria ficar por perto para descobrir. Mantendo um olho em Logan Quinn, eu cuidadosamente o contornei e me apressei ao meu caminho.

Mas por alguma razão, sua suave gargalhada me seguiu todo o caminho até o outro lado do quadrilátero.

Eu deixei o liso, gramado quadrilátero para trás, patinando pelos dormitórios e outros edifícios anexos menores, e caminhei à extremidade do campus onde um muro de três metros e sessenta e cinco de altura separava a Mythos Academy do mundo exterior. Duas esfinges empoleiravam o topo do muro, em ambos os lados da entrada, olhando abaixo para o portão de ferro preto que ficava entre eles.

Supostamente, o muro e o portão eram encantados, imbuídos com feitiços e outras magias blábláblá, com isso apenas as pessoas que deveriam estar na academia – estudantes, professores, e assim por diante – podiam passar por ele. Quando eu vim para a Mythos, no semestre do início do outono, Professora Metis me fez ficar de pé na entrada bem entre as duas esfinges enquanto ela dizia umas poucas palavras em uma baixa voz. As estátuas não se moveram, não tinham piscado, não fizeram nada além de sentarem nos seus altos poleiros, mas eu ainda senti como se houvesse algo dentro das figuras de pedra – alguma antiga, anciã, violenta força que iria me rasgar em pedaços se eu fizesse muito como respirar da maneira errada. Aquilo tinha sido a primeira coisa assustadora que eu experimentei na Mythos. Muito ruim que não tivesse sido a última.

Depois de Metis terminar o seu cântico, feitiço, ou o que quer que tenha sido, ela me disse que eu agora era livre para entrar no solo da academia, como se eu tivesse dado uma senha ao super-secreto covil dos Cinco Destemidos super-heróis ou algo assim. Eu não sabia exatamente o que teria acontecido se alguém que não era para estar na academia – como, digamos, um vilão Ceifador – tentasse atravessar o portão ou escalar o muro, mas certamente aquelas esfinges e suas longas, garras em curva não eram apenas para decoração.

Eu me perguntava sobre muitas coisas sobre as quais eu teria estado bem melhor esquecendo inteiramente.

Metis tinha também me dito que as esfinges eram apenas desenhadas para manter as pessoas afastadas – não para prender os estudantes do lado de dentro – e que eu não deveria ter medo delas. Era um pouco difícil não ter medo de algo que você realmente não acreditava. Ao menos, era o que eu continuava dizendo a mim mesma toda a vez que eu escapava do campus.

Eu olhei ou redor para ter certeza que ninguém mais estava à vista, então corri até o portão, me virei de lado, espirei meu estômago, e deslizei através de um dos espaços nas barras. Eu não olhei para cima às esfinges, mas eu quase podia senti-las com olhos arregalados me assistindo. *Elas são apenas estátuas*, eu disse a mim mesma. *Apenas estátuas. Umas feias essas daqui. Elas não podem me ferir. Não realmente.*

Um segundo mais tarde, eu deslizei livre das barras para o outro lado. Eu soltei um fôlego e continuei andando. Eu não me virei ao redor e olhei para trás para as estátuas para ver se elas estavam realmente me observando ou não. Quer eu acreditasse na magia nas esfinges ou não, eu pensei melhor além de tentar o destino.

Estudantes não deveriam deixar a academia durante os dias das semanas, o qual era por que o portão estava fechado. Professora Metis e os outros Poderosos Que Eram a escola gostavam que todos os jovens guerreiros gênios ficassem por perto assim eles poderiam manter um olho neles, ao menos durante as noites de escola.

Mas eu estive espreitando para fora desde que eu cheguei aqui, há dois meses atrás, e eu tinha visto outros jovens fazerem o mesmo, normalmente à procura de cerveja e cigarros. O que seria o pior que eles poderiam fazer comigo? Me chutar pra fora? Depois de todas as coisas piradas que eu vi aqui, eu estaria *excitada* para voltar à escola pública. Eu nem sequer reclamaria sobre a porcária de comida na cafeteria – muito.

Mythos podia ser o seu próprio mundo, mas o que permanecia além do muro era surpreendentemente normal, uma vez que a Montanha Cipreste era um encantador pequeno subúrbio por si só. Uma estrada de mão dupla fazia a curva ao redor da frente da escola, e uma variedade de lojas se aglomeravam no outro lado, diretamente do outro lado do imposto portão com pontas de ferro. Uma livraria, algumas cafeterias, várias butikues de alta qualidade de roupas e jóias, mesmo um estacionamento cheio de Aston Martins e Cadillac Escalades. E, claro, um par de lojas de vinhos luxuosas que ajudavam nas festas sem limites dos jovens da academia, apesar do suposto campus banir o álcool.

Todas as lojas localizavam-se aqui para levar vantagem dos cartões de créditos sem limites e dos enormes fundos fiduciários dos estudantes da Mythos. Aparentemente, os deuses e deusas, todos, recompensavam seus guerreiros mitológicos com sacos cheios de ouro, prata, e jóias na volta do dia, e os vários

descendentes daqueles guerreiros mantiveram o trem da alegria da riqueza acontecendo, adicionando à suas contas bancários ao longo dos anos, o qual era por que todos os jovens na academia eram tão carregados hoje.

Eu esperei por uma calmaria no trânsito, cruzando a rua, e caminhei descendo até o ponto de ônibus ao final da quadra. Eu só tive que esperar cinco minutos antes do ônibus rugir na sua rota do meio da tarde, levando turistas e todos mais que quisessem uma carona da Montanha Cipreste descendo para dentro da cidade. Vinte minutos e várias milhas mais tarde, eu saí em uma vizinhança que era um par de ruas afastada do artístico centro da cidade de Asheville de lojas e restaurantes.

Se a Montanha Cipreste era alguma versão louca do Monte Olimpo com sua população de jovens guerreiros ricos e gênios, então Asheville definitivamente era onde os pobres meros mortais viviam. Antigas casas bem desgastadas enfileiravam-se nos dois lados da rua, a maioria dois – e três – andares de casas que tinham sido fendidas em apartamentos. Eu conhecia bem a área. Minha Avó Frost vivia na mesma casa por toda a sua vida, e minha mãe e eu estivemos a apenas alguns quilômetros de distância em um dos modestos loteamentos de classe média de Asheville. Ao menos quando comecei a ir para a Mythos eu não tinha me mudado para o outro lado do país ou algo assim. Eu não acho que eu poderia ter sobrevivido estando tão longe da Vovó Frost. Ela era a única família que tinha me restado agora que minha mãe se foi. Meu pai, Tyr, morreu de câncer quando eu tinha dois, e as únicas memórias que eu tinha dele eram as fotos desbotadas que minha mãe tinha me mostrado.

Eu caminhei ao final da quadra e contornei subindo os degraus de concreto cinza de uma casa de três andares pintada em uma suave tonalidade de lavanda. Uma pequena placa ao lado da porta da frente lia-se: *Leituras Psíquicas Aqui*.

Eu abri a tela da porta, depois usei minha chave para me deixar entrar. Uma pesada porta envernizada saindo à minha direita estava fechada, embora as suaves vozes murmuradas flutuavam detrás dela. Vovó Frost deveria estar fazendo uma das suas leituras. Vovó usava seu poder Cigano para fazer grana extra, apenas como eu.

Eu caminhei através do corredor que corria pelo meio da casa e desviei para a esquerda, indo para dentro da cozinha. Diferentemente do resto da casa, o qual destacava um escuro painel de lambri e um melancólico tapete cinza, a cozinha tinha um branco brilhoso piso de azulejo e paredes de azul céu. Eu joguei minha

bolsa carteiro em cima da mesa e cavei o cem que Carson Callahan me deu para fora do bolso do meu jeans. Eu meti o dinheiro dentro de uma jarra que parecia como um gigante cookie de chocolate com gotas de chocolate. Ele combinava com a lata vazia dentro da minha bolsa carteiro.

Desde que eu comecei a ir à Mythos, eu sempre dava metade de qualquer dinheiro que eu fazia para Vovó Frost. Sim, minha avó tinha bastante dinheiro por conta própria, mais do que o suficiente para cuidar de nós duas. Mas eu gostava de ajudar, especialmente uma vez que minha mãe se foi. Além disso, dar o dinheiro à Vovó me fazia sentir como se eu estivesse fazendo algo útil com meu dom Cigano, além de apenas encontrar o sutiã de alguma garota que ela deveria ter pensado melhor ao invés de tirá-lo em primeiro lugar.

Meus olhos tremularam sobre as outras notas dentro da jarra de cookie. Vovó tinha tido uma boa semana fazendo suas leituras. Eu meti mais dois cem ali, junto com um par de cinquenta e uns poucos vinte.

As vozes continuavam murmuradas na outra sala, então eu invadi a geladeira. Eu assentei para mim um sanduiche de tomate salpicado com sal, pimenta e apenas um traço de erva endro. Um espesso pedaço de queijo cheddar forte e uma camada de maionese completando o sanduiche, junto com meu favorito, pão com fermento de levedura. Para sobremesa, eu cortei um pedaço de doce, mole de rocambole de abóbora que Vovó tinha escondido na geladeira. Eu lambi um pouco a beirada que estava saindo do glacê de cream cheese com a faca. Yum. Tão bom.

Em adição ao nosso dom Cigano, todas as mulheres Frost tinham um paladar furiosamente doce. Sério, se tivesse açúcar ou chocolate (ou preferencialmente ambos) nele, Vovó e eu, iríamos comê-lo inteiramente. Minha mãe era da mesma maneira, também. Vovó também veio a ser uma fantástica cozinheira e uma padeira até mesmo melhor, então havia sempre algo inoportuno e pecaminoso na sua cozinha, normalmente acabados de sair do forno.

Eu comi meu jantar, raspando cada última migalha do rocambole de abóbora para fora do meu prato com um garfo, depois lavei. Uma vez que eu tinha acabado, eu tirei um dos meus gibis da Mulher Maravilha e me firmei na mesa da cozinha, esperando por Vovó Frost terminar com a sua cliente.

Sim, talvez gostando de super-heróis me fazia até mesmo mais do que uma nerd que eu já era, mas eu desfrutava ler quadrinhos. A arte era legal, os personagens eram interessantes, e a heroína sempre vencia no final, sem importar que coisa ruim acontecesse ao longo do caminho. Eu apenas desejava que a vida

real fosse assim – e que minha mãe tivesse de alguma forma desviado do trajeto do seu acidente de carro da maneira sobre a qual eu lia tantas vezes as heroínas fazendo ao longo dos anos.

A velha, familiar dor picou meu coração, mas eu empurrei para longe meus tristes pensamentos e mergulhei dentro da estória, perdendo-me na aventura até eu quase esquecer sobre quanto da minha própria vida era um saco – quase.

Eu tinha acabado de ler a última página quando minha avó pisou dentro da cozinha.

Geraldine Frost vestia uma blusa transparente de seda roxa, junto com um par de calças pretas frouxas e pantufas encurvadas nas pontas dos pés que a faziam parecer como um gênio. Não que você pudesse realmente ver o que Vovó estivesse vestindo, uma vez que echarpes cobriam-na da cabeça aos pés. Roxo, cinza, verde esmeralda. Todas essas cores e mais fluíam através das finas camadas de tecido, enquanto falsas moedas prateadas soavam unidas nas longas, beiradas com franjas.

Anéis cravejados com pedras preciosas empilhavam-se subindo os seus nodosos dedos, enquanto uma delgada corrente de prata piscava ao redor do seu tornozelo direito. Seu cabelo grisalho como cor de ferro caía em seus ombros, puxado para trás por outra echarpe que ela estava usando como um arco. Seus olhos eram de um violeta brilhoso em seu rosto bronzeado e enrugado.

Vovó Frost aparentava como o que eu sempre pensei que uma Cigana verdadeira deveria ser – e exatamente como o que seus clientes esperavam quando eles apareciam para ter suas sortes lidas. Vovó sempre afirmava que as pessoas a pagavam muito mais pela sua aparência do que pelo que ela revelava a elas. Ela disse que aparentando como parte de uma Cigana sábia, velha e misteriosa sempre acarretava em melhores gorjetas.

Eu não sabia exatamente o que nos fez Ciganas. Nós não agíamos como quaisquer Ciganas sobre as quais eu já tinha lido. Nós não vivíamos em carroças ou peregrinávamos de cidade em cidade ou enganávamos as pessoas para tirar seu dinheiro. Mas eu fui chamada de Cigana desde quando eu podia me lembrar, e é como eu sempre pensei sobre mim mesma.

Talvez fosse o fato de eu ser uma Frost. Vovó me disse que era uma tradição que todas as mulheres na nossa família mantivessem o nome, uma vez que nossos dons Ciganos, nossos poderes, eram passados de mãe para filha. Então apesar dos meus pais terem se casado, eu herdei da minha mãe, Grace, o último nome Frost, ao invés do meu pai, Tyr, me dar o seu último nome, Forseti.

Ou talvez fossem os próprios dons que nos tornavam Ciganas, as coisas estranhas que nós podíamos fazer e ver. Eu não sabia, e eu nunca tive uma resposta verdadeira da minha mãe ou de vovó sobre isso. Assim novamente, eu nunca sequer pensei em perguntar até que eu comecei a ir à Mythos onde todos sabiam exatamente quem eles eram, o que eles podiam fazer, de onde eles vieram, e quanto grande eram as contas bancárias dos seus pais.

Algumas vezes, eu me perguntava apenas o quanto Vovó Frost sabia sobre a academia, os garotos guerreiros, Ceifadores, e o resto disso. Depois de tudo, ela não tinha exatamente protestado quando a Professora Metis tinha vindo até a casa e anunciado minha mudança de escola. Vovó tinha estado mais resignada do que qualquer outra coisa, como se ela soubesse que Metis ia aparecer mais cedo ou mais tarde. Claro, eu disse a minha avó sobre todas as coisas estranhas que aconteciam na Mythos, mas ela nunca piscou um olho para nenhuma delas. E cada vez que eu perguntava a Vovó sobre a academia e por que eu tinha que ir pra lá, tudo o que ela dizia era para eu dar uma chance a isso, que as coisas eventualmente iriam melhorar para mim.

Algumas vezes, eu me perguntava por que ela estava mentindo para mim – quando ela nunca tinha feito antes.

— Oi, aí, chuchuzinho, — Vovó Frost disse, largando um beijo no topo da minha cabeça e roçando minha bochecha com os nódulos dos seus dedos. — Como foi na escola hoje?

Eu fechei meus olhos, desfrutando do suave calor da sua pele contra a minha. Por causa do meu dom Cigano, por causa da minha magia psicométrica, eu tinha que ser cuidadosa sobre tocar outras pessoas ou deixá-las me tocar. Enquanto eu conseguisse suficientes vibrações vívidas dos objetos, eu podia obter flashes principais, maldições principais de sentimentos, de realmente entrar em contato com a pele de alguém. Sério. Eu podia ver tudo que eles tinham feito, cada segredinho sujo que eles já tentaram esconder – os bons, os maus, e os seriamente feios.

Oh, eu não era uma completa leprosa quando vinha a ser outra pessoa. Eu normalmente estava bem quando vinha a ser um pequeno, breve, casual toque, como passando uma caneta a alguém na aula ou deixando os dedos de uma garota roçar nos meus quando nós duas estendíamos a mão para pegar o mesmo pedaço de cheesecake na fila do almoço.

Mais que isso, muito do que eu via dependia da outra pessoa e sobre o que ela estava pensando na hora. Eu estava bastante segura na aula, no almoço, ou na biblioteca, uma vez que a maior parte dos outros jovens estavam pensando sobre como totalmente chato era uma certa leitura ou se perguntando por que o refeitório estava servindo lasanha pela centésima vez naquele mês.

Mas eu ainda estava em alerta, ainda cuidadosa, ao redor das pessoas, apenas da maneira que minha mãe tinha me ensinado a ser. Apesar do fato de que parte de mim realmente gostava do meu dom e do poder que ele me dava ao saber o segredo das outras pessoas. Sim, eu era um pouco sombria e retorcida dessa forma. Mas eu aprendi há muito tempo atrás que até mesmo a pessoa que parecia a mais legal podia ter o mais negro, feio coração – como o padrasto de Paige Forrest. Era melhor saber como as pessoas realmente eram do que colocar sua confiança em alguém que apenas queria machucar você no final.

Mas não havia nada a temer com Vovó Frost. Ela me amava, e eu a amava. Era isso que eu sentia toda a vez que ela me tocava – a suavidade do seu amor, como um cobertor de lã envolvendo-me e aquecendo-me da cabeça aos pés. Minha mãe sentia da mesma forma para mim, antes dela morrer.

Eu abri meus olhos e encolhi de ombros, respondendo a pergunta da Vovó. — O mesmo, mais ou menos. Eu fiz duzentos dólares encontrando um bracelete. Eu coloquei cem disso na jarra de cookie, como o de costume.”

Vovó não queria levar meu dinheiro quando eu comecei a dá-lo a ela, mas eu insisti. Claro, ela não estava realmente gastando nada dele, como eu queria que ela gastasse. Ao invés disso, Vovó colocava todo o dinheiro que eu dava a ela em uma caderneta de poupança para mim – uma sobre a qual eu não deveria saber. Mas eu toquei o seu talão de cheques um dia quando eu estive procurando na sua bolsa por algum chiclete e tive um clarão dela abrindo uma conta. Eu não disse nada para Vovó sobre isso, entretanto. Eu a amava muito para arruinar o seu segredo.

Vovó assentiu, alcançando dentro do seu bolso, e puxando para si uma nítida nota de cem. — Eu fiz um pouco de dinheiro, também, hoje.

Eu ergui minhas sobrancelhas. — Você deve ter dito a ela algo bom.

— A ele, — Vovó corrigiu. — Eu disse a ele que ele e sua esposa seriam os orgulhosos pais de uma menininha por esta época no ano que vem. Eles têm tentado ter um bebê por dois anos, e ele estava começando a perder a esperança.

Eu assenti. Não era tão estranho quanto soava. As pessoas vinham até Vovó Frost e perguntavam-na todos os tipos de coisas. Se elas deveriam se casar, se elas

alguma vez iriam ter filhos, se seus cônjuges estavam as traindo, quais números elas deveriam jogar para ganhar na loteria. Vovó nunca mentia a ninguém que vinha a ela para uma leitura, sem importar o quanto difícil fosse ouvir a verdade.

Algumas vezes, ela até mesmo era capaz de ajudar as pessoas – como *realmente* ajudá-los. Justo no mês passado, ela disse a uma mulher para não ir para casa depois do trabalho, mas passar a noite com uma amiga ao invés. Aconteceu que a casa da mulher tinha sido invadida naquela noite por um cara que era procurado por estupro, dentre outras coisas. A polícia pegou o homem bem quando ele estava deixando a casa dela, uma faca na sua mão. A mulher tinha ficado tão agradecida que ela trouxe todas as suas amigas para fazerem leituras psíquicas.

Vovó Frost sentou-se na cadeira oposta a minha e começou a tirar algumas das suas echarpes. O tecido voou abaixo na mesa em ondas coloridas, as moedas nas beiradas tintilando juntas. — Você quer que eu faça pra você algo de comer, chuchuzinho? Eu tenho uma hora antes do próximo compromisso aparecer.

— Não, eu comi um sanduiche. Eu tenho que voltar para a academia de qualquer forma. — Eu disse, ficando de pé, agarrando minha bolsa, e prendendo-a ao redor do meu ombro. — Eu tenho que trabalhar meu turno na biblioteca esta noite, e eu tenho um relatório sobre deuses Gregos que vence na semana que vem.

A mensalidade escolar era tão astronomicamente cara como tudo mais era na Mythos, e nós não éramos suficientemente ricos para dispor disso – ao menos que Vovó estivesse resistindo a mim e escondendo secretamente pilhas de dinheiros em algum lugar. Ela poderia estar, dada ao quanto vaga e misteriosa ela estava sendo sobre eu ir à academia em primeiro lugar. De qualquer forma, eu tinha que trabalhar várias horas na biblioteca toda semana para ajudar a contrabalançar o custo da minha educação estelar e o caro quarto e a hospedagem. Ao menos, foi o que Nickamedes, o chefe bibliotecário, afirmou. Eu apenas pensava que ele gostava do livre trabalho escravo e mandar em mim.

Vovó Frost me encarou, seus olhos violetas assumindo um vazio, olhar vítreo. Algo pareceu agitar no ar a volta dela, algo velho e vigilante, algo com que eu era familiar.

— Bem, você tenha cuidado, — Vovó Frost murmurou da forma ausente que ela sempre fazia como se ela estivesse olhando para algo que apenas ela podia ver.

Eu esperei uns poucos segundos, me perguntando se ela me diria para tomar cuidado com algo específico, como uma rachadura na calçada que eu poderia

tropeçar ou alguns livros que poderiam derrubar de uma prateleira na biblioteca e cair na minha cabeça. Mas Vovó não disse nada mais, e, depois de um momento, seus olhos se focaram mais uma vez. Algumas de suas visões não eram claramente limpas, porém mais como uma sensação genérica de que algo bom ou ruim ia acontecer. Mas ainda, era difícil para ela até mesmo ter visões a respeito da família em primeiro lugar. Quanto mais perto a Vovó fosse de alguém, menos objetiva sobre a pessoa ela era, e mais suas emoções nublavam suas visões. Mesmo se ela tivesse visto algo, ela apenas me daria orientações gerais, apenas no caso das suas emoções estarem ferrando com sua recepção psíquica ou a fazendo ver o que ela queria ver — e não o que poderia realmente acontecer.

Alem disso, Vovó sempre disse que ela queria que eu tomasse minhas próprias escolhas, minhas próprias decisões, e não ser influenciada por alguma coisa nebulosa que ela viu, desde que algumas vezes as suas visões não se tornavam realidade. As pessoas sempre ziguezagueavam quando Vovó as tinha visto ziguezaguearem nas suas visões.

Essa deve ter sido uma daquelas vezes, por que ela me deu um sorriso, acariciou minha mão, e moveu-se até a geladeira.

— Bem, ao menos deixe-me embrulhar pra você algo do rocambole de abóbora para levar de volta para a academia, — ela disse.

Eu fiquei ali e observei Vovó Frost apressar-se ao redor da cozinha. Eu não era psíquica, não como ela era. Eu não podia ver as coisas sem tocá-las, e eu nunca tive vislumbres de um futuro ou algo assim.

Mas por alguma razão, um calafrio rastejou acima na minha coluna, da mesma forma.



4

PELO TEMPO EM QUE EU ANDAVA DE ÔNIBUS SUBINDO DE VOLTA À montanha Cipreste evitava olhar para as silenciosas, esfinges com olhos arregalados, deslizava através do portão de ferro, e caminhava para a biblioteca, era quase seis e o crepúsculo tinha começado a cair sobre o campus. Suaves tonalidades de roxo e cinza riscavam o céu, mesmo enquanto as nuvens negras subiam às laterais dos prédios, assemelhando-se como sangue deslizando para cima e continuando.

A Biblioteca de Antiguidades era a estrutura mais larga da Mythos Academy e estabelecia-se no topo de um grupo de cinco prédios principais que formavam as pontas aleatórias da estrela. Supostamente, a biblioteca tinha apenas sete andares de altura, mas ela sempre me parecia como se suas torres continuassem se esticando para cima e para cima, até que elas finalmente perfurassem o céu com suas afiadas, pontas como espadas.

Mas o que tornava a biblioteca super assustadora eram as estátuas de pedras que a cobriam. Grifons, gárgulas, dragões, até mesmo algo que parecia como um Minotauro gigante. As figuras estavam em todos os lugares que você olhasse, dos amplos, degraus horizontais que conduziam acima à entrada da frente, às varandas com ameias no quarto andar nas quinas do telhado inclinado. E todas elas eram tão detalhadas e naturais que parecia como se elas realmente fossem reais uma vez – monstros reais escalando por todo o prédio até algo ou alguém as congelar no lugar.

Eu olhei para o grifon empoleirado no outro lado dos degraus de pedra. As estátuas pairavam sobre mim, e ambos os grifons sentavam-se atentas, cabeças de águias erguidas, suas asas dobradas atrás deles, e seus Leões com espessas caudas enroladas ao redor de afiadas garras curvadas em suas patas da frente.

Talvez fosse meu dom Cigano, minha psicometria, mas eu sempre sentia como se os dois grifons estivessem me observando, rastreando meus movimentos com seus olhos sem pálpebras. Que tudo o que eu tinha que fazer era tocá-los e eles ganhariam vida, brotando da pedra, e me despedaçando. Era a mesma sensação que eu tinha sempre que eu tinha que passar pelas esfinges descendo pelo portão da frente e todas as outras estátuas no campus. Eu estremeci de novo, meti minhas mãos dentro dos bolsos do meu casaco com capuz, apressei subindo os degraus, e segui para dentro da biblioteca.

Eu atravessei um corredor e um par de portas duplas que conduziam para um espaço principal. Como tudo mais na Mythos, a Biblioteca de Antiguidades era velha, abafada, e pretensiosa. Mas até mesmo eu tinha que admitir que era algo para se ver.

A parte principal da biblioteca tinha o formato como uma enorme cúpula, e o teto curvado era recortado em todo o trajeto até o topo. Supostamente, afrescos adornavam o arco superior da cúpula, pinturas de batalhas mitológicas acentuadas com dourado, prateado, e jóias cintilantes. Mas eu nunca fui capaz de espiar nenhuma delas através da perpétua escuridão que envolvia os andares superiores.

Tudo o que eu podia ver eram todos os deuses e deusas. Eles anelavam o segundo andar na biblioteca como sentinelas cuidando dos estudantes estudando abaixo. Os estudantes ficavam na borda de uma galeria curva, separados por finas, colunas estriadas. Havia deuses Gregos como Nike, Athena, e Zeus. Deuses Nórdicos como Odin e Thor. Divindades nativas americanas como o Coiote Trapaceiro e o Coelho. Todos com nove metros de altura e esculpidos em um

espesso mármore branco. Se você subisse as escadas para o segundo andar, você podia caminhar em círculo, passando todas elas, algo que eu nunca quis fazer. Como os grifons do lado de fora, as estátuas pareciam um pouco realistas para mim.

Meus olhos perambularam sobre os deuses e deusas, encarando-os um por um, até eu atingir um único ponto vazio no Panteão circular – o lugar onde Loki deveria estar. Não havia uma estátua de Loki na biblioteca ou em nenhum outro lugar na Mytos. Eu imaginei que isso tivesse algo a ver com ele sendo tal vilão e tentando destruir o mundo com seus Ceifadores do Caos. Não exatamente o tipo de deus para qual você queria construir um santuário.

Eu afastei meus olhos do espaço vazio e continuei.

Prateleiras de livros enfileiravam-se nos dois lados de um corredor principal antes dela se abrir dentro de uma área preenchida com longas mesas. Um carrinho autônomo lá fora à direita, vendia café, bebidas energéticas, muffins, e outros lanches para que os estudantes não tivessem que deixar a biblioteca para conseguir algo para comer enquanto eles estavam estudando. O rico, torrado cheiro de café preencheu o ar, superando o seco, odor mofado de milhares de livros.

Eu não parei de andar até eu atingir o longo balcão de registro que ficava no centro da biblioteca. Vários escritórios envidraçados colocavam-se atrás do balcão, separando uma metade da sala abobadada a outra. Eu pisei dando a volta atrás do balcão, sentei no banquinho perto do computador de registro, e joguei minha bolsa para fora do meu ombro. Eu nem sequer tive tempo para puxar meu livro de história-mítica e começar meu relatório antes que uma porta na parede de vidro atrás de mim guincha-se aberta e Nickamedes pisasse para fora.

Nickamedes era o chefe da Biblioteca de Antiguidades. Um alto, homem magro com cabelo preto, olhos azuis perfurantes, e longos, pálidos dedos. Ele não era tão velho assim, talvez quarenta ou mais, mas ele era um gigante pé no saco. Nickamedes amava a biblioteca e todos os livros dentro dela, amava-os com uma paixão que delimitava a um aterrorizante assassino em série. O que ele realmente não gostava eram todos os estudantes que atravessavam pesadamente o seu pequeno reino diariamente – especialmente eu. Por alguma razão, o bibliotecário tinha tido aversão a mim à primeira vista, e sua atitude não melhorou durante os dois meses que eu estive trabalhando aqui.

— Bem, — Nickamedes bufou, cruzando seus braços sob seu peito. — Já era a hora de você chegar aqui, Gwendolyn.

Eu rolei meus olhos. O nervoso bibliotecário era o único que me chamava pelo meu nome todo, algo que eu pedi a ele para não fazer, com zero de sucesso até agora. Eu acho que fazia isso só para me irritar.

— Você está dez minutos atrasada para o seu turno — *de novo*, — Nickamedes disse. — Essa é a terceira vez que isso acontece nas últimas duas semanas. Onde você estava?

Eu não podia exatamente dizer a ele que eu deslizei para fora do estabelecimento da academia para ver Vovó Frost, uma vez que, você sabe, os estudantes não deveriam deixar o campus durante a semana. Era uma das Grandes Regras, depois de tudo. Eu não queria colocar Vovó em problemas — ou pior, não ser capaz de ir vê-la mais. Eu já aprendi que era melhor enrolar Nickamedes e os outros Poderosos Que Eram a Mythos, do que confrontá-los de frente. Então eu apenas encolhi de ombros.

— Desculpe, — eu disse. — Eu estava ocupada com umas coisas.

Os olhos azuis de Nickamedes estreitaram com a minha vaga, resposta espertinha, e seus lábios pressionaram em uma linha fina. — Bem, deixe-me contar a você sobre a mais nova peça que eu retirei do depósito essa manhã. Várias aulas se designaram a estudá-la esse semestre, então eu tenho certeza que você receberá muitas perguntas sobre ela.

A biblioteca estava cheia de caixas de vidros preenchidas com peças empoeiradas de lixo que tinham supostamente pertencido a algum deus, deusa, herói mitológico, ou até mesmo monstro. Você não podia andar pelos corredores sem tropeçar neles. Cada semana, Nickamedes retirava algo do depósito e o colocava para exposição. Parte do meu trabalho era conhecer bastante sobre o que quer que fosse isso para ajudar os outros jovens a encontrar livros de referência e mais informações sobre ele.

Eu suspirei. — O que é dessa vez?

Nickamedes entortou seus dedos, dizendo-me para segui-lo. Nós caminhamos para esquerda, passado várias mesas cheias de estudantes. Uma larga caixa de vidro ficava em um espaço vazio no meio do piso da biblioteca. Descansando no lado de dentro estava uma simples tigela que parecia como se tivesse sido feita de comum, areia marrom. *Entediante*. Ao menos algumas das espadas pareciam legais. Isso? Um enfadonho total.

— Você sabe o que é isso? — Nickamedes disse em um tom abafado, seus olhos brilhantes.

Eu encolhi de ombros. — Isso parece como uma tigela para mim.

O rosto de Nickamedes se enrugou, e ele murmurou algo debaixo da sua respiração. Provavelmente amaldiçoando minha falta de entusiasmo novamente. — Não é apenas qualquer *tigela*, Gwendolyn. Essa é a Tigela das Lágrimas.

Ele olhou para mim como se eu devesse ter sabido o que isso era. Eu encolhi de ombros novamente.

— A Tigelas das Lágrimas é o que a deusa Nórdica Sgyn usou para coletar o veneno da serpente que gotejou sobre seu marido, Loki, a primeira vez que ele estava aprisionado pelos outros deuses, muito antes da Guerra do Caos. Sempre que Sigyn enchia a Tigela, o veneno caía em cima do rosto de Loki e o queimava, fazendo-o gritar. Seus gritos de dor eram tão grandes que a terra tremeu por quilômetros ao redor dele. É por isso que se chama de Tigela das Lágrimas. É um artefato muito importante, um dos Treze Artefatos pelos quais e com o que o Panteão e os Ceifadores disputaram durante a última grande batalha da Guerra do Caos...

Tudo isso era muito blá, blá, blá, e meus olhos imediatamente vitrificaram. Mais estúpidos deuses e deusas. Eu não via como Nickamedes conseguia se lembrar de todos eles. Eu estava tendo uma grande dificuldade apenas ao tentar escolher um para o meu relatório que estava com data vencendo, para a aula de história-mítica da Professora Metis.

Finalmente, depois de *longos* cinco minutos jorrando fatos sem parar, Nickamedes cessou. Um professor que estava sentado na mesa próxima apareceu e fez a ele uma pergunta, e o bibliotecário se deslocou para responder ao outro homem. Eu sacudi minha cabeça, tentando banir a sonolência que eu sentia, e voltei ao meu ponto atrás do balcão.

Pelas três horas seguintes, eu dei baixa em livros, respondi perguntas, e fiz outras tarefas domésticas. A biblioteca era um dos lugares onde os estudantes da Mythos eram realmente forçados a me notar e falar comigo, se apenas assim eles conseguissem terminar seus deveres de casa.

Uma vez que os estudantes não deveriam sair do campus durante a semana, a biblioteca era também um lugar para Passear e Ser Visto, e muitos dos jovens gostavam de sair escondidinho e pegar alguém nas estantes. Eu encontrei mais do que uma camisinha usada quando eu colocava livros nas prateleiras. Eca. Fazendo isso contra uma caixa cheia de livros bolorentos não era exatamente a maneira que

eu queria perder a minha virgindade, mas isso estava na moda na Mythos. Esse mês, pelo menos.

Jasmine Ashton, Morgan McDougall, e Daphne Cruz estavam dentre aqueles que vinham na biblioteca durante meu turno. As três Valquírias agarraram uns mochos gelados e muffins de amora, depois se estatelaram na mesa mais próxima do carrinho de café para que todos vindo e indo pudessem vê-las. Sanson Sorensen estava com elas, também, embora ele parecesse estar mais interessado na revista de esportes que ele estava folheando mais do que outra coisa.

Depois de alguns minutos, Jasmine se moveu para circular através da multidão e falar com outros jovens populares que tinham vindo para a biblioteca essa noite. Morgan e Samson uniram suas cabeças e começaram a conversar, mas evidentemente Daphne tinha realmente vindo aqui para estudar, por que ela se moveu mais para baixo na mesa um pouco distante dos outros.

Daphne me viu sentada do outro lado do balcão de registros. A Valquíria me deu um olhar vil, arrastou seu laptop para fora da sua mochila, e abriu e começou a digitar nele. Eu resisti à urgência de repreendê-la. Não era minha culpa que Daphne tinha um monstro de uma paixonite por um nerd membro de uma banda que suas supostas amigas gozariam dela se ela alguma vez dissesse a elas que ela gostava dele, muito menos se realmente tentasse namorar com ele.

Finalmente, em torno das nove horas, a biblioteca se esvaziou enquanto os jovens empacotavam seus livros e seguiam de volta para seus dormitórios pela noite e ao toque de recolher das dez horas. Nickamedes disse que ele tinha que ir até o prédio de ciência-matemática e deixou uma incumbência antes dele fechar a biblioteca. Ao invés de me deixar seguir e partir, o bibliotecário empurrou um carrinho cheio de livros na minha direção e me disse para tê-los em suas prateleiras na hora em que ele voltasse. Como eu disse, ele era um gigante de um pé no saco.

Mas não havia nada que eu pudesse fazer. Se eu partisse sem guardar os livros, eles só estariam esperando aqui por mim, da próxima vez que eu tivesse que trabalhar. Nickamedes era esse tipo de cretino. Então eu empurrei o carrinho de metal para dentro das estantes, agarrei os livros, e comecei a colocá-los de volta aonde eles pertenciam. Quase todos os títulos eram velhos livros de consulta que foram pegos por centenas e centenas de estudantes ao longo dos anos, então eu não conseguia nenhuma vibração ou clarões ao tocá-los. Apenas uma sensação comum

de garotos virando as páginas e caçando por qualquer informação obscura que eles precisavam para terminarem suas últimas dissertações.

Eu suponho que eu poderia usar luvas para interromper os flashes completamente, tanto aqui na biblioteca quanto em todos os outros lugares. Você sabe, do tipo branca de seda, fora de moda, que subia todo o caminho até o cotovelo de uma garota. Mas isso definitivamente teria me rotulado como uma aberração na Mythos – a garota Cigana com fetiche por luvas. Eu poderia não me encaixar na academia, mas eu não queria anunciar quanto diferente eu era também.

Eu continuei mantendo meus olhos e ouvidos abertos para qualquer estudante que poderia não ter terminado sua pegação noturna nas estantes. Semana passada, eu contornei um canto e vi dois caras da minha aula de literatura Inglesa caminhando para lá como coelhos.

Mas eu não vi nada e não vi ninguém enquanto eu vagava através da biblioteca e deslizava os livros de volta para seus apropriados lugares. A coisa toda teria ido um pouco mais rápido se o carrinho que eu estava usando não fosse velho e bambo, com uma roda solta que puxava para a direita. Toda vez que eu tentei fazer uma curva com o estúpido carrinho, inevitavelmente ele deslizava para qualquer antiguidade por acaso estivesse próxima.

Havia centenas delas na biblioteca, justo como aquela que Nickamedes me arrastou até ela mais cedo. Caixas de vidro que continham todo o tipo de coisa. Uma adaga que pertenceu a Alexandre o Grande. Um colar que a rainha guerreira Boadiceia⁷ usou. Um pente de joias que Marco Antônio deu à Cleópatra para mostrar seu eterno amor por ela antes deles dois se entregarem ao amor.

Alguns dos itens eram meio que legais, entretanto, e eu dei uma rápida olhada na placa prateada da frente ou no cartão de Identificação do lado de dentro para ver exatamente o que isso era. Eu nunca tentei realmente abrir qualquer das caixas de vidros, como se todas elas tivessem algum tipo de magia incompreensível atadas a elas para prevenir as pessoas de roubar a coisa de dentro. Mas eu sempre me perguntei quanto esses itens custariam em um eBay, se eles fossem reais. Provavelmente o bastante para tentar Jasmine Ashton, a garota mais rica da Mythos, para sair com elas dentro da sua bolsa de grife.

⁷ (Boadiceia -também Boudica, Boudicca, Boadicea, Buduica e Bonduca- foi uma rainha celta que liderou os icenos, juntamente com outras tribos, como os trinovantes, em um levante contra as forças romanas que ocupavam a Grã-Bretanha em 60 ou 61 d.C. durante o reinado do imperador Nero.)

Dez minutos mais tarde, eu coloquei o último livro, agarrei o carrinho, e tentei dirigi-lo de volta ao balcão de registro. Mas, claro, a engenhoca de metal tinha vida própria e zuniu em direção a outra caixa de vidro. Eu consegui parar o carrinho justo antes dele bater no vidro.

— Roda estúpida, — eu murmurei.

Eu contornei o carrinho e estava tentando empurrá-lo para trás do outro lado quando um cintilar de prata captou meu olho. Curiosa, eu olhei para baixo para dentro da caixa na qual eu estava perto.

Uma espada descansava dentro dela, uma das centenas na biblioteca. Meus olhos passaram lentamente sobre o vidro, procurando pela placa que iria me dizer de quem a espada era e o que ele fez com isso que era tão piradamente especial. Mas não havia uma placa na caixa. Sem placa prateada do lado de fora, sem um pequeno cartão branco no interior, nada. Estranho. Todas as outras caixas que eu vi tinham algum tipo de ID nela ou dentro dela. Talvez Nickamedes tenha esquecido sobre esse aqui, uma vez que ela estava nos fundos da estante de livros na terra de ninguém.

Eu deveria ter empurrado o carrinho para dentro do espaço entre as estantes, voltado ao balcão de registro, e empacotado minha bolsa carteiro para que eu pudesse partir no *segundo* em que Nickamedes voltasse. Mas por alguma razão, eu me encontrei parando e olhando abaixo para a espada mais uma vez.

Era apenas uma simples espada – uma longa lâmina feita de um metal comum prateado com um cabo que era apenas um pouco maior que minha mão. Uma arma pequena, comparada com alguns dos enormes arcos e flechas que eu vi na biblioteca.

Mesmo assim, algo sobre o formato da espada parecia... familiar para mim. Como se eu a tivesse visto antes. Talvez houvesse uma ilustração dela no meu livro de história-mítica. Talvez algum vilão tivesse usado-a na Guerra do Caos, se isso tivesse realmente acontecido. Eu bufei. Provavelmente não.

Eu ergui minha cabeça ao lado, tentando descobrir por que a espada era tão interessante. E eu percebi que o cabo quase parecia como... um rosto. Como se metade do rosto de um homem, de alguma forma, estivesse incrustado no metal. Havia um talho de uma boca, um sulco de um nariz, a curva de uma orelha, até mesmo uma protuberância arredondada que parecia como um olho. Estranho. Mas não era feio. Parecia quase... *vivo*.

Havia algumas palavras nela, também. Eu podia apenas vê-las brilhando na lâmina bem abaixo do cabo, como se elas fossem esculpidas no metal ali. Eu apertei os olhos, mas eu não pude decifrar muito o que elas eram. *V-i-c — Vic* algo, eu pensei, inclinando-me perto o bastante para deixar uma impressão de nariz no liso vidro...

CRASH!

Eu me assustei pelo súbito barulho, eu pulei para trás e me pressionei contra a estante de livros. Olhos amplos, coração na minha garganta, sangue martelando nos meus ouvidos. Mas que diabos foi isso?

Eu não me considerava sendo um gato-assustado, e eu certamente não era uma garota afeminada covarde que tinha medo da sua própria sombra. Mas minha mãe foi um detetive de polícia. Ela me contou muitas histórias de horror sobre pessoas sendo assaltadas e pior. E a Biblioteca de Antiguidades não era exatamente tão calorosa e amigável quanto um parque em dia de verão. Nada era na Mythos.

Agora que eu pensei sobre isso, eu não tinha ouvido nada enquanto eu estava colocando os livros nas prateleiras. Sem sons, sem farfalhar de roupas, nada que indicava que havia restado alguém além de mim em toda a biblioteca —

Algo frio e duro enfiou em minha palma. Eu olhei abaixo e descobri que eu envolvi minha mão ao redor na caixa de vidro, meus dedos se curvando em torno do fecho de metal, um segundo de distância de abri-lo e agarrar a espada do lado de dentro.

Mas a coisa estranha realmente era que a espada estava olhando fixamente para mim.

A tampa da protuberância no cabo tinha deslizado para cima, revelando um pálido olho me considerando com um frio, olhar firme. Era de uma cor estranha, também, não muito roxa e não muito cinza também —

Então, meu cérebro acordou e me lembrou que tudo isso era super, super *arrepia*nte. Eu estremeci e tropecei para longe do vidro. Meu ombro atingiu a beirada de uma das estantes, e eu assobieei enquanto uma picada dela inundou meu corpo.

Mas a pequena dor diminuiu algum do meu pânico. Lá no fundo, eu sabia que minha imaginação estava totalmente pregando peças comigo. Espadas não tinham olhos, nem mesmo em um lugar tão maluco quanto a Mythos Academy. E elas certamente não *encaram* as pessoas. Especialmente não alguém como eu, essa sem importância, garota Cigana nerd que via coisas.

E o barulho? Isso provavelmente eram apenas livros que algum jovem tinha empilhado em uma prateleira torta, finalmente caindo. Provavelmente feito de propósito apenas para assustar quem quer que estivesse na biblioteca tarde assim. Isso já tinha acontecido antes, normalmente comigo.

Eu fiquei de pé ali um segundo a mais para acalmar meu coração acelerado, então me empurrei para longe da estante. Eu pensei sobre apenas agarrar o carrinho e forçá-lo de volta à mesa principal da biblioteca, com roda frouxa e tudo. Mas eu tinha que olhar a espada primeiro. Eu tinha que me convencer de que eu não estava enlouquecendo. Que eu não estava realmente começando a *acreditar* em todas as coisas que a Professora Metis continuava jorrando na gente na aula de história-mítica sobre deuses maus e guerreiros anciões e Caos e o final do mundo e blá, blá, blá.

Então eu arrisquei uma rápida olhada sobre meu ombro. A protuberância que eu pensei ter sido um olho antes não era nada mais do que um inchaço do punho. Completamente coberto, completamente prateado, completamente normal. Nada mais. Certamente não estava me *encarando*.

Eu soltei um suspiro de alívio. Tudo bem. Gwen não estava ficando louca ainda. Bom saber.

Eu agarrei o carrinho e o empurrei em direção ao balcão. Dane-se Nickamedes e sua atitude irritada. Espadas arrepiantes e barulhos estranhos eram o bastante para mim. Eu estava partindo. Agora.

Eu me libertei das estantes de livros e dei a volta no final do corredor. Eu estava na metade de volta em direção ao balcão quando eu vi algo mover-se fora do canto do meu olho. Eu olhei para a minha esquerda.

E foi quando eu a vi.

Jasmine Ashton.

A Valquíria loira deitada de costas na frente da caixa que Nickamedes tinha me mostrado mais cedo essa noite, aquela com a suposta Tigela de Lágrimas de Loki dentro.

Exceto que todo o vidro da caixa tinha se estilhaçado e não havia mais Tigela no interior dela.

E alguém ou algo tinha cortado a garganta de Jasmine de orelha a orelha.

Eu congelei, não certa do que estava acontecendo. Eu pisquei um pouco de vezes, mas a cena não mudou. Caixa quebrada. Tigela roubada. Uma garota com um grande, talho de um lado ao outro da sua pálida garganta.

Eu fiquei de pé ali outro momento, em choque e boquiaberta, antes do meu cérebro dar uma guinada e começar a trabalhar mais uma vez. Eu empurrei o carrinho para fora do caminho e corri para Jasmine. Meus pés escorregando debaixo de mim, e eu abaixei minha mão para me firmar. Algo molhado e frio e pegajoso cobriu meus dedos, fazendo-me recuar. Eu ergui minha mão para encontrá-la revestida com sangue – sangue de Jasmine.

Estava *em todos os lugares*. Debaixo da caixa esmagada. Ao lado dela. Espirrada em cima das mesas de madeira. Poças do sangue da Valquíria cobriam o chão como água carmesim que não tinha sido enxugada.

— Oh, merda!

Eu estava quase hiper-ventilando, então eu me fiz dar profundas respiradas da maneira que minha mãe sempre tinha me dito quando eu entrava em pânico. Sempre que eu estivesse em uma situação ruim, bem ruim. Depois de vários segundos, eu me senti melhor. Ao menos, bem o suficiente para selecionar meu caminho através das piscinas de sangue até onde Jasmine estava deitada.

Cabelo loiro morango. Olhos azuis. Rosto bonito. Roupas de grife. A Valquíria parecia a mesma como ela sempre pareceu – exceto pelo corte na sua garganta e na faca no chão próximo a ela. Uma longa adaga curva, dourada com um enorme rubi fixo no cabo. As luzes faziam a jóia cintilar e brilhar, como um gigante olho vermelho me observando. Por alguma razão, a adaga era a única coisa ali que não estava coberta com sangue. Bizarro.

Eu me agachei ao lado de Jasmine, tentando não encarar a horrível ferida na sua garganta. Eu não podia dizer se ela ainda estava respirando ou não, e havia apenas uma maneira de descobrir.

Eu tinha que tocá-la.

E eu realmente, realmente não queria.

Por mais que eu gostasse de aprender os segredos das pessoas, eu sabia que meu dom Cigano iria despontar no segundo que eu colocasse meus dedos na pele da Valquíria. Então, eu veria e sentiria e experimentaria exatamente o mesmo que Jasmine quando sua garganta foi cortada. Seria *horrível*, apenas tão horrível quanto ver todas as coisas terríveis que o padrasto de Paige esteve fazendo com ela. Talvez até mesmo pior.

Mas não havia como remediar isso. Eu tinha que descobrir se Jasmine ainda estava viva. Eu aprendi CPR⁸ na aula de saúde na minha antiga escola no ano

⁸ (CPR- ressuscitação cardiopulmonar)

passado, então talvez eu poderia ajudá-la – ou ao menos correr e encontrar alguém que pudesse. Eu tinha que tentar, de qualquer maneira. Eu só não podia ficar ali e não fazer nada, não quando Jasmine parecia tão – tão *quebrada*.

Então eu me agachei e estiquei minhas mãos trêmulas em direção ao pescoço dela. Meus dedos pairaram mais perto da sua pele pálida, antes deles finalmente se arrancarem adiante e fazerem contato.

Eu fechei meus olhos e mordi meus lábios, esperando ser sobrecarregada com emoções de sentimentos. Esperando sentir toda a dor e terror e medo que Jasmine acabou de sentir. Esperando ser dominada com todas aquelas emoções horríveis e apenas começar a gritar –

Eu não senti nada.

Sem medo, sem terror, e especialmente sem dor. Nada. Eu nem sequer tive o mais fraco meneio de sentimentos para fora do corpo de Jasmine. Sem vibrações, sem clarões, nada. Eu franzi o cenho e empurrei meus dedos mais profundamente no seu pescoço, colocando toda a minha mão na sua pele bem acima do corte da sua garganta.

Nada ainda.

Estranho. Realmente estranho. Eu sempre via algo, sempre sentia *algo*, especialmente quando eu estava realmente tocando alguém, e nesse caso alguém que tinha acabado de ter a sua garganta brutalmente fatiada –

Fora, no canto do meu olho, eu vi um rápido, furtivo movimento. Mas antes que eu pudesse me virar e ver o que isso era, algo frio e pesado bateu na minha têmpora. Um brilhante, branco clarão de dor explodiu na frente dos meus olhos, antes que a escuridão me engolisse.



5

A PRIMEIRA COISA DE QUE EU ESTAVA CONSCIENTE ERAM AS VOZES. BAIXAS, vozes firmes que pareciam furar o meu crânio como a broca chorosa de um dentista. Eles continuavam conversando, uma vez atrás da outra. Cada um enviando uma pontada de dor através da minha cabeça.

—... obviamente atrás da Tigela; Jasmine estava apenas no caminho...

—... mas por que matá-la? Isso não faz nenhum sentido...

—... Ceifadores não tem que fazer sentido...

— Calem a boca — eu murmurei.

As vozes pararam, e eu comecei a me afundar de volta para a escuridão silenciosa...

— Gwen? — uma voz familiar murmurou.

— Mãe? — eu balbuciei novamente.

Uma mão alisou para trás o meu cabelo. — Não, Gwen. Não é sua mãe. Você pode abrir seus olhos para mim, por favor?

Então eu me lembrei. Minha mãe estava morta. Assassinada por algum motorista bêbado. E eu estava presa aqui no Guerreiros Anormais Somos Nós. Meu coração espremeu-se, doendo até mesmo mais do que minha cabeça doía, e

uma quente lágrima escorreu do canto do meu olho antes que eu pudesse impedi-la. Eu sentia tanta falta da minha mãe. Eu sentia muita falta de tudo. Minha antiga escola, meus antigos amigos, e tudo mais que eu perdi apenas por que eu queria saber o segredo de outra garota —

— Gwen? — a voz perguntou novamente, mais insistente dessa vez. — Anda logo. Abra seus olhos para mim, por favor.

Minha cabeça ainda doía, mas após uns poucos segundos de concentração eu consegui entreabrir meus olhos, deixando a luz gotejar para dentro.

Cabelo preto, pele bronzeada, olhos verdes, óculos prateados. O rosto vago da Professora Metis flutuou diante de mim, e eu tive que piscar várias vezes antes que ela entrasse em foco.

— Professora Metis? O que está acontecendo? — eu perguntei, lutando para me sentar.

Metis colocou sua mão nas minhas costas e me ajudou em uma posição sentada. Meu cérebro flutuou ao redor e dentro do meu crânio por alguns segundos antes dele estalar de volta ao seu lugar e o mundo parasse de girar.

Para minha surpresa, eu ainda estava na Biblioteca de Antiguidades embora eu estivesse agora deitada em cima de uma das mesas ao invés de no meio do piso frio de mármore.

Outras pessoas estavam aqui agora, também. Como o Técnico Ajax, um cara grande, corpulento, com aparência de motoqueiro, tatuado que supervisionava os programas atléticos e treinamentos de todos os jovens. Ajax estava em pé a alguns metros de distância conversando com Nickamedes. A pele ônix do técnico brilhava sob a luz dourada da biblioteca, e seus músculos esculpidos retorciam-se e pulavam com cada movimento que ele fazia. Ele parecia como um tipo de cara que podia quebrar blocos de concreto com suas próprias mãos.

Como se sentindo meu olhar, os dois homens se viraram e caminharam até nós. Eles dois assentiram para Professora Metis, que assentiu de volta.

— Gwen, — Metis disse, colocando sua mão no meu ombro. — Eu estou feliz em ver que você está se sentindo melhor.

— Professora? O que você está fazendo aqui? — eu perguntei, ainda confusa.

Metis gesticulou aos outros dois homens. — Ajax e Nickamedes, e eu formamos o conselho de segurança da academia. Nós somos responsáveis pela segurança de todos na Mythos, para proteger estudantes e funcionários dos Ceifadores do Caos e outras ameaças. Então nós realmente precisamos saber o que

aconteceu aqui essa noite. Você acha que pode me dizer o que você viu? É muito importante, Gwen. Nós não queremos que ninguém mais fique machucado.

Machucado. Bem, eu imagino que essa seja uma forma educada de dizer o que aconteceu com Jasmine, ao invés da real verdade – o fato de que ela foi brutalmente atacada.

Seus olhos fixos no meu rosto. O olhar verde e compreensivo, de Metis, o do Técnico Ajax preto e forte, e o de Nickamedes azul e desconfiado.

Eu inspirei um fôlego e disse aos três sobre o trabalho na biblioteca. Como eu estive colocando os últimos livros nas prateleiras quando eu ouvi um som de quebrado. Como eu pensei que fosse apenas alguns livros despencando, apenas para sair das estantes e encontrar Jasmine espalhada embaixo da caixa de vidro esmagada, com sua garganta cortada e sangue em todos os lugares.

— Eu me aproximei para tentar ajudá-la — Eu disse em uma voz trêmula. — Eu estava sentindo sua garganta procurando por pulsação quando alguém... alguém me atingiu.

Eu olhei para a caixa, esperando não ver nada além do vidro quebrado. Mas Jasmine ainda estava ali, ainda deitada em densas poças do seu próprio sangue carmesim, seus cegos olhos azuis encarando para cima ao teto.

Minha garganta fechou-se. — Ela está —

— Morta, — Técnico Ajax retumbou na sua profunda voz. — Hemorragia. Ninguém disse nada.

— Você tem certeza que não há mais nada que você se lembre? — Professora Metis perguntou. — Até mesmo o menor detalhe pode ser útil, pode nos ajudar a pegar a pessoa que fez isso.

Eu pensei de volta, tentando me lembrar, mas nada veio à mente. Minha cabeça ainda doía muito para isso. Eu estiquei a mão e toquei minha têmpora esquerda. Um caroço do tamanho de um ovo de Robin⁹ latejava debaixo dos meus dedos, e eu estremeci com a dor afiada que apunhalava meu crânio.

Eu larguei minha mão no meu colo, olhei para baixo, e percebi que eu estava coberta com sangue – sangue de Jasmine. Estava no meu tênis, no meu jeans, e por toda a frente da minha T-shirt e no casaco com capuz. E pior de tudo, sombrias manchas de sangue marrons cobriam minhas mãos como um verniz de tinta seca.

⁹ (American Robin – é uma espécie de pássaro proveniente dos EUA e Canadá que coloca ovos de cor azul com aproximadamente 3 cm cada)

Eu inspirei um fôlego, esperando que a minha psicomетria iniciasse e me mostrasse o assassinato de Jasmine, me deixasse sentir toda a horrível dor que ela deve ter experimentado. Qualquer segundo agora, começaria. Sempre começava.

Mas os segundos deslizavam e se tornaram um minuto, depois outro. E ainda assim, nada aconteceu. Eu não tive nenhum clarão ou vibrações do sangue de Jasmine. Nem um único. Apenas como se eu não tivesse recebido nada ao tocar o seu corpo. Estranho. Mesmo para mim. Talvez minha psicomетria estivesse em más condições ou algo assim por causa da massiva enxaqueca que eu tinha. Pela primeira vez, eu estava feliz que eu não vi nada. Apesar de eu não estar recebendo qualquer vibração dela, a visão do sangue de Jasmine na minha pele e roupas ainda me fez querer vomitar. Eu curvei minhas mãos manchadas em punhos e olhei para longe delas.

— Me desculpe. Eu não me lembro de mais nada, — eu disse em uma voz baixa.

— Bem, eu acho que é bastante óbvio o que aconteceu, — Nickamedes disse. — Um Ceifador deslizou para dentro da biblioteca e roubou a Tigela das Lágrimas. Jasmine, infelizmente, estava no caminho e foi assassinada como resultado.

Apesar de tudo o que aconteceu e do fato que minha cabeça ainda estava martelando, eu franzi o cenho. Isso não parecia correto para mim – nem um pouco correto. Na maior parte por que Jasmine já tinha estado na biblioteca mais cedo. Por que ela voltaria tão tarde? E especialmente sem suas amigas? Jasmine nunca ia a lugar nenhum sem sua comitiva amorosa de princesas Valquírias. Elas estavam sempre amontoadas em cima dela como LEGOs.

Mas o pensamento que continuava batendo através do meu cérebro ao mesmo tempo com a dor era: *Por que? Por que ela e não eu? Por que ela teve que morrer e eu não tive? Por que eu fui poupada novamente? Por que eu sempre era aquela deixada para trás para recolher os sangrentos, pedaços quebrados?*

— Eu disse a você que você estava se arriscando colocando isso em exposição, — Técnico Ajax disse. — A Tigela das Lágrimas é exatamente o tipo de coisa que os Ceifadores amariam colocar suas mãos. É um dos Treze Artefatos, depois de tudo.

Nickamedes encolheu de ombros. — Há dezenas de outras coisas aqui que os Ceifadores amariam colocar suas mãos, e há feitiços de segurança em todos eles para impedi-los de serem levados para fora da biblioteca. Eu só não entendo como

o Ceifador teria conseguido tirar a Tigela da biblioteca sem soar o alarme – muito menos se esconder no campus para começar. Nenhum dos alarmes foi disparado na parede externa, no portão principal, ou aqui na biblioteca. Eu pensei que os feitiços de segurança do perímetro fossem bastante fortes, e eu verifiquei duas vezes aqueles na Tigela, eu mesmo, essa manhã.

— Obviamente não, — Ajax murmurou.

Os dois homens se encararam, e Professora Metis pisou entre eles.

— Já chega, — ela disse. — Eu irei chamar a horda de limpeza e alertar os outros. Eu tenho certeza que o conselho da academia irá querer incrementar a segurança no campus, e a magia e senão, ao menos por poucos dias, até nós termos certeza quem quer que tenha feito isso não estará voltando para mais artefatos.

Técnico Ajax e Nickamedes olharam um para o outro por alguns segundos a mais antes deles assentirem. Depois, os dois, juntos com Metis, se deslocaram alguns centímetros e começaram a falar sobre o que fazer e quem notificar.

Eles não estavam tão chateados com isso como eu pensei que eles estariam. Quase pareceu... *normal* para eles. Como algo que tinha acontecido antes. Na minha antiga escola, os professores teriam *enlouquecido* se uma garota fosse assassinada na biblioteca. Mas aqui, isso não pareceu tão chocante. Mais como... um inconveniente. Com trabalho burocrático para se fazer, telefonemas para se dar, e sangue para se limpar. Ou algo assim.

Bem, isso não era normal para mim, nenhum pouco, e tudo o que eu podia fazer era encarar para baixo à Jasmine. Tão linda, tão popular, tão rica, e aonde isso tinha levado-a? Nada além de uma morte precoce. Eu pensei sobre Paige Forrest e como ela era da mesma maneira. Linda e popular, mas com esse horrível segredo, com essa coisa horrível que esteve acontecendo com ela e ninguém sabia.

Eu me perguntei se Jasmine era da mesma forma. Se ela tinha alguma razão secreta para vir à biblioteca essa noite. Se havia algo mais nisso do que apenas um misterioso vilão anônimo roubando uma tigela mágica, mitológica –

— Gwen? — A voz da Professora Metis me fez pular. — Eu vou levar você de volta ao seu dormitório, se você quiser.

Eu olhei abaixo uma última vez para o corpo sem vida de Jasmine e para as grudentas poças carmesins por toda a sua volta. Quase parecia como se a Valquíria estivesse descansando em um gigante travesseiro vermelho, ao invés de estar fria, ensanguentada, e morta. Eu estremeci e olhei para longe.

— Sim, — eu disse. — Eu gostaria muito disso nesse momento.



METIS DISSE ALGO MAIS PARA O TÉCNICO AJAX E NICKAMEDES; ENTÃO NÓS DUAS deixamos a biblioteca. Era depois das dez agora, e o quadrilátero estava deserto. O luar polvilhava tudo com um brilhante, resplendor prata, até mesmo nos dois grifons que sentavam na base dos degraus da biblioteca. Minha respiração fumegou no ar frio da noite, e eu coloquei minhas mãos ensanguentadas dentro dos meus bolsos, tentando impedi-las de congelarem. Mas sem importar o que eu fizesse, eu só não conseguia me aquecer.

Nós não conversamos até que nós estávamos na metade do outro lado do quadrilátero.

— Eu sei que isso deve ser difícil pra você Gwen. Encontrar Jasmine da maneira que você encontrou, — Professora Metis disse. — Mas essa não é a primeira vez que algo assim acontece na Mythos.

Meus olhos se ampliaram. — Você quer dizer que alunos já foram assassinados antes? Aqui na academia?

Ela assentiu. — Alguns.

— Como? Por quê?

— Pelos Ceifadores na maioria. Os estudantes tinham algo que eles queriam ou ficaram em seus caminhos, justo como Jasmine essa noite. Ou os estudantes estavam trabalhando para os Ceifadores e fizeram algo errado, algo que causassem suas mortes. Em poucos casos, os alunos, na realidade tem sido os próprios Ceifadores.

Garotos da minha idade? Trabalhando para os vilões? Sendo os próprios Ceifadores? Eu não sabia o que fazer com isso.

Metis me encarou. — Eu sei que a academia, esse mundo, é novo pra você, que você realmente não acredita em nada disso. Nos deuses, os guerreiros, nos mitos, na Guerra do Caos, nada disso. Eu posso dizer pela forma que você está sempre olhando para fora da janela durante minha aula. Você recita os fatos pra mim, mas sua mente não está realmente ali.

Sua voz era gentil, mas eu ainda estremeci. Eu pensei que eu escondia minha descrença um pouco melhor do que isso. Uma vez que minha mãe morreu, eu fiquei muito boa em fingir as coisas. Como dizer a Vovó Frost que tudo estava bem na minha nova escola. Ou me convencer que eu realmente não me importava que eu não tivesse nenhum amigo. Que não me incomodava que ninguém falasse comigo. Que eu era tão durona e forte e corajosa quanto minha mãe tinha sido, quando tudo o que eu realmente queria fazer era me curvar em minha cama e chorar até eu adormecer toda a noite. Eu poderia ser capaz de ver o segredo das outras pessoas, mas eu tinha alguns por minha conta, também – uns que eu desesperadamente queria mantê-los escondidos.

— Mas é real, Gwen. Tudo isso. Quer você queira acreditar neles ou não.

Metis continuou. — Ceifadores do Caos estão em todos os lugares, até mesmo aqui na Mythos. Eles podem ser qualquer um – pais, professores, seus camaradas estudantes. E eles farão o que for preciso para conseguir o que eles querem.

— O que é isso que eles querem, exatamente? — eu perguntei. — Porque eles são os vilões?

Metis suspirou. — Você realmente não esteve prestando atenção na aula, não é?

Eu estremeci novamente.

— Os Ceifadores querem uma coisa – libertar Loki da prisão esférica que os outros deuses colocaram nele. E nós, os alunos e professores aqui, os membros do Panteão, estamos nessa guerra com eles, tentando prevenir isso de acontecer. É para isso que todos os alunos aqui estão sendo treinados. Aprender como lutar com quaisquer habilidades e magia que eles tiverem para impedir Loki de escapar da sua prisão. É por isso que perder a Tigela das Lágrimas é um golpe tão grande. É um velho artefato com muita magia, com muito poder, e ele pode ajudar os Ceifadores a se aproximarem de libertarem Loki.

Eu franzi o cenho. — Então o que acontece se Loki se libertar? O que seria tão ruim sobre isso?

— Por que da última vez que Loki se libertou, ele ergueu um exército e tentou matar os outros deuses, escravizou os mortais, e inclinou todos à sua vontade. Centenas de milhares de pessoas morreram, Gwen. E mais centenas de milhares irão morrer se Loki for libertado mais uma vez. O mundo como nós conhecemos será completamente destruído.

Então a Guerra do Caos era morte, destruição, e blá, blá, blá, justo como eu pensava. Outra guerra, apenas como aquela que lutava antes. Exceto que quando a Professora Metis falava sobre ela dessa vez, um arrepio tomou conta da minha coluna. Como se fosse realmente *real*. Como se pudesse realmente *acontecer*.

Nós deixamos o quadrilátero principal para trás e pisamos em direção a uma das calçadas que conduzia aos dormitórios. Os dormitórios dos alunos eram versões menores dos prédios principais da academia – muito de pedra cinza, muito de densa hera verde, muito de estátuas arrepiantes em todos os lugares.

De alguma forma, Metis sabia que eu me acomodava no Styx Hall, sem eu sequer dizer a ela. Ela caminhou comigo todo o caminho à porta da frente. Uma vez que o toque de recolher dos estudantes era às dez horas nos dias das semanas e os dormitórios automaticamente se trancavam depois disso, Metis teve que colocar seu crachá com a ID de professora através do escâner para abrir a porta para mim.

Eu poderia ter dito a ela para não se incomodar. Que havia uma robusta árvore de caqui que alcançava até uma janela do segundo andar nos fundos do prédio. A janela tinha uma trava arrebitada, e qualquer que tenha sido a magia nela que mantinha os estudantes no lado de dentro ou os vilões do lado de fora dissolveu ou desapareceu há muito tempo. Agora, todas as garotas a usavam a árvore para escorregar para o lado de fora de noite e verem seus namorados. Todos exceto eu, claro. Eu não tinha um namorado, muito menos apenas outra amiga com quem sair depois do toque de recolher.

— Agora, não se preocupe, — Metis disse. — Ajax e Nickamedes já começaram a aumentar a segurança na biblioteca e sobre todo o campus. Nickamedes está lá fora lançando mais feitiços nesse momento. Os dormitórios por si só já são bastante seguros. Todos eles têm proteções para garantir a segurança dos alunos, mas Nickamedes está aumentando o poder e complexidade desses também.

Sua voz era tão calma e atestando um fato que me lembrava dos professores da minha antiga escola e como todos eles diziam para nós pacientemente formarmos filas do lado de fora quando nós estávamos tendo o anual ensaio de incêndio. Eles estavam tão calmos por que todos eles sabiam que não havia incêndio de verdade e eles nem sequer pensavam que havia um problema para começar.

Eu pensei o como facilmente eu fui capaz de caminhar ao portão principal, deslizar através das esfinges, e deixar o campus mais cedo hoje. Aparentemente,

apenas tão facilmente como alguém foi capaz de entrar na biblioteca e matar Jasmine essa noite. Os feitiços de Nickamedes e o restante da magia de segurança da academia não tinham impedido nenhuma dessas coisas de acontecerem. Justo como todas as regras da academia e ameaças de punição não impediam os alunos de beber, fumar, ou fazer sexo nos seus dormitórios. Mas eu não disse nada.

— Agora, — Metis disse, levando o meu silêncio por algum tipo de concordância. — Você gostaria que eu desse uma olhada nesse inchaço na sua cabeça? Eu posso curar você, se você desejar. Você nem sequer saberá que você foi atingida.

Eu pisquei. — Você pode me curar? Como?

Metis estendeu suas mãos, palmas para cima. Elas pareciam tão lisas quanto bronze polido debaixo da luz do poste queimando sob o dormitório. — Eu tenho um talento de magia que cura injúrias. Tudo o que eu tenho que fazer é colocar minhas mãos em alguém, imaginá-los ficando bem, e eles ficam.

Agora isso era um poder legal, e eu ouvi de uns poucos jovens no campus tendo esse tipo de habilidade. Todos os estudantes na Mythos tinham algo acontecendo com eles, a magia que os classificava como um particular tipo de guerreiro. Valquírias e Vikings eram incrivelmente fortes; Amazonas e Romanos eram super-rápidos; Espartanos podiam matar você com o que quer que viesse a estar na mão. Como se isso não fosse o bastante, os estudantes tinham outra magia também, poderes bônus como eram chamados, tudo desde sentidos aprimorados até habilidades de disparar raios para fora da ponta dos seus dedos ou criar fogo com suas próprias mãos.

Eu me perguntei o que o poder de cura transformava Metis, se ela era uma Valquíria ou uma Amazona ou algo mais, ao invés de apenas minha professora de história-mítica. Eu poderia até mesmo aceitar a chance e deixar Metis me curar, se não tivesse toda a parte de *tocando-minha-cabeça*. Eu não queria tocar ninguém ou nada mais estranho essa noite. Eu vi coisas bastante horríveis nas últimas duas horas. Eu não queria ver mais.

— Não, obrigada, — eu disse. — Eu só vou... tirar isso no sono, ou algo assim.

Entendimento piscou nos olhos de Metis, e ela assentiu. — Muito bem. Eu examinei você na biblioteca antes de você acordar. A ferida não é tão severa. Você deve ficar bem com uma boa noite de sono. Mas se você tiver qualquer problema, visão borrada ou algo assim, venha me ver imediatamente.

Eu duvidava que eu teria uma boa noite de sono depois de encontrar uma garota assassinada, mas eu não disse nada. Ao invés disso, eu apenas assenti.

Professora Metis começou a ir, mas ela hesitou e virou para olhar para mim mais uma vez. — Eu não sei se eu disse isso antes, mas isso foi muito corajoso de você, Gwen, tentando ajudar Jasmine como você fez. A maior parte das pessoas teria apenas gritado e corrido.

Eu encolhi de ombros. Eu não tinha pensado que isso foi corajoso. Isso foi apenas mais instinto do que qualquer outra coisa. Um tolo, uma vez que eu fui nocauteada e Jasmine morreu de qualquer maneira.

— Isso é justo como algo que sua mãe teria feito, — Metis me disse uma baixa voz.

Eu olhei para ela, me maravilhando com o familiar tom da sua voz. Quase soou como se ela conhecesse minha mãe. Mas como ela poderia? Até onde eu sabia, Grace Frost nunca sequer colocou os pés na academia —

— Ela era um detetive de polícia, certo? — Metis adicionou.

— Sim, — eu disse, me perguntando como a professora sabia disso. Eu nunca havia dito nada a ninguém na Mythos sobre minha mãe. — Ela era um tira. Uma das boas.

Mas agora ela se foi, e isso é tudo minha culpa. Lágrimas preencheram meus olhos, minha garganta se fechou, e eu não podia terminar meu pensamento. A habitual apunhalada da perda e culpa perfurou meu coração, subjugando tudo mais.

Lá no fundo, eu sabia que eu não tinha nada a ver com o motorista bêbado que transformou o carro da minha mãe em um T-bone¹⁰ e depois foi embora, deixando-a morrer nos destroços. Tinha sido um acidente, um estúpido, estúpido acidente, e nada mais.

Mesmo assim, eu me perguntava como a minha vida teria sido nesse momento, nesse exato *segundo*, se eu não tivesse visto as coisas horríveis que o padrasto de Paige estava fazendo com ela.

Eu não podia evitar além de pensar que minha mãe, Grace, ainda estaria viva. Que eu estaria do outro lado da cidade na nossa antiga casa, em minha antiga cama. Que amanhã eu teria me levantado e ido para minha antiga escola com todos os meus antigos amigos. Ao invés de estar presa aqui na Mythos Academy,

¹⁰ (T-bone – corte de carne também conhecido como bisteca ou chuleta)

onde uma garota tinha acabado de ser assassinada e perigo e vilões espreitavam ao redor de cada esquina, de acordo com Metis.

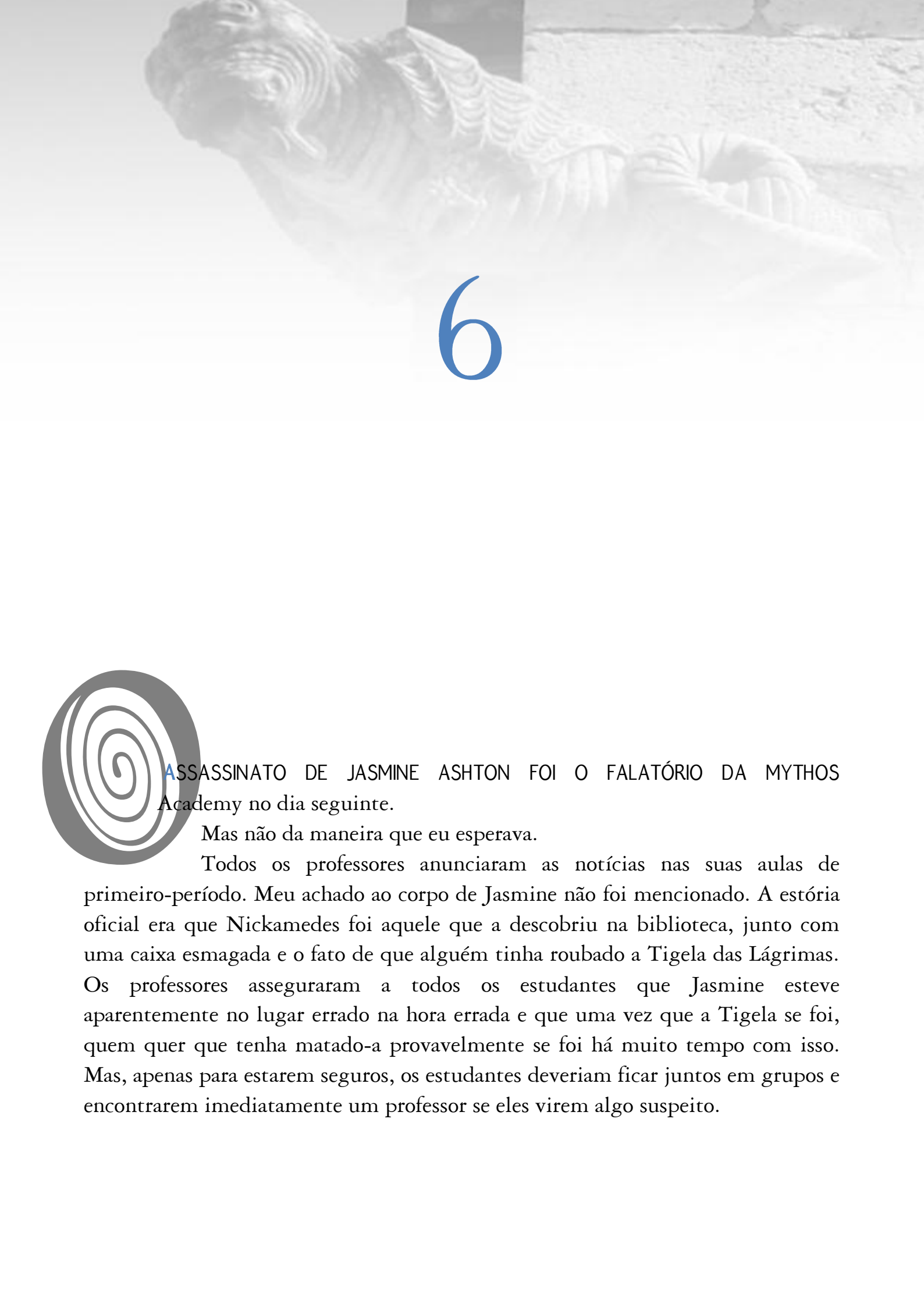
Eu não podia evitar além de pensar que a minha vida seria muito melhor. Muito mais simples. Muito mais perto do *normal* do que esse mundo de show de horrores onde eu estava aprisionada.

Metis abriu sua boca como se ela quisesse dizer algo, mas eu me girei para que ela não visse as lágrimas quentes que queimavam meus olhos.

— Bem, entre e tente descansar agora, — ela disse em uma suave voz. — E se sinta livre em me ligar, se você precisar falar sobre qualquer coisa, qualquer coisa mesmo.

— Sim, — eu disse. — Claro. Obrigada, Professora.

Ao invés de olhar atrás para ela, eu abri a porta e pisei dentro do dormitório, fechando Metis e tudo mais lá fora pela noite.



6



ASSASSINATO DE JASMINE ASHTON FOI O FALATÓRIO DA MYTHOS Academy no dia seguinte.

Mas não da maneira que eu esperava.

Todos os professores anunciaram as notícias nas suas aulas de primeiro-período. Meu achado ao corpo de Jasmine não foi mencionado. A estória oficial era que Nickamedes foi aquele que a descobriu na biblioteca, junto com uma caixa esmagada e o fato de que alguém tinha roubado a Tigela das Lágrimas. Os professores asseguraram a todos os estudantes que Jasmine esteve aparentemente no lugar errado na hora errada e que uma vez que a Tigela se foi, quem quer que tenha matado-a provavelmente se foi há muito tempo com isso. Mas, apenas para estarem seguros, os estudantes deveriam ficar juntos em grupos e encontrarem imediatamente um professor se eles virem algo suspeito.

Depois disso, houve um momento de silêncio no campus todo por Jasmine, então nós todos podíamos rezar pela sua alma ou o que quer que eles fizessem na Mythos.

Duas das Valquírias que Jasmine era amiga estavam no meu primeiro-período de aula em literatura Inglesa, e eu pensei que elas pudessem pedir para serem liberadas, para voltar aos seus dormitórios pelo resto do dia e apenas processar o que aconteceu com sua amiga – apenas se sentir tristes e afligirem-se e chorar por ela. Mas as duas garotas abriram seus compêndios, retiraram seus laptops, e começaram a trabalhar nas suas últimas dissertações de raciocínio crítico, como o resto de nós. Como se tudo estivesse normal. Como se nada fora do normal tinha acontecido. Se não fosse pela fraca dor de cabeça que eu ainda tinha, eu teria pensado que eu imaginei tudo o que aconteceu na noite passada.

Meus olhos foram de rosto a rosto, mas todos estavam apenas tão calmos e senhores de si como as duas Valquírias estavam. Ninguém chorou. Ninguém pareceu chateado. Ninguém pareceu nada assustado que uma das suas colegas de classe tinha sido assassinada na noite passada.

No ano passado na minha antiga escola, David Jordan, o popular jogador de futebol, estava trabalhando no seu emprego após-escola em uma loja de conveniência quando ele foi atingido à morte durante um assalto armado. No dia seguinte na escola, as pessoas ficaram *histéricas*. Chorando, aos prantos, gritando, se perguntando por que David tinha levado o tiro, por que ele teve que morrer, o que ele alguma vez fez para merecer algo assim, algo tão violento e horrível e aleatório. A escola tinha trazido conselheiros de luto para falar com todos os amigos de David e todos mais que ficaram abalados com a sua morte.

Jasmine Ashton tinha sido a garota mais popular na aula do meu segundo-período. Sim, ela não era a primeira aluna na Mythos a morrer, de acordo com Professora Metis, mas a morte de Jasmine tinha que ter sido uma das mais inesperadas, a mais chocante. Mas todos estavam tão calmos a cerca disso.

Isso era *arrepiaante*.

E era o mesmo em todos os lugares que eu ia o dia todo. Oh, os garotos falavam sobre Jasmine e seu macabro assassinato, mas não da maneira que eu esperava.

— Então quem você acha que será a rainha do baile de formatura agora que a Jasmine se foi? — a garota sentada na minha frente sussurrou no meu quinto

período de aula de química. — Por que o baile é na Sexta e nós já votamos para todos os reis e rainhas na semana passada.

A pequena Amazona sentada do outro lado dela deu de ombros. — Oh, os profs apenas darão ao vice-campeão, a qual tem que ser Morgan McDougall. Ela era a número dois de Jasmine. Além disso, você sabe como Morgan é. Ela estará mais do que feliz em usar aquela brega coroa, mesmo se não fosse realmente dela para começar.

As duas garotas riram das suas malícias.

Depois, aquela na minha frente se inclinou mais perto da sua amiga. — Falando de algo mais que não era dela pra começar, eu ouvi que Morgan e Samson Sorensen estavam ficando muito *acolhedores* no almoço hoje. Muito *confortáveis* um com o outro, se você sabe o que eu quero dizer.

A conversa era a mesma todo o dia. Quem seria a rainha do baile de formatura, se Morgan e Samson estavam se pegando, até mesmo quem iria ter que se mudar para o quarto de primeira classe de Jasmine quando seus pais removessem suas coisas. Aparentemente, os Ashtons estavam de férias em alguma remota ilha fora da costa da Grécia e as autoridades da escola ainda não tinham sido capazes de alcançá-los para contar-lhes sobre a morte da sua filha. Mas todos tinham telefone celular esses dias, até mesmo pais. Isso soou para mim como se os Ashtons apenas não quisessem ser incomodados com o assassinato de Jasmine. Eles provavelmente não queriam romper suas doces férias para vir lidar com tudo.

Finalmente, na aula de história-mítica, eu não podia suportar isso por mais tempo. Eu cutuquei Carson Callahan no ombro e perguntei a ele sobre isso.

— O que está errado com as pessoas aqui? — eu murmurei. — A garota foi *assassinada*. Na *biblioteca*, onde nós todos temos que ir praticamente todo dia. E ninguém sequer fala sobre isso, exceto para se perguntar quem será a estúpida rainha do baile de formatura agora e qual Valquíria irá enfiar suas garras em Samsom Sorensen a seguir. Ninguém se importa. Nem sobre Jasmine, de qualquer forma ou quem poderia tê-la matado ou o fato que talvez ele ainda esteja aqui no campus escondido em algum lugar.

Carson me deu um olhar triste, como se ele e todos mais soubessem um segredo que eu não sabia. — Você sabe com quantos garotos eu cresci pelos quais morreram, Gwen? Muitos deles. Tantos que eu perdi a conta. Nós fomos para a Mythos por alguma razão. Nós somos guerreiros, e guerreiros morrem. É apenas como as coisas são. Claro, alguns garotos têm acidentes de carro ou ficam bêbados

na praia e se afogam ou qualquer coisa assim. E algumas vezes, eles estão no lugar errado, na hora errada e são rasgados em pedaços por ladrões de Neméia ou assassinados por Ceifadores. Algumas vezes, eles são os próprios Ceifadores, e você tem que matá-los antes deles matarem você.

Eu nunca pensei que um nerd membro de uma banda como Carson poderia ser tão blacé sobre algo como isso. Que ele pudesse falar sobre garotos morrendo e matando outros garotos como se isso fosse normal. Como se essa fosse a maneira que as coisas *deveriam* ser.

Eu só olhei para ele. — Mas isso não incomoda você? O que aconteceu com Jasmine? Ou ao menos o fato de que isso aconteceu aqui?

Ele encolheu de ombros. — Claro que sim. Mas ninguém jamais disse que Mythos era cem por cento segura. Os garotos espreitam para fora, passando pelas esfinges o tempo todo. Não requer muito esforço para pensar que um Ceifador pode espreitar para dentro se ele realmente quiser. Além disso, Jasmine não era exatamente a garota mais legal por aqui. Ela era meio que uma vadia, se você realmente quer saber, sempre sendo má e colocando outras pessoas para baixo apenas para se fazer parecer legal. Mas ninguém nunca disse ou fez nada sobre isso por que seus pais são tão opressores e poderosos.

— Mas...

Carson suspirou. — Olha, eu sei que você é nova, Gwen, mas praticamente todo mundo aqui perdeu alguém que eles amavam, alguém que eles se importavam muito mais do que uma vadia mimada como Jasmine Ashton.

Havia uma dureza na sua voz agora, um retesamento no seu rosto, e uma tensa tristeza em seus olhos castanhos que eu reconheci.

— Quem você perdeu?

— Meu tio, — ele disse. — Ele foi morto lutando com um grupo de Ceifadores no ano passado. Ele saiu para jantar com a sua namorada quando isso aconteceu.

— Mas por quê? O que ele fez pra eles? Ele tinha um artefato ou algo que eles queriam? — eu perguntei, pensando da Tigela das Lágrimas roubada.

— Nada, — Carson disse em uma fria voz. — Ele não tinha nada que eles quisessem. Eles apenas o viram e o mataram por que eles eram Ceifadores e eles gostam de ferir as pessoas, especialmente guerreiros como nós. Eles nos matam antes que nós podemos matá-los por que eles sabem que nós somos uma ameaça pra eles, que todos nós estamos aqui aprendendo como nós podemos pará-los e

Loki para o bem – para sempre. Mas nem todos conseguem viver para ver esse dia, quando ele vier.

A dor crua no seu rosto me fez estremecer.

— Carson, eu sinto muito. Eu não sabia.

— Agora você sabe, — ele disse em uma voz silenciosa, e se virou de volta.

Carson não falou comigo ou olhou para mim durante o resto da aula. Eu não o culpei. Eu estive tentando entender, tentando descobrir por que as coisas eram tão diferentes aqui, e eu coloquei meu pé direto na minha boca¹¹.

Depois da história-mítica, eu caminhei até a Biblioteca de Antiguidades. Enquanto eu cruzava o quadrilátero, eu percebi que os outros jovens sentiram algo sobre o assassinato de Jasmine depois de tudo. Eu podia ver pela maneira que eles se amontoaram juntos em tensos grupos, a tensão em muitos dos seus rostos, pela forma com que eles falavam um pouco rápidos demais e gargalhavam um pouco mais alto. Sim, eles sentiram a morte de Jasmine tanto quanto eu senti e estavam tentando lidar com isso – mesmo se isso não fosse da maneira que eu esperava.

Eu não sabia se isso me fazia sentir melhor ou pior.

Aparentemente, eu não era a única que estava curiosa, baratinada, ou qualquer coisa, por que havia uma muito, muito maior multidão na biblioteca do que o normal. Quase todas as mesas estavam cheias, e quase todos os alunos estavam espreitando olhares ao local onde eu encontrei o corpo de Jasmine.

Não havia nada para ver. A caixa quebrada e o vidro estilhaçado tinham sido limpos, junto com o corpo de Jasmine. E, claro, seu corpo se foi, também. Não havia nada ali, nem mesmo algumas flores, ursos de pelúcia, ou algumas velas acesas para relembrar a morte da Valquíria. Depois do assassinato de David Jordan, as pessoas tinham transformado seu armário em um templo, com fotos e cartões e coisas. Mas não aqui na Mythos.

Eventualmente, a multidão esvaziou e eu encontrei um lugar vazio no final de uma das longas mesas da biblioteca. Eu retirei meus livros e tentei estudar, tentei me focar no relatório que eu tinha que escrever para a aula de história-mítica da Professora Metis, mas eu não podia me concentrar. Não ajudou que todos os garotos ao meu redor ainda estivessem falando sobre Jasmine.

— ...teve o que ela mereceu, se você me perguntar, — uma garota sussurrou.
— Jasmine sempre pensou que ela era melhor do que todos os outros.

¹¹ (quando no inglês você diz que colocou o pé na boca é por que você falou algo ou fez algo que conseguiu piorar as coisas)

— É mesmo, — o outro cara concordou. — É uma coisa terrível, mas ao menos eu não terei mais que aturá-la nas Línguas Antigas. Ela sempre gozava de mim.

— Eu também, mas o que realmente me deixa baratinada é o fato de que havia um Ceifador na biblioteca. A garota estremeceu. — Eles não deveriam ser capazes nem mesmo de entrar no campus, muito menos roubar algo da biblioteca. Isso me incomoda muito mais do que a Jasmine jamais incomodou.

Eu sabia que os outros jovens estavam de luto, desafogando, ou qualquer que fosse a sua forma de lidar. E sim, talvez Jasmine tivesse sido uma vadia mimada, como Carson disse. Mas mesmo assim, alguém deveria se importar que ela estivesse morta. Eu quero dizer *realmente* se importar. Alguém deveria estar triste que ela se foi. Alguém deveria querer saber exatamente o que aconteceu com ela e por que. Alguém deveria tentar se certificar que isso não acontecesse novamente com alguma outra criança.

O rosto de Paige Forrest piscou através da minha mente, e eu me lembrei da maneira que ela olhou para mim naquele dia. Havia um...*desespero* em seus olhos. Naquele momento, no segundo antes de eu tocar sua escova de cabelo, parte de mim, alguma pequena parte de mim, tinha percebido que Paige estava escondendo algo – algo *grande*, algo *enorme*. E eu queria saber qual era o seu segredo, da maneira que eu sempre fazia, então eu peguei a sua escova de cabelo. Eu apenas nunca imaginei o quanto verdadeiramente terrível o segredo de Paige era.

Pensar tanto sobre Paige desencadeou uma corrida de imagens e sentimentos, e eu vi isso tudo novamente na minha cabeça. O padraço de Paige escovando o seu cabelo, depois a fazendo deitar-se de costas na cama para que ele pudesse tocá-la. Eu senti tudo isso novamente, também – toda a vergonha de Paige e medo e desamparo. Uma vez que eu via algo, uma vez que eu tinha um clarão de um objeto ou de uma pessoa, aquelas emoções, aquelas memórias, eram uma parte de mim para sempre e eu sempre me lembraria delas, podia sempre ver e senti-las. Eu suponho que isso seja uma versão Cigana de uma memória fotográfica. Eu poderia convocar específicas memórias e me focar nelas, examinando cada coisinha que eu vi, senti, ou ouvi. Mas outras vezes, elas apenas me atingiam como as de Paige estavam fazendo nesse momento, quer eu as quisesse ou não. De uma forma, eu suponho que isso seja uma punição por eu ser tão malditamente intrometida algumas vezes.

Eu enfiei minhas unhas nas minhas palmas, afastando as memórias de Paige antes que eu começasse a gritar novamente. Eu inspirei lentos, profundos fôlegos e foquei em outra imagem – minha mãe. Relembrando do seu rosto, sua voz, seu sorriso, sua gargalhada, tentando reunir cada único detalhe em um foco super aguçado. Um truque que ela me ensinou para lidar com as memórias indesejadas. Pense sobre algo bom e esqueça sobre o ruim tanto quanto você puder.

Nem sempre isso funcionava, mas dessa vez funcionou. As memórias horríveis de Paige desapareceram da minha mente e ficaram trancadas para longe no escuro, canto distante do meu cérebro, bem ao lado de todas as outras coisas ruins que eu vi e senti ao longo dos anos.

Mesmo assim, os flashes e sentimentos me fizeram pensar sobre o que eu fiz para ajudar Paige. Sim, eu queria saber o seu segredo, mas eu também disse a minha mãe o que estava acontecendo. E, de alguma pequena maneira, eu ajudei minha mãe a parar o padrasto de Paige de machucá-la. Eu pensei sobre o que Professora Metis tinha dito na noite passada – sobre como orgulhosa minha mãe estaria por eu ter tentado ajudar Jasmine quando a maioria das pessoas teria apenas fugido.

E, naquele momento, eu tomei minha decisão. Talvez fosse loucura. Talvez fosse a incômoda sensação que eu tinha que havia mais nisso tudo do que apenas o roubo de uma tigela mágica. Talvez fosse estúpido ou bobo ou apenas totalmente errado.

Mas eu queria saber mais sobre Jasmine. Especificamente por que ela estava na biblioteca tão tarde na noite passada. O que tinha realmente acontecido com ela e quem era responsável por isso.

Talvez... talvez eu precisasse fazer isso por mim mesma, saber por que isso tinha acontecido, saber por que seja quem for roubou a Tigela das Lágrimas e matou Jasmine mas me deixou viva. Talvez fosse algum tipo de estranha culpa de sobrevivente ou algo assim.

Mas de certo modo, de alguma maneira, eu ia descobrir as respostas às minhas perguntas. Depois de tudo, eu era Gwen Frost, aquela garota Cigana que via coisas. A garota que você contratava para encontrar o tudo que estava perdido. Eu era boa em descobrir coisas. Desvendar a verdade sobre o assassinato de Jasmine não deveria ser tão difícil.

Além disso, esse era um segredo que eu estava determinada a descobrir – aconteça o que acontecer.



7

EU NÃO PODIA ME CONCENTRAR AONDE EU ESTAVA SENTADA NO ANDAR principal da biblioteca, com todos aqueles alunos que vieram ficar embasbacados, então eu me mudei para uma mesa enfiada em um dos cantos nos espaços entre as estantes – o mesmo canto que tinha a caixa com a estranha espada nela.

Eu arremessei minha bolsa carteiro em cima da mesa, depois me aproximei e encarei abaixo para a espada. A arma pareceu igual como ela era na noite passada. Metal prateado, longa lâmina com uma débil escrita nela, um rosto de homem esculpido no cabo.

Eu esperei um minuto, mas o olho no cabo não estourou abrindo subitamente e me encarou novamente. Bom. Talvez eu não estivesse ficando louca depois de tudo.

Eu me sentei à mesa, arrastei meu caderno para fora da minha bolsa, e comecei a trabalhar, escrevendo tudo que eu sabia sobre Jasmine Ashton. Quanto mais eu soubesse sobre ela, mais fácil seria para descobrir porque ela esteve na biblioteca na noite passada – e quem podia tê-la matado.

Eu não sabia muito.

Jasmine era linda, popular, e uma completa garota mesquinha. Uma Valquíria que amava roupas de grife e cuja família tinha profundos, profundos bolsos. E... e... era isso. Isso era tudo o que eu sabia sobre ela. Que era o completo somatório da sua existência para mim. Eu nem sequer sabia qual era o seu outro poder, além da sua inerente força de Valquíria.

Por um momento, eu estava deprimida. Isso era estúpido. Não era como se eu fosse Verônica Mars ou Batman ou alguém, capaz de descobrir mistérios complexos com apenas umas poucas pistas. Talvez tivesse sido algum vilão ao acaso que matou Jasmine depois de tudo, algum Ceifador do Caos que estava apenas atrás da Tigela das Lágrimas para que ele pudesse fazer Coisas, Ruins, Muito Ruins com ela.

Mas então, eu pensei sobre minha mãe. Algo sobre isso parecia errado para mim, e ela sempre me disse para confiar nas minhas sensações, em confiar no meu dom Cigano. Além disso, Grace Frost não desistiria tão facilmente se ela estivesse investigando o assassinato de Jasmine, e nem eu iria.

Tudo bem, então eu precisava de mais informação sobre Jasmine, e eu conhecia ao menos um lugar para conseguir isso – a Internet.

Eu tirei meu laptop da minha bolsa e o liguei. Mythos Academy tinha o melhor de tudo, incluindo de internet Wi-Fi de graça, atendendo o campus inteiro, então eu era capaz de acessar o site da escola com apenas uns poucos cliques do meu mouse sem fio. Cada estudante da Mythos deveria ter a sua página pessoal na rede para compartilhar interesses, fotos, e mais coisas com seus colegas estudantes. Muito parecido como uma conta no Facebook que era apenas acessível aos outros jovens da escola. Mas alguns dos garotos, incluindo eu, apenas não se incomodavam com isso.

Eu não tinha nenhum amigo na Mythos para começar, então quem iria querer ler meus devaneios?

Mas, claro, Jasmine tinha um blog e mais de duzentos amigos, de acordo com o seu perfil do campus. Eu desci a página, verificando o seu blog, mas não havia nada ali. Apenas comentários maliciosos sobre quem estava vestindo o que, junto com várias mensagens sonhadoras sobre como ótimo cara Samson Sorensen era. Sua típica angústia de garota popular de escola rica. Ou o que se passava por isso. Havia sempre várias fotos de Samson em suas pequenininhas sungas de natação em vários momentos. O Cara *totalmente* tinha seis nódulos em seu abdômen. Sim, eu olhei para aquelas fotos um pouco mais de tempo e um pouco mais de perto do que as outras.

Mas Jasmine não tinha postado nada na sua página que me contou algo realmente profundo e significativo sobre ela, muito menos por que ela estava na biblioteca na noite passada, o que significava que eu ia ter que ir para outra fonte.

Como o seu laptop. Ali é onde as coisas boas estariam de qualquer jeito. Sempre era. Mesmo na minha antiga escola, os garotos sempre eram *frenéticos* quando eles perdiam seus laptops, pensando sobre todas as coisas incriminadoras que alguém poderia encontrá-las. Como e-mails sobre quanto bêbados os jovens tinham ficado com seus amigos no final de semana o qual seus pais pensaram que eles estavam no acampamento. Documentos que eles gravaram e plagiaram para a Aula Avançada de Inglês. Pornografia.

Eu bati meus dedos na mesa, pensando de volta na noite passada, invocando as memórias da cena do crime, e fazendo uma triagem delas da maneira que eu fosse capaz de fazer. Em algumas formas, minha magia psicométrica era melhor do que assistir a um filme, por que eu tinha uma coloração perfeita, imagem, e som toda a vez.

Eu não vi um computador ou qualquer tipo de bolsa deitada no chão perto de Jasmine, apenas aquela adaga sem sangue com um rubi fixo no cabo. Então Jasmine provavelmente não tinha o seu laptop com ela. Eu sabia que ela tinha um, entretanto, por que eu a vi com ele ontem no quadrilátero. O lugar mais provável para procurar por ele seria no seu quarto do dormitório.

Eu olhei de volta para a página da web na minha frente. De acordo com o seu perfil do campus, Jasmine vivia na Valhalla Hall. Eu bufei. Claro que ela vivia. Ali é onde todas as princesas Valquírias viviam, uma vez que ele era o mais fofinho, mais elegante dormitório na Mythos.

De acordo com os rumores sussurrados que eu ouvi hoje, o quarto de Jasmine tinha sido trancado até que seus pais pudessem vir pegar suas coisas. Eu não era

uma ótima detetive como minha mãe tinha sido, mas os rumores me disseram duas coisas. Uma, que o quarto do dormitório de Jasmine estaria vazio. E dois, que se eu ia invadir e tentar apanhar seu laptop eu precisava fazer isso agora – como *imediatamente*. Antes que seus pais voassem de volta do lugar que eles estivessem de férias na Grécia ou magicamente teletransportarem-se ou tanto faz.

E mais, especialmente antes que eu perdesse a cabeça.

Eu sentei ali um minuto, me perguntando se isso era loucura. Eu estava realmente pensando sobre invadir o quarto no dormitório de uma garota morta para roubar o seu computador então eu poderia ver que tipo de informação estava nele. Somente então eu conseguiria descobrir por que ela esteve na biblioteca na noite passada. Apenas assim eu poderia descobrir todos os seus segredos.

Eu suspirei. Aqui estava eu novamente, pensando sobre os segredos de outra garota e como eu poderia descobri-los. Eu era tão totalmente sombria e retorcida algumas vezes. Apesar de tudo que tinha acontecido, eu ainda gostava do meu dom Cigano e como ele me deixava saber as coisas das pessoas, como ele me deixava ver através delas e compreender seus verdadeiros sentimentos, aqueles que elas trabalhavam tão árduo para esconder. Como a maciça paixão de Daphne por Carson. Minha psicometria era a única coisa de poder que eu tinha na Mythos, embora fosse pequena.

Mas a fria, dura verdade era que minha sede por segredos, minha própria estúpida curiosidade, tinha conseguido a morte da minha mãe. Talvez se eu não tivesse querido saber tão mal os segredos de Paige, minha mãe não teria estado trabalhando até tarde naquela noite e ela nunca seria atingida por aquele motorista bêbado no seu caminho para casa.

Talvez minha mãe ainda estivesse viva. Talvez nós estaríamos jantando juntas nesse momento. Churrasco para viagem talvez, do Pork Pit, guardado na aconchegante cozinha da nossa antiga casa, apenas da maneira que nós costumávamos fazer ao menos uma vez por semana. Mamãe me contaria sobre o dia dela, seus olhos violetas um pouco tristes, mas eu sempre era capaz de fazê-la gargalhar ou banir com as sombras que envolviam seu rosto. Depois de tudo, ela me perguntaria sobre a escola ou qual gibi eu estava lendo ou até mesmo começaria a me provocar sobre que novo garoto eu gostava. Talvez nós estivéssemos fazendo todas essas coisas nesse momento, bem nesse *segundo*, se as coisas estivessem sido diferentes.

Por outro lado, talvez Paige ainda estivesse sendo abusada pelo seu padrasto, também.

Talvez, talvez, talvez...

A dor e a culpa sobre a morte de minha mãe esfaqueou através do meu coração, e eu esfreguei o meu peito dolorido. Algumas vezes, eu só não sabia o que mais estava certo e errado, ou o que eu até mesmo deveria fazer com meu dom Cigano em primeiro lugar. Lá no fundo, eu não achava que eu deveria encontrar celulares perdidos e sutiã amassado pelo resto da minha vida. Mas eu não sei se eu deveria ir bisbilhotando no assunto das outras pessoas também. Era todo o dilema do Homem Aranha sobre grandes poderes requerem grandes responsabilidades. Não que eu pensava que minha psicometria era o melhor poder no mundo ou algo assim. Eu não era tão inútil ou iludida. Não depois de ver o que alguns dos garotos na Mythos podiam fazer.

Talvez... talvez eu devesse apenas esquecer sobre todo o plano louco e deixar a Professora Metis fazer o que quer que ela e os outros professores estivessem fazendo para encontrar o assassino de Jasmine.

Mas então, outra memória piscou pela minha mente, e eu me lembrei de Jasmine deitada no chão da biblioteca, olhando fixamente para cima ao teto com seus olhos cegos, sangue por todo o seu redor. Parecendo tão imóvel e absolutamente morta.

Eu pensei sobre todas as coisas maliciosas que eu ouvi os outros estudantes falarem dela hoje. Talvez eles estivessem certos, mas alguém deveria se importar com a morte de Jasmine. E pareceu como se esse alguém fosse eu. Agora, era hora de realmente *fazer* algo sobre tudo isso, quer ou não eu até mesmo soubesse com certeza se fosse a coisa certa ou errada para se fazer em primeiro lugar.

Mas havia um lugar para começar ao menos, e era muito melhor do que sentar por perto das mofadas estantes de livros meditando sobre meu dom Cigano, a morte da minha mãe, e encarando uma estranha espada pelo canto do meu olho, me perguntando se ela iria me encarar de volta. Sim, escavar a morte de Jasmine, por mais equivocada que pudesse ser, tinha muito mais apelo que tudo isso.

Eu recolhi minhas coisas e parti da biblioteca.

Eu fiquei dentro da Biblioteca de Antiguidades por mais tempo do que eu pensei, por que o crepúsculo estava começando a cair quando eu pisei no lado de fora. Eu verifiquei meu relógio. Já era depois das seis. As aulas tinham se encerrado pelo dia, e exceto pelos poucos garotos indo e vindo da biblioteca, o

gramado estava deserto. A essa hora, a maioria dos estudantes estava ocupado com reuniões de clubes, prática de esportes, ou jantando no refeitório antes deles voltarem aos seus quartos nos dormitórios para terminar com seus deveres de casa. Mas eu não me importava com o crepúsculo cinza ou com o quadrilátero vazio. A escuridão silenciosa tornava as condições melhores para se esgueirar.

Eu me apressei passando os cinco prédios principais da academia, sinuosamente descendo o caminho dos trajetos de paralelepípedos até eu alcançar o Valhalla Hall. O dormitório das garotas era uma estrutura de pedra cinza, coberta com densas vinhas de hera apenas como os outros prédios. De acordo com o perfil na web dela, o quarto de Jasmine era no segundo andar, o que significava que eu não poderia apenas escalar através de uma janela aberta ou algo assim. Naturalmente, as coisas somente não seriam fácil assim para mim.

Eu não me incomodei em dar a volta para os fundos do dormitório e tentar entrar daquela maneira. Eu sabia de viver na Styx Hall que ali era onde todos os fumantes gostavam de sair, tragando seus cigarros e ocasionalmente um pouco de maconha. Na Styx, você tinha que percorrer nuvens de fumaça para conseguir entrar e então você fedia a tabaco até que você pudesse tomar banho. Então não valia a pena.

Mas todas as portas em todos os dormitórios tinham uma máquina que você tinha que deslizar a sua ID de aluno por ela para conseguir entrar. Por razões de segurança e para tentar manter os caras, as garotas, e suas diversas ficadas a um mínimo, seu cartão de ID só deixava você entrar no seu designado dormitório, o que significava que minha ID apenas funcionava na Styx Hall e não aqui na Valhalla. Frustração me preencheu. Eu esqueci sobre esse pertinente detalhe na minha pressa de chegar aqui. Os jovens podiam murmurar aos outros jovens de dentro do dormitório através do sistema de interfone externo, mas claro eu não tinha qualquer amigo que dormia nesse dormitório que me deixaria entrar. Eu não tinha nenhum amigo.

Mas eu não estava pronta para desistir agora. Meus olhos escanearam os caminhos que envolviam o dormitório. Depois de cerca de dez segundos, eu localizei um rosto familiar – uma pequena garota Valquíria que estava na minha aula de literatura Inglesa. Uma garota que provavelmente nunca me notou antes e não tinha absoluta ideia de quem eu era – e, mais importante, que eu não pertencia exatamente aqui. Mas valia uma tentativa.

Eu subi os degraus da porta da frente do dormitório e comecei a vasculhar na minha bolsa carteiro, como se eu estivesse procurando pelo meu cartão de ID. Alguns segundos mais tarde, a Valquíria subiu os degraus. Eu me virei para encará-la e me movi para o lado.

— Esqueci meu cartão de ID novamente, — eu disse em uma voz viva, e sorri. — Você pode escanear o seu para mim, por favor?

A outra garota me deu um olhar estranho, mas ela deslizou o cartão através da máquina, abriu a porta, e pisou no lado de dentro. Tanto para a segurança estelar sobre qual a Professora Metis esteve falando na noite passada. Eu segui a Valquíria para dentro.

O interior do Valhalla Hall parecia muito como o meu dormitório. O primeiro andar era uma série de áreas comuns unidas, incluindo a sala de estar onde eu estava de pé nesse momento, embora ela fosse um pouco mais legal que aquela na Styx Hall, com luxuosa, mobília de aparência cara. Vários sofás e espreguiçadeiras anelavam-se a três TVs enormes. Uma delas estava ligada em algum reality show cafona, embora a garota sentada na frente dela estivesse mais interessada em escrever mensagens no seu celular do que assistir ao show.

Eu não perdi tempo me embasbacando, ao invés eu me apressei subindo os degraus ao segundo andar. Minha sorte continuou, e eu não me deparei com mais nenhuma Valquíria. Quase todo mundo estava ainda fora no campus fazendo suas próprias coisas, e o dormitório ainda estava quieto.

Eu rapidamente fiz meu caminho para o 21V, o qual era o quarto de Jasmine de acordo com o seu perfil online. A porta estava fechada, mas além disso, não havia indicação de que esse era o quarto de uma garota que foi assassinada. Não havia uma fita amarela da cena do crime pendurada nem nada. Não que eu estivesse reclamando, mas isso era um pouco estranho, como tudo mais na Mythos.

Eu fiquei em pé ali um momento, olhando para a porta, me perguntando se isso era realmente a coisa certa a se fazer. Mas eu tinha vindo muito longe para voltar agora. E sim, eu estava um pouco curiosa sobre como o quarto de Jasmine parecia. Todos tiveram falando o quanto ótimo ele era. Meio processe por perguntar. Além disso, eu já fiz a maior parte da invasão – eu poderia muito bem fazer a entrada e o roubo, também. Então eu atraí um fôlego, alcancei a maçaneta, e a girei.

Trancada. Merda.

Sim, eu esperava que a porta estivesse trancada, mas parte de mim tinha também esperado que os Poderosos Que Eram a Mythos poderiam ter descuidado e deixado-a aberta.

Eu me inclinei para baixo e olhei para a porta. Como as portas no meu dormitório, não era tão sofisticado e robusto como poderia ter sido e havia um pequeno espaço entre a porta e a moldura. Então eu enfiei minha mão em um dos bolsos laterais na minha bolsa e pesquei até eu aparecer com minha carteira de motorista.

Eu estava *excitada* quando eu consegui a minha carteira no ano passado, e eu até mesmo estava guardando dinheiro dos meus estranhos trabalhos para comprar um carro. Mas eu não tinha dirigido desde que eu estive na academia, principalmente por que eu podia andar em todos os lugares que eu precisava ir no campus e o ônibus da Montanha Cipreste descia para a casa da Vovó Frost todo dia. E quando sua mãe morre em um acidente de carro, tira a diversão de dirigir de qualquer jeito. Mas minha licença tinha outros usos, incluindo uma que minha mãe tinha me mostrado.

Eu deslizei o cartão plastificado entre a porta e a moldura, gentilmente guiando-o abaixo na fechadura. Levou algum manejo, mas eu consegui deslizar a minha carteira entre a trava e a moldura, estourando-a aberta.

A porta abriu para dentro.

Antes que eu pudesse pensar muito sobre o que eu estava fazendo e quanto errado isso era, eu pisei para o interior e fechei a porta atrás de mim. Para minha surpresa, havia luz no lado de dentro, graças ao suave brilho de um abajur Tiffany de vitral na mesa. Eu fiquei ali e encarei ao redor da sala, tentando obter uma sensação do tipo de garota que Jasmine Ashton tinha sido – e quem poderia tê-la matado.

Parecia bastante da forma como eu esperava. Jasmine tinha um grande espaço para si mesma, claro, e era mais como um apartamento felpudo do que um quarto de dormitório. Uma cama estava afastada em um canto, coberta com um edredom azul da Ralph Lauren, um monte de travesseiros combinando, e bichos de pelúcia. A maioria gatos, leões, tigres, e panteras, do que eu pude ver.

Uma larga, cara penteadeira assumia o canto oposto. Um acolchoado banco fixava-se na frente de uma mesa coberta de vidro, enquanto luzes rodeavam o espelho acima dela. Maquiagem, escova de cabelo, frascos de perfumes, e mais desordem no vidro, enquanto fotos estavam enfiadas na borda da moldura dourado

ouro em torno do espelho. Eu escaneei as imagens, a maior parte delas parecia ser de Jasmine, em vez de suas amigas ou família. Alguém gostava de olhar para si mesma. Eu poderia ter gostado, também, se eu fosse tão bonita quanto Jasmine era.

A porta na parede abriu para dentro de um closet cheio de roupas de marca, sapatos, e bolsas de mão, todos cuidadosamente organizados, enquanto a outra porta conduzia para dentro do banheiro. Eu andei para dentro do banheiro e abri o armário debaixo da pia, mas não havia nada de interessante. Apenas shampoos caros e loções. Sem camisinhas, sem pílulas de controle de natalidade.

Talvez os rumores fossem verdadeiros sobre Jasmine sendo uma virgem e não querendo gastar o seu cartão de V com Samson Sorensen ainda. Eu me perguntei como Samson se sentia sobre isso. Ele certamente parecia bastante feliz esfregando os ombros dela no quadrilátero no outro dia. Jasmine provavelmente tinha o Viking envolto no seu pequeno dedo, ansiando fazer qualquer coisa que ela quisesse – até mesmo esperar para ter sexo.

Uma vez que minha excursão pelo quarto estava completa, eu fui até uma pesada mesa de madeira que estava ocupando um espaço próximo a uma grande, cara TV e um par de prateleiras. A mesa era quase sempre onde as coisas boas estavam. Livros, documentos, canetas, revistas de moda. Toda a sua desordem normal cobrindo a superfície, junto com o laptop de Jasmine, meio enterrado debaixo do espaço entre as prateleiras. Jackpot¹².

Eu abaixei a manga do meu casaco com capuz para que ele cobrisse minha mão, agarrei o laptop, e o deslizei para dentro da minha bolsa carteiro. Eu não queria tocar no computador ainda. Não aqui. Eu não queria saber o que eu poderia ver com minha magia psicométrica, e eu não queria fazer algo estúpido – com começar a gritar se houvesse uma vibração ruim atada ao computador. Eu faria isso mais tarde, quando eu voltasse para meu próprio quarto no dormitório. Além disso, eu estive aqui vários minutos agora, e cada minuto a mais em que eu ficava adicionava o risco de alguém me flagrar.

Quando isso estava feito, eu vasculhei através das gavetas da mesa, ainda cuidadosa em não tocar nada com minhas próprias mãos. Mas não havia nada na mesa que não deveria estar ali e nada que eu pensei que eu pudesse obter um clarão de vibração.

¹² (Jackpot - é um prêmio acumulado em máquinas de cassinos ou em sorteios de loterias)

Então eu me movi e examinei as prateleiras que tomavam conta de parte de uma parede. Para minha surpresa, havia muitos livros ali – *muitos* livros. Jasmine não tinha me impressionado como o tipo de garota que amava ler. A coisa realmente bizarra era que todos os livros eram tipo... entediante. Manuais ou enciclopédias com títulos como *Poderes Comuns da Valquíria* e *Dominando a sua Magia*.

Talvez não fosse tão estranho para Jasmine ter esse tipo de livros. Talvez ela tivesse um poder além da sua inerente força Valquíria – magia que a permitia invocar relâmpagos do céu ou transformar pessoas em gelo com os globos oculares dela. Tudo bem, a maior parte das garotas mesquinhas tinha esse último poder de qualquer jeito, mas aqui na Mythos uns poucos estudantes realmente tinham a habilidade de congelar o que quer e quem quer que eles quisessem. Eu pensei de volta, mas eu não me lembrei de ouvir sobre Jasmine tendo qualquer tipo de poder especial, e eu nunca a vi fazer qualquer magia, como fazer nuvens de tempestades se reunirem sob nossa cabeça ou se enevoar subitamente deslizando para o outro lado do quadrilátero. Ainda assim, nenhum dos livros pareceu como se eles fossem divertidos de ler. Talvez eles fossem apenas para mostruário e nada mais. Eu apenas não podia ver Jasmine gastando seu tempo estudando feitiços, procurando magia, ou aprendendo sobre qualquer tipo de poder de Valquíria que ela pudesse ter tido.

Eu estava para me afastar dos livros quando um pequeno captou minha visão – *A História dos Grandes Artefatos*. A memória clicou dentro da minha mente. Espere um minuto. Noite passada na biblioteca, o Técnico Ajax tinha chamado a Tigela das Lágrimas de um Artefato com uma letra maiúscula *A* e um dos Treze, o que quer que isso signifique.

Curiosa, eu usei a manga do meu casaco de capuz para retirar o livro da prateleira. Um pedaço de papel azul estava preso no topo, quase como um marcador de página. Eu coloquei o pesado livro para baixo na mesa e folheei abrindo-o para aquela sessão – e fui recompensada com uma foto da Tigela das Lágrimas, junto com umas duas páginas contando tudo sobre a história e suposta magia e poderes mitológicos.

Meus olhos se estreitaram. Talvez Jasmine não fosse muito da vítima inocente em tudo isso como ela pareceu ser. Talvez... talvez ela realmente *ajudou* alguém a roubar a Tigela das Lágrimas antes dela ter sido morta. Professora Metis me disse que alguns alunos da Mythos tinham trabalhado com Ceifadores antes.

Por que mais Jasmine teria esse livro com essa página em particular marcada sobre a Tigela, se ela não estivesse envolvida nesse roubo de alguma forma?

Eu deslizei o livro para dentro da minha bolsa, bem ao lado do laptop.

Depois, eu caminhei até a parte final do quarto, pois eu queria olhar para – a lata de lixo debaixo da mesa.

Minha mãe sempre me disse que as pessoas deixavam muita coisa interessante no lixo. Coisas que você apenas não acreditaria que o pessoal não se incomodasse em esconder se você fosse um detetive fazendo buscas na casa de alguém e procurando por evidências por todas as coisas ruins que eles fizeram. Minha mãe sempre afirmava que as pessoas colocavam coisas dentro das latas e depois se esqueciam sobre elas, como se arremessar no lixo fosse o mesmo que ter despejado no depósito de lixo e enterrado para sempre.

Então eu tirei a lata debaixo da mesa e peneirei através dos conteúdos, ainda usando a manga do meu casaco com capuz para impedir realmente de tocar algo. A maior parte dele era o nosso normal, entediante lixo. Um tubo de gloss meio usado. Alguns tecidos amassados. Um saco de batata frita vazio. Mas havia uma coisa que era interessante – uma foto bem no fundo.

A foto tinha sido rasgada em dois, e eu peguei os dois pedaços, os virando, e os encaixei juntos.

Para minha surpresa, a foto não era da Jasmine. Ao invés, Morgan McDougall e Samson Sorensen sorriam para mim. Eles tinham seus braços um em volta do outro e estavam sorrindo para a câmera. A foto parecia como se tivesse sido tirada em algum momento da primavera no quadrilátero, por que as árvores atrás deles estavam verdes com folhas novas.

Eu franzi o cenho. Por que Jasmine rasgaria em dois essa foto em particular? Havia algo acontecendo entre Morgan e Samson? De acordo com os rumores que eu ouvi, Morgan tinha seus olhos em Samson, agora que Jasmine estava morta. Mas essa foto tinha que ter sido rasgada antes da noite passada, quando Jasmine tinha sido assassinada.

Nada fazia sentido. Nesse momento, eu tinha mais perguntas do que respostas – e um monte de problemas os quais eu poderia me meter se alguém me encontrasse espionando aqui.

Eu coloquei a foto rasgada dentro da minha bolsa com o resto das coisas que eu tinha coletado. Depois, eu me arrastei para a porta, procurando por vozes ou

passos do lado de fora. Eu não ouvi nada, então eu abri a porta e deslizei para fora, para dentro do corredor.

Eu saí pelo mesmo lugar que eu entrei, me apressando abaixo nos degraus e caminhando através da sala de estar principal. Mais algumas garotas entraram no dormitório por agora, mas nenhuma delas olhou para mim enquanto eu passava. Por sorte, eu não tinha que roubar um cartão de ID para sair do dormitório, então eu fui capaz de me empurrar através da porta da frente e debandar abaixo nos degraus e dar a volta por trás em direção ao caminho de paralelepípedos.

Eu olhei ao redor para ter certeza que ninguém estava me observando, depois segui dando a volta à lateral do prédio de pedra para que eu pudesse atravessar um dos quadriláteros menores e caminhar de volta ao meu próprio dormitório.

Eu estava quase saindo do Valhalla Hall quando uma janela no segundo andar abriu e uma mochila navegou para o lado de fora e despencou ao chão na minha frente. De alguma forma, eu sufoquei o grito surpreso dentro da minha garganta. Especialmente uma vez que a mochila foi seguida um segundo mais tarde por um cara que aterrissou em uma baixa, perfeita agachada. Ele ficou aos seus pés com facilidade, como se os seis metros da queda não fossem nada para ele, e eu vi quem ele era.

Logan ‘Pirado’ Quinn.

Estava mais escuro do que claro agora, e o Espartano parecia até mesmo mais perigoso nas sombras enegrecidas. A pálida, lua leitosa destacava mechas azuis no seu espesso, ondulado cabelo negro. Logan espanou umas poucas folhas para fora do seu jeans de marca, então olhou acima para me encontrar encarando-o. Seus olhos estreitos em seu rosto cinzelado.

— Bem, bem, se não é a garota Cigana aqui fora no escuro, completamente sozinha. A voz de Logan soou profunda e ameaçadora. — O que você está fazendo?

Eu apertei minha bolsa ao meu peito, como se isso fosse de alguma forma me proteger do Espartano e do fato de que ele podia me matar com seu dedo mindinho. — Não estou fugindo do quarto de alguma pobre garota como você obviamente está.

Ele se moveu para mais perto de mim, mas eu me segurei no lugar e não pisei para trás. Os lábios de Logan contorceram-se naquele divertido sorriso novamente. Ele deve ter percebido que eu estava com medo dele, apesar das minhas palavras ácidas.

Mas eu estava apenas um *pouco* assustada por ele, eu disse a mim mesma. E apenas por que Jasmine tinha sido assassinada e eu era aquela que encontrou o seu corpo. E, bem, talvez por que eu tinha acabado de invadir e fazer uma busca no seu quarto no dormitório e tinha o seu laptop na minha bolsa. Tudo bem, então talvez eu tivesse várias boas razões para estar sobressaltada, adicionando ao fato de que eu estava em pé aqui sozinha no escuro com Logan Quinn. O muito, muito, gostoso e perigoso Logan Quinn.

— Você está certa, — ele disse. — Eu tinha um encontro. E você? O que você está fazendo aqui fora?

Eu apertei minha bolsa com o computador roubado um pouco mais forte. — Nada. Eu estava apenas me encaminhando de volta ao meu dormitório. Nada, sério.

Nós nos encaramos. Os olhos de Logan estavam tão pálidos como o luar no seu rosto, mais prata do que azul agora, enquanto sua pele se assemelhava as estátuas de mármore que podiam ser encontradas em todos os prédios da academia. Fria. Distante. Dura. Perfeita.

— Bem, eu acho que eu vou fazer *nada* em algum outro lugar, — Logan falou pausadamente. — Talvez de volta ao meu quarto de dormitório. Você quer se unir a mim?

Eu não podia impedir a minha boca de cair aberta. O infame Logan Quinn tinha acabado de perguntar se eu queria voltar ao seu quarto com ele? Eu rebobinei os últimos segundos na minha mente. Sim, sim, ele tinha – no geral de dois minutos depois dele ter pulado para fora da janela do quarto de outra garota.

Nojo tomou conta de mim. Porco egoísta. Ele pensava que eu era fácil assim? Que eu dormiria com ele apenas por que ele pediu? Que eu era solitária assim e desesperada assim? Que ele era tão gostoso que nenhuma garota poderia resistir a ele? Meus olhos movimentaram-se sobre seu corpo musculoso novamente. Bem, talvez ele tivesse o direito de ser muito confiante ali.

Mas mesmo se eu fosse uma furiosa vadia como Morgan McDougall que dava apenas para se divertir, havia ainda o pequeno problema do meu dom Cigano. Apenas tocando uma escova de cabelo me fez gritar tão alto e tanto tempo que eu acabei no hospital. Sexo com alguém como Logan Quinn provavelmente fritaria meu cérebro de vez. Eu não tinha sequer beijado um cara em meses agora, desde quando eu terminei com Drew Squires, meu primeiro, e único, namorado de curta

duração. A última vez que nós nos beijamos, eu o senti fingindo que eu era Paige Forest. Eu o despachei imediatamente e ali mesmo.

— Então o que você me diz, garota Cigana? — Logan perguntou em uma suave voz. — Quer voltar para o meu quarto e fazer *nada* juntos?

— Desculpe, — eu estalei. — Eu acho que vou ligar para minha avó.

Ele ergueu uma sobrancelha. — A avó que pode decompor o pau de um cara?

Eu dei a ele um sorriso brilhante, embora eu me perguntasse se ele pudesse sequer vê-lo na escuridão. — A única e a própria. Eu vou me certificar de dizer a ela sobre *você*. Tenho que correr. Tchau.

Eu o contornei e apressei o passo, dessa vez nem sequer me preocupando com que tipo de aberração ele pensou que eu fosse. Mas antes de dar a volta na lateral do prédio eu olhei sob meu ombro.

Logan Quinn ainda estava em pé debaixo da janela da garota. Ainda me encarando. Ainda me observando.

Pode ter sido a minha imaginação, mas eu juro que pensei tê-lo visto sorrir novamente antes de eu circular a lateral do dormitório e ele desaparecer de vista.



8

MINHA CHANCE DE ME ENCONTRAR COM LOGAN QUINN ME ASSUSTOU tanto que eu praticamente corri todo o caminho de volta à Styx Hall. Era quase oito horas agora, e a escuridão tinha caído completamente na academia. O brilho dourado dos postes da rua que se enfileiravam na calçada e se amontoavam próximos aos prédios faziam pouco para banir as sombras pretas. Ou talvez isso fosse apenas por que eu roubei um laptop e outras coisas pessoais do quarto de uma garota morta e agora eu estava sentindo toda a culpa sobre isso.

Eu bati meu cartão de ID através da máquina e entrei no dormitório. Umas poucas garotas, Amazonas na maior parte, andavam na área comum no andar de baixo, mandando mensagens nos seus celulares, assistindo TV, ou ambos. Mais uma vez, ninguém prestou nenhuma atenção em mim enquanto eu subia as escadas. Eu duvidava que elas percebessem que eu vivia ali de qualquer modo.

Meu quarto no dormitório era o único no terceiro andar, enfiado em uma pequena torre circular que tinha sido adicionada ao prédio por alguma razão. As paredes eram retas, embora o telhado erguia-se como uma pirâmide acima da minha cabeça. Um par de grandes janelas panorâmicas fixava-se na torre, incluindo uma janela com um assento acolchoado que tinha uma incrível vista do campus e das Montanhas Apalaches que se erguiam sobre ele.

Meu quarto tinha as mesmas coisas que o quarto de Jasmine – uma cama, uma mesa, algumas prateleiras, uma minúscula TV – entretanto o meu não era nada perto de tão legal e caro como a dela. Mesmo assim, eu gostava dele. Vovó Frost tinha me ajudado a decorá-lo com todas as minhas coisas de casa, como meus posters da Mulher Maravilha, Karma Girl, e The Killers. Meu super grosso edredom xadrez de cinza e roxo cobria minha cama, junto com o grande macio travesseiro que eu gostava, enquanto vários enfeites de cristais Swarovski com formato de folhos de neve tintilavam nas janelas.

Os flocos de neve eram uma piada interna entre nós. Com um último nome como Frost, era meio que inevitável. Eu não podia sequer me lembrar quando isso começou, mas todo ano no Natal, Vovó me dava algo com um floco de neve nele e eu fazia o mesmo com ela. Ano passado, eu comprei para ela uma echarpe estampada com flocos de neve, e ela me deu os enfeites de flocos de neve em retorno.

Eles eram minhas coisas preferidas no quarto, junto com a foto da minha mãe que ficava na minha mesa, bem ao lado dos meus mais recentes gibis que eu estava lendo.

Eu abri uma pequena geladeira enfiada na base da minha cama e agarrei uma caixa de leite e alguns pedaços de rocambole de abóbora que Vovó Frost tinha mandado para mim, na volta para a academia. Depois, eu pesquei o laptop de Jasmine para fora da minha bolsa, junto com o livro e a foto que eu tinha pego do seu quarto, e coloquei tudo na minha mesa de madeira marcada. Enquanto eu engolia o leite e o deleite de abóbora com seu recheio doce de creme-cheese, eu pluguei o laptop na parede e esperei por ele iniciar.

Levou uma *eternidade*, ou talvez ele só parecesse dessa forma por que eu estava com tanta pressa para começar a surfar através dos arquivos de Jasmine. Finalmente, a bem vinda tela apareceu – e me pediu uma senha.

Eu terminei o meu leite e estalei meus nódulos. Depois, eu flexionei meus dedos e coloquei minha mão para baixo em cima do teclado, esperando pelas

vibrações e clarões me atingirem, preencherem minha mente da forma que elas sempre faziam.

Nada aconteceu.

Eu franzi o cenho. Não, isso não era bem verdade. A coisa aconteceu. Um par de imagens de Jasmine sentada na sua mesa gravando música e comprando online piscaram diante dos meus olhos. E eu senti... satisfação – o tipo de presunçosa satisfação que vinha de se obter exatamente o que você queria sem importar o quanto caro isso fosse. Jasmine realmente estava cobiçando aquelas lindas botas de salto agulha que ela comprou na semana passada.

O problema era que eu não consegui o grande tcham que eu normalmente conseguia quando eu tocava as coisas de alguém. Talvez eu devesse ter esperado por isso. Computadores eram um dos itens cotidianos que eu podia tocar sem obter muito de uma vibração, especialmente aqueles na biblioteca que eram usados por toneladas de garotos. Talvez Jasmine apenas não tivesse usado bastante o seu laptop para deixar muito de uma impressão de si mesma para trás. Talvez não houvesse nada interessante aqui. Talvez ela não tivesse nenhum profundo, segredo obscuro.

Talvez eu só tenha invadido o quarto de uma garota morta para nada.

Eu fechei meus olhos, buscando o meu dom Cigano mais uma vez, se esforçando em ver algo, em sentir algo, qualquer coisa que poderia me dar uma pista de quem teria matado Jasmine. Ou ao menos qual era a sua senha para que eu pudesse desbloquear o seu estúpido computador.

Eu obtive mais umas duas imagens de Jasmine encomendando coisas online – algo que parecia como uma faca extravagante ou um abridor de carta, junto com uma túnica escarlate incrustada com jóias. Eu tive a mesma sensação presunçosa de satisfação, mas foi isso. Nada mais.

Não havia nada nas imagens que me dizia a sua senha, o qual era o que eu realmente precisava nesse momento. Eu poderia ser experiente o bastante para abrir uma fechadura solta de armário, mas eu não era letrada o suficiente em computação para saber como invadir o sistema de alguém. Eu precisava de ajuda com isso, o qual era um grande, grande problema. Não era como se eu tivesse um amigo aqui na Mythos que eu pudesse apenas ligar e pedir por um favor.

Não era como se eu tivesse nenhum amigo aqui.

Mas eu vim até aqui. Eu não estava indo deixar alguma estúpida senha me impedir. Então eu liguei meu próprio laptop e o usei para conectar com o Web

site da academia, clicando através de várias páginas e links até eu encontrar o que eu queria – uma lista de todos os garotos no Clube Tecnológico.

Mythos poderia ser um lugar de magia, mas ele também vinha a ser habitado de adolescentes, alguns cujos pais eram donos de companhias de computação e alguns que vinham a ser os próprios hackers dos sistemas. Para toda a surreal magia fora de moda, os Poderosos que Eram a academia perceberam que a tecnologia não estava indo embora e tinha ficado com o tempo. Daí o estabelecimento do Clube Tecnológico.

Então tudo o que eu tinha que fazer era encontrar alguém ansioso por me ajudar a arrombar o computador de Jasmine e ficar calado sobre isso depois do fato –

Meus olhos espiaram um nome perto do topo da lista alfabética. Eu pisquei, me certificando que eu estava vendo isso direito. *Ela* estava no Clube Tecnológico? Sim, ela estava, o que significava que toda essa coisa poderia realmente ser mais fácil do que eu pensei. Eu olhei para o nome e sentei ali um minuto, pensando sobre isso.

Depois, eu sorri. Oh, sim. Essa parte ia realmente ser *divertida*.

Eu estava nos fundos do refeitório no dia seguinte no almoço, procurando por ela. Como tudo mais na academia, o refeitório era *totalmente* pretensioso. Ao invés de longas mesas laranjas de plástico como na minha antiga escola, a cafeteria da Mythos apresentava mesas redondas cobertas com toalhas branco creme de linho, porcelana fina, e vasos de cristal cheios de flores de narcisos frescas. As mesas eram reorganizadas em volta de um jardim grande e circular ao ar livre que exibiam videiras torcidas, junto com laranjeira, oliveira, e amendoeira. Estátuas de mármore de deuses e deusas como Dionísio e Demeter se aproximavam da vegetação, observando os alunos comerem. Armaduras polidas enfileiravam as paredes, junto com mais pinturas a óleo mostrando vários banquetes mitológicos. Alguém realmente se importava sobre a atmosfera aqui, entretanto eu não sabia porque. Era como almoçar em um museu.

E a comida? Era tão extravagante e frou-frou como tudo mais. Nós estamos falando de vitela e fígado e escargot e outras coisas que eu nem sequer reconhecia. Quem queria engolir caracóis gosmentos de almoço? Eca. As saladas eram cerca de a única coisa no cardápio que eu ainda comia, e apenas porque era muito difícil estragar com vegetais crus. Mesmo assim, os chefes na Mythos tentavam, sempre esculpindo as cenouras em elaborados formatos e moldando os tomates em rosetas.

Mas as coisas mais extravagantes eram as sobremesas. Quase todas elas vinham em suas próprias tigelas para serem servidas, eram ridiculamente pequenas, e eram servidas flambadas. Sério. Um chefe aparecia e colocava fogo no seu soufflé de chocolate com cereja em tamanho miniatura, se é assim que ele pensava como deveria ser servido. Enfim. Eu preferiria ter uma lata de cookies de aveia recém assados da Vovó Frost todo dia. Ao menos então eu não teria que me preocupar sobre ter minhas sobrancelhas chamuscadas por que eu precisava corrigir o açúcar.

Eu terminei comendo minha usual salada com frango grelhado cinco minutos atrás, e agora eu estava procurando pela pessoa que ia me ajudar a invadir o laptop de Jasmine, mesmo se ela ainda não soubesse disso.

Me levou outros dois minutos escaneando a multidão antes de eu localizá-la sentada no lado distante do refeitório, um livro na mesa a sua frente, apesar dos seus olhos pretos estarem fixos no nerd membro da banda perto dela. Eu enrolei meu caminho através das mesas, seguindo em direção a eles.

— ... e então você vê, há muito de simbolismo em *A Ilíada*, — Carson Callahan prelecionou em uma voz paciente. — Tudo o que você tem que fazer é escolher o seu deus favorito ou herói e eu tenho certeza que eu posso ajudar você a bolar algo para escrever o seu artigo de literatura Inglesa.

Daphne Cruz deu ao objeto da sua afeição um sorriso deslumbrante que a retribuíra de meramente linda à fracamente esplendorosa. — Você é tão esperto, Carson. Tudo isso é apenas jargão pra mim.

Daphne se aproximou um pouco ao nerd membro da banda e colocou sua mão no braço dele. As sobrancelhas de Carson alargaram atrás dos seus óculos de armação preta e ele piscou várias vezes. Os dois estavam perdidos em seu próprio mundinho.

Eu limpei minha garganta. — Sinto muito em interromper.

Com o som da minha voz, eles se assustaram e pularam para trás, se afastando um do outro, como se eles estivessem fazendo algo que eles não deveriam estar. A cabeça de Daphne estalou para cima para mim, apesar de Carson continuar olhando para ela.

— Então por que você interrompeu? — Daphne perguntou em uma baixa, desagradável voz.

Ela bateu uma unha no seu livro, e faíscas de cor rosa tremularam no ar. A Valquíria estava irritada comigo por interromper o seu pseudo-encontro com a sua paixonite.

Eu sorri para ela. — Por que eu preciso falar com você, Daphne. Sobre aquele projeto especial que nós fomos designadas para a aula de história-mítica.

Ela franziu o cenho. — Que projeto? Você nem sequer está na minha aula de história-mítica —

— Você sabe. Aquele sobre qual nós conversamos no banheiro das garotas no outro dia. Foi bem antes de eu dizer a você sobre aquele bracelete de berloques que eu encontrei para o Carson. — eu olhei para o nerd membro da banda. — Como ele funcionou para você, Carson? Você e Letta?

Apesar da pele morena dele, o nerd membro da banda ainda corava com um interessante tom de vermelho-púrpura. — Um, bem, eu realmente não fiz, ah, nada sobre isso ainda, Gwen.

— Bem, é melhor você se apressar, — eu disse. — O baile de dança é na Sexta à noite. Você não iria querer ir sem um par, agora, você iria?

Os olhos da Daphne se estreitaram, e seu lábio brilhoso de rosa pressionou em uma linha que era tão forte que eu não podia sequer vê-los mais no seu rosto.

— Carson, — Daphne disse em uma aparentemente voz doce. — Eu realmente tenho que falar com Gwen. Talvez nós pudéssemos nos encontrar mais tarde? Antes do último período e conversar sobre meu artigo um pouco mais?

— Claro, — Carson disse.

Daphne e eu continuamos nos encarando. A cabeça de Carson oscilou para trás e para frente entre nós duas, não certo do que estava acontecendo. Finalmente, entretanto, depois de cerca trinta segundos de absoluto silêncio, ele teve a ideia de que ele deveria partir.

— Tudo bem, então, eu vou apenas... ir, — ele disse.

Carson se levantou e começou a reunir os livros e documentos na sua mochila, antes dele enrolar a alça sobre seu ombro. Ele me deu outro olhar antes de encarar para baixo à Daphne. A Valquíria estava muito ocupada olhando fixamente para mim para perceber, mas uma triste, silenciosa saudade rastejou no olhar do nerd membro da banda enquanto ele olhava pra ela. Encantador, mas eu não tinha tempo para o drama Romeu e Julieta nesse momento.

— Tchau Carson, — eu disse em uma firme voz, estimulando-o ao seu caminho.

Carson se estalou de fora da sua veneração silenciosa pela Valquíria. — Um, tchau, Gwen.

Carson deu a Gwen mais um olhar saudoso, depois enroscou o seu caminho através das mesas e seguiu para fora do refeitório.

Eu esperei até que Carson estivesse fora de vista antes de eu me sentar no seu lugar. Perto a mim, Daphne guardou seus próprios livros e documentos tão rápido quanto ela pode, provavelmente na intenção de me deixar sentada ali sozinha uma vez que eu despachei a sua paixão.

— Essa foi uma ceninha acolhedora, — eu disse em uma voz derretida. — Eu não sabia que você era tão paqueradora, Daphne.

A Valquíria me deu um olhar que teria cortado vidro. — Eu não estava paquerando o Carson.

— Oh, eu tenho certeza que você estava. Você praticamente estava batendo seus cílios para ele. E aquele movimento *mão-no-braço*? Uma *clássica* técnica de paquera. Executada muito bem, a propósito. Morgan McDougall deu algumas dicas a você? Eu ouvi que ela é bastante popular com os caras.

Daphne brilhou para mim, mas ela não negou nada disso. Ela sabia que não havia utilidade, não depois da confissão que ela me deu no banheiro das garotas no outro dia. Ela suspirou, inclinando-se de costas na sua cadeira, e cruzando seus braços sobre seu peito.

— O que você quer, Gwen Frost? — ela estalou. — Eu tenho um artigo de literatura Inglesa para escrever, se você não ouviu.

— Eu quero que você me ajude com algo.

Ela soltou um bufar zangado. — E o que seria isso?

Eu olhei ao redor para ter certeza que ninguém estava prestando atenção em nós, então me inclinei adiante. — Eu quero que você me ajude a desvendar a senha do laptop de Jasmine.

Daphne franziu o cenho, como se ela não entendesse o que eu acabei de dizer. — O laptop de Jasmine? Como você sequer —

Seus olhos pretos se alargaram. — Você o tem! Você tem o laptop dela! Sua ladrazinha obscena!

— Sshh! — eu assobieei, olhando em volta para me certificar que ninguém tivesse ouvido-a. — Não tão alto. Eu estou tentando manter isso em segredo. Mas sim, eu tenho o laptop dela. E algumas outras coisas, também.

— O que você está fazendo com o laptop de Jasmine? — Daphne estalou. — Você vai penhorá-lo e comprar mais alguns desses estúpidos casacos com capuz que você está sempre usando?

— Não, — eu disse na mais calma voz que eu consegui. — Eu quero ver o que está nele então eu posso descobrir quem matou Jasmine.

Daphne franziu o cenho, mas ela não disse nada. Ao invés a Valquíria sentou ali olhando para mim, como se ela não pudesse acreditar no que ela estava ouvindo. — Todos sabem que um Ceifador matou Jasmine para que ele pudesse roubar a Tigela das Lágrimas. Quem quer que ele fosse, o cara se foi há tempos agora.

Eu dei de ombros. — Talvez. Mas eu vejo coisas, se lembra? E eu tenho uma estranha sensação sobre tudo isso.

O franzido de Daphne se aprofundou. — Mas por que você sequer se importa com o que aconteceu com Jasmine? Ela não era uma amiga sua. Você nem sequer a *conhecia*.

— Não, — eu respondi em uma voz suave. — Mas eu estava lá naquela noite na biblioteca quando ela foi morta. E podia tão facilmente ter sido eu quanto ela deitada debaixo daquela caixa de vidro com minha garganta cortada e sangue em todo o lugar.

Eu inspirei um fôlego e disse a Daphne o que realmente aconteceu naquela noite. Como eu estava na biblioteca, ouvi um barulho, e encontrei o corpo de Jasmine. Um calafrio deslizou-se na minha coluna enquanto eu terminava a minha história. Era um pensamento sobre o qual eu nem sequer me deixava pensar muito até agora, mas era verdade. Quem quer que roubou a Tigela das Lágrimas era a mesma pessoa que matou Jasmine e me nocauteou. Então por que ele não tinha parado a tempo de cortar a minha garganta também? Por que ele não tinha me matado, também? Dessa forma, não haveria nenhuma testemunha.

— Olha, — eu disse em um voz silenciosa, — Todos pensam que foi algum Ceifador anônimo que matou Jasmine e pegou a Tigela das Lágrimas. Mas Professora Metis me disse que Ceifadores podem ser qualquer um, até mesmo alunos da Mythos. E se não fosse algum misterioso vilão? E se fosse alguém com quem nós temos aula? Isso me enlouquece.

Daphne não disse nada, mas eu podia ver o acordo piscando em seus olhos.

— Eu uso meu dom Cigano para encontrar coisas para as pessoas, então eu pensei que me intrometendo um pouco veria se eu pudesse descobrir o que

realmente aconteceu. Então sim, eu invadi o quarto no dormitório de Jasmine na noite passada e peguei o seu laptop, esperando encontrar algum tipo de pista nele. Algo que ao menos me dissesse por que ela estava na biblioteca. Talvez isso me torne uma ladra, mas pelo menos eu estou tentando; pelo menos eu estou fazendo *algo*. Todos mais nem sequer parecem se importar que ela esteja morta. Você era uma das suas amigas. Você pode dizer o mesmo?

Culpa tremulou de um lado ao outro do rosto de Daphne antes que ela pudesse escondê-la.

A Valquíria loira me encarou, seus dedos batendo na toalha de linho da mesa e disparando faíscas de magia na cor rosa em todos os lugares. — Então por que vir a mim? Por que pedir para eu ajudar? Além do fato de que eu sou uma das amigas de Jasmine?

— Por que eu sei que você está no Clube Tecnológico, o que significa que você provavelmente pode passar pela senha sem problema. E por que eu sei algo de você, o que significa que você irá se manter quieta sobre tudo isso.

Seu rosto de apertou. — Carson.

Eu assenti. — Carson.

Eu não disse a ela o que iria acontecer se ela não concordasse em me ajudar. Daphne sabia muito bem. O rumor se espalharia através da academia como um incêndio, que ela tinha uma paixão por Carson Callahan, de todas as pessoas. Seria viral em cerca de cinco segundos, e ela seria o motivo de chacota de toda a escola. Ao menos por essa semana.

Ela suspirou. — O que você quer que eu faça, Gwen?

— Venha ao meu quarto depois do último período hoje. Me ajude a arrombar a senha no laptop e você nunca terá que falar comigo novamente.

— E você não irá contar a ninguém? — ela perguntou. — Sobre Carson.

Eu sacudi minha cabeça. — Nenhuma alma.

Daphne olhou para mim, tentando ler meu rosto e descobrir se eu estava dizendo a ela a verdade ou não. Depois de um minuto, a Valquíria convenceu-se, por que ela parou de dedilhar seus dedos na mesa.

Ela suspirou e assentiu.

— Tudo bem. Eu farei isso. Não por que eu estou com medo de você ou de qualquer rumorzinho que você possa começar, mas por que Jasmine era minha amiga. Tudo bem?

— Tudo bem.

Eu escrevi o número do meu quarto e o meu dormitório e disse a ela para me encontrar ali mais tarde.

— Eu mal posso esperar, — Daphne murmurou antes de deslizar o pedaço de papel dentro da sua gigante bolsa Dooney & Bourke.

— Sim, — falei arrastadamente. — É quase como se nós já fôssemos BFFs¹³.

A Valquíria me deu um olhar obsceno antes dela pendurar sua bolsa sobre seu ombro e espreitar para fora do refeitório.

¹³ (BFFs – Best friends – melhores amigas)



9



RESTO DO DIA SE *ARRASTOU*, ESPECIALMENTE NA AULA DE HISTÓRIA - mítica da Professora Metis. Eu olhei para fora da janela novamente, me perguntando se Daphne realmente iria aparecer no meu quarto de dormitório e me ajudar com o computador de Jasmine ou se a Valquíria me daria um bolo e me deduraria para alguém –

— ... dada a terrível tragédia e choque que todos nós experimentamos, eu acho que nós deveríamos falar sobre a Tigela das Lágrimas hoje e da sua importância na Guerra do Caos. — A voz suave de Metis se interrompeu dentro dos meus devaneios.

Minha cabeça estalou ao redor para ela. Metis ia falar sobre a Tigela? Aquela que tinha sido roubada? Isso poderia realmente ser útil, ao invés de falar sobre

coisas habituais que ela continuava e continuava e *continuava*. Toda a conversa sobre deuses e deusas e prodígios garotos guerreiros que eu não acreditava muito. Ao menos, que eu não acreditava muito antes dessa semana. O veredito ainda não havia sido dado quanto a isso.

Eu não fui o único jovem que estava subitamente mostrando mais interesse. Todos sentaram-se eretos e olharam fixamente para a professora.

Metis nos pediu para ir à página 379 no nosso livro de história-mítica. Eu virei para a página, e ali estava – uma ilustração da Tigela das Lágrimas, a mesma tigela que Nickamedes me mostrou na biblioteca. Ela parecia a mesma como eu me lembrava. Redonda, marrom, amorfa, plana. Não tinha muito formato de nada, certamente, não como algum poderoso artefato que valia a pena morrer por ele.

— Loki sempre foi um deus trapaceiro, fazendo brincadeiras com seus companheiros deuses e mortais, mas eventualmente, sua travessura virou-se para o mal, e seus truques se tornaram cruéis. Dentre os seus muitos crimes, Loki foi responsável pela morte de Balder, o deus Nórdico da luz. Loki enganou um outro deus em arremessar uma lança de visco em Balder, o qual perfurou Balder no coração e o matou, — Metis explicou. — Como parte da sua punição por isso e seus outros crimes, Loki foi acorrentado abaixo de uma gigante víbora ou cascavel, que constantemente gotejava seu veneno em cima do rosto dele. Uma forma bem rigorosa de tortura. Loki deveria ficar ali por todo o tempo, trancafiado para que então ele não pudesse ferir nunca mais, novamente. Mas, claro, ele eventualmente enganou Sigyn, sua esposa, em soltá-lo, e escapou.

— Então aonde a Tigela entra? — uma garota do outro da sala perguntou.

Metis sorriu. — Paciência, Skylar. Nós vamos chegar a isso. Agora, a Tigela que vocês vêem nos seus livros é aquela que Sigyn usou para coletar o veneno da cobra. Apesar dos crimes dele, Sigyn amava Loki muito, muito mesmo, e ela estendeu a Tigela sob a cabeça dele, pegando tanto do veneno quanto ela podia pegar para impedir de gotejar no seu marido e queimá-lo. Mas ao ficar ali de pé Sigyn também se expôs ao veneno, ao qual queimou severamente suas mãos e braços.

Soou para mim como se Sigyn fosse meio... idiota. Loki era aquele que conseguiu que outro deus fosse morto, não ela. Ela deveria tê-lo deixado ser punido por isso, não tentado diminuir a dor dele, deixando-o escapar, e ferindo-se no processo. Ou talvez eu estivesse sendo apenas sanguinária uma vez que os tiras

nunca pegaram o motorista bêbado que chumbou no carro da minha mãe. Eu não teria me importado em vê-lo, quem quer que ele fosse, acorrentado debaixo de uma cobra gigante com veneno, ácido, ou qualquer coisa pingando por todo o seu rosto.

— Quando a Tigela enchia, Sigyn tinha que esvaziá-la, o que deixava o veneno pingar livremente em cima do rosto de Loki, causando sua inimaginável dor. Quando Sigyn voltava com a Tigela vazia, antes que ela erguesse-a novamente, as lágrimas de Loki caiam dentro dela, misturando-se com o veneno. Isso é o porquê dela ser chamada de Tigela das Lágrimas, — Professora Metis finalizou.

Ela nos pediu para virar a página. Ali uma ilustração mostrava uma cobra gigante curvada ao redor de uma árvore, sua cabeça pendurada para baixo, sua mandíbula aberta tão amplamente para revelar suas presas curvas, uma gota de um fluído saindo do final de cada uma delas.

Loki encolhido debaixo da cobra. O desenho de caneta à tinta mostrou o deus em super agonia, sua boca aberta em um grito silencioso, os músculos do seu pescoço e braços abaulados com a tensão de tentar se libertar das correntes mágicas que o prendiam. Suas feições estavam borradas no desenho, mas metade do seu rosto pareceu como se estivesse derretido para fora. Por causa do veneno, eu suponho.

— Então, nós sabemos por que Loki estava acorrentado pela primeira vez – suas ações resultaram na morte de outro deus. Mas por que Loki foi acorrentado uma segunda vez, séculos mais tarde e por que ele permanece aprisionado até agora? — Professora Metis perguntou.

— Por que ele começou a Guerra do Caos. — Carson começou a falar na minha frente.

— Sim e não, Carson, — Professora Metis respondeu. — Loki foi acorrentado por que ele *era* o Caos. Cada um dos deuses tinha seu próprio lugar na ordem natural das coisas. Loki era um deus trapaceiro. Mas Loki quis mais do que apenas pregar peças – ele quis *dominar* os outros deuses. Dominar todos e tudo, deuses, mortais, e todas as criaturas no meio. Loki era esperto e muito, muito inteligente. Ele sabia que ele não podia derrotar os outros deuses por si só. Ele não tinha o poder para isso. Então ele começou a falar com os outros – deuses, mortais, e todas as criaturas entre eles – sussurrando de como as coisas seriam diferentes, de como as coisas seriam muito *melhores*, se ele estivesse no comando. Ele foi de ser

um deus trapaceiro à sementeira da discórdia, em virar as pessoas uma contra as outras, em fazê-las desejar o poder e fazer tudo para consegui-lo – até mesmo matando uns aos outros.

Eu tive a impressão que era um pouco mais complicado do que tudo isso, que talvez Metis estivesse banalizando isso para as nossas mentes adolescentes, mas eu captei a essência das coisas. Loki: mal. Outros deuses: bons.

— Eventualmente, Loki convenceu outros a seguirem-no, e ele criou o seu próprio exército de deuses, criaturas, e guerreiros mortais. Ele os chamava de Ceifadores do Caos. E quando ele tinha bastante seguidores, quando ele acumulou poder suficiente, Loki saiu do esconderijo, se ergueu com seu exército, e desafiou os outros deuses, que se uniram com seus próprios guerreiros e criaturas para formar o Panteão, — Professora Metis continuou, — Então os Ceifadores lutaram com os membros do Panteão, e o mundo mergulhou na Guerra do Caos. Irmãos se viraram contra irmãos, irmãs contra irmãs; famílias eram despedaçadas, escravizadas, ou pior. Ela durou pela melhor parte de um século, e Loki estava na cúspide da vitória quando um dos deuses ousou desafiá-lo a um combate individual. E quem era esse deus?

Nike, a deusa Grega da vitória. De alguma forma, eu sabia a resposta mesmo antes de Metis dizer as palavras.

— Nike, a deusa Grega da vitória, — ela terminou. — Loki gargalhou, mas ele concordou com a solicitação de Nike, que o vencedor da batalha iria também vencer a guerra. O que significa que a Guerra do Caos ou iria parar ou consumir todo o mundo.

A essa altura, todos nós estávamos nas beiradas dos nossos assentos, até mesmo eu, Gwen Frost, a garota Cigana que realmente não acreditava em nada disso. Todos nós queríamos ouvir como terminava, com Loki foi derrotado quando toda a esperança estava perdida. Mesmo se não fosse verdade, ainda era uma ótima história, tão boa quanto qualquer um dos meus gibis que eu escondia no meu dormitório.

— Claro, Loki pensou que ele venceria, — Metis disse. — Ele tinha tornado-se impossivelmente forte naquele ponto, e nenhum deus, guerreiro, ou criatura podia elevar-se contra ele. Mas ele se esqueceu de uma pequena coisa – que Nike era a deusa da vitória.

— E daí? — um cara Viking perguntou atrás de mim. — O que importa se ela era a deusa da vitória, se Loki tinha todo esse poder?

Isso era muito parecido como a coisa que eu estava pensando. Mas ao invés de ficar chateada pela pergunta dele, Professora Metis deu a ele um sorriso triunfante.

— Por que Nike é muito mais do que uma simples deusa da vitória — ela é a própria personificação disso, o próprio *espírito* disso. Apenas da forma como cada deus é a essência de algo. Nike é a vitória por si só, e mais, ela nunca pode ser derrotada.

Metis pausou, permitindo que todos nós tentássemos enredar nossas mentes naquela estranha afirmação. Nike, uma deusa guerreira extraordinária. Entendi. Como Xena, porém muito mais legal.

— Mas Nike não estava sem ajuda. Ela levou sua ótima espada da vitória para a batalha, junto com um escudo especial dado a ela por um dos reis Espartanos. E havia outros artefatos que os membros do Panteão usavam para superar os Ceifadores. Com Nike todo o tempo como uma guerreira solitária, havia uma guarda pessoal que matavam todos aqueles no caminho dos deuses para que ela pudesse alcançar Loki ilesa. Loki, claro, sendo um trapaceiro que ele era, tentou ter Nike assassinada antes que ela pudesse alcançá-lo para a sua batalha, mas a guarda de Nike impediu isso de acontecer.

Metis pausou por um momento para recuperar o fôlego. Um resplendor róseo pintou suas bochechas bronzeadas, e seus olhos verdes brilharam atrás dos seus óculos de armação prata. Isso foi o mais excitado e animado que eu alguma vez vi um professor. Ela deveria realmente gostar de falar sobre essa batalha em particular. Ela certamente estava fazendo isso ganhar vida para mim.

— Então Loki e Nike lutaram uma grande batalha. E não foram somente eles dois sozinhos, lutando. Todos os outros seguidores estavam ali também. Ceifadores e membros do Panteão. Alguns historiadores afirmaram que a batalha durou dias; outros dizem que foram semanas. Mas quando ela finalmente chegou perto bastante de um desfecho, Nike fez o que nenhum outro deus podia fazer — ela derrotou Loki.

Nós viramos para a próxima página no nosso compêndio, e ali estava um desenho de caneta à tinta de Nike.

A deusa se erguia sobre um homem no chão debaixo dela. Seu pé calçado com sandália descansando no peito dele, sua espada contra sua garganta. Um escudo redondo pendurava para baixo no lado dela. Ela parecia orgulhosa, forte, e de

alguma forma séria, tudo ao mesmo tempo. Apesar disso ser apenas um desenho, havia um frio, forte, terrível tipo de beleza nela.

Sua figura majestosa estava em contraste afiado ao homem nos seus pés — Loki. Ele parecia o mesmo como ele pareceu na outra ilustração. Sua boca aberta em um grito de raiva, seus olhos estreitos como os fendidos das serpentes, suas feições derretidas distorcidas em algo escuro, perigoso, e feio.

Por um momento, a imagem tremulou na minha frente, as figuras se movendo para trás e para frente como se elas fossem reais, como se eu estivesse realmente ali assistindo a batalha com meus próprios olhos. Eu podia sentir o cheiro do sangue, sentir o denso cheiro de fumaça entupindo meus pulmões, ouvir as maldições depravadas de Loki soando nos meus ouvidos —

Eu pisquei. As sensações desapareceram, e eu estava mais uma vez olhando para a simples ilustração. Isso foi um pouco assustador. Eu me inclinei para longe do livro. Tudo bem, muito assustador.

— Depois da batalha, Nike e seus seguidores acorrentaram Loki mais uma vez, selando-o longe desse mundo, a realeza mortal, com a ajuda dos artefatos que eles e os Ceifadores tinham criado. Até esse dia, Loki permanece aprisionado. Mas ele ainda tem seus seguidores, seus Ceifadores, pessoas, deuses, e criaturas que querem libertá-lo e mergulhar o mundo em uma segunda Guerra do Caos. O que é por que todos vocês estão aqui.

O olhar brilhante de Metis foi de aluno por aluno, rosto a rosto, até ela ter olhado para todos na sala, incluindo a mim. — Todos vocês são descendentes dos melhores guerreiros do Panteão, estão aqui para aprenderem como controlar e atrelar sua magia e habilidades de luta para que vocês possam proteger o mundo dos Ceifadores e impedi-los de libertarem Loki e mergulhar todos nós em uma segunda Guerra do Caos —

O sinal tocou, interrompendo o resto da palestra de Metis, mas ela cativou toda a aula com seu falatório. Vários alunos piscaram, se sacudindo do feitiço das suas palavras, antes de alcançarem suas mochilas. Eu fiz o mesmo.

Eu fiquei de pé e comecei a avançar para a porta com os outros quando Metis gesticulou para mim.

— Gwen, — ela disse. — Fique um minuto, por favor.

Eu fiz o que ela me pediu, afundando-me de volta no meu assento. Poucos dos outros jovens, incluindo Carson, olharam para mim, pensando que eu estivesse em algum tipo de problema. Eu me perguntei se Metis sabia que eu invadi o

quarto no dormitório de Jasmine e surrubei o seu laptop. Que era a única coisa que eu fiz que me colocaria em um problema mais grave. Mas como Metis saberia sobre isso? Não havia maneira dela saber, ao menos que Daphne Cruz tivesse me denunciado para ela.

Professora Metis esticou alguns papéis no seu pódio de madeira, depois se aproximou e se empoleirou em uma mesa na minha frente. — Nós não tivemos a chance de conversar ontem, mas eu quis perguntar como você está indo, Gwen. Eu sei que o que aconteceu na biblioteca... que encontrar o corpo de Jasmine foi um grande choque pra você.

Então ela não sabia que eu invadi o quarto da Valquíria depois de tudo. Eu tentei não demonstrar meu alívio. — Eu estou bem, eu suponho. Apenas tentando... lidar com isso, da minha própria maneira.

Eu não disse a ela que minha própria maneira envolvia arrombar, entrar e chantagear. Até agora. O dia ainda não tinha terminado.

Professora Metis olhou para mim, seus olhos verdes suaves e bondosos. — Bem, se você quiser falar sobre isso, ou qualquer outra coisa, qualquer coisa mesmo, por favor saiba que eu estou sempre aqui pra você, Gwen.

Por um momento, eu me perguntei por que ela estava preocupada comigo. Sim, eu tinha meio que testemunhado um assassinato, e eu imagino que Metis era apenas uma boa pessoa assim. Mas eu nunca vi a professora até o dia em que ela apareceu na casa da minha avó e anunciou que eu estava indo para a Mythos. Agora, pareceu como se ela estivesse tendo um interesse especial em tudo o que eu dizia e fazia – dentro e fora da sala.

— Um, tudo bem. Então eu posso ir agora? — eu perguntei, me deslocando no meu assento. — Eu tenho um, ah, compromisso.

Metis sorriu. — Claro. Eu só queria me certificar que você estivesse bem. Eu sei que vir à Mythos esse ano tem sido um bocado de um ajuste pra você, Gwen.

Eu soltei um suave bufar. Ela não tinha ideia. Nenhuma ideia.

Metis foi de volta para cima no seu pódio. Eu fiquei de pé, peguei minha bolsa, e comecei a partir. Mas então eu pensei sobre algo que Metis disse durante a sua palestra. Algo que esteve me incomodando uma vez que eu vim à academia dois meses atrás.

— Professora?

— Sim, Gwen, — ela disse, virando-se para me olhar.

— Então se tudo o que você disse foi verdade sobre todos os jovens na Mythos serem descendentes de todos esses grandes guerreiros, então por que eu estou aqui? Eu não sou uma Valquíria ou uma Amazona ou uma Espartana ou um Viking. Eu não sou nada como isso. Eu sou apenas uma Cigana. Não havia grande guerreiro na minha família, ao menos não que eu saiba.

Alguma emoção piscou nos olhos de Metis, mas eu não pude muito ver o que era através dos seus grossos óculos. A professora me encarou por vários segundos antes dela falar novamente.

— Nem todos na Mythos irão vir a ser grandes guerreiros, — Metis finalmente disse. — Alguns serão curadores, estudiosos, ou professores. Há muitas maneiras de lutar com Ceifadores, e nem todas elas envolvem usar uma espada. Você tem os seus próprios dons, Gwen. Você é especial na sua própria maneira. Você está aqui na Mythos para que nós possamos ensinar a você como levar ampla vantagem dos seus poderes, da sua psicometria. É um dom muito raro, você sabia, um toque de magia.

Toque de magia? Eu me perguntei o que Metis quis dizer com isso, uma vez que eu nunca ouvi minha psicometria sendo chamada assim antes. E não, eu não sei o quanto raro isso era por que ninguém nenhuma vez me disse. Era apenas algo que eu podia fazer, algo que me fazia uma Cigana, o que quer que realmente fosse. Todos pareciam saber além de mim.

Metis se voltou aos documentos no seu pódio, e eu percebi que ela não ia me dar nada mais de uma resposta além disso. Ao menos, não hoje.

Então eu pendurei minha bolsa carteiro sobre meu ombro e deixei a sala de aula, mais uma vez com muito mais perguntas do que respostas sobre quem eu era, o que eu podia fazer, e por que eu estava presa aqui na Mythos Academy — um lugar onde eu tão obviamente não pertencia.



Io

DEPOIS DA AULA, EU CAMINHEI ATÉ O SYXX HALL PARA ESPERAR PELA Daphne Cruz aparecer e me ajudar a arrombar a senha da Jasmine Ashton como ela prometeu. Para minha surpresa, a Valquíria loira já estava sentada na frente dos degraus do meu dormitório quando eu cheguei ali.

— Você veio realmente, — eu disse, caminhando para onde ela estava sentada.

Ela encolheu de ombros. — Você não me deu exatamente uma escolha, deu, Gwen? Então vamos acabar com isso.

Eu bati o meu cartão de ID através do escâner, abri a porta, e gesticulei para Daphne me seguir para dentro. — Entre. Meu quarto é no terceiro andar.

Eu conduzi Daphne para cima nos degraus ao meu quarto na torre. Eu entrei, arremessei minha bolsa na cama, e me sentei na cadeira da minha mesa, bem debaixo do pôster emoldurado da Mulher Maravilha.

Daphne ficou na entrada da porta, seus olhos pretos escaneando tudo, apenas da mesma maneira que eu fiz no quarto de Jasmine na noite passada. Por um momento, eu olhei para as minhas coisas, vendo-as com uma nova perspectiva. Minha cama com seu edredom roxo e cinza e travesseiros arredondados. Os

enfeites de cristal em flocos de neve nas janelas se arremessando em minúsculos arco-íris de cores. As estantes repletas de títulos de fantasia. As pilhas e pilhas de gibis e quadrinhos na minha mesa. Os pôsteres de super-heróis engessados nas paredes. O pacote meio comido de bala de gelatina de ursinho na minha mesa de cabeceira que eu comi na noite passada antes de ir pra cama.

Eu me encolhi. Merda. Eu esqueci que completo ninho nerd meu quarto era. Daphne era a única outra pessoa que esteve aqui além de mim e de Vovó Frost, quando ela me ajudou a me mudar dois meses atrás. A Valquíria ia pensar que eu era até mesmo mais perdedora do que ela já pensava. Ótimo.

Depois de um minuto encarando, Daphne pisou para dentro do quarto e fechou a porta atrás dela.

— Onde está o computador de Jasmine? — ela perguntou.

Eu mostrei a ela onde eu o coloquei em cima da minha mesa. — Bem ali.

Eu me levantei para que Daphne pudesse sentar na minha cadeira e ter acesso mais fácil ao laptop. Eu me empoleirei na cama enquanto ela abria o computador e o ligava. Quando o sistema iniciou, a Valquíria olhou para a tela com a senha por alguns segundos antes de começar a digitar.

— Tudo bem, bebê, — Daphne murmurou. — Fale com a Mamãe e me conte todos os seus segredos...

Tudo bem, isso era um pouco estranho. Eu não queria romper a sua concentração, então eu não assinalei o fato de que a Valquíria estava falando com uma máquina. Ao invés, eu me inclinei de costas na minha cama, agarrei o pacote de balas de gelatina de ursinhos, e me preparei para uma longa espera.

Três minutos mais tarde, Daphne apertou uma tecla final e agitou seu punho. — Hah! Te peguei!

Eu me sentei. — Você já invadiu?

— Claro que eu já invadi, — ela disse em uma voz convencida. — Era apenas uma simples senha de proteção de tela. Não era como se Jasmine tivesse qualquer tipo de segurança *real* no seu computador.

— Bem então. — Eu disse, movendo-me para ficar de pé atrás de Daphne. — Vamos ver o que está nisso.

Pelos próximos dez minutos Daphne surfou através de todos os arquivos no laptop. A maior parte deles era totalmente entediante. Relatórios de história, redações, e todos os outros deveres de casa que os alunos na Mythos tinham que

fazer. Muitas músicas e sites de compras de alta qualidade no histórico de navegação na internet. Ela até mesmo tinha um banco de dados que era unicamente dedicado para catalogar e organizar todas as suas roupas de marca, sapatos, e bolsas. Aparentemente, a Valquíria gostava de controlar quantas horas ela usava cada uma das suas vestimentas – nunca mais do que uma vez ao mês. Deve ser bom. Tudo o que eu tinha era um casaco com capuz de cores diferentes para cada dia da semana.

Então. Daphne puxou os emails, pessoais e privados da Jasmine – aqueles que não eram postados na página da web da Mythos Academy para ninguém ver. Agora, aqueles? Eles eram *de longe* muito mais interessantes do que qualquer outra coisa no computador.

Jasmine poderia ter sido a mais linda, rica, popular garota na nossa aula do segundo ano, mas como Carson Callahan disse, ela certamente não era a mais legal. Havia maliciosos, mesquinhos comentários sobre praticamente todos na Mythos no email dela, especialmente Morgan McDougall, sua suposta melhor amiga – e Daphne, também.

— Ela disse a Morgan que eu parecia como uma novilha naquele jeans rosa justo? Ela foi aquela que me disse para comprá-lo em primeiro lugar! Vadia, — Daphne murmurou. — Vamos ver o que Jasmine escreveu sobre mim.

— Atualmente, eu estou mais interessada no que ela disse sobre Morgan e Samson Sorensen, — eu disse.

Daphne olhou sob seu ombro para mim. — Por quê?

Eu mostrei a ela a foto que eu encontrei de Morgan e Samson, aquela que tinha sido rasgada em dois e enfiada no fundo da lata de lixo de Jasmine. — Eu não toquei nisso ainda, mas isso tem que significar algo.

— O que você quer dizer como não tocou nisso ainda? — Daphne perguntou em uma voz desconfiada.

Eu suspirei. — Eu quero dizer que eu não *toquei nisso, toquei nisso* ainda. É como o meu dom Cigano funciona. Eu tenho que tocar em algo antes para que eu consiga uma vibração disso. Antes que eu possa ver algo sobre o objeto ou a pessoa a que ele pertencia.

— Então por que você não faz isso agora? — Daphne disse em uma voz atravessada. Lendo os comentários de Jasmine já tinha a irritado. — Por que eu não planejo voltar aqui para ajudar você novamente.

— Ótimo, — eu murmurei.

Eu me estatelei na minha cama, peguei os dois pedaços da foto, e as segurei lado a lado, como se eu estivesse tentando unir os pedaços de volta. Por vários longos segundos eu não senti nada, e eu me perguntei se a minha psicomетria ia até mesmo funcionar. Se ela tivesse de alguma forma quebrada. Eu não tinha conseguido nenhum grande clarão do laptop de Jasmine, e eu não tinha obtido nenhuma vibração de todo o seu corpo ou sangue na biblioteca. Talvez houvesse algo errado comigo, algo errado com meu dom Cigano.

Eu estava para colocar a foto para baixo quando eu senti a mais fraca agitação de algo – um minucioso verme de preocupação, se contorcendo mais profundo e profundo dentro do meu coração. Enquanto eu segurava a foto, a preocupação se intensificava, enchendo em uma grande bola de suspeita que sentia-se como um peso de chumbo pressionando para baixo o meu estômago. A bola se virou gelo enquanto o frio conhecimento me afundou. Eu reconheci as emoções e o que elas significavam. Preocupação se contorcendo, depois a pesada suspeita, e finalmente a fria confirmação. O que quer que tenha sido que Jasmine pensou que estava acontecendo entre Morgan e Samson, entre a sua melhor amiga e seu namorado, ela viu ou ouviu algo que a fez pensar que isso era verdade, que isso estava realmente acontecendo.

Mas as emoções não pararam ali.

O frio conhecimento começou a se queimar como ácido no meu estômago, crescendo mais quente, mais quente, como se eu de alguma forma engolissem uma bola de fogo. A queimação se espalhou através do resto do meu corpo, fazendo-me suar, minhas mãos tremeram, e meu coração doeu, como se um gigante nódulo estivesse apertando-o mais forte mais forte até que eu quisesse estourar a partir da tensão. Eu sabia o que era essa emoção, também – raiva.

Uma imagem de Jasmine preencheu minha mente, uma dela sentada e encarando a foto, enfiada em uma moldura com as outras no espelho da penteadeira. Dia após dia Jasmine tinha olhado para ela, antes dela finalmente alcançá-la, arrancar a foto da moldura, e rasgá-la em dois, seu rosto branco com raiva.

Nesse ponto, eu podia me ouvir balbuciando, minha voz ficando afiada e mais alta com cada palavra: — Vadia. Eu vou matar essa vadia por fazer isso comigo, por me trair dessa forma. Pagar, pagar, pagar, ela vai pagar –

Daphne me deu um tapa obliquamente no rosto, faíscas de cor rosa de magia agitando-se para fora dos seus dedos. O soco me nocauteou em cima da cama, mas

a Valquíria não tinha terminado. Ela esticou o braço adiante e arrancou os dois pedaços da foto da minha mão em punhos.

Foi como se um interruptor tivesse sido desligado profundamente em mim. Lentamente, o ódio, raiva, e ciúme que eu senti desapareceram, a dor no meu coração amoleceu, e eu estava no controle de mim mesma mais uma vez. Eu soltei um longo fôlego. Isso tinha sido *intenso*, até mesmo para mim.

Quando eu me senti a mesma, eu me sentei reta. Daphne permaneceu sobre mim, um olhar preocupado no seu rosto bonito. Ela segurou os dois pedaços da foto com as pontas dos seus dedos, como se elas fossem algo vil. Talvez elas fossem, dadas as emoções que estavam atadas a elas e as coisas horríveis que Jasmine estava sentindo sempre que ela olhava para a foto da sua melhor amiga e seu namorado.

— Jesus, — Daphne murmurou. — Isso acontece toda a vez que você toca algo? Por que isso é uma coisa arrepiante, Gwen.

Eu esfreguei minha cabeça doendo. — Não me diga.

— Então o que você viu?

Eu disse a Daphne sobre todas as emoções que eu senti, sobre vendo Jasmine encarando a foto repetidamente e tornando-se um pouco mais zangada cada vez até ela finalmente se arrancar em um acesso de fúria.

— Então Jasmine pensou que estava acontecendo algo com Morgan e Samson? — Daphne perguntou em um tom dubio. — Você deve estar errada. Por que se Jasmine sequer *pensasse* que Morgan estava dando em cima de Samson, ela teria cortado a garganta de Morgan – não terminado ela mesma dessa forma na biblioteca.

Eu encolhi de ombros. Eu não conhecia Jasmine bem o suficiente para especular o que ela deveria ou não deveria fazer. Tudo o que eu queria era me informar sobre o que tinha acontecido com ela, por que ela voltou para a biblioteca, e por que ninguém parecia se importar que ela fora assassinada. Talvez fosse o meu dom Cigano, mas eu tinha a sensação que isso era o que eu deveria fazer. Que eu deveria descobrir isso. Que eu *precisava*. Que talvez eu pudesse até mesmo descobrir algum segredo, sobre mim mesma ao longo do trajeto.

Eu sacudi minha cabeça para afugentar para longe a estranha sensação. — O que mais tem no computador dela? Qualquer coisa sobre a Tigela das Lágrimas?

Daphne sentou-se de volta na minha mesa e virou sua atenção para a tela mais uma vez. — Nada que eu vejo sobressalta para mim — Espere um segundo.

Aqui tem algo. Olhe como Jasmine escreveu seu primeiro relatório de história-mítica do semestre sobre a Tigela das Lágrimas. Dê uma olhada.

Eu espiei sobre o ombro de Jasmine à tela. Com certeza, Jasmine tinha escrito uma redação sobre a Tigela e o fato de que Nickamedes estava tirando-a do estoque e colocando-a para exposição na Biblioteca de Antiguidades. Eu escaneei através do relatório, mas isso não me contava nada que a Professora Metis não tivesse contado mais cedo. Talvez eu estivesse errada. Talvez Jasmine tivesse apenas o livro de *Grandes Artefatos* no seu quarto para que ela pudesse fazer o seu relatório.

Mas isso ainda não me dizia por que ela estava na biblioteca naquela noite. Ela queria dar apenas outra olhada na Tigela? Se sim, por quê? Por que aí? Tão tarde da noite quando ninguém mais estava por perto?

— Hey, — eu perguntei a Daphne, — você sabia o que Jasmine estava fazendo na biblioteca naquela noite? Por que ela estava ali? Eu me lembro de ter visto vocês quatro ali mais cedo — você, Jasmine, Morgan e Samson. Por que ela voltou?

Daphne encolheu de ombros. — Nós voltamos para o nosso dormitório e ficamos ali um pouco, assistindo TV e mandando mensagens. Jasmine disse que ela pensou que talvez ela tivesse deixado o seu suéter na biblioteca e ela ia voltar para procurá-lo antes que a biblioteca fechasse. Essa foi a ultima vez que eu a vi.

Uma sombra caiu sobre o rosto de Daphne, e ela martelou seus dedos no laptop, fazendo faíscas róseas piscarem e cintilarem ao redor do quarto como minúsculos vaga-lumes. Eu me joguei de volta na cama, ainda tentando me recuperar de ter tocado a foto e a sensação de toda a fúria mal contida de Jasmine, ciúme e raiva.

Eu tentei pensar no que minha mãe, a detetive, faria em uma situação como essa, onde ela sairia desse final mortal contra o qual eu me deparei. Mas nada veio à mente.

— Bem, obrigada pela sua ajuda, — eu disse. — Eu, uh, aprecio isso.

Daphne aceitou isso como a sua dica para partir. Ela se levantou, pegou sua bolsa de marca de onde ela tinha colocado no chão, e pendurou a bolsa, tamanho gigante no seu ombro. Depois, a Valquíria olhou para mim.

— O que você vai fazer agora? — ela perguntou. — Por que tudo o que você tem é um relatório de história-mítica, uma foto rasgada, e algumas emoções. Isso não lhe diz exatamente o que está acontecendo. Encare isso, Gwen. Algum

Ceifador invadiu a biblioteca para roubar a Tigela das Lágrimas, e Jasmine teve a má sorte de ficar no seu caminho. Foi por isso que ela foi morta. Não há grande mistério, conspiração, ou qualquer coisa que você ache. Essas coisas apenas acontecem na Mythos.

Eu queria perguntá-la por que coisas ruins como essas aconteciam aqui, por que todos os alunos eram esperados para crescerem e tomarem parte em alguma estúpida guerra antiga entre deuses. Por que os deuses e deusas apenas não lutavam entre eles mesmos e deixavam o resto de nós em paz? Mas Daphne provavelmente apenas me daria a mesma resposta que Carson deu. Os dois tinham crescido com toda essa falação de magia. Era natural para eles, mesmo se não fosse para mim.

Eu só encolhi de ombros. — Eu não sei.

Ela assentiu. — Bem, boa sorte com isso, eu imagino.

Eu assenti de volta para ela, e ela seguiu para a porta do meu quarto.

— Daphne.

Ela se virou para olhar para mim.

— Você realmente deveria dar uma chance à Carson. Por que ele vem a ser louco por você. — Eu não sabia por que eu estava contando isso a ela. Talvez por que Daphne tinha realmente sido meio que legal sobre toda essa coisa, mesmo se eu a tivesse chantageado a me ajudar.

Ela franziu o cenho. — Como você sabe disso?

— Por que quando eu toquei aquele berloque de rosa, aquele que caiu atrás da mesa quando você pegou o bracelete?

Ela assentiu.

— Bem, eu não senti apenas suas emoções. Eu senti a do Carson, também. Ele realmente comprou aquele bracelete pra você, Daphne. Ele apenas contou a você aquela história sobre Letta Gaston para ver o que você diria, para ver se você realmente gostava do bracelete ou não. Ele queria dá-lo a você e pedir pra você ir ao baile de dança naquela noite, mas ele se acovardou.

A boca de Daphne caiu aberta com surpresa, e esperança e maravilha piscou em seus olhos pretos. — Carson — Carson gosta de mim? Sério? Ele realmente gosta de mim? Você não está apenas compensando tudo isso?

Eu sacudi minha cabeça. — Ele realmente gosta de você; Eu juro. Eu vejo coisas, se lembra? Acredite em mim, eu sei.

Um pateta, sonhador tipo de sorriso espalhou de um lado ao outro no rosto de Daphne. Então, ela percebeu que eu ainda estava assistindo-a, e ela pressionou seus lábios juntos em uma apertada linha mais uma vez.

— Você sabe o que, Gwen? Você pode ser legal, para uma total nerd com absolutamente nenhum senso de moda.

Com essas palavras e um pequeno, bobo sorriso a Valquíria se virou e deixou meu quarto. A coisa mais estranha era que eu me encontrei sorrindo de volta para ela enquanto ela fechava a porta.



II

EU NÃO DORMI MUITO NAQUELA NOITE, NA MAIOR PARTE POR QUE EU AINDA estava sentindo os efeitos secundários do toque na foto rasgada, ainda sentindo os ecos da raiva de Jasmine e a maciça enxaqueca que isso tinha dado a mim.

Talvez eu devesse ter imaginado, a essa altura. Depois de tudo, meu dom Cigano tinha me deixado ver e sentir muitas coisas ao longo dos anos – a boa, a ruim, e a simplesmente horrível. Mas eu ainda não podia acreditar que Jasmine Ashton, a muito, perfeita garota rica que parecia ter tudo, pudesse sentir tanta raiva assim da sua melhor amiga. Mesmo se ela pensasse que Morgan tinha algo com Samson. Pessoal. Eles *apenas* não valiam o drama.

Minha falta de sono me colocou em um humor ranzinza no dia seguinte, especialmente quando foi a hora da minha quinta aula, a aula de educação física.

Eu *odiava* aula de educação física.

Ir a uma escola cheia de descendentes de guerreiros mitológicos era bastante ruim. Mas os Poderosos que Eram realmente esperavam que eu fosse coordenada, também. Educação Física na Mythos era completamente diferente do que tinha sido na minha antiga escola. Não havia basquete, softballs, ou vôlei à vista.

Havia muitas armas superlotando o ginásio para isso.

Como tudo mais na Mythos, o ginásio era enorme, com um teto que disparava várias centenas de metros no ar. Pôsteres coloridos anunciando vários campeonatos da academia ao longo dos anos pendurados pelas vigas, enquanto bancos de madeira polida circundavam o ginásio em dois lados. Espessos colchonetes se enfileiravam no chão, escondendo de vista a estridente quadra de basquete, e estantes de armas aterradas em uma das paredes. Espadas, adagas, arcos e flechas, varas, e outras coisas que eu nem sequer sabia os nomes, mas pareciam como se elas pudessem cortar você ao osso se você fizesse muito, como tocá-las.

O objetivo na aula de educação física na Mythos não era pontuar mais ou correr mais voltas como tinha sido na minha antiga escola. Oh não. Aqui? Você realmente deveria aprender como usar todas as armas da parede. Como matar, mutilar, e torturar o seu oponente, quem quer que fosse.

No momento, entretanto, eu era aquela sendo torturada.

— Hee-yah! — a garota na minha frente gritou antes de precipitadamente ir para frente, erguendo sua espada no alto, e abaixando-a em direção a minha cabeça com muita intenção de me deixar morta, morta, morta.

Eu pisquei, me afastei, e ergui minha própria espada. A arma dela atingiu minha lâmina, o afiado tinirrrr disso ressoando todo o caminho para cima da minha mão ao meu ombro. A espada deslizou dos meus súbitos dedos dormentes e bateu em cima do colchonete, da maneira que já tinha feito cinco vezes nos últimos cinco minutos.

— Era para você bloquear meu ataque e tentar me atingir de volta. Não largar a sua espada toda vez que eu bato em você. — Talia Pizarro rolou seus olhos para mim. — Por Deus, Gwen. Você realmente é uma droga nisso.

— Me conte algo que eu realmente não saiba, — eu murmurei.

No início da aula de educação física, nós tiramos nomes para ver com quem iria lutar com quem. Talia teve o infortuno de ser meu parceiro de treino hoje. Ela era uma Amazona com pele ébano e cabelo curto preto e que tinha quase um metro e oitenta e três. Talia também vinha a ser a capitã do time de esgrima feminino e podia me fazer de almofada de alfinetes com sua espada se ela realmente quisesse. Como todas as outras Amazonas, ela foi dotada de rapidez sobrenatural. Talia parecia como um borrão quando ela se movia. Um segundo, ela estava na minha frente. No seguinte, ela me atingiria com sua espada seis vezes agora.

— Vamos de novo, — Talia latiu. — Você pode não querer nada com isso, mas eu quero ser capaz de passar no meu teste avançado de armas na semana que vem.

Oh, sim. Havia testes, também. Eu estava realmente sendo graduada em quão bem eu podia cortar a cabeça de alguém ou colocar uma flecha através do seu olho. Eu me orgulhava do meu perfeito 4.0 GPA na minha antiga escola, mas educação física era uma aula na Mythos que eu ia definitivamente reprovar nesse semestre e em todos os outros. Era exigido que os alunos tivessem educação física e todo o treinamento de armas que o acompanhava, cada semestre até eles se formarem. Que legal!

Uma vez que Talia estava olhando para mim com assassinato nos olhos, eu suspirei peguei minha espada novamente. Eu também costumava pausar a ação olhando em direção à minha esquerda, onde Morgan McDougall estava treinando com sua própria parceira, outra garota Valquíria.

Educação física era a única aula que eu tinha com Morgan, e eu estive observando-a durante todo o tempo. Talvez não fosse nada ou talvez eu estivesse apenas louca e me agarrando às falsas esperanças, mas eu sentia como se houvesse alguma conexão entre o assassinato de Jasmine e aquela foto rasgada de Morgan e Samson. Algo obviamente que eu não estava vendo.

Eu não era a única interessada em Morgan. Metade dos caras no ginásio mantinha olhares sorrateiros para ela, uma vez que Morgan vestia sua apertada, branca T-shirt um pouco melhor do que a maioria das outras garotas nas suas. E Morgan sabia totalmente que os caras a estavam observando. Dez minutos atrás, ela acidentalmente-de-propósito derramou água por toda a parte da frente da sua camiseta, ensopando o tecido do sutiã preto esportivo que ela usava por baixo.

Morgan e sua parceira terminaram seu ultimo round de combate. Depois, Morgan olhou para baixo ao seu relógio incrustado de diamantes, disse algo para a outra garota, e deslizou para fora por uma das portas laterais do ginásio.

Meus olhos se estreitaram. A aula não estava sequer na metade de terminar. Então onde a Valquíria estava indo?

— Espere aí, — eu disse, passando minha espada à Talia e me apressando atrás de Morgan.

— Hey! Onde você pensa que está indo? — Talia assobiou, mas eu não prestei atenção a ela.

Não era como se eu alguma vez precisava estar na aula de educação física. Eu não era uma descendente de uma longa linha de guerreiros mitológicos, e eu certamente não tinha nada a ver com Panteão, Ceifadores, ou Guerra do Caos. Mas eu queria descobrir o que aconteceu com Jasmine, o qual era algo que espionando Morgan poderia realmente me ajudar.

Eu me mantive nas bordas do ginásio, então eu não atrairia atenção para mim e o fato de que eu estava tentando me esgueirar para fora no meio da aula. Uma vez que o restante estava absorto em surrar uns aos outros, ninguém me notou.

Nem mesmo Logan Quinn, que estava no outro lado do ginásio. Logan e Oliver Hector, outro Espartano, estavam obtendo algumas indicações do Técnico Ajax. O grande, musculoso técnico latia algumas instruções, e os dois garotos se curvaram um para o outro antes de cair em posição de agachamento. Ajax sustentava sua mão para cima, então a largou, e os dois Espartanos foram um para o outro.

Bum – bum – bum!

Os dois bastões tornaram-se um enquanto Logan e Oliver lutavam, cada um virando, flexionando, e fazendo o seu melhor para bater no crânio do outro com a arma brusca. A luta durou talvez trinta segundos antes que Logan fizesse algum tipo de movimento extravagante, usando sua vara para varrer os pés de Oliver debaixo dele, e avançou adiante, colocando a ponta da sua vara contra a garganta do outro garoto. Vencedor: Logan Quinn.

Ajax latiu algo mais e aplaudiu, aparentemente feliz com seu pupilo estrela. Logan sorriu e pisou para trás casualmente, elegantemente rodando a vara na sua mão como se fosse um pom-pom de líder de torcida ao invés de uma arma mortal. Lógico, *ele* amava aula de educação física. Surrar pessoas era algo que ele parecia se destacar. Especialmente se você acreditava em todos os rumores sobre Logan e como selvagem, violento, e louco ele e o restante dos seus amigos Espartanos eram.

E ele tinha boa aparência fazendo isso. Logan vestia uma T-shirt com as mangas cortadas, expondo os músculos dos seus braços. A profunda cor azul da sua camisa também brilhava nos seus olhos gelados, fazendo parecer como se eles estivessem quase brilhando no seu rosto, mesmo durante todo o caminho até aqui, no lado oposto do ginásio. Logan ergueu a barra da sua T-shirt para enxugar o suor do seu rosto, expondo seu liso, musculoso estômago.

Por um momento, eu parei, completamente hipnotizada. Apenas...*wow*. Tudo aquilo era um abdômen de tanque de lavar, também. Um que *envergonhava* Samson Sorensen. Eu me perguntei se todos os outros Espartanos na Mythos eram tão perigosos e gostosos como Logan era ou se só ele foi abençoado com todo aquele charme de bad boy –

Uma flecha *atingindo* o alvo atrás de mim me tirou do meu devaneio. Eu sacudi minha cabeça e continuei. Eu não estava aqui para comer Logan com os olhos. Eu tinha uma Valquíria para espionar.

Eu me apressei e deslizei para fora na mesma porta lateral que Morgan deslizou. A porta conduziu para um pequeno pátio que conectava o ginásio com a piscina externa que também era parte do complexo esportivo de pedra maciça.

Em adição a uma variedade de jacintos e árvores de lótus, o pátio reunia uma fonte circular com ninfas de mármore que borrifavam água para cima no ar em um fluxo contínuo. Como todas as outras estátuas na academia, as ninfas pareciam um pouco reais para mim, como se elas estivessem a um sopro de saltar da água e apunhalar quem quer que estivesse mais perto com seus tridentes de pontas afiadas. Através dos longos tentáculos dos seus cabelos com aparência de algas marinhas, seus espertos, olhos estreitos, todos parecendo virar em minha direção, me observando.

Arrepiante. Especialmente desde que elas estavam todas nuas. Eca.

Eu escaneei o pátio, mas eu não vi Morgan em nenhum lugar. Ela tinha ido até a área da piscina por alguma razão?

Uma suave risada captou minha atenção, e eu caminhei para frente. Uma baixa voz murmurou algo, e a risada se repetiu, um pouco mais alta e um pouco paqueradora dessa vez. Eu escorreguei para dentro da fileira de árvores que revestiam uma parede do pátio e segui o som até o lado mais distante, onde um alto, lótus retorcido espalhava seus galhos sobre toda a área. Eu inspirei e espiei em torno da árvore.

Morgan McDougall e Samson Sorensen estavam cerca de seis metros de distância de mim, contra a parede de trás do pátio, metade escondidos por um baixo arbusto.

E eles totalmente estavam mandando ver.

Minha boca caiu aberta. Eu sabia que Jasmine suspeitava que algo estava acontecendo entre sua melhor amiga e seu namorado, mas era outra coisa ver isso por mim mesma. Especialmente quando eles estavam tão obviamente, um,

aproveitando-se um do outro. Se a língua de Morgan fosse em algum lugar mais fundo na boca de Samson, ela sairia por trás da cabeça dele. E as mãos de Samson estavam por todo o corpo de Morgan, apertando e acariciando tudo que ele podia tocar – e ela o deixou tocar *tudo*. Adicione a isso o fato de que Samson estava usando somente uma sunga de natação e chinelos e você tinha os ingredientes de um pornô. *Alunas da Mythos Ficando Selvagens*.

Finalmente, depois de um minuto, os dois se separaram, ambos respirando forte.

— Vamos, querido, — Morgan balbuciou. — Vamos ao nosso local habitual no vestiário. Eu estou morrendo por colocar minhas mãos em todo esse duro corpo seu.

Eu bufei. Pareceu para mim como se ela já tivesse feito isso, dado ao fato de que ela estava mais apertada a ele do que a sua molhada sunga Speed era.

Samson deu a ela um sorriso, mas sacudiu sua cabeça. —
Desculpe. O Treinador Lir está ali nesse momento dilacerando Kenzir Tanaka por que o seu tempo caiu dois segundos no revezamento. Você terá apenas que esperar até mais tarde essa noite na fogueira. Além disso, não é uma coisa boa para nós sermos vistos juntos agora, se lembra? Eu quero dizer, a Jasmine só foi morta há poucos dias. Como iria parecer?

Morgan alisou suas unhas para baixo no peito nu, fazendo faíscas verdes de magia subirem no pequeno ar que havia entre eles. — Eu não me importo como isso se parece. Eu estou cansada de me esconder. Você deveria apenas ter terminado com ela quando ela estava viva.

Meus olhos se ampliaram, e eu não pude acreditar no que eu estava ouvindo. Os dois tinham realmente feito isso? Eles tinham assassinado Jasmine para que eles pudessem ficar juntos? Isso parecia um pouco extremo para mim, mesmo aqui na Mythos Academy onde muito pouco fazia sentido.

— Sim, bem, quem quer que a tenha matado, nos fez um favor, — Samson disse. — Você sabe que ela nunca ia me deixar ir. Ela mesma disse a você. Ela pensava que nós íamos casar e viver felizes para sempre, quando ela nem sequer dormia comigo.

Morgan alisou suas unhas para baixo no peito de Samson novamente. Mais faíscas verdes flutuaram no ar e suas unhas deixaram hematomas para trás na pele dele, mas Samson não pareceu se importar.

— Jasmine também me disse que ela pensou que você estava traindo-a com alguém. — Morgan riu silenciosamente. — Ela somente nunca suspeitou que esse fosse eu.

Errado. Eu pensei. Jasmine soube que Morgan estava transando com seu namorado. Jasmine poderia apenas não ter sido capaz de fazer algo sobre isso antes dela ter sido assassinada na biblioteca.

— Então eu vejo você hoje à noite na fogueira? — Morgan balbuciou, e envolveu seus braços ao redor do pescoço de Samson mais uma vez.

— Absolutamente. E depois disso, também. Nós fugiremos e teremos nossa própria festa particular.

Samson deu a ela outro sorriso silencioso. Ele afundou sua cabeça, e os dois começaram a se beijar novamente —

Uma mão fechou-se sobre meu ombro, dedos afundando na minha pele através do tecido na minha T-shirt. De alguma forma, eu repreendi um grito e me virei para encontrar Talia Pizarro me encarando.

— O que você está fazendo aqui fora? — Talia exigiu. — Nós deveríamos estar treinando, se lembra?

— Eu estava descansando por um segundo, — eu menti.

Eu caminhei em direção a ela, forçando-a a se mover para trás vários passos. Eu não queria que Morgan e Samson soubessem que eu os estive espiando.

Eu fingi reunir meu cabelo castanho para cima e gesticulei minha mão na frente do meu rosto, como se eu estivesse tentando me refrescar. — No caso de você não ter notado, está cem graus no ginásio.

Minha explicação pareceu satisfazê-la, entretanto Talia ainda me deu um olhar vil por fazê-la perseguir todo o caminho para fora atrás de mim.

Eu remexi mais no meu cabelo, usando aquilo como uma desculpa para olhar para trás sob meu ombro, mas Morgan e Samson tinham desaparecido do seu ninho de amor. Talvez eles tivessem ido ao vestiário para a sua rapidinha depois de tudo. Mesmo assim, eu não estava muito desapontada. Eu sabia onde eles estariam essa noite. E eu ia acabar com a festa.

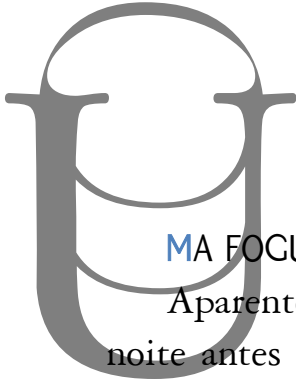
Por que definitivamente havia algo acontecendo entre os dois — e eu estava ansiosa em apostar que tinha muito a ver com a morte de Jasmine.

— Vamos, Gwen, — Talia estalou novamente. — Eu quero lutar uns dois rounds a mais antes da aula terminar.

Satisfeita por agora, eu deixei a Amazona me arrastar de volta para dentro do ginásio.



I²



MA FOGUEIRA ESTAVA MARCADA PARA AQUELA NOITE.

Aparentemente, era uma tradição da academia e o evento sempre acontecia na noite antes do baile de formatura. O baile, claro, seria organizado no refeitório. Até mesmo na Mythos, os Poderosos Que Eram não podiam pensar em nenhum outro lugar melhor em se ter um baile do que na cafeteria. Algumas coisas permaneciam as mesmas, sem importar em qual escola você fosse.

Normalmente, eu não teria ido à fogueira, como eu não tinha ido a nenhum dos outros eventos sociais depois da escola. Não era como se eu tivesse alguns amigos que estavam apenas implorando para que eu fosse. Ou como se eu fosse popular o bastante para as pessoas se importarem, se ou não, eu comparecesse ao Grande Evento. E certamente não era como se eu estivesse namorando alguém e quisesse me aninhar junto a ele debaixo de um cobertor na fogueira.

Mas Morgan e Samson tinham feito planos para se encontrarem na fogueira, e eu queria ver o que eles tramavam. Esperançosamente, seria algo mais interessante do que transar até secar um ao outro.

Talvez isso fosse estúpido, mas eu apenas não podia sacudir para longe essa sensação de que os dois tinham algo a ver com o assassinato de Jasmine. Talvez eles não tivessem matado Jasmine, mas havia algo que parecia tão errado sobre

toda essa coisa. Além disso, não era como se eu tivesse outro Grande Plano para essa noite, além de sentar no meu quarto, comer porcaria, e ler gibis.

A fogueira foi montada no exterior do anfiteatro em um dos quadriláteros menores bem abaixo do morro da Biblioteca de Antiguidades. Eu tomei um banho, me lancei dentro de algum jeans claro, uma T-shirt, e um casaco com capuz roxo, e caminhei até lá. Era depois das sete agora e já escuro na noite de Outubro. O ar estava gelado, mas não tão desagradavelmente, e as estrelas brilhavam como paetês no vestido da rainha do baile de formatura, no tecido de veludo preto do céu.

Uma série de longos, planos, degraus de pedras rasas que duplicavam-se como assentos constituíam o cume do anfiteatro. Os degraus formavam um semicírculo enquanto eles gradualmente rodeavam para baixo à uma plataforma elevada que servia como um palco. Ao contrário das pedras dos outros prédios do campus, todas as pedras aqui eram de espinha de peixe branca e brilhavam com luz de cor opalescente – céu azul, rosa perolado, lilás claro. Quatro colunas se erguiam sob a área do palco, cada uma coberta por uma quimera agachada em um globo redondo, segurando a esfera com suas garras em curvas e olhando fixamente para fora, onde a multidão sentaria.

Na hora em que eu cheguei, o palco tinha sido removido e uma pequena fogueira já tinha sido construída em um anel de pedras brancas bem abaixo do anfiteatro. Eu esperava que os outros jovens estivessem gargalhando, conversando, e metade bêbados agora, mas pela primeira vez, todos estavam silenciosos, até mesmo sóbrios. Ao invés de formarem seus habituais grupinhos e fofocar, os alunos estavam levantados em uma única fila que serpenteava subindo os degraus do anfiteatro. Uma vez que eu não tinha certeza sobre o que estava acontecendo, eu fiquei para trás, permanecendo longe da fila e bem fora do cintilar da luz da fogueira.

Um por um, os alunos caminhavam por um alto homem vestindo uma capa azul Royal atravessada com fio prateado e uma coroa de folhas prateadas colocada no topo da sua cabeça. Ele estava iluminado pelo fogo, e me levou alguns segundos para perceber que era Nickamedes, dentre todas as pessoas. O que ele estava fazendo? E por que ele vestia aquela ridícula capa e coroa? Ele estava vestido para a noite de jogar Dungeons & Dragons ou algo assim?

Aparentemente, os outros alunos não pensavam que a aparência do bibliotecário fosse nada estranha. Sem sussurros zombadores preenchendo o ar,

sem risadas bobas, nada. Todos estavam tão quietos como se eles estivessem em um funeral. Enquanto os jovens passavam por Nickamedes, eles estendiam a mão dentro de uma grande tigela prateada, que ele estava segurando, e puxavam uma mão cheia da qualquer coisa que estivesse ali dentro. Eu observei a primeira garota na fila enquanto ela caminhava até o anel de pedras. Ela ficou ali na frente das chamas por um momento, depois lançou um punhado de pó prateado dentro do coração da fogueira.

WHOOSH!

O que quer que o pó fosse, fez a chama do fogo ficar mais brilhante e queimar mais quente, as chamas laranjas assumindo um fraco tingindo de dourado. Um por um, os jovens na fila repetiram o processo, junto com Metis, Técnico Ajax, e alguns dos outros professores. Na hora em que o último aluno terminou, as chamas arqueavam tão alto quanto a camada superior do anfiteatro e o calor delas brilhando como fantasmas girando no ar. Mais do que calor, havia uma – uma *mudança* no ar. O mesmo tipo da antiga, alerta, força conhecida que eu sempre senti quando Vovó Frost tinha uma das suas visões. Eu estremeci e envolvi meus braços contra mim. Eu poderia não pensar que toda a magia surreal que os professores jorravam fosse verdade, mas aqui, essa noite, eu podia quase acreditar que deuses e monstros eram reais – e que todos eles estavam nos observando.

— Nós dedicamos essa fogueira àqueles que tem lutado antes, — Nickamedes disse. — A luz dos seus sacrifícios irá sempre banir a escuridão e trazer ordem ao Caos. Nós vivemos por causa deles, e eles vivem em nós.

— E eles vivem em nós, — todos murmuraram, suas palavras ondulando dentro da escuridão.

Por um momento a fogueira se tornou mais brilhante e mais alta ainda, as chamas mais prateadas do que douradas. Depois, eu pisquei, e a ilusão tinha ido. Havia apenas uma fogueira estalando alegremente no anel de pedras, seus estalos de madeira e fumaça doce preenchendo o ar – nada mais.

Apenas então, o ritual acabou e todos relaxaram. Dificilmente um minuto tinha passado antes dos alunos caírem em seus habituais grupinhos. Pareceu como se eu mal pisquei de novo antes da cena mudar no que deveria ter sido há muito tempo.

Jovens de pé ao redor da fogueira, gargalhando, conversando, e sorrindo enquanto outros sentados em espreguiçadeiras ou aninhados debaixo dos

cobertores nos degraus de pedras. Eu não as tinha notado antes, mas várias mesas cheias da habitual comida extravagante e bebidas da academia tinham sido armadas a poucos metros da lareira. Alguns jovens já tinham conseguido longas hastes de metal que eles estavam usando para assar cubos de marshmallows de degustação para fazer s'mores¹⁴.

A visão me ajudou a sacudir para longe a estranha sensação que tinha me agarrado mais cedo e me lembrar do por que eu estava ali em primeiro lugar. Mmm. S'more. Uma das minhas guloseimas favoritas. Eu teria que fazer alguns para mim antes de voltar ao meu quarto – depois que eu descobrisse o que Morgan e Samson estavam tramando.

Metis, Técnico Ajax, e alguns dos outros professores começaram a patrulhar as extremidades do anfiteatro, se certificando que ninguém fizesse nada estúpido. Como, você sabe, arrancar uma haste em chamas do fogo e atar fogo no cabelo de alguém com isso.

Os professores estavam também mantendo um olho no álcool. Apesar da supostamente estrita regra sem-bebidas-no-campus, vários jovens tomavam goles de pequenos frascos quando eles pensavam que ninguém estava olhando. Alguns estavam até mesmo mais descarados sobre isso, tendo cerveja derramada, vinho, ou o que fosse nos copos plásticos. Poucos caras, Romanos na sua maioria, até mesmo abriam latas e deixavam a cerveja espumar e jorravam tudo neles antes de entornarem de uma vez a bebida alcoólica e amassarem o metal vazio contra suas testas. Mas enquanto não houvessem brigas, Metis e os outros professores pareciam contentarem-se em permitir que os alunos se divertissem – ao menos por essa noite.

Eu circundei a periferia da fogueira, me mantendo nas sombras e procurando por Morgan ou Samson. Eu não os localizei imediatamente, mas eu vi alguém que eu conhecia – Carson Callahan. Ele estava tocando algum tipo de tambor, um bodhrán¹⁵ eu acho que era o nome disso, em uma banda improvisada que se estacionou perto de uma das mesas de refrescos. Havia um cara com um violão, uma garota com um violino, e outro cara com um par de pratos. Os quatro estavam apenas curtindo, tocando rápido, uma música de rock Céltica. Eles realmente soaram muito bons juntos. Eu gesticulei para Carson, mas claro ele não me viu, e eu segui.

¹⁴ (s'mores – é um tipo de doce que se faz com duas bolachas cream cracker e recheia-se com marshmallows)

¹⁵ (bodhrán – é um instrumento de percussão musical irlandês que se assemelha a um tamborim)

Mas eu não era a única pessoa que tinha olhos em Carson. Do outro lado da agitação da fogueira, eu vi Daphne Cruz encarando na direção dele, completamente focada no nerd membro da banda.

E Morgan MacDougall estava em pé bem ao lado dela. Jackpot.

Eu me mantive caminhando ao redor da fogueira, tentando parecer como se eu estivesse indo a algum lugar ao invés de espiar uma das garotas mais populares da escola. Morgan estava dentre os jovens que estavam bebendo, um copo plástico de cerveja na sua mão direita. Daphne estava bebendo também, embora sua bebida de escolha pareceu como um vinho.

Eu estava tão ocupada encarando Morgan e Daphne que eu não observei onde eu estava indo e mais uma vez bati em alguém familiar.

Logan Quinn.

O Espartano estava carregando um refrigerante na sua mão, e, graças a mim, espalhou por toda a frente da sua T-shirt de mangas compridas e jeans, ensopando-o completamente. Uh-oh. Logan se agitou para trás no seu calcanhar e abriu sua boca, provavelmente pronto para me xingar por tropeçar nele. Mas então ele viu que era eu, e a raiva no seu rosto derreteu a um manhoso, conhecido sorriso.

— Bem, bem, garota Cigana, — ele falou arrastadamente. — Nós realmente temos que parar de nos encontrarmos assim.

— Eu concordo, — eu murmurei. — Me desculpe por tropeçar em você. De novo.

Eu estava contente por estar escuro, então ele não pode ver a vergonha vermelho-quente que manchou minhas bochechas. Normalmente, eu não era desajeitada assim, você sabe, prestava atenção para onde eu estava andando. Então, havia o fato de que eu nunca tinha falado tanto com Logan antes dessa semana e agora eu me mantinha tropeçando nele repetidamente – literalmente. O Espartano provavelmente pensou que eu estava espreitando-o ou algo assim. Esse pensamento fez minhas bochechas queimarem até mesmo mais quentes.

Eu comecei a dar um passo para trás, mas Logan bloqueou meu caminho. Eu fui para o outro caminho, e ele me bloqueou novamente.

— O que? — eu estalei, ficando mais envergonhada ao passarem os segundos. Especialmente uma vez que a camiseta molhada de Logan apertou no seu estômago, me dando um vislumbre do seu abdômen tanquinho – abdômen que eu apenas não parecia ser capaz de afastar o olhar. — Você quer algo?

— Apenas o prazer da sua companhia, garota Cigana.

Logan sorriu para mim então, um pequeno, sexy sorriso que curvou nos seus lábios e fez seus olhos resplandecerem com uma brilhante luz azul. Meu cérebro deve ter se desligado ou algo, por que eu estava momentaneamente sem fôlego, mesmo enquanto meu coração martelava em meu peito. *Bum-bum-bum*. Se ele ficasse mais alto, Logan certamente o ouviria, e então eu estaria até mesmo *mais* envergonhada.

Depois de poucos segundos de só encará-lo, meu cérebro pegou no tranco mais uma vez, e eu me lembrei com quem eu estava falando. Logan pirado Quinn, o homem-vadia da Mythos Academy. Ele provavelmente estava falando comigo apenas por que o dispensei no outro dia e ele queria outra tentativa comigo. Ele provavelmente pensou que eu estava tão sozinha, sem amigos, e desesperada que eu seria um alvo fácil. Outra garota cujo colchão ele poderia assinar e então nunca falaria novamente.

Pelo canto do meu olho, eu vi Morgan dizer algo para Daphne, depois deslizar para fora da multidão. Morgan tinha que estar à caminho para sua transa com Samson, e Logan não estava indo me impedir de ver o que eles tramavam.

— Sinto muito, — eu disse. — Minha companhia está indo para um outro lugar.

Logan abriu sua boca para dizer algo, mas dessa vez eu empurrei passando por ele e mergulhei dentro da escuridão.

O suéter apertado azul claro de Morgan e a calça branca skinny destacavam-se contra o sombrio gramado, fazendo-a fácil de seguir. Ela se balançava de um lado ao outro, ocasionalmente parando para dar outro gole do seu copo plástico, enquanto ela deixava o anfiteatro e lentamente subia a encosta em direção à biblioteca.

A Biblioteca de Antiguidades não parecia para mim como o local mais romântico para um encontro de amantes, mas eu segui logo atrás de Morgan, vagando de um grupo de jovens à outro, de uma árvore à outra, para que ela não me visse. Eu não deveria ter me incomodado. A Valquíria nunca olhou para atrás dela, nem mesmo uma vez. Tanto para ser discreta.

Eu me perguntei se foi assim como Jasmine descobriu que sua melhor amiga estava dormindo com seu namorado. Justo por seguir Morgan quando ela escorregou uma noite. Eu não achei que Morgan McDougall fosse aproximadamente tão esperta quanto ela pensava que fosse.

Morgan subiu o morro, e eu parei e fingi amarrar meu tênis para dar a ela tempo para chegar ao outro lado do quadrilátero superior. Então, eu caminhei para cima no morro atrás dela.

Eu alcancei o topo e localizei Morgan tecendo o seu caminho acima nos amplos degraus da biblioteca. A biblioteca estava fechada por causa da fogueira, e a Valquíria seguiu para a esquerda, ficando no pátio à céu aberto que envolvia todo o trajeto ao redor do prédio. Mesas de ferro forjado e cadeiras contornavam o pátio, então os estudantes podiam sentar do lado de fora e estudar quando o tempo estava quente e ensolarado.

Eu não me apressei para subir os degraus atrás dela, mas ao invés disso fiquei no quadrilátero, movendo-me de árvore em árvore e indo na mesma direção que a Valquíria foi então eu podia mantê-la à vista.

Morgan tinha acabado de circular uma esquina quando uma mão se estendeu e a arrastou para dentro das sombras. Eu congelei atrás da árvore, me perguntando se a pessoa que assassinou Jasmine estava espiando os arredores da biblioteca depois de tudo, se ela não tivesse apenas levado a Tigela das Lágrimas e deixado o campus como todos os outros pensavam.

Mas então Morgan soltou uma risadinha e eu ouvi um alto barulho de sucção. Eu rolei meus olhos. Soou como se Samson já a estivesse remexido ali.

— Já estava na hora de você chegar aqui.

Com certeza, a voz de Samson flutuou do pátio semi-escuro para mim. Eu guinchei. Graças a luz que cercava a biblioteca, eu podia apenas decifrar o Viking em pé nas sombras.

— Mmm-hmm, — Morgan concordou.

Houve mais barulhos de beijos, e depois algo que soou como um zíper sendo abaixado. Morgan riu mais uma vez, e eu ouvi algum roçar de roupas. Um minuto mais tarde, Samson soltou um afiado suspiro.

— Ah, sim, neném. Mais forte. *Mais forte.*

Morgan fez algum tipo de som no fundo da sua garganta e o agradeceu.

Eu estremeci e resisti à urgência de fechar minhas mãos sobre meus ouvidos e correr de volta para a fogueira. Eu esperava ouvir os dois falando mais sobre a morte de Jasmine, não escutar como Morgan dava ao seu namorado secreto um boquete¹⁶. Eca. Grande, grande eca.

¹⁶ (no original BJ ou blowjob que seria sexo oral)

Uma chuva do que pareceu como fragmentos de pedras desceu de um dos andares superiores da biblioteca, soando como mármore metálico quando eles atingiam o pátio, mas Morgan e Samson estavam muito ocupados para notar. Eu me movi debaixo da árvore e estiquei meu pescoço, grata pela distração.

Uma das estátuas de pedra estava mais perto da borda do que eu me lembrava dela estando antes. Enquanto eu observava, a estátua oscilou para trás e para frente antes de tombar e iniciar sua inevitável trajetória descendente – onde ela aterrissaria bem em cima de Morgan e Samson.

— Cuidado! — eu gritei.

Assustados, os dois se separaram. Samson olhou para cima e viu a estátua mergulhando em direção à eles. Ele se lançou à Morgan e conseguiu derrubar ambos adiante e fora do caminho. Atrás deles, no local onde eles estiveram de pé dois segundos antes, a estátua atingiu a pedra e destruiu-se em centenas de pedaços.

Eu corri subindo os mais próximos lances de escada da biblioteca e me apressei para eles. Os dois estavam espalhados no chão do pátio. — Vocês dois estão bem?

— Saia de cima de mim, — Morgan murmurou. — Você está amassando o meu suéter novo.

Com um grunhido Samson rolou para fora dela e em direção a uma poça de luz. E eu percebi que todas as roupas abaixo da sua cintura tinham sido puxadas para baixo enquanto Morgan esteve indo direto aos negócios. Eu rapidamente afastei o olhar.

— Um, vocês dois estão bem? — eu perguntei novamente, totalmente *não olhando* enquanto Samson fica de pé e se enfiava de volta nas suas calças.

— Nós estávamos bem, até você aparecer, sua aberração, — Morgan murmurou.

Ela ficou de pé, se limpou da poeira, e me encarou. Ela bufou, depois olhou até a mesa de ferro forjado onde ela deixou a sua bebida. A mesa e o seu copo tinham os dois tombado durante o tumulto, e a Valquíria pareceu mais chateada sobre sua cerveja entornada do que o fato que ela quase teve seu cérebro espalhado para fora da sua cabeça.

— O que você estava fazendo aqui de qualquer forma? — Samson perguntou olhando para mim com olhos estreitos. — Você estava nos espionando?

Minha mente ficou em branco. — Eu —

— Ela é a aberração Cigana. Ela não é ninguém. Quem se importa com o que ela está fazendo? — Morgan disse. — Vamos. Agora. Eu disse a você que isso era uma ideia estúpida de qualquer jeito. Nós devíamos apenas ter voltado para o dormitório. Mas não, você é aquele que gosta de se espreitar pelas redondezas e fazer isso em público.

Samson bufou. — Oh, como se você não gostasse. Você praticamente me atacou no pátio essa tarde.

Morgan colocou suas mãos nos seus quadris, abriu a boca, e se preparou para deixar Samson ter o que merecia. Mas então a Valquíria percebeu que eu ainda estava ali observando-os.

Eu abri a minha boca novamente para protestar que eu não era uma aberração Cigana, que eu era um alguém, mas Morgan me deu um olhar sórdido, agarrou a mão de Samson, e enfurecida passou por mim, puxando-o justo atrás dela.

Aquilo não tinha saído nada bem. Eu não tinha ouvido nada útil, e agora os dois pensavam que eu era alguma tarada que gostava de assistir as pessoas tendo sexo oral. Eu suspirei.

Mas eu empurrei meu fracasso e a vergonha dos últimos minutos para o lado e segui acima para a biblioteca. Como uma detetive, minha mãe, Grace, nunca acreditou em coincidências, e ela me ensinou a não colocar muita fé nelas também. Então eu não pude evitar além de me perguntar como e por que aquela estátua tinha se soltado exatamente no momento que Morgan e Samson estavam de pé debaixo dela.

Alguém mais tinha descoberto que eles estavam esgueirando-se nas redondezas às escondidas? Alguém quis ferir um ou os dois? Se sim, quem faria isso? E porque?

Jasmine era a única que tinha uma razão para odiar Morgan e Samson. Disso eu sabia, de qualquer modo. Mas Jasmine estava morta. Eu não sabia como cada coisa funcionava na Mythos Academy, mas eu estava muito certa que pessoas mortas não podiam fazer estátuas tombarem de prédios.

Eu olhei fixamente para os restos de pedra. A estátua tinha sido até mesmo maior do que eu, mas não havia restado muito dela. Ela era tão antiga e a queda era tão alta que ela quase tinha sido pulverizada pelo impacto. Mas havia alguns pedaços grandes de pedregulhos espalhados aqui e ali. Talvez eu pudesse usar meu dom Cigano para obter algum tipo de leitura dela. Talvez isso tivesse sido apenas

um acidente e a pedra me diria a sua idade e o desgaste pelos seus anos. Ou talvez, apenas talvez, alguém tivesse feito-a cair e eu veria exatamente quem era essa pessoa – e ficaria perto assim de descobrir quem tinha assassinado Jasmine.

Eu tinha acabado de estender minha mão para tocar a pedra, para ver se eu poderia obter algum tipo de vibração dela, quando um baixo, nefasto rosnado ondulou através do ar atrás de mim.

Um rosnado que soou como a coisa mais diabólica que eu alguma vez ouvi.

Eu congelei e lentamente me virei.

Um – um monstro estava no pátio atrás de mim. Ele parecia como uma pantera, apenas maior. Muito, muito maior. Os ombros da pantera abrangiam todo o caminho até a minha cintura, e ela era maior do que a minha altura. Sua pelagem era completamente preta. Embora por alguma razão pareceu ter um fraco tingido avermelhado. Os olhos da pantera eram vermelhos – um profundo, escuro, vermelho queimado que me fizeram pensar em fogo, sangue, e morte. A criatura era como um dos desenhos do meu livro de história-mítica, um mostro mitológico tornando-se vivo e pronto para me comer.

A pantera, gato, ou o que quer que isso fosse abriu sua boca e soltou outro baixo rosnado. As luzes do lado de fora da biblioteca iluminaram cada e todos os seus dentes afiados como navalhas.

Então, a pantera estalou sua mandíbula fechada, lambeu seus lábios com sua longa língua vermelha, e seguiu na minha direção.

I3



H NÃO.

Eu não sabia exatamente o que a pantera era, que tipo de pesadelo mitológico ela tinha brotado, mas nada ali fora no escuro que tivesse dentes grandes assim não seria amigável.

Como se lesse meus pensamentos, a pantera soltou algo que soou como uma baixa risada, como se ela estivesse gargalhando de mim. O malvado assobio fez minha respiração ficar presa na minha garganta e meu sangue gelar. A pantera sorriu, me mostrando seus dentes novamente, e então rastejou mais perto de mim em patas que eram maiores do que minhas mãos – com garras curvadas afiadas como agulhas para combinar. Elas clicavam contra o pátio de pedra com cada

passo que a criatura tomava, como os ponteiros dos segundos de um relógio, se esgotando para a minha morte.

Eu fiquei ali onde eu estava. Em parte por que eu estava aterrorizada e estava muito certa que meus joelhos iriam ceder se eu sequer tentasse me mover. Mas também por que eu vi o bastante de programas da natureza na TV para saber que eu não podia ultrapassar a pantera. E, claro, eu não tinha nenhuma arma para tentar combatê-la com isso. Mesmo se eu tivesse uma espada, eu duvidava que eu pudesse usá-la.

Pela primeira vez, eu desejei ter prestado mais atenção na aula de educação física quando o Técnico Ajax e os outros instrutores estiveram falando sobre esse tipo de coisa e mostrando-nos como matar Ceifadores vilões. Mas novamente, eu realmente não tinha pensado que nenhuma dessas coisas fossem realmente *verdade*. Mas eu estava rapidamente me tornando uma crente. Por que essa criatura? Era muito, muito real, e eu podia dizer que seus dentes e garras eram muito, muito afiados.

A pantera me rondou em um solto, selvagem círculo. Sua boca virada para baixo, quase com um beicinho, e ela pareceu desapontada que eu não estivesse fugido. Ou gritado, no mínimo. Seu rabo, o qual tinha ao menos dez metros de comprimento, contorcia para trás e para frente no que parecia ser aborrecimento. Ou talvez antecipação. Eu não sei. Eu sempre fui uma pessoa mais de cachorro.

Eu limpei minha garganta, e a pantera parou e sacudiu para cima uma das suas orelhas redondas. Escutando.

— Um, bom gatinho?

Os olhos da pantera se estreitaram, fogo ardendo nas profundezas vermelhas, e ela soltou aquele som assobiado novamente. Não, não, não. Nada de um bom gatinho.

A pantera espreitou para o lado mais distante do pátio. Assim que suas costas se viraram, eu estendi a mão para baixo e apanhei o maior pedaço da sobra da estátua esmagada que eu vi. Eu esperei um segundo, me perguntando se eu obteria um flash da pedra, mais eu não consegui. Ou talvez as sensações e imagens apenas não podiam penetrar no meu ser em pânico nesse momento.

Eu não sabia exatamente que formato a estátua tinha, talvez uma gárgula. O que quer que tenha sido fez parecer como se, a criatura tivesse chifres, um dos quais eu estava segurando. Eu me perguntei se a ponta seria afiada o bastante para penetrar na pele da pantera. Provavelmente não. Pela primeira vez, eu desejei ter a

força de uma Valquíria ou a velocidade de uma Amazona ou a habilidade com armas de um Espartano – algo, qualquer coisa que fosse me ajudar. Que iria me salvar de ser rasgada em pedaços. Suor ensopou minhas mãos, e eu lutei para segurar a minha lamentável arma.

A pantera alcançou a borda do pátio e espreitou para trás na minha direção. O seu nariz preto estremeceu no seu rosto, e seus lábios curvaram-se para trás em outro sorriso. Sim, ela estava definitivamente sentindo o cheiro do meu medo. Eu fedia a terror.

O monstro se cansou de jogar seu joguinho de perseguição por que ele afundou para trás em cima das suas ancas, se aprontando para se lançar e me matar –

A pantera saltou, e eu senti algo correr para mim. Eu fechei meus olhos, esperando pelas garras e dentes rasgarem na minha pele. Mas ao invés disso, tudo o que eu senti foi meu ombro batendo no piso de pedra e mãos movendo-se sob meu corpo, como se elas estivessem procurando por algo.

— Me dê isso, — uma voz murmurou no meu ouvido.

Alguém arrancou o chifre de pedra da minha mão, e eu abri meus olhos. O que estava acontecendo? Por que eu não estava morta, ainda? Eu olhei para cima para encontrar a última pessoa que eu esperava, em pé no terraço entre mim e pantera.

Logan Quinn.

E ele não estava fugindo ou gritando como ele deveria ter feito – como nós dois deveríamos ter feito. Ao invés, Logan permaneceu entre mim e a pantera, apertando o chifre na sua mão como se fosse uma arma real ou algo assim.

A pantera estreitou seus olhos ensanguentados e circulou um caminho, tentando contornar Logan para chegar a mim. Mas Logan pisou na frente do animal, intensificando seu aperto no chifre de pedra. A pantera soltou outro assobio malvado, e um – um *sorriso* espalhou de um lado ao outro no rosto de Logan.

E então eu entendi o que ele estava fazendo. Ele estava – ele estava realmente indo *lutar* com aquela coisa. Até a...*morte*.

Oh não!

Eu nem tive que abrir a minha boca para gritar antes da pantera saltar em Logan.

Um vez atrás da outra, os dois rolaram ao outro lado do pátio, rosnando, cuspidando, e assobiando um para o outro. Eu me embaralhei para ficar de pé e saltei para trás contra a parede, não certa que outra coisa a mais fazer sem ser sair do caminho. Sem ter certeza do que mais eu poderia fazer. Talvez eu devesse ter corrido para a outra direção, de volta em direção à fogueira, tentando obter alguma ajuda. Mas por alguma razão, eu não quis deixar Logan ali sozinho no escuro com a pantera malvada.

Não quando ele tinha acabado de me salvar dela.

A pantera estava miando nesse ponto, e cada som que ela fazia parecia como uma adaga socando no meu crânio. Eu fechei minhas mãos sob meus ouvidos, me perguntando como Logan podia ficar tão perto daquele barulho horrível. Então eu me girei, procurando por algo que eu pudesse usar para ajudar Logan a combater a criatura. Meus olhos aterrissaram na cadeira de metal localizada perto de uma das mesas no terraço, e eu a agarrei e icei acima do meu ombro.

Mas nesse ponto, a pantera tinha Logan preso debaixo dela e estava estalando sua mandíbula bem no rosto dele. Eu corri para lá, trazendo a cadeira de metal estendida, e atingi a criatura tão forte quanto eu pude com ela.

Eu não fiz nenhum dano real, mas eu definitivamente obtive a atenção da pantera. O monstro atacou, girando suas patas para mim, mas eu sustentei a cadeira como se ela fosse um escudo, mantendo-a entre nós. As garras da pantera arranharam a cadeira com um terrível guincho, completamente retalhando o metal e enviando jatos de faíscas vermelhas.

Enquanto eu distraí a criatura, Logan colocou seus pés entre ele e a pantera e fez algo como um movimento estranho para lançar o animal para fora dele. A pantera navegou através do ar e bateu de lado na parede do terraço. Então Logan capotou em seus pés como se ele fosse um pirado Ninja.

Apesar do fato que eu quase fui transformada em uma nepeta¹⁷, era de verdade a coisa mais maneira que eu já tinha visto.

A pantera voltou a ficar sob seus pés, mas era muito tarde. Logan mergulhou em cima da criatura e apunhalou-a com o chifre de pedra.

A pantera gritou de dor. Era o som mais horrível que eu já tinha ouvido, um alto miado, choro de lamúria que pareceu retalhar meus tímpanos de lado de dentro para fora. Era quase como... se a pantera estivesse chorando por algo ou por alguém, implorando àquela pessoa para ajudá-la, para parar a dor.

¹⁷ (nepeta – ou erva do gato, é uma planta medicinal e aromática da família do hortelã)

O barulho não pareceu incomodar Logan. Com um sorriso no rosto, ele arrancou o chifre da lateral da criatura e a apunhalou novamente. A pantera gritou mais uma vez e se lançou de volta em cima de Logan. Então, eles dois começaram a se mover muito rápido para eu seguir, apenas um emaranhando selvagem de braços, membros, e garras chicoteando, cada um tentando matar o outro.

Eu fiquei ali com minha cadeira de metal retalhada. Eu a usaria para atingir a pantera novamente, se eu não tivesse com medo de acidentalmente esmagar o cérebro de Logan no processo. Mas eu não tive a chance de fazer nada.

A pantera soltou mais um grito, e então ela e Logan estavam ambos imóveis.

Aturdida, eu olhei abaixo para uma enorme pilha de pelagem preta na minha frente, Logan preso em algum lugar debaixo dela.

O Espartano estava morto. Ele tinha que estar. Ninguém poderia sobreviver a algo assim. Esse foi o pensamento que se chocou no meu cérebro. *Não, não, não!* Ele estava morto. Com certeza, talvez ele fosse um homem-vadia que dormia por aí e pareceu gostar de me aborrecer por nenhuma boa razão, mas Logan não tinha sido de todo mau. Ele tinha acabado de salvar a minha vida. Algo soltou um gemido, e eu pisei para trás, me perguntando se talvez a pantera não estivesse morta depois de tudo. Raiva me preencheu, e eu ergui minha cadeira novamente, pronta para derramar o animal à morte se eu tivesse que apenas matar Logan –

— Você acha que talvez você possa abaixar a cadeira e alçar essa coisa de cima de mim? — um voz tensa murmurou.

A cadeira escorregou dos meus dedos dormentes e tiniu no chão do pátio. Eu caí de joelhos ao lado da pantera. — Logan! Você ainda está vivo!

Um braço preso debaixo do pesado peso do animal gesticulou na minha direção, embora eu não pudesse ver seu rosto. — É claro que eu ainda estou vivo. Eu sou um Espartano. Agora, você vai me ajudar ou não, garota Cigana?

— Ajudar. Definitivamente ajudar.

Eu me levantei dos meus joelhos, ergui as mangas do meu casaco de capuz, e estendi minhas mãos. Eu não queria tocar no monstro, não queria ter um clarão da raiva e dor que ele tinha sentido antes de Logan tê-lo matado, mas eu não tinha uma escolha. Então eu cerrei meus dentes, coloquei minhas mãos na pelagem do animal, e empurrei tão forte quanto eu pude.

Nada aconteceu.

A pantera era muito pesada para eu movê-la por conta própria. Ela pesava várias centenas de quilos, ao menos.

Mas a coisa mais estranha era que eu não obtive nenhuma vibração dela. Sem flashes de imagens, sem emoções, nada. Eu franzi o cenho. Algo estava errado com meu dom Cigano, minha psicometria? Essa era a terceira vez que isso acontecia essa semana. Primeiro, eu não tinha conseguido nenhuma vibração do corpo de Jasmine na biblioteca. Segundo, eu não tinha tido clarão do seu sangue também, apesar de estar por todas as minhas mãos e roupas. E agora eu não senti nada quando eu estava tocando essa criatura morta também –

— O que você está esperando? — Logan murmurou. — Essa coisa está esmagando minhas costelas e rosto, no caso de você não ter notado.

Não havia maneira que eu pudesse mover a pantera de cima dele. Eu só não era forte o bastante – Meus olhos se estreitaram. Mas eu conhecia alguém que era – e ela me devia.

— Fique aqui, — eu disse, me embaralhando aos meus pés. — Eu estou indo conseguir alguma ajuda. Eu vou voltar.

— O que? Espere –

Logan começou a dizer algo, mas eu já tinha corrido saindo do pátio. Eu acelerei de volta ao outro lado do quadrilátero superior na direção de onde eu tinha vindo, então descendo a encosta ao quadrilátero inferior e à fogueira. Enquanto eu tinha partido, alguém ligou um rádio em um sistema de som, e a alta música de rock adicionou barulho ao anfiteatro.

Me levou a melhor parte de um minuto para encontrar Daphne na multidão. Ela estava perto da fogueira, de pé nas sombras expulsas pelas chamas e conversando com Carson. Ambos estavam sorrindo, gargalhando, e disparando pequenos olhares de paquera um ao outro quando cada um pensava que a outra pessoa não estava olhando. Eu rolei meus olhos. Eles realmente deveriam prosseguir com as coisas.

Eu os alcancei bem quando Carson abaixou a sua bebida na mesa, atraiu um fôlego, e olhou para Daphne.

— Daphne, eu estava perguntando, eu quero dizer, eu sei que é meio que no último minuto, se você não tem um acompanhante para o baile de formatura –

Eu apareci perto de Daphne, e Carson sufocou um grito de surpresa. Daphne pulou também, chocada pelo meu súbito aparecimento assim como o cara membro da banda estava.

— Oi aí, Carson . Daphne. Desculpe cortar essa breve conversa, mas você está vindo comigo. — eu agarrei uma das mangas da jaqueta de veludo cotelê de Daphne.

— Mas – mas — isso foi tudo o que Carson pode soltar, então eu decidi facilitar para ele.

— Sim, — eu disse em um tom alegre. — Daphne *amaria* ir ao baile de formatura com você amanhã à noite. Ela acha que você é totalmente maravilhoso. Ela tem uma queda por você por *séculos*. Mas nesse momento, ela tem que vir comigo. Ela vai ligar pra você mais tarde, e vocês dois podem resolver os detalhes. Esquemas de cores, corsages¹⁸, e tudo mais. Agora tchau.

Eu arrastei Daphne para longe do cara membro da banda e segui subindo a encosta na direção da biblioteca. Nos primeiros poucos passos Daphne pareceu tão atordoada quanto Carson. Mas então ela prestou atenção e olhou para trás sob seu ombro. Atrás de nós, Carson estava sorrindo como um bobo – ou um cara que acabou de marcar um encontro com sua garota dos sonhos. O rosto de Daphne alternou entre absoluta felicidade e raiva humilhante. Depois de alguns segundos, a raiva venceu.

— Eu estou indo matar você por isso, Gwen, — Daphne rosnou. — Lentamente.

Eu olhei para ela, mas eu não parei de arrastá-la morro acima. — Por que? Você teve exatamente o que você queria. Um encontro com Carson. Você deveria estar me agradecendo, não conspirando em como você pode retalhar o meu rosto com seus dedos brilhosos. Vocês dois deviam ficar em pé ali por outras *quatro* antes dele trabalhar os nervos para pedir você para sair. Eu só cortei o discurso do nerd.

Os olhos pretos de Daphne estreitaram, mas ela não me contradisse. — Ótimo. Então talvez você me fez um favor. Mas o que você quer agora? Eu não sou a sua sócia pirada, você sabe. Eu nem sequer *gosto* de você. Nem um pouquinho. E nós certamente não somos *amigas* nem nada.

— Claro que nós não somos, — eu disse. — Eu nunca poderia, jamais ser amiga de uma rica, mimada, aspirante a princesa Valquíria como você. Mas desde que você é uma das poucas pessoas na academia que realmente vai falar comigo,

¹⁸ (corsages é o arranjo de flores que as meninas usam no pulso no dia do baile)

você foi eleita. Agora se apresse. Logan está preso. Ele pode estar ferido, também. Eu não sei.

— Logan? — Daphne perguntou. — Como o Logan Quinn? *O* Logan Quinn? Onde você se meteu, Gwen?

Nós alcançamos o topo da encosta, e eu decolei em uma corrida. Depois de um momento, eu ouvi um xingamento murmurado e Daphne caiu no passo atrás de mim, seus pés esmagando a grama orvalhada junto com os meus. Eu a conduzi de volta à biblioteca e para cima ao pátio.

— Eu preciso que você me ajude a remover aquela coisa, o que quer que ela seja, — eu disse, apontando para a pantera. — Logan a matou, e agora, ele está preso debaixo dela.

Logan gesticulou seu braço novamente. Evidentemente, ele nos ouviu correndo acima em direção ao pátio.

— Cara! — Daphne murmurou, seus olhos amplos enquanto ela olhava abaixo para a criatura. — É um gatuno de Nemean!

Eu olhei para ela. — O que é um gatuno de Nemean?

— Como você pode não saber o que é um gatuno? — Daphne perguntou. — *Todo mundo* sabe sobre os gatunos.

Eu encolhi de ombros. — Eu sou nova aqui, se lembra?

Ela sacudiu sua cabeça. — Bem, de qualquer forma, esse é um gatuno de Nemean. Hércules matou um montão deles há muito tempo. Hoje, eles são como o equivalente mitológico de um familiar. Você sabe, como um gato preto de uma bruxa?

Eu assenti. — Lógico.

— Exceto, claro, que gatunos são muito mais poderosos que esses, — Daphne disse. — Maiores, mais fortes, mais resistentes. Suas garras podem atravessar quase tudo, o que é uma das razões que os Ceifadores os amam. A maioria dos Ceifadores não os mantém muito como um animal de estimação quanto eles fazem para matar pessoas. Eles realmente são como grandes gatinhos assassinos. Cara, essas coisas são *sórdidas*. Eu não acredito que ele realmente o matou.

— Oi, — Logan murmurou, gesticulando seu braço de novo para obter a nossa atenção. — Eu ainda estou preso aqui.

— Oh. Desculpe.

Daphne se inclinou para baixo e enfiou suas mãos na pelagem da criatura, apenas como eu tinha feito alguns minutos atrás. Com sua força de Valquíria foi fácil para ela empurrar o gatuno para fora de Logan e rolá-lo de lado no pátio. Daphne se inclinou sob a criatura, murmurando que ela nunca viu um gatuno pessoalmente antes e que maneiro fosse que isso estava morto. E o pensamento dela/ era uma piração.

Eu caí de joelhos ao lado de Logan, que estava deitado de costas, tentando recuperar o fôlego depois de ser de alguma forma esmagado pelo gatuno.

— Você está bem? — eu perguntei.

— Eu acho que sim. — Logan me encarou, e um sorriso subiu nos seus lábios. — Mas talvez você queira fazer um boca a boca em mim, apenas para se certificar.

Eu rolei meus olhos e me levantei. — Você alguma vez pensa em algo além de sexo?

Seu sorriso se ampliou. — Não quando você está por perto, garota Cigana.

Meus olhos se estreitaram, e eu mordi de volta uma resposta. Provavelmente não era uma boa ideia criticar o cara que tinha acabado de salvar sua vida. Mas mesmo assim. Logan Quinn precisava seriamente aprender boas maneiras.

— Um, pessoal, — Daphne disse. — Vocês podem querer olhar isso.

A Valquíria se apoiou até que ela estava em pé perto de nós. Logan e eu olhamos até o gatuno.

O qual estava desaparecendo diante dos nossos olhos – literalmente.

A pelagem da criatura, que uma vez tinha sido tão densa, grossa, e preta, lentamente se desvanecendo no ar como se fosse feito de fumaça. A névoa fez um redemoinho, e, por um momento, eu podia ter jurado que eu vi dois olhos no meio disso. Os olhos esfumaçados pareceram me encarar antes de uma fria brisa cair varrendo sobre o pátio e carregá-los para longe.

— Isso é... normal? — eu murmurei.

— Nem um pouco, — Daphne murmurou. — Eu nunca vi um gatuno de perto antes, mas eles são tão reais quanto nós somos. Eles não deveriam desaparecer depois de você matá-lo. Apenas ilusões fazem isso.

Apenas ilusões fazem isso. As palavras de Daphne ecoaram através da minha mente, e eu senti a memória agitando no meu sub-inconsciente. Algo a ver com

ilusões. Algo que eu vi ou ouvi ou li ou pensei sobre nas últimas semanas. Algo que era importante. Mas quanto mais forte eu tentava me agarrar aos meus pensamentos, mais eu tentava invocar a memória, mais fundo ela afundava no meu cérebro...

Logan estava sob seus pés e esfregava seu peito. — Bem, o que quer que tenha sido, era muito pesado e muito interessado em me matar.

Qualquer que tenha sido a discussão que eu estive seguindo na minha cabeça estalou com essas palavras, e a memória assentou de volta na escuridão. Ainda assim, eu lutei para colocar sentido no que eu tinha acabado de ver.

— Mas se esse gatuno era uma ilusão, então ele não podia realmente nos ferir, certo? — eu perguntei. — E por que isso estava até mesmo aqui pra começar? As ilusões são como fantasmas ou algo assim? Eles assombram certos lugares?

Logan e Daphne trocaram um olhar, como se eu devesse ter sabido exatamente o que estava acontecendo ao invés de perguntar tal pergunta óbvia.

— Não, ilusões não são como fantasmas, — Daphne explicou. — Ilusões são criadas por pessoas com magia, por guerreiros como nós. E eles podem ferir apenas tão ruim como as coisas reais podem – algumas vezes até mesmo piores, dependendo de que tipo de ilusão ele seja. A única diferença entre a ilusão de um gatuno que atacou você e um gatuno real é que não há um corpo para se livrar, agora que Logan matou isso.

Eu ainda realmente não entendia por que um gatuno seria capaz de me matar, se ele era apenas uma ilusão para começar, mas eu não queria parecer uma completa estúpida, então eu mantive a minha boca fechada.

Não havia nada mais para nós fazermos além de ficarmos em pé ali e observarmos o gatuno evaporar. Trinta segundos mais tarde, nada restou dele, exceto pelos pedaços esmagados de pedra que tinham se espalhado em todo o lugar quando Logan arremessou ele na parede do pátio.

Quando o último remanescente do gatuno se foi, Daphne se virou e me apunhalou no ombro com seu dedo.

— Eu acho que você tem algumas explicações para dar, Gwen. Então fale. *Agora.*

Ela não ia levar um não como resposta, e eu supus que eu devia a Logan algum tipo de explicação uma vez que, você sabe, ele quase foi arranhado à morte por minha causa. Então eu disse aos dois sobre tudo o que aconteceu essa noite. Sobre eu espiando Morgan e Samson, o que eles estavam fazendo, a estátua caindo

e quase os atingindo, e depois o gatuno aparecendo e tentando arrancar um pedaço de mim.

— Então Morgan e Samson estavam aqui fora se entretendo quando eles quase foram sobrepostos por aquela estátua. Depois, o gatuno apareceu e quase come você antes do garoto Espartano matá-lo ao invés disso. Boa morte, à propósito, — Daphne disse. — Espetando-o com aquele chifre. Impressionante. Mesmo para um Espartano.

Logan sorriu, aceitando seu sarcástico elogio.

— Então o que isso tudo significa? — Daphne perguntou. — Você acha que a estátua caiu de propósito? Que alguém estava tentando ferir Morgan e Samson, depois criar aquela ilusão de gatuno e incitá-lo em você depois de você tê-los avisado?

Eu encolhi de ombros. — Eu não sei. A biblioteca está trancada de noite, e eu não vi ou ouvi ninguém no pátio além de Morgan e Samson. Então quem poderia ter criado a ilusão? E por que? Quem teria uma razão para querer feri-los ou a mim para começar? Jasmine era a única que se importava sobre Morgan e Samson se encontrando, e ela está morta.

— Talvez seja o mesmo Ceifador que matou Jasmine, — Logan sugeriu. — Antes dele deixar a biblioteca naquela noite, talvez ele tenha criado alguns feitiços para fazer a estátua cair e o gatuno aparecer para ajudar a encobrir sua fuga. Talvez eles apenas não tenham funcionado quando eles deveriam funcionar, e você, Morgan, e Samson acidentalmente deram o gatilho neles essa noite.

Daphne assentiu sua cabeça. — É possível. Ceifadores são pirados dessa forma. Eles amam deixar armadilhas para trás.

— Você acha que existem mais algumas armadilhas ali fora? — eu perguntei, olhando em volta do pátio.

Logan e Daphne ambos sacudiram suas cabeças.

— Não, — Logan disse. — Por outro lado, elas teriam acabado quando a ilusão do gatuno se foi. Quando você desarma uma armadilha, você desarma todas elas. Ceifadores gostam de fazer bastante estrago quanto possível de uma vez só.

Feitiços de armadilhas? Isso parecia um pouco improvável para mim. Mas então tinha o gatuno de Nemean cerca de até dez minutos atrás.

— Eu não sei. Nada disso faz qualquer sentido, — eu disse.

Eu esfreguei minha cabeça, o qual subitamente estava doendo. Eu senti como se eu estivesse perdendo algo – algo óbvio sobre toda essa situação. Mas tentando como eu pude, eu não conseguia descobrir o que era.

— Vamos, — Logan disse. — O que quer que esteja acontecendo, você não vai descobrir isso essa noite, garota Cigana. Eu não sei vocês, mas eu preciso de um banho.

Pela primeira vez, eu percebi que Logan tinha sangue por todas as suas roupas de onde ele apunhalou o gatuno que caiu em cima dele. O sangue era preto, apenas como o monstro tinha sido, e tinha arruinado completamente sua T-shirt e jeans. Primeiro eu o fiz derramar refrigerante nele mesmo, e agora isso. Graciosa eu não era.

— Desculpe. — eu estremeci. — Eu vou comprar pra você algumas roupas novas. Mas você está certo. Vamos sair daqui.

Daphne e Logan se viraram e caminharam descendo os degraus da biblioteca mas eu fiquei para trás um momento, encarando acima ao local de onde a estátua tinha caído.

Não havia nada ali em cima, claro. Apenas mais estátuas encobertas nas sombras. Talvez fossem todas as coisas doidas que aconteceram essa noite, mas eu senti como se houvesse, olhos em mim, como se alguém ou algo estivesse me observando de algum lugar bem acima da biblioteca –

— Gwen! — Daphne gritou. — Vamos, já!

Eu estremeci e arrastei meu olhar para longe da biblioteca. Mas a fria, atenta sensação demorou enquanto eu metia minhas mãos dentro dos bolsos do meu casaco e me apressava para alcançar os outros.



I4

LOGAN, DAPHNE, E EU ANDAMOS DE VOLTA PARA BAIXO DA ENCOSTA AO quadrilátero inferior.

A fogueira ainda queimava, embora nesse ponto a maior parte dos alunos estivesse sentado nas cadeiras que cercavam a chama de cerejeira ou rastejado para cima nos degraus de pedra por um pouco mais de privacidade. Mais do que alguns casais sentavam-se muito perto em um prenúncio de beijo nos andares superiores, amontoados nos edredons do dormitório de alguém. As risadinhas, e sons de beijos, e ocasionais guinchos de gargalhadas me disseram exatamente o que estava acontecendo debaixo dos edredons.

Mais garotos estavam bêbados agora, também, tropeçando tanto nas redondezas que a Professora Metis e Técnico Ajax estavam agrupando um grupo deles de volta aos seus dormitórios antes que eles fizessem algo estúpido, como desmaiar e cair em cima da fogueira.

— Ei, — eu disse, — Vocês acham que nós devíamos contar para Mestis o que aconteceu? Vocês sabem, sobre a estátua caindo e o gatuno de Nemean estando na biblioteca?

Talvez eu devesse ter ido direto para a Mestis em primeiro lugar, mas eu esqueci completamente sobre a professora até mesmo estando na fogueira na minha pressa de chegar à Daphne e arrastá-la de volta à biblioteca, para que a Valquíria pudesse içar o gatuno de cima de Logan, antes que ele sufocasse completamente com ele.

— Claro, se nós tivéssemos alguma prova, — Daphne disse. — Mas a estátua foi esmagada em pedaços e o gatuno evaporou. Se lembra? Além disso, você quer mesmo explicar para Metis por que você estava ali espiando Morgan e Samson e o que eles estavam fazendo? Ela com certeza vai perguntar por que você estava na biblioteca em primeiro lugar, uma vez que ela já estava fechada por essa noite por causa da fogueira.

Eu mordi meu lábio. Daphne estava certa. Eu não podia contar a Professor Metis o que aconteceu, não sem me meter em uma história completamente estranha. Metis era legal, mas eu duvidava que ela pensaria muito bondosamente de mim arrombando o quarto de Jasmine, roubando o seu laptop, e depois espiando a melhor amiga da Valquíria morta e o namorado, por que eu tinha uma vibração estranha sobre toda a situação.

— Uma pena sobre o gatuno, entretanto, — Logan murmurou. — Eu teria adorado tê-lo mostrado ao Técnico Ajax. Ele teria ficado muito impressionado.

— Verdade, — Daphne concordou.

Eu olhei para eles dois. — Jesus. Vocês dois realmente acham que matar um monstro mitológico é maneiro assim?

Daphne e Logan se olharam.

— Completamente, — Daphne disse.

— Absolutamente, — Logan concordou.

E eles pensavam que *eu* era a pirada. Ao menos eu tinha bom senso em ter medo de coisas como gatunos. Coisas com grandes, afiados, pontiagudos dentes que podiam rasgar em retalhos. Eu estremeci de novo com a memória da criatura me perseguindo.

— Bem, — Daphne disse. — Eu acho que eu tive diversão suficiente por uma noite. Eu vou voltar ao meu quarto. Eu ainda tenho aquele documento para escrever para literatura Inglesa.

— Deixe-me caminhar com você ao seu dormitório, — Logan ofereceu em uma voz solícita. — Você, eu, e a garota Cigana podemos ter a nossa própria fogueira essa noite.

Daphne e eu nos olhamos fixamente. Eu rolei meus olhos enquanto Daphne bufou.

— Oh, por favor, — ela zombou. — Como se eu precisasse de um *cara* para *me* proteger. Eu sou uma Valquíria, se lembra? Eu posso erguer você e quebrar suas costas com meus joelhos, Espartano. Como se você fosse uma piñata.

— Que gentileza, — Logan disse, sorrindo para ela. — Eu gosto disso.

Ela bufou. — Guarde o seu charme espertinho para a Gwen. Todos nós sabemos que ela é aquela que você está realmente tentando impressionar, de qualquer forma.

Nós sabemos? Por que eu não tinha entendido *nada* da mensagem.

Meus olhos agitaram-se para Logan. Algo que pareceu como culpa corou na lateral do seu pescoço, mas com as chamas tremulando da fogueira tornava difícil dizer isso com certeza.

Daphne bufou novamente e se retirou em direção ao seu dormitório, deixando nós dois em pé ali na luz da fogueira.

— Não se esqueça de ligar para o Carson, — eu gritei em uma voz prestativa. — Vocês dois tem um encontro amanhã à noite, se lembra?

Daphne se virou e fez um gesto rude com sua mão, me dizendo exatamente o que eu poderia fazer comigo mesma. Mas ela tinha um sorriso no seu rosto enquanto ela o fez. Eu me descobri sorrindo de volta para ela. Daphne Cruz era legal, mesmo se ela fosse uma rica, mimada, Valquíria aspirante à princesa.

Logan olhou para mim. — Você vai se retirar na escuridão, também?

— Oh, não. — eu disse, me lembrando da maneira como o gatuno tinha lambido seus lábios e assobiado para mim. Outro estremecimento ondulou através do meu corpo. — Eu estou mais do que feliz de deixar você andar comigo ao meu dormitório.

Nós deixamos o anfiteatro para trás e seguimos para o outro lado do quadrilátero inferior. Umas poucas pessoas agrupadas ao redor da fogueira, mas o resto estava envolto em seus mundinhos debaixo dos seus cobertores, namorando suas gatas, e ninguém prestou atenção em Logan e mim.

Uma coisa boa, uma vez que o Espartano estava bastante coberto com sangue preto da cabeça aos pés. Eu estremeci quando nós passamos pela fogueira e eu vi exatamente quanto disso estava nele. Logan parecia como se ele tivesse tomado banho no sangue do gatuno.

Eu não podia evitar além de perguntar o que fez ele me seguir até a biblioteca, e mais especialmente o que tinha feito ele se colocar entre mim e aquele monstro horrível. Sim, eu sabia que ele era um Espartano e matar coisas ruins era basicamente o que ele fazia, e que ele estava aqui na Mythos aprendendo como fazer.

Mas tinha que haver mais do que isso. Talvez se eu fosse mais bonita, mais rica, ou mais popular isso fizesse sentido. Eu não era exatamente o tipo de garota que caras tropeçavam em si mesmos para ajudar. Logan pensava que eu estaria tão agradecida que eu mudaria de ideia sobre ele e então cairia em seus braços?

Meus olhos se moveram para seu rosto e desceram pelo seu corpo musculoso. Bem, tudo bem. Teria alguma atração a mais, se ele não estivesse tão pegajoso nesse momento. Tudo bem, tudo bem. Ainda tinha uma certa atração, mesmo se ele estivesse todo coberto de sangue e nojento.

Logan me viu encarando-o. — O que você está olhando, garota Cigana?

Dessa vez, uma vermelhidão subiu nas minhas *bochechas*. — Nada, — eu murmurei, e olhei para longe dele.

Nós não nos falamos enquanto deixávamos a luz e o calor da fogueira para trás e pisávamos em uma das calçadas de paralelepípedos que rodeavam o quadrilátero inferior e conduziam para o Styx Hall.

— Então, — Logan finalmente disse. — Você está tentando descobrir o que aconteceu com Jasmine, hein? Quem a matou e levou a Tigela das Lágrimas?

Eu encolhi de ombros. — Algo assim.

— Por quê? — Logan perguntou. — Por que você sequer se importa? Como você provavelmente adivinhou por agora, Jasmine não era exatamente uma garota muito apreciada na Mythos. Com certeza, ela era popular, mas ela aterrorizou as pessoas para alcançar isso. Pessoas tinham medo dela, e ela era basicamente uma vadia sem coração. Por que você quereria descobrir o que aconteceu com alguém assim?

Mais uma vez, eu pensei sobre Paige Forrest. Ela tinha sido muito como Jasmine, bem, exceto pela parte da vadia sem coração. Paige tinha sido muito, popular, e doce, mas ninguém sabia sobre a coisa horrível que estava acontecendo

com ela. Mesmo agora, eu ainda podia ver o seu padrasto fazendo Paige deitar na sua cama enquanto ele a tocava. Meu estômago se revirou com a memória, e eu estremeci e envolvi meus braços a minha volta.

Eu não podia dizer a Logan tudo isso, claro. Que de uma maneira estranha Jasmine me lembrava de Paige e que eu queria ajudar a Valquíria como eu tinha feito com a outra garota. Isso era muito de uma estória, e provavelmente não faria sentido para ele de qualquer forma. Algumas vezes, meu dom Cigano e todos os flashes, vibrações, e emoções que vinham junto com ele não faziam muito sentido para mim também. Mas minha mãe sempre disse para mim para confiar nos meus instintos, e isso era o que eu ia fazer.

— Por que alguém deveria ao mínimo se importar com o que aconteceu a ela, — eu disse em uma voz calma, — Alguém deveria estar comovido que ela foi assassinada, mesmo se ninguém realmente gostasse de Jasmine lá no fundo.

— Talvez, — Logan disse. — Mas Metis, Ajax, Nickamedes, e todos os outros pensam que um Ceifador matou Jasmine e roubou a Tigela de Lágrimas. O cara, quem quer que seja, se foi há tempos.

Eu encolhi de ombros. — Talvez. Mas algo sobre toda essa situação apenas não me parece certo. Talvez seja por que minha mãe era um tira. Ela sempre me disse para ouvir meus instintos.

— Era? — Logan perguntou em uma voz calma, captando o passado.

— Ela morreu seis meses atrás, — eu disse. — Ela foi morta em um acidente de carro por um motorista bêbado. Isso foi o que a policia disse, de qualquer modo.

Minha garganta se fechou enquanto eu dizia as palavras, e eu pisquei de volta uma onda de súbitas lágrimas quentes. Mais uma vez, minha dor, raiva e culpa, sobre a morte da minha mãe retorceram meu coração, como uma cobra se curvando mais apertado e mais apertado ao redor da sua vítima até toda a vida ter sido espremida dela. Assim é como eu me senti nesse momento. Eu não podia sequer respirar sem machucar *muito*.

— Eu sinto muito, — Logan disse.

Eu assenti para ele, mas eu não confiava em mim mesma para falar.

Nós alcançamos o Styx Hall um par de minutos mais tarde. A luz queimava sobre a porta da frente, mas o dormitório estava silencioso. Todos os outros ainda

tinham que estar na fogueira. Eu andei subindo os degraus do pátio que envolviam o dormitório, e Logan me seguiu.

Logan atraiu-se mais perto de mim até tudo o que eu podia ver, sentir, e ouvir fosse ele. Cabelo preto, olhos azuis gelados, queixo quadrado, peito sólido. Ele pareceu o mesmo de sempre, um total bad boy que sabia exatamente o quanto gostoso ele era. Mas de alguma forma, Logan pareceu mais nobre para mim agora, mais corajoso e mais forte. Como se houvesse muito mais dele do que apenas seu sorriso matador, charme fácil, e boatos de habilidade de retirar o sutiã de uma garota em menos de cinco segundos e sua calcinha em outros dez.

Talvez fosse por que Logan salvou a minha vida essa noite. Esse tipo de coisa que teria feito qualquer garota pensar muito bem dele. Ou talvez fosse apenas parte do que ele era, parte da sua hereditariedade Espartana, parte de se tornar um guerreiro feroz que ele estava tão inclinado a ser.

Eu pensei sobre a maneira com que ele tinha encarado tão friamente aquele gatuno de Nemean, a maneira com que ele realmente sorriu enquanto lutava com a horrível criatura. Logan me fez acreditar que havia algum tipo de propósito em tudo isso. Ao menos por essa noite, de qualquer maneira. Que sim, a Guerra do Caos e Ceifadores e Loki fossem reais, mas que havia também mocinhos como os Espartanos e Amazonas e Valquírias que estavam prontos para se erguerem e lutar com os vilões, também.

O que quer que fosse, a súbita sensação me fez estremecer, mesmo enquanto o calor florescia no abismo do meu estômago como uma flor lentamente desabrochando e se esticando em direção ao sol. Apenas da forma que eu me encontrei querendo esticar a mão para Logan, tocá-lo, sem importar quanto estranho, errado, ou estúpido isso pudesse ter sido.

— Eu posso te perguntar algo? — Logan disse, inclinando sua cabeça para um lado e olhando para mim.

— Claro.

— O que acontece com você e todos os gibis?

Isso era apenas a última coisa que eu esperava que ele perguntasse. Eu pisquei. — O que?

— Eu os vi naquele dia que você trombou comigo no quadrilátero e derrubou a sua bolsa. Por que você gosta tanto deles? — Logan perguntou. — Nós praticamente vamos a uma escola de um gubi. Essa noite deve ter provado isso a você. Você realmente não precisa lê-los.

— Eu apenas gosto deles, — eu disse. — Eu sempre gostei.

Isso era verdade. Eu sempre amei estória de pessoas tendo poderes incríveis, de mocinhos fazendo coisas boas e sempre frustrando os planos maldosos dos vilões no último minuto possível de segundo. Mas ultimamente eu estive lendo mais e mais deles, me enterrando nas páginas coloridas como se lendo sobre as ações heróicas de um outro alguém mudaria magicamente tudo na minha volta. Como se eles pudessem de alguma maneira fazer a minha vida melhor ou colocar tudo de volta à maneira que tinha sido antes da minha mãe morrer.

— Eu acho... que eu estive lendo mais deles desde o acidente da minha mãe, — eu disse, lutando para encontrar as palavras certas. — Eu acho... que eu gosto deles por que ninguém jamais morre em um gibi, nem mesmo um vilão. Ao menos não por muito tempo. Eu acho... que eu continuo esperando que um dia, minha mãe irá apenas aparecer, como os personagens sempre fazem nos gibis. Que ela vai estar bem e me dizer que tudo isso foi apenas um sonho ruim. Que ela esteve presa em outra dimensão ou que a pessoa que morreu era apenas o seu clone do mal ou algo assim. Que ela vai me tirar da Mythos e que as coisas irão voltar da maneira que elas costumavam ser. Muito estúpido, hein?

Eu pisquei um par de vezes e esfreguei o meu nariz como se ele estivesse coçando, apesar de que eu estava realmente tentando conter as lágrimas nos meus olhos. Eu não queria chorar na frente dele.

Logan olhou para mim. — Eu não acho que isso seja nada estúpido, Gwen.

Alguma da emoção entupindo minha garganta aliviou-se, e eu sorri.

— O que?

— Você sabe, eu acho que é a primeira vez que você até mesmo disse o meu nome? Eu sou sempre apenas aquela *garota Cigana* para você e para todos os outros.

Logan se moveu para mais perto de mim. — Sério? Então, eu terei que dizer isso de novo. Gwen, — ele sussurrou. — Gwen.

Eu olhei dentro dos seus olhos azuis gelados, fascinada pela súbita suavidade que eu vi ali, mesmo enquanto a cabeça de Logan mergulhava para baixo. Mas então meu cérebro deu um pontapé e eu percebi que ele ia realmente me beijar — e exatamente o que aconteceria no momento em que seus lábios tocassem os meus.

— Não! Não! Pare! — eu pisei para trás dele, quase caindo nos degraus no dormitório no processo.

Logan franziu o cenho, e algo como mágoa agitou em seus olhos.

— Não é que eu não queira – eu quero dizer, eu quero – eu *realmente* quero – é devido ao... meu dom, — eu terminei em uma voz totalmente débil e fraca.

Ele continuou me encarando.

— Meu dom Cigano, — eu disse, tentando explicar. — Minha magia psicométrica. O que quer que seja, eu... toco alguém, e obtenho flashes sobre ele. Sentimentos e imagens. Algo como um trailer de um filme da sua vida. Ou ao menos o que ele estava pensando sobre aquele momento em particular. Isso realmente depende da pessoa.

A suavidade dos olhos de Logan desapareceu, e seu olhar estava subitamente tão frio quanto gelo mais uma vez, seu rosto endureceu mais do que a estátua de mármore da Biblioteca de Antiguidades.

— E você não quer ver a minha, — ele disse em um tom insípido. — Por causa de quem eu sou. Por que eu sou um Espartano.

Ele disse “Espartano” como se fosse algum tipo de palavra suja ou uma coisa terrível de ser. Eu não conhecia todos os prós e contras da Mythos, mas eu sabia que a maior parte dos alunos estavam com medo de Logan e outros garotos gostavam dele. Por que eles eram Espartanos, por que eles eram tais bons lutadores, por que eles eram tão ferozes, tão fortes, e tão cheios de vida. E agora ele pensou que eu estava assustada por ele, também, e que eu nem sequer queria muito como *tocá-lo*, muito menos permitir que ele me beijasse.

— Não! Não! Não é nada disso. Eu só não sei se você iria... querer que eu visse... todas essas coisas sobre você, — eu terminei naquela mesma débil, fraca voz. — Algumas pessoas não querem.

Eles não querem que eu saiba seus segredos. Era o que eu queria dizer a ele. Talvez fosse isso o que eu devesse ter dito a ele.

Ou talvez que devesse ter apenas seguido em frente e admitido que o fato era que eu era uma total perdedora nerd que apenas tinha beijado um garoto em toda a sua vida. E apenas um par de vezes, com muito pouco de ação de língua envolvido. Que eu estava preocupada que minha falta de experiência seria tão obviamente mostrada e que eu não corresponderia ao padrão de Logan. Que eu não seria capaz de retornar o beijo como ele gostaria que eu retornasse – como *eu* gostaria. Que eu não queria que ele gargalhasse de mim ou zombasse de mim. E mais especialmente, que eu estava começando a gostar dele de uma maneira, mais,

mais do que eu deveria, dado o fato de que ele era quem ele era e eu era quem eu era. Apenas Gwen Frost, aquela garota Cigana que via coisas, e ninguém especial, excitante, ou particularmente interessante.

Logan continuou me encarando, aquela mesma expressão fria em seus olhos. Ele não fez movimento para tentar me beijar novamente. O momento, qualquer que fosse o tipo de momento entre nós, estava oficialmente superado. Encanto, quebrado. Estrçalhado era mais certo. Por mim e pelo meu faniquito sobre meu estúpido dom Cigano e o que deveria ser e sentir se eu o beijassee.

— Bem, — eu disse em uma estranha voz, deslocando-me de um pé ao outro. — Eu acho que eu deveria entrar agora. Está ficando, um, frio aqui fora.

— Sim, — Logan disse. — Frio.

Eu o encarei novamente, me perguntando o que eu poderia fazer para fazer as coisas melhorarem entre nós. Nós estávamos na beira de... algo, algo legal, eu pensei. Mas eu o arruinei, e eu não tinha ideia de como fazer isso dar certo.

— Então, obrigada, por, um, salvar minha vida essa noite.

— Sim, — ele disse novamente naquela fria, dura voz. — Boa noite, garota Cigana.

Logan se virou, andou para baixo nos degraus, e desapareceu na escuridão. Ele não olhou para trás.

— Boa noite, Logan, — eu sussurrei, mesmo embora eu soubesse que ele não podia me ouvir ou ver as lágrimas nos meus olhos.

Sentindo como uma estúpida, estúpida perdedora, eu marchei para cima nos degraus ao meu quarto, tomei um banho, e me aprontei para dormir. Talvez fosse o fato de que eu quase fui comida por um gatinho assassino ou talvez fosse meu quase beijo com Logan, mas eu não pude dormir.

Mas eu não pude apenas deitar na cama, olhar para cima à alínea no teto e não fazer nada também. Ao menos, não sem repetir a cena com Logan na minha mente repetidamente. Graças a minha psicomетria, eu pude lembrar claramente, humilhanamente os detalhes de como eu apenas me *apavorei* quando ele começou a me beijar. Eu teria sorte se alguma vez ele falasse comigo de novo.

Eu tinha que fazer algo para tirar tudo isso da minha mente, então eu arranquei o último doce de rocambole de abóbora da Vovó Frost da minha mini geladeira, liguei o laptop de Jasmine, e mais uma vez surfei através dos arquivos do computador que Daphne tinha desbloqueado para mim. Mas eu não encontrei

nada mais que me diria o que estava acontecendo, que profundos, escuros segredos Jasmine poderia ter tido, ou quem a tinha matado.

Eu estalei outro pedaço de rocambole de abóbora dentro da minha boca. Pensando. Talvez todos os outros estivessem certos. Talvez um Ceifador esteve na biblioteca para roubar a Tigela das Lágrimas todo o tempo. Talvez ele tivesse assassinado Jasmine simplesmente por que ela esteve no lugar errado na hora errada.

Pensando sobre a biblioteca e a Tigela me fez lembrar o livro de mitologia que eu peguei do quarto no dormitório de Jasmine. Meus olhos violetas agitaram-se para o grosso volume, o qual estava disposto na borda da minha mesa. Era a única coisa que eu roubei do quarto da Valquíria que eu não tinha olhando ainda.

Cautelosamente, eu toquei o livro, meus dedos roçando a superfície, apenas no caso de eu obter outro clarão zangado preenchido de ódio disso como aquele que eu tive da fotografia de Morgan e Samson. Eu não queria começar a murmurar para mim mesma novamente – ou pior, começar a gritar tão alto que qualquer um pudesse aparecer no meu quarto assistir à garota Cigana tendo outra fusão mental. Uma tinha sido suficiente.

Nenhuma emoção real tomou conta de mim enquanto eu tomava o livro – apenas a sensação de antigo conhecimento e suave, bem desgastada, impressão de centenas de mãos virando e virando e virando as páginas até eles encontrarem a informação que eles estavam procurando. Eu não podia dizer exatamente quanto antigo o livro era, mas tinha sido cerca de um bom tempo.

Eu virei até a seção que Jasmine marcou. Para minha surpresa, foi o começo de todo um capítulo que se tratava da Tigela das Lágrimas de Loki. Eu me movi ao longo da minha cama, escorei alguns travesseiros atrás da minha cabeça, e comecei a ler.

A Tigela das Lágrimas foi o que a esposa de Loki, Sigyn, usou para impedir o veneno da cobra de gotejar em direção ao acorrentado deus que uma vez – teve um lindo rosto...

Blah, blah, blah. Os vários parágrafos seguintes eram bem a mesma coisa que Professora Metis recapitulou para nós na aula de história-mitológica, então eu rocei sobre esses. As coisas ficaram um pouco mais interessantes depois disso, entretanto, por que o livro começou a mencionar um monte de coisas que Metis deixou de falar, por qualquer razão.

A Tigela das Lágrimas tem o boato de ser um dos Treze Artefatos, o item mágico que estava presente e usado durante a batalha final da Guerra do Caos no qual a deusa Nike derrotou Loki. Seis dos Artefatos pertenciam aos membros do Panteão, enquanto seis pertenciam ao Loki e seus Ceifadores, embora estudiosos frequentemente discordam em quais Artefatos eram e em que lado eles costumavam estar. Havia também um Artefato final, o décimo terceiro, que tinha o boato de ter feito pender a balança a favor de Nike, mas não havia registro conhecido do que ele fosse, como ele foi usado, ou o que aconteceu com ele...

Depois disso, os poucos parágrafos seguintes lidavam com os vários Artefatos, incluindo o que eles poderiam ser e que poderes eles poderiam ter. Uma lança, um escudo, um arco e um conjunto de flechas, um tambor... era uma lista muito longa. Além disso, a maior parte dos itens estava no museu, biblioteca, ou universidade onde ele estava localizado – e mais do que alguns estavam aqui na Biblioteca de Antiguidades. Jesus. Era como uma lista de compras para os vilões. “Venha aqui e roube isso.” Deixa para a gargalhada diabólica. “Wha-ha-ha.”

Eu sacudi minha cabeça e pulei para a seção que falava sobre a Tigela das Lágrimas.

Depois dele conseguir enganar sua esposa, Sigyn, em ajudá-lo escapar das suas correntes, Loki manteve a Tigela das Lágrimas e a impregnou com sua própria magia impiedosa, transformando-a em um Artefato poderoso. Rumores dizem que Loki usou a Tigela para dobrar as pessoas à sua vontade. Que uma vez que o sangue de uma pessoa gotejasse dentro da Tigela o deus – ou quem tivesse a Tigela naquele tempo – tinha completo controle sobre ele ou ela. Existe também o boato que os seguidores de Loki de boa vontade derramavam seus próprios sangues dentro da Tigela e que o deus iria então conceder a eles favores especiais e poderes para a mostra deles de lealdade. Ceifadores do Caos eram também conhecidos por usar a Tigela quando eles sacrificavam pessoas aos deuses, que transferiam os poderes da vítima e a força da vida para Loki. Alguns acreditavam que o Artefato pudesse ser usado para ajudar a libertar o deus da sua prisão atual e permitir que ele se aproximasse mais do reino mortal, onde ele podia exercer sua Caótica influência mais uma vez...

Então a Tigela das Lágrimas supostamente tinha o poder de permitir que a pessoa que estivesse segurando-a dobrasse alguém à sua vontade. Se, você sabe, ela apenas não seguisse em frente e sacrificasse aquela pessoa para Loki em primeiro

lugar. Eu estremeci. *Arrepiante*. Técnico Ajax e Nickamedes tinham dito os dois que os Ceifadores amariam colocar suas mãos na Tigela.

Agora eu entendia por que. Quem quer que tivesse a Tigela teria muito poder.

Mesmo assim, entretanto, eu me perguntei por que a pessoa que levou a Tigela matou Jasmine – e não a mim. Por que eu estive ali, também. Nocauteada à inconsciência e deitada no chão da biblioteca bem ao lado da Valquíria morta. Eu estive completamente desamparada. Então por que matar Jasmine e me deixar para trás – com vida?

Oh, eu sabia que eu não era nenhum tipo *real* de ameaça. Nem fisicamente ou magicamente, e mais especialmente não em um lugar como Mythos, onde todos os outros alunos sabiam afundar espadas e disparar flechas através dos corações das pessoas. Mas isso apenas não fazia sentido. Se eu fosse roubar um Artefato inestimável da Biblioteca de Antiguidades, se eu soubesse o bastante para alguma forma ser capaz de combater o sistema de segurança mágico de Nickamedes e tirar a Tigela da biblioteca, então eu acho que eu seria esperta o suficiente para não deixar qualquer testemunha para trás. Essas pessoas nenhuma vez assistiram as reprises de *NCIS* ou *Law & Order*?

Eu só não entendia por que. Por que Jasmine tinha sido morta, por que minha mãe tinha sido atingida por um motorista bêbado, por que o padrasto de Paige abusou dela, por que eu estava aqui na Mythos Academy quando eu não era nada como os outros alunos. Quando eu não tinha nenhum dos seus poderes, magia, ou habilidades guerreiras.

Mas não houve respostas para serem encontradas no livro de mitologia ou até mesmo nos meus próprios pensamentos problemáticos. Então eu fechei o grosso livro, coloquei-o na minha mesa de cabeceira, e rastejei para baixo do meu suave edredom. Mas ainda passou muito, muito tempo antes que eu fosse capaz de colocar ao lado minhas perguntas e cair no sono.



I5



DIA SEGUINTE FOI ESPETACULARMENTE CHATO. MINHAS AULAS SE arrastaram, e eu estava tão invisível quanto nunca para os outros alunos. Tudo sobre o que todos podiam falar foi com quem eles ficaram e quem se separou na fogueira ontem e como tudo isso ia afetar o baile de formatura essa noite. Mesmo os professores pareceram ter desistido de dar aos alunos qualquer exercício habitual hoje, por que todas as minhas aulas da manhã transformaram-se em períodos de estudos.

Realmente, entretanto, todos eles estavam apenas divagando fofocas festivas sobre o baile de formatura. Quem ia com quem, que marca de vestido todos iam usar e quanto eles custaram, qual dormitório ia ter a melhor pós-festa e a maior parte dos tonéis. Muitas das mesmas conversas que os jovens estariam tendo de volta na minha antiga escola. Exceto que eu poderia estar realmente indo ao baile, ao invés de ficar no meu quarto toda a noite como eu estaria fazendo aqui.

De uma forma, embora, eu estava feliz que eu não ia ao baile. Por que misturando isso com toda a conversa sobre ficadas e separações eram os sussurros de outro ritual. Aparentemente, todo ano antes do baile de formatura os funcionários e alunos da Mythos agradeciam aos deuses por vigiá-los por outra temporada, muito como uma celebração da colheita. Eu estremeci, pensando sobre a cena que eu testemunhei na fogueira na noite passada – as chamas prateadas e a

antiga, força anciã que se agitou no ar ao redor deles. Eu já atingi meu limite de magia surreal pela semana – eu tinha zero de desejo de ver algo mais.

Todos estavam tão excitados sobre o baile que não houve quase nenhuma menção sobre Jasmine Ashton. Apenas uns dois dias tinham passado desde que ela foi assassinada, e era como se isso nunca tivesse acontecido. Todos os outros já pareciam ter se esquecido sobre a Valquíria, apesar dela ter sido a garota mais popular na nossa aula.

Isso me fazia ficar triste e zangada ao mesmo tempo. Especialmente uma vez que eu não podia suportar deixá-la ir. Eu ainda não podia esquecer de ter visto Jasmine naquela noite, seus olhos azuis mortos olhando fixamente para mim como se ela quisesse que eu a ajudasse.

Eu ainda não podia esquecer o fato de que deveria ter sido eu deitada ali em todas aquelas poças de sangue.

A hora do almoço se passava ao meu redor. Eu peguei minha habitual salada de frango grelhado, junto com uma garrafa de suco de maçã orgânico e um pedaço de chesecake de limão com crosta de chocolate que era deprimentemente pequeno. De verdade. A pálida, lasca de creme não era nem tão largo quanto dois dos meus dedos juntos. Eu carreguei tudo em cima de uma bandeja de vidro limpa e me recuei a uma mesa vazia no canto mais quieto, mais remoto do refeitório que eu pode encontrar.

Eu ignorei a salada e todos os seus elaborados vegetais cortados, abri o adoçado, azedo suco de maçã, e drenei metade dele em um gole. Não muito difícil uma vez que as porções de bebida eram quase tão escassas quanto as sobremesas. Eu olhei o recipiente plástico, desejando que eu fosse em frente e pegasse dois sucos como eu já queria ao invés de apenas um –

Uma badeja assentou-se do meu outro lado, fazendo-me lançar para trás em surpresa e quase derrubar o meu suco no chão.

Daphne Cruz largou sua enorme bolsa em cima da mesa. Sua bolsa cobriu o livro de mitologia de Jasmine, o qual eu estive planejando ler mais dele no almoço. Mas essa não foi a coisa mais estranha que Daphne fez. Ela realmente sentou-se na minha mesa.

Como – como se nós fôssemos *amigas* ou algo assim.

Eu olhei para a Valquíria, me perguntando se ela estivesse de alguma forma possuída ou algo. Se alguém tivesse derramado o seu sangue dentro da Tigela das Lágrimas de Loki e feito-a uma disposta escrava –

— Então, — a Valquíria disse, abrindo a tampa da sua Perrier. — Aqui é onde você almoça. Até aqui nos fundos. O que é você? Um vampiro que tem medo da luz do sol ou algo assim?

Vampiros? Eles eram reais, também? Eu me perguntei, mas eu não queria parecer estúpida e perguntar, especialmente uma vez que eu não sabia o que Daphne estava fazendo aqui em primeiro lugar.

— Sim, — eu disse em uma voz protegida. — Você me pegou. Eu tenho toda essa coisa de super-herói acontecendo, então eu sento bem aqui nos fundos para manter os paparazzi e os fãs raivosos à distância.

Daphne olhou fixamente para mim. Depois de um momento, os lábios brilhantes da Valquíria enrugaram em um sorriso. — Você tem um estranho senso de humor. Super-heróis estão tão *fora de moda*.

— Sim, mas os atores que interpretam eles nos filmes ainda são tão ricos. Eu acho que eles irão superar o desgosto de perder a sua aprovação.

Daphne bufou uma gargalhada, depois pegou seu garfo e começou a apunhalar a sua berinjela com parmesão à morte. Eu esperei um minuto, depois olhei ao redor no refeitório. Me perguntando se isso era algum tipo de piada. Mas eu não vi ninguém olhando na minha direção e gargalhando por trás das suas mãos.

O que eu vi foi Morgan McDougall e um par de outras princesas Valquírias todas sentadas em suas mesas habituais, mergulhadas em sua fofoca de almoço e paquerando cada cara bonitinho que passava. Mas Daphne não olhou para suas amigas, e elas não pareceram notá-la sentada no canto comigo.

— Você está realmente... almoçando comigo? — eu perguntei.

— Não, — Daphne disse partindo os palitinhos amanteigados ao meio e afundando-o em um molho marinado apimentado no seu prato. — Eu sou uma ficção da sua imaginação. Você apenas está imaginando que eu estou sentada aqui comendo com você. Por que eu sou justamente tão absurdamente esplêndida que as pessoas sonham acordadas sobre serem vistas comigo.

— Engraçadinha, — eu murmurei.

A Valquíria sorriu para mim e deu uma mordida no seu palitinho.

— Mas porque? — eu perguntei. — Você me odeia.

Daphne mastigou e engoliu. — Eu não diria *odeio*, exatamente. Você é como fungos, Gwen. Depois de um tempo, você apenas começa a crescer nas pessoas.

— Então eu sou um bolor. Maravilhoso. Então por que você apenas não me arranca e vai sentar com suas amigas Valquírias como o habitual?

— Porque, — Daphne disse, deixando seus olhos pretos caírem na sua salada Caesar. — Na outra noite quando você não estava olhando, eu encaminhei todos os emails de Jasmine para a minha conta. E eu encontrei algumas coisas ali que eu não gostei — coisas sobre mim.

— Como o que?

Daphne suspirou e empurrou a salada para longe, como se ela perdesse o seu apetite. — Como o fato de que Jasmine e Morgan estavam zombando de mim pelas minhas costas. Elas sabiam sobre a minha paixão por Carson, e elas achavam que isso era *histórico*. E isso era uma das coisas mais legais que elas disseram sobre mim. E não eram apenas elas. Claudia, Kylie, Seraphina... todas elas estavam trocando emails sobre mim e sobre as outras. Nenhuma delas realmente pareceu gostar muito umas às outras.

— E daí? — eu perguntei. — Isso não é o que as garotas mesquinhas fazem? Eu quero dizer, as Valquírias são as abelhas rainhas na Mythos. Vocês garotas fazem os jovens no *Gossip Girl* parecerem mansos. Isso não é muito como tomar território?

— Talvez. — Daphne deu de ombros. — Mas eu estou cansada disso. Eu conheço essas garotas desde o primeiro grau, e elas só ficam mais superficiais e estúpidas todo ano. Eu acho que é a hora de eu fazer alguns amigos novos.

Ela atraiu uma respiração e olhou para mim. — Você fez algo realmente legal por mim na noite passada, arrumando um encontro entre mim e Carson. Eu não sei por que eu estava com tanto medo de que todos os outros pensariam sobre mim e ele, mas eu não estou mais. E eu não vou esquecer o que você fez por mim, Gwen.

— Então você decidiu que eu me encaixo então? — eu perguntei. — Que eu sou a sua nova BFF? Durante a noite? Justo assim?

Pela primeira vez, dúvida agitou-se nos olhos pretos de Daphne. — Hei, se você quer se sentar aqui no canto completamente sozinha e fazer beicinho sobre como você não tem nenhum amigo, está ótimo para mim. *Eu* estava apenas tentando ser legal.

Ela agarrou sua bandeja e começou a se levantar para se debandar, mas eu sustentei minhas mãos em um gesto apaziguador.

— Não, não, não, — eu disse. — Espere; sente-se de volta. Eu adoraria... alguma companhia. Por favor. Fique.

Daphne me olhou fixamente por outro minuto, então afundou-se de volta na sua cadeira. Jesus. A Valquíria era um pouco volátil. Eu teria que me lembrar disso: Não irrite Daphne, ou ela irá arrancar o seu coração do seu peito.

A Valquíria estalou suas unhas no seu garfo, e faíscas rosadas piscaram e flutuaram no ar da forma que elas sempre faziam quando as pontas dos seus dedos raspavam contra algo.

— Por que seus dedos fazem isso? — eu perguntei. — Por que todas as faíscas rosadas por todo o lado?

Daphne deu de ombros. — Isso é uma coisa de Valquíria. É apenas parte da sua magia.

— Magia? Que tipo de magia?

— Você sabe que todas as Valquírias são fortes, certo?

Eu assenti. “Forte” era como uma atenuação quando você podia torcer e arrancar a cabeça de um cara com suas próprias mãos.

— Bem, Valquírias tem outra magia, também, outro poder ou habilidade que é especial. Normalmente, Valquírias não apresentam seus poderes, quaisquer que sejam, até elas tiverem ao menos dezesseis ou dezessete. Minha magia ainda não despontou, então eu não sei que tipo de magia eu terei. Mas algumas Valquírias são curadoras, enquanto outras tem sentidos aprimorados. Algumas podem fazer feitiços e fazer coisas acontecerem, enquanto outras podem controlar o tempo e criar fogo com suas próprias mãos. Algumas Valquírias podem até mesmo criar ilusões.

Algo agitou no fundo da minha mente. — Ilusões? Que tipos de ilusões?

Daphne encolheu de ombros novamente. — Todos os tipos. Pense nisso dessa forma: Você toca coisas e vê coisas, certo? Bem, quando eu toco as coisas, faíscas de magia voam para fora da ponta dos meus dedos. É apenas uma coisa que as Valquírias fazem. As faíscas são apenas clarões de cores, pequenos pulsos de luz, e elas desaparecem quase que imediatamente, mais ou menos como os arco-íris fazem. Elas não podem realmente machucar você ou algo assim. Basicamente, meus dedos são como estrelinhas no Quatro de Julho.

Tudo bem, então isso era um equívoco mitológico ou algo assim. Como Logan Quinn sendo um Espartano, apanhando qualquer arma, e automaticamente

sabendo como matar pessoas com ela. Mas havia mais uma coisa sobre qual eu estava curiosa.

— Por que rosa? — eu perguntei, pensando nas faíscas verdes que eu vi Morgan disparar quando ela e Samson tinham tido seu pequeno prazer à tarde no pátio ontem. — Por que não azul ou prata ou alguma outra cor? Rosa parece um pouco estranho. Meio que... afeminado.

— Isso tem a ver com nossas auras, — Daphne respondeu. — A cor das faíscas está atado com nossas emoções e personalidades. E quanto mais emotiva ou chateada nós ficamos, mas faíscas você vê.

Eu ergui minhas sobrancelhas, me perguntando que tipo de pessoa tinha uma aura rosada de princesa. Daphne viu a pergunta em meus olhos.

— Eu gosto de rosa, — ela disse em um tom defensivo. — Eu acho que é legal.

— Claro, claro que é, — em concordei em uma voz apressada.

Ugh. Todas as outras coisas que eu disse pareceram ofender a Valquíria. Fazia tanto tempo desde que eu tive uma amiga – ou até mesmo desde que eu tive uma longa conversa com alguém além Vovó Frost – que eu não estava mais certa de como agir. Claro, eu tinha amigos na minha antiga escola, mas eu os afastei depois da morte da minha mãe. Eu não tinha ouvido falar deles desde que eu comecei a ir à Mythos, e nenhum deles tentou me contatar. Todos nós apenas continuamos com nossas vidas.

Talvez eu me sentisse tão estranha por que eu estava preocupada que se fizesse amigos de forma diferente na academia, uma vez que tudo parecia ser tão louco e virado de cabeça para baixo. Eu quero dizer, Daphne não iria querer que eu bebesse o seu sangue nem nada, ela iria? Por que eu não ia *de jeito nenhum* fazer isso. Amiga em potencial ou não amiga em potencial.

As coisas ficaram um pouco melhores depois disso, na maior parte por que eu perguntei a Daphne sobre Carson e o que os dois tinham conversado no telefone na noite passada. O rosto muito bonito da Valquíria adquiriu um brilho suave, e mais faíscas rosadas agitaram-se ao redor da ponta dos seus dedos. Ela era completamente um caso perdido onde Carson era a causa, e ela não mais pareceu temer admitir isso. Mas novamente, ela estava almoçando comigo, a garota Cigana que era maior pária da academia. Um encontro com um nerd membro da banda como Carson seria uma ascensão social definitiva do que ser vista comigo.

— Realmente, eu vim até aqui perguntar algo pra você, — Daphne disse, um tom tímido rastejando na sua voz. — Eu estava me perguntando, um, se você gostaria de vir até meu quarto no dormitório antes do baile de formatura essa noite. Eu comprei um vestido, apenas no caso de Carson ou alguém mais me pedir, mas eu não o mostrei para ninguém.

Suas palavras me fizeram recuar à ultima vez que eu fiz algo assim. Algo tão... normal. Algo tão... divertido.

Tinham se passado várias semanas antes do baile do segundo ano na minha antiga escola – e dias antes de eu ter descoberto o segredo de Paige. Eu tinha acabado de terminar com Drew Squires, meu namorado por três semanas completas, mas eu ainda estava planejando ir ao baile, principalmente por que minha mãe, Grace, e eu tínhamos gasto semanas procurando pelo vestido perfeito e sapatos. Nós finalmente encontramos ambos nessa pequena boutique meio na contra mão em um degradado shopping Center, incluindo um vestido violeta que Mamãe afirmou que era a cor exata dos meus olhos.

Nós o trouxemos para casa naquele Sábado, e ela morreu naquela Sexta seguinte, seis dias mais tarde. Claro eu não tinha ido ao baile depois disso. Mas por alguma razão, eu decidi não devolver o vestido. De fato, ele estava pendurado no fundo do meu closet no quarto no meu dormitório –

— Você está bem? — Daphne perguntou, se intrometendo nas minha memórias. — Você parece como se você estivesse pra chorar ou algo assim.

— Eu estou bem, — eu disse, afastando a memória.

A Valquíria olhou fixamente para mim, e eu me atrapalhei com uma explicação.

— Eu estava pensando sobre minha mãe, — eu disse em uma voz calma. — De volta na primavera, alguns dias antes dela morrer, ela me levou para comprar um vestido de baile.

— Oh. *Oh*. — Daphne apanhou bem a parte da *mãe morta*, e ela não disse nada por um momento. — Se você preferir não ir, eu entendo –

— Não, — eu disse rapidamente. — Não, eu estou bem. Eu amaria ajudar você a se arrumar para o seu grande encontro com Carson. Que horas você quer que eu apareça?

Daphne e eu fizemos planos para nos encontrarmos mais tarde no seu quarto depois de eu trabalhar no meu turno na biblioteca. O sinal tocou, sinalizando o

final do tempo do almoço, e nós duas fomos em nossos caminhos separados. E eu percebi que hoje era a primeira vez que eu não tinha comido almoço ou jantar sozinha desde que eu estive na Mythos. Era legal ter alguém com quem sentar, ter alguém com quem falar. Eu me esqueci quanto eu sentia falta disso. Bem, talvez eu não tivesse esquecido. Talvez eu só não quisesse me lembrar por que isso teria feito a minha solidão muito mais dolorosa.

Infelizmente, meu bom humor não era contagioso, especialmente não quando vinha a ser meus professores, e o resto do dia se estabelecendo. Finalmente, entretanto, o último sinal do dia soou no final do meu sexto tempo de aula de história-mitológica. Eu guardei minhas coisas tão rapidamente quanto eu pude. Eu queria espreitar para fora do campus e ir ver Vovó Frost antes de eu ter que reportar à Nickamedes na biblioteca. Apesar do fato que absolutamente ninguém estaria fazendo algo tão chato quanto dever de casa essa noite, ele ainda estava me fazendo trabalhar no meu habitual turno de Sexta antes da biblioteca fechar mais cedo por causa do baile.

— Você vai ao baile de formatura, Gwen? — Carson perguntou enquanto ele metia seus próprios livros dentro da sua mochila.

— Não, — eu disse. — Mas eu vou ajudar Daphne a se aprontar. Então você sabe que ela vai estar fabulosa pra você.

Carson sorriu, e eu me encontrei sorrindo de volta para o nerd membro da banda. Talvez essa coisa de fazer amigos não fosse tão difícil depois de tudo.

Eu deixei o prédio de História-Inglesa e caminhei até o outro lado do quadrilátero. Hoje, ao invés de ficar nas redondezas conversando e mandando mensagens de texto, quase todos estavam correndo para fora de seus caminhos, para se certificarem que eles tivessem tudo o que eles precisavam para essa noite — vestidos, smoking, tonéis, camisinhas e tudo mais.

Ninguém prestou atenção em mim, e eu fui capaz de patinar até o portão principal despercebida. Eu parei bem no lado de dentro das barras de ferro pretas e olhei para cima às duas esfinges de cada lado da abertura. Professora Metis tinha me dito que Nickamedes ia colocar uma magia extra, extra bruxaria ou tanto faz, no portão fechado para impedir outro Ceifador de espreitar em direção ao campus. Talvez fosse minha imaginação, mas pareceu como se as feições das esfinges estivessem até mesmo mais afiadas e mais furiosas agora do que tinham estado na última vez que eu estive no portão. Seus olhos estavam estreitos em fendas, e as beiradas de suas garras brilhavam no sol da tarde, como se elas estivessem há meio

segundo de explodirem da pedra e ataquem quem quer que tentasse deslizar passando por elas.

Por um momento eu pensei sobre retornar, mas tinham se passado uns dois dias desde que eu tinha visto Vovó Frost. Ela estava esperando que eu aparecesse, e eu sentia falta dela. Ela era tudo o que tinha me restado agora, e eu queria vê-la. Valia a pena o risco de disparar qualquer alarme mágico que Nickamedes tinha colocado na entrada. Além disso, as esfinges provavelmente não iriam me matar — certo?

Eu me ergui nas pontas dos pés no portão, inspirei meu fôlego, me virei de lado, e deslizei através das barras de ferro pretas.

Nada aconteceu.

Nenhum alarme soou, e as esfinges não pularam abaixo e me rasgaram em pedaços, se elas pudessem até mesmo fazer isso em primeiro lugar. Aparentemente, Nickamedes tinha apenas endireitado os feitiços para manter os Ceifadores fora da academia — não criou um novo para manter os alunos no lado de dentro. Como todos os outros, o bibliotecário pensou que a ameaça estivesse do lado externo das paredes da academia — não no lado de dentro. Mesmo assim, eu estava feliz pela sua vigilância, e eu me apressei ao outro lado da rua e saltei no ônibus. Vinte minutos mais tarde, eu estava subindo os degraus da casa de Vovó Frost. Eu usei minha chave para me deixar entrar.

Mas pela primeira vez, Vovó Frost não estava ocupada fazendo uma leitura psíquica na outra sala. Ao invés disso, eu a encontrei na cozinha, com suas brilhantes, saudosas paredes azuis do céu e azulejos brancos.

— Mmm. O que cheira tão bem? — eu perguntei, lançando minha bolsa em cima da mesa.

Vovó agarrou um pano de prato no canto, estendeu a mão dentro do forno, e arrastou uma assadeira cheia de biscoitos caseiros açúcarados de amêndoa. Eu inspirei o ar, os cheiros calorosos de manteiga derretida, massa pegajosa, e açúcar cristalizado fazendo minha boca aguar e meu estômago roncar. Ninguém assava tão bem quanto Vovó Frost. Os chefes de sobremesa da Mythos definitivamente podiam aprender uma coisa ou duas com ela.

Vovó escorregou três biscoitos em um prato e os entregou para mim, junto com um copo de leite gelado. Suas habituais echarpes coloridas flutuando ao ser redor, as moedas prateadas nas extremidades delas ressoando unidas.

Meus olhos se estreitaram. — Você sabia que eu estava vindo hoje.

Vovó sorriu seu misterioso sorriso Cigano, aquele que ela usava com todos os seus clientes. — Eu sou psíquica, chuchuzinho. Isso vem a ser conveniente algumas vezes. Especialmente quando eu quero assar para minha neta alguns biscoitos.

Vovó Frost agarrou um par de biscoitos quentes para si, junto com outro copo de leite, e nós duas sentamos na mesa da cozinha para comer. Nós não falamos muito à princípio, nós duas muito ocupadas enchendo nossas bocas com as doces guloseimas para nos incomodarmos com conversa. Mas eventualmente os biscoitos e leite desapareceram e Vovó olhou fixamente para mim.

— Não terá um grande baile na academia essa noite? — ela perguntou. — Algo extravagante e formal?

Eu pisquei. — Como você sabe disso? Você teve alguma visão minha em um vestido ou algo.

— Claro que não. Eu li sobre isso naquele jornal eletrônico que sua Professora Metis envia toda a semana. — Vovó me deu um olhar de esguelha. — Realmente, eu tive dois jornais essa semana. O normal sobre o baile e o cardápio da cafeteria e isso tudo. O outro era um pouco mais sério – era sobre o assassinato daquela pobre garota.

Uh-oh. Eu não tinha planejado contar a Vovó Frost sobre Jasmine Ashton por que eu não queria que ela se preocupasse, mas Vovó era muito esperta para mim. Ela sempre foi. Eu nunca fui capaz de descobrir se isso era devido ela ser psíquica ou apenas por me conhecer muito bem. Não havia utilidade em mentir para ela, então eu inspirei e disse a ela tudo sobre aquela noite na biblioteca e tudo o que eu tinha descoberto sobre Jasmine desde então.

— Eu sei que os professores pensam que foi apenas algum vilão Ceifador atrás da Tigela das Lágrimas, — eu disse terminando minha estória. — Mas eu tenho essa estranha sensação de algo mais acontecendo. Algo que todos nós estamos perdendo. Algo óbvio. Mamãe sempre me disse para confiar em minhas sensações, meus instintos, mas eu estou começando a me perguntar se ela estava errada sobre tudo isso.

Vovó olhou para mim, um estranha luz piscando em seus olhos violetas. Não era o olhar que ela sempre tinha quando ela estava tendo uma visão do futuro. Não, esse era algo mais. Como se eu tivesse dito algo que a tivesse chateado. Eu supus que ela estava apenas apavorada sobre o assassinato de Jasmine. Eu quero

dizer, quem iria querer sua única neta indo para uma escola onde uma estudante tinha tido a sua garganta cortada?

— Você está bem, Vovó?

Ela sacudiu sua cabeça, e a luz em seus olhos desapareceu. — Eu estou bem. Só preocupada com você, isso é tudo. Eu odeio que você tenha que ir aquela escola em primeiro lugar.

Eu hesitei. — Por que eu *tenho* que ir à Mythos? Eu perguntei a você antes, mas você nunca realmente explicou isso pra mim.

Vovó suspirou. — Por que finalmente é a hora de você aprender como usar seu dom Cigano, Gwen. Algo que você fará indo à Mythos.

— Mas eu já sei como usar minha magia psicométrica. Eu sempre soube. Eu não vejo como indo à Mythos muda alguma coisa.

Ela sacudiu sua cabeça. — Isso pode não fazer sentido agora, mas fará algum dia. Acredite em mim, chuchuzinho, tudo bem?

Eu confiava nela, mais do que qualquer coisa, mas eu também queria respostas – respostas sobre por que minha vida tinha que mudar tanto. Por que todos na Mythos acreditavam em coisas que eu não. E mais especialmente, por que Professora Metis e Vovó Frost pensavam que eu pertencia ali em primeiro lugar.

Eu pensei sobre pressionar minha avó por respostas, mas ela pareceu tão velha naquele momento, tão triste e cansada, como se ela esgotasse toda a vida que estava dentro dela e não restasse nada mais do que uma concha oca. E eu não podia justamente fazer isso – não agora. Ou talvez fosse por que parte de mim estava assustada de que respostas pudessem ser. Conhecer os segredos das outras pessoas fez-me sentir esperta. Perceber que pudessem haver segredos que me envolviam fazia-me ficar nervosa. Sim, eu podia ser uma completa hipócrita algumas vezes.

Eu não sabia por que Vovó estava escondendo segredos de mim, mas ela me amava e eu a amava. Sempre tinha sido apenas eu, minha mãe, e Vovó Frost. Meu pai morreu antes de eu puder até mesmo começar a me lembrar dele, e nós não tínhamos nenhuma outra família que eu soubesse. Com a minha mãe indo, Vovó era tudo o que eu tinha. Eu não queria brigar com Vovó – jamais. Especialmente não sobre algo tão estúpido quanto a Mythos Academy.

— De qualquer forma, eu não acho que você devesse se preocupar, — eu disse, mudando o assunto e tentando assegurá-la ao mesmo tempo. — Professora

Metis e os outros aumentaram a segurança mágica no campus. Além disso, quem quer que tenha matado Jasmine provavelmente se foi há muito tempo, apesar do que eu acho. Ninguém mais se feriu, que eu saiba, e nada mais foi roubado na biblioteca.

Eu não mencionei o que tinha acontecido no lado de fora da biblioteca na noite passada. Não era como se a estátua caindo tivesse sido direcionada para *mim* ou algo. Mesmo se talvez eu não pudesse dizer a mesma coisa sobre o gatuno de Nemean. Mas ele estava morto, desaparecido em uma lufada de fumaça, e eu não estava, e isso era tudo o que realmente importava.

Vovó Frost pareceu como se ela fosse dizer algo mais, mas então ela sacudiu sua cabeça e o momento passou. — Eu tenho certeza que você está certa, chuchuzinho.

— E eles colocaram mais segurança nos dormitórios, também, — eu disse ainda esperando acalmá-la. — O qual é onde eu estarei passando a noite.

— Você não vai ao baile então? Soou como um grande evento naquele jornal.

Eu dei de ombros. — É só o baile de formatura. Eles irão coroar um rei e uma rainha em cada turma, e haverá música e dança e coisas assim. Assim como na minha antiga escola.

Eu não disse nada sobre o ritual sobre o qual eu ouvi os outros jovens falando, a benção da colheita ou o que quer que realmente fosse.

— Então por que você não está indo? — Vovó perguntou. — Você costumava amar se vestir para coisas como essas antes —

Ela interrompeu suas palavras, mas nós duas sabíamos o que ela estava para dizer. *Antes que a sua mãe morresse.*

Eu encolhi de ombros novamente. — Por uma coisa, eu não tenho um acompanhante. Ninguém me convidou. Eu não quero ir sozinha como uma completa perdedora.

— Porque não? — Vovó Frost perguntou. — Você faz muitas coisas sozinhas. Você sempre fez.

— Sim, mas nada assim, — eu disse. — Nada —

dessa vez, eu mordei minhas palavras, mas eu não enganei Vovó. Ela sabia exatamente o que eu estive para dizer.

— Nada divertido, — ela terminou em uma voz calma.

Vovó Frost olhou para mim, seus olhos violetas suaves e tristes em seu rosto. — Está tudo bem se você se divertir, Gwen. Sua mãe não iria querer você sentada em casa toda a noite chorando por ela. Ela iria querer que você fosse ao baile e se divertisse, mesmo se você não tivesse um acompanhante. Ela iria querer que você tivesse tanta diversão quanto você pudesse, tão frequentemente quanto você pudesse. Antes —

Ela interrompeu suas palavras, e por um momento todo o seu corpo ficou tenso. Seus anéis raspavam unidos enquanto suas mãos se apertavam em punhos, e as moedas nas extremidades das suas echarpes tinindo em um severo desacordo. Então, Vovó Frost percebeu que ela estava me encarando, e ela se forçou a relaxar. Suas mãos desfizeram os punhos, e as moedas tomaram uma nota com tilintar mais doce.

— Antes, bem, antes de você estar completamente crescida, — ela terminou. — É o que a sua mãe iria querer. Que você fosse ao baile e tivesse um momento maravilhoso.

Eu sabia que ela iria querer. Grace Frost iria querer que eu fizesse exatamente isso. Eu mordi meu lábio e olhei para longe do olhar sábio de Vovó.

— É só que não parece... certo, — eu disse. — Que eu estou viva, e ela não está. Que ela não fará nada divertido novamente. Que eu nunca a verei sorrir ou ouvir a sua gargalhada novamente.

Vovó esticou a mão e pegou a minha. Eu senti o suave calor do seu amor me envolver, da forma que ele sempre fazia. Mas dessa vez, eu senti a sua tristeza, também, uma dor tão afiada e profunda e feroz que pareceu como uma espada cortando meu coração em dois. Algumas vezes, eu esquecia que Vovó tinha perdido alguém, também. A morte da minha Mãe tinha machucado-a justo tanto quanto tinha me machucado.

— Eu sei que não parece certo, chuchuzinho. Mas a morte da sua mãe não foi culpa sua. A vida tem que continuar, quer você queira isso ou não. Eu acho que é hora de você realmente começar a aproveitá-la novamente, você não acha? Mesmo que seja um pouquinho?

Eu suspirei, toda a energia extraído do meu corpo. — Eu imagino. Mas é tão difícil, você sabe? Eu estive tão... zangada, e indo para a Mythos... eu apenas não me encaixo ali. Eu não sei por que eu apenas não posso regressar para a minha antiga escola. Eu só não sou tão especial como os outros jovens são.

— Você está naquela academia por uma razão, — Vovó Frost respondeu, uma nota sinistra rastejando no fundo da sua voz. — Você irá encontrar o seu próprio lugar ali mais cedo ou mais tarde. Quanto a sua mãe, ela se foi, mas ela não iria querer que você se deprimisse pelos arredores. Ela iria querer que você saísse e vivesse e fizesse tudo o que adolescentes devem fazer.

Eu ergui uma sobrancelha. — Como vir para casa bêbada e doidona de maconha depois de ter feito sexo desprotegido com meu namorado atrás das arquibancadas no baile de formatura?

Os olhos de Vovó se estreitaram, mas ela ainda sorriu para mim. — Bem, tudo exceto isso. Mas você sabe o que eu quero dizer. Agora, eu quero que você vá aquele baile e se divirta. Ou ao menos me prometa que você irá pensar sobre isso.

Eu não podia dizer não a ela, mas eu também não podia desistir da minha culpa, mágoa, e raiva por tempo suficiente para dizer sim também. — Tudo bem. Eu vou pensar sobre ir. Mas sem promessas.

— Isso é tudo o que eu quero ouvir, chuchuzinho.

Vovó me beijou na testa, depois se levantou e começou a colocar o restante dos biscoitos frios em uma lata para que eu pudesse levá-los para a academia comigo.

Eu só fiquei ali na mesa, pensando sobre tudo o que Vovó tinha dito e me perguntei se talvez fosse a hora de começar com a minha vida – e ter um pouco de diversão.

Quer eu realmente sentisse como se devesse ou não.



16

UMA VEZ QUE VOVÓ FROST EMBALOU OS BISCOITOS, EU DESLIZEI A LATA dentro da minha bolsa carteiro, peguei o ônibus, e viajei de volta para Mythos Academy.

O quadrilátero quase estava deserto a esse ponto, enquanto a maioria dos alunos tinha se retirado aos seus quartos nos dormitórios para se aprontarem para o baile de formatura. Normalmente, eu teria aproveitado o silêncio e observado os esquilos saltarem de galho em galho nas árvores que se erguiam sobre o gramado exuberante. Mas era como se toda a academia tivesse subitamente se transformado em uma cidade fantasma. Estava muito vazio, muito silencioso, especialmente para a escola onde um dos alunos tinha sido assassinado há poucos dias atrás. Mais uma vez, eu senti que todos os olhos de todas as estátuas de todos os prédios estavam olhando abaixo para mim, observando cada movimento meu. Eu estremeci, enfiei minhas mãos nos bolsos do meu casaco com capuz cinza, e me apressei.

A Biblioteca de Antiguidades não estava nada melhor. Nem um único aluno sentado nas mesas no espaço principal na frente do balcão de registro. Nem professores também. Ninguém estava sequer equipando o carrinho de petiscos essa noite, e a maior parte das luzes já tinha sido desligada no labirinto de escritórios vazios no centro da biblioteca.

Eu não pude evitar além de olhar para a minha esquerda ao local onde a Tigela das Lágrimas esteve – e onde Jasmine tinha sido assassinada. Não havia restado nada para se ver, claro, justo como não havia da última vez que eu estive aqui no dia seguinte da sua morte. O sangue, corpo, e a Tigela das Lágrimas se foi há tempos. Mesmo assim, parecia como se houvesse um silêncio cauteloso no local, como se houvesse algum tipo de força invisível disposta ali apenas esperando para algo acontecer.

Como, digamos, talvez uma garota Cigana passando e então o grande, malvado monstro saltando do chão ou o que quer que estivesse escondido e agarrando-a. Eu estremeci novamente. Tudo bem, então talvez tudo isso fosse apenas minha imaginação hiperativa funcionando, mas nesse momento apenas olhando ao lugar onde Jasmine tinha sido assassinada me arrepiava.

Meus olhos violetas agitaram-se de volta aos escritórios escuros. Talvez se Nickamedes não estivesse aqui, eu podia justo partir e esquecer sobre o trabalho no meu turno –

Algo se moveu de fora à esquerda, seguindo rapidamente na minha direção. Eu sufoquei um grito e virei...

Para ver Nickamedes admiravelmente saindo das estantes, vários livros, grandes e pesados nas suas mãos.

Eu me inclinei contra a mesa mais próxima e suspirei, minha mão subindo ao meu coração, como se eu pudesse de alguma forma desacelerá-lo à sua velocidade normal apenas tocando o meu peito. As sobrancelhas castanhas de Nickamedes se uniram, enrugando o resto do seu rosto.

— Algo está errado, Gwendolyn? — Nickamedes disse em seu tom malicioso, colocando os livros abaixo em cima da outra mesa. — Você está parecendo um pouco pálida, até mesmo para você.

Olha quem estava falando. Nickamedes tinha a pele tão branca que ele poderia ter passado por um vampiro, se eles realmente existissem. Talvez eles existissem. Eu não sei mais o que era real e o que não era.

Os olhos azuis de Nickamedes verificaram o relógio montado atrás do balcão. Eu suspirei. Eu sabia o que estava vindo.

— Você está dez minutos atrasada, — o bibliotecário fungou. —

Novamente.

Meu prévio mal-estar desapareceu, substituído, como sempre, por irritação. Como alguém poderia ser tão enjoado todo o tempo?

— Oh, não fique chateado por algo tão trivial, — eu murmurei. — Não é como se houvesse alguém aqui além de nós dois.

O olhar de Nickamedes afiou-se. — O que foi isso, Gwendolyn?

— Nada. Absolutamente nada.

— Bem então, — Nickamedes respondeu. — Eu acho que é hora de você trabalhar. Eu tenho todos essas dezenas de livros que precisam ser guardados nas prateleiras antes de nós fecharmos pela noite.

Ele apontou sobre o balcão de registro, onde estavam três carrinhos de metal abarrotados com livros. Eu apenas suspirei novamente. Tanto para partir mais cedo.

Pela próxima hora eu empurrei os pesados, carrinhos que guinchavam para trás e para frente através da biblioteca, colocando todos os livros de volta aos seus próprios lugares nas estantes. E, claro, cada carrinho tinha uma roda solta que puxava quer para esse caminho ou para aquele, o que significava que eu tinha que lutar com eles cada vez que eu tentava mover os carrinhos abaixo pelos corredores.

Eventualmente, meu trajeto me fez passar A Caixa, como eu tinha vindo a pensar nela — aquela com a estranha espada no interior. Eu devia ter apenas empurrado meu carrinho guinchando exatamente passando por ela, mas eu me encontrei parando para encarar abaixo para a arma novamente.

Ela parecia a mesma de sempre — uma longa lâmina feita de metal prateado. Talvez fosse apenas eu e toda a estranheza que tinha acontecido nos últimos dias, mas o rosto do homem parecia até mesmo mais pronunciado no cabo do que nunca, como se ele fosse uma pessoa real que apenas aconteceu de estar descansando sua bochecha contra o metal. Eu meio esperei o olho no cabo estourar aberto e brilhar para mim novamente. Eu preendi meu fôlego, mas isso não aconteceu.

Mesmo assim, por alguma razão, a espada me fez pensar sobre todos os mitos que minha mãe tinha lido para mim quando eu era uma criança. Ela nunca me contou nenhum conto de fadas, apenas mitos, o que eu sempre pensei que era um

tanto estranho. Talvez minha mãe tivesse conhecido algo que eu não tinha – como o fato de que eu me encerraria na Mythos algum dia – mas ela sempre insistiu nas leituras dos mitos para mim. As histórias onde o herói sempre sabia a resposta de um enigma complicado ou descobria como vencer o grande, mau monstro invencível. Como tudo, seria necessário que a pessoa certa tocasse a espada na minha frente e as Coisas Iriam Acontecer, como sempre acontecia nos mitos.

Eu fui subitamente consciente dessa estranha mudança no ar, como eletricidade estática lentamente se construindo e se construindo a minha volta. Minhas palmas coçaram, e eu tive a súbita urgência de abrir A Caixa e erguer a espada. Eu não sabia por que. Não era como se eu realmente soubesse como usar a arma ou algo assim. Não como Logan Quinn. Mesmo assim, algo me fez querer pegá-la. Era quase como se eu *precisasse* pegá-la. Fascinada, meus dedos esticaram-se em direção A Caixa –

— Gwendolyn! — A voz de Nickamedes explodiu através da biblioteca, ecoando acima até o teto e de volta para baixo novamente. — Você tem cinco minutos para terminar de guardar esses livros. Se apresse!

Assustada, eu me estalei para fora do meu transe, larguei minha mão, e me afastei Da Caixa. O que eu estive pensando? Eu não sabia que espada era essa ou que tipo de vibrações do tipo assassino-psicopata poderiam estar atadas a ela. A última coisa que eu precisava fazer era tocar algo e ter outro ataque de gritaria, graças a minha psicometria. *Jesus, Gwen. Se recomponha.*

— Gwendolyn! — Nickamedes gritou novamente.

Eu rolei meus olhos, caminhei de volta até o carrinho, e o dirigi mais para baixo no corredor. Mesmo assim, por alguma razão, eu me virei e dei à espada mais um demorado olhar antes de eu dar a volta no canto e ela desaparecer de vista.



TRINTA MINUTOS MAIS TARDE, EU ME ENCONTREI DE PÉ NO LADO DE FORA DO Valhalla Hall, encarando acima o prédio de pedra cinza e a hera que o envolvia do

topo para baixo. Apenas dessa vez, ao invés de me esgueirar para dentro para roubar o laptop de Jasmine, eu estava realmente aqui como uma convidada. Estranho, como as coisas podiam mudar em um espaço de poucos dias.

Uma Valquíria que eu reconheci como uma aluna do terceiro ano estava ao seu caminho para fora, então eu fui capaz de pisar para o lado de dentro sem ter que apertar o botão do interfone na frente da porta e pedir para Daphne me deixar entrar.

Eu caminhei através da mesma sala de estar que eu tinha estado antes, aquela com todas as espreguiçadeiras, sofás, e TVs. Era depois das seis agora, e algumas das outras garotas já tinham descido para a sala comum para esperar pelos seus acompanhantes, uma vez que o baile começava às sete. Todas elas se empoleiravam cuidadosamente nas beiradas das suas cadeiras, com cuidado para não amassar seus vestidos, enquanto elas olhavam uma as outras e fofocavam.

Todas estavam seriamente arrumadas para a ocasião, com longos, sedosos, vestidos brilhosos que eu podia dizer que foram perversamente caros e jóias que brilhavam tanto para não serem reais. Sem bijuteria aqui na Mythos, isso com certeza. O cabelo de todas estava também feito, a maquiagem delas era um retrato perfeito, e seus sapatos, bolsas, e telefones celulares estavam todos com cores coordenadas para irem com seus vestidos. Estava tudo muito combinadinho.

Eu olhei para fora do mar de diamantes, paetês, e brilhantes lábios carnudos. Eu não tinha pensado que o baile de formatura seria formal assim. Esse era como todos os bailes de formaturas na minha antiga escola enrolado em um – vezes dez. Era apenas... deslumbrante. Me levou alguns segundos para parar de piscar e olhar fixamente todos os objetos brilhantes.

Umas poucas garotas olharam para mim, mas uma vez que elas viram que eu não estava vestida para o baile e desta maneira elas não podiam criticar quem e o que eu estava vestindo, elas se viraram para suas amigas. Eu coloquei minha cabeça abaixo, me apressando através da sala, e seguindo acima para os degraus.

E quase bati em Morgan McDougall.

A Valquíria estava descendo as escadas ao mesmo tempo em que eu estava subindo. Morgan pareceu deslumbrante e totalmente promíscua ao mesmo tempo. Seu vestido colante combinava com o preto profundo do seu cabelo, enquanto uma sombra esfumaçada delimitava seus olhos cor de avelã. Seus lábios eram um coração carmesim no seu bonito rosto. Na frente do seu vestido tinha algum tipo de armação que puxava seus peitos para cima a impressionantes alturas, enquanto

a fenda na sua perna quase ia todo o caminho acima para a terra prometida. Eu tenho certeza que Samson Sorensen iria aprovar isso – e também todos os outros caras no baile.

As outras garotas – a comitiva habitual de Morgan – a cercavam, parecendo justo tão reluzente quanto ela, entretanto não muito como uma vadia. As três tinham parado uns dois degraus do patamar, e sua conversa flutuou abaixo até mim.

— Claro que eu serei a rainha do baile da turma do segundo ano, — Morgan disse em uma alta, orgulhosa voz. — Professora Metis me disse tanto durante a história- mítica quanto ela disse que os outros professores tinham decidido coroar outra vencedora ao invés de Jasmine. Eles não queriam desanimar a todos por mencioná-la essa noite. E, claro, Samson será o rei. Apenas se encaixa, uma vez que ele é meu acompanhante. Essa noite será perfeita e justo da maneira que ela sempre destinou a ser.

As duas Valquírias assentiram suas cabeças, concordando com tudo que ela disse. Mesmo embora Jasmine, a destemida líder anterior delas, tinha morrido apenas há poucos dias.

Morgan lançou seu cabelo para trás sob seus ombros, atingindo uma pose de modelo, e então escapulindo abaixo os últimos poucos degraus, pronta para ir clamar sua coroa do baile, seu novo namorado, e seu legítimo lugar como a nova rainha da Mythos Academy. A Valquíria caminhou passando por mim como se ela nem sequer me notasse ali de pé no primeiro degrau. Talvez ela não tivesse notado. Eu imaginei que era difícil para Morgan ver algo além da sua própria perfeição.

— Você sequer lamenta que ela esteja morta? — eu gritei.

Eu nunca falei com Morgan antes, e eu certamente não tinha uma razão real para falar com ela agora. Mas a imagem de Jasmine deitada no chão da biblioteca, estendida de um lado ao outro das poças viscosas do seu próprio sangue, piscou através da minha mente, e as palavras saíram antes que eu pudesse impedi-las.

Morgan se virou para me encarar, junto com suas duas seguidoras Valquírias. — Você está falando comigo?

— Claro que eu estou falando com você, Morgan. Você era a melhor amiga de Jasmine. Você lamenta que ela esteja morta? Mesmo que um pouquinho?

Morgan franziu o cenho para mim, seus lábios vermelhos virando-se para baixo em uma perfeita careta. — Bem, claro que eu *lamento*. Eu quero dizer, ela

era minha melhor amiga e tudo, e eu a conhecia, tipo , *sempre*. Mas apenas por que ela está morta não significa que todos nós temos que agir como se nós estivéssemos, também. Se você tivesse conhecido Jasmine, você perceberia que isso é o que ela iria querer. Ela teria querido que nós nos reuníssemos, fôssemos ao baile e nos divertíssemos sem ela.

Isso soou como algum discursinho que Morgan tinha ensaiado na frente do espelho enquanto ela estava colocando seu batom. Alguma respostinha oportuna que ela apenas podia tirar e usar como uma arma emocional se alguém mais perguntasse a ela a mesma pergunta que eu perguntei. Claro, era mais ou menos a mesma coisa que minha Avó Frost tinha me dito, mas ao menos eu sabia o que ela queria dizer. Morgan? Provavelmente não.

Eu rolei meus olhos. Eu estava disposta a apostar que eu conhecia Jasmine muito mais do que Morgan sequer conheceu. Morgan não tinha sequer percebido que Jasmine sabia que ela estava dormindo com Samson atrás das costas de Jasmine. Mas eu sabia, graças aos clarões que eu obtive saindo da foto que eu cavei do lixo de Jasmine. Com melhores amigas como Morgan, quem precisava de inimigos?

Mas eu não disse nada. Não havia nenhum uso em tentar dizer a Morgan nada disso. Garotas como ela nunca escutavam aberrações como eu.

Morgan me deu um arrogante, olhar superior, como se ela tivesse acabado de vencer algum tipo de guerra de palavras com sua rápida resposta. Depois, ela se virou e desfilou para fora do dormitório em seus sapatos de salto agulha pretos, com suas novas duas BFFs seguindo junto à ela.

Eu neguei com minha cabeça e fui para cima dos degraus para o segundo andar, onde o quarto de Daphne estava. Eu bati uma vez na porta, e, um momento mais tarde, a Valquíria a atirou aberta.

Daphne já tinha colocado seu vestido – um vestido de baile modelo princesa rosa com minúsculas alças finas, um colar de coração, e uma saia afofada polvilhada com brilhosos paetês rosados. Ela retorceu seu cabelo loiro para cima em um coque elegante no topo da sua cabeça, e seu lábio com brilho rosa combinou com o seu vestido perfeitamente. A Valquíria pareceu como se ela tinha acabado de pisar para fora de um filme da Disney. Eu meio que esperei pássaros cantando e um rato de animação sair apressado do seu quarto, satisfeitos com seus trabalhos para a noite.

— Um, então o que você precisa que eu faça? — Eu perguntei. —
Por que você já parece perfeita pra mim.

O rosto de Daphne se amassou em um sorriso. — Você realmente acha isso? Você realmente gosta do vestido?

Eu entrei e fechei a porta atrás de mim. — Eu gosto realmente. E eu acho que Carson vai adorar, também.

Daphne sorriu para mim, depois se virou e se caminhou para se olhar no espelho sobre a penteadeira mais uma vez.

Eu usei a oportunidade para estudar o quarto da Valquíria. Ela tinha a mesma mobília de quarto que todos nós tínhamos, mais ou menos. Uma cama, uma penteadeira, uma mesa, uma TV, algumas prateleiras. Mas Daphne falou a sério antes no almoço quando ela disse que ela gostava de rosa, por que ele estava em *todos os lugares*. O edredom na sua cama, os travesseiros, as cortinas. Todos, o mesmo tom de rosa. Até mesmo as paredes e teto eram pintados de pálido, rosa perolado.

Mas a coisa estranha era que havia também toneladas de computadores no quarto. Eu contei três monitores, um par de laptops, e algumas caixas plásticas que pareciam como servidores – e isso estava apenas na sua mesa de tamanho desproporcional enfiado em um canto nos fundos. Wow. Eu achei que ela estando no Clube Tecnológico era apenas uma casualidade ou algo assim, mas pareceu como se Daphne estivesse realmente por dentro das coisas de computador. Uma princesa Valquíria nerd da computação – quem teria imaginado? Eu teria tido grande dificuldade acreditando que todo o equipamento fosse dela – se os computadores, monitores, e servidores não tivessem, todos cobertos com caixas rosadas e adesivos da Hello Kitty.

Daphne alisou seu vestido e virou para me olhar. Eu fiquei ali em pé no meio do quarto, sentindo-me estranha e mal vestida mais uma vez.

— Então... o que você precisa que eu faça, exatamente? Por que você já se vestiu e tudo.

Daphne deu de ombros. — Nada, eu imagino. Eu só queria... alguém com quem conversar antes de Carson chegar e me pegar.

— Ele é um cara legal, Carson, — eu disse, sentando-me na cama. — Vocês dois fazem um casal bonitinho.

— Você acha mesmo?

— Eu acho.

Nós caímos em silêncio, cada uma de nós tentando descobrir sobre o que nós podíamos contar para a outra pessoa. Essa coisa de amiga era mais difícil do que eu me lembrava ser. Muito mais difícil.

— Então..., — Daphne disse, ainda de pé para que seu vestido não ficasse amassado. — Eu entendo que você não está indo ao baile. Ao menos, por favor não me diga que você vai com esse horrível casaco de capuz.

Meus olhos se estreitaram. Maliciosa eu podia ser. Ser legal era o que era tão difícil. — Eu gosto do meu casaco de capuz desse jeito, muito obrigada. Mas não se preocupe. Eu não estou usando isso no baile por que eu não vou. Ninguém me pediu pra ir, como você não adivinhou. Como você apontou na hora do almoço, eu não tenho amigos na Mythos, muito menos um namorado.

Poderia ter sido minha imaginação, mas eu pensei que Daphne estremeceu um pouco com minhas palavras ásperas.

A Valquíria hesitou. — Você sabe, você podia vir junto comigo e com Carson...

Eu ergui minha sobrancelha. — E arruinar seu primeiro grande encontro? Eu acho que não. Mesmo eu não sou vadia tanto assim.

— Sim, isso poderia ser um pouco estranho.

— Você acha?

Nós duas olhamos uma para a outra, rolamos nossos olhos, e gargalhamos. Isso quebrou o gelo entre nós, e nós começamos a falar sobre toda a fofoca picante que nós ouvimos hoje. Sobre quem estava indo com quem ao baile, quem ficaria bêbado antes da metade do baile, e quem estava planejando ir a Todo o Caminho essa noite com seus namorados e namoradas.

E eu subitamente percebi que eu me sentia quase... *normal*. Quase como se eu ainda fosse a uma escola normal com garotos normais — e até mesmo que eu era normal. Parecia... legal... divertido, até.

Finalmente, nós paramos de fofocar e rimos sobre os outros jovens, e Daphne me deu um olhar astuto.

— Então, o que está rolando com você e Logan Quinn? — ela perguntou.

Eu pisquei. — O que você quer dizer?

Ela ergueu uma sobrancelha. — Eu quero dizer que vocês dois pareceram terrivelmente confortáveis na noite passada na fogueira. E ele foi todo Espartano e matou um gatuno de Nemean que estava tentando comer você. O que é *totalmente* sexy, se você me perguntar.

— Logan Quinn não dá em cima de mim como um cara que fica confortável com uma garota ao menos que ele queira algo dela. Como uma chance de assinar o colchão dela, — eu disse em um tom seco. — Sim, ele salvou minha vida na noite passada, me salvou daquele horrível gatuno. Mas você devia tê-lo visto. Era quase como se ele estivesse feliz que aquilo estava tentando me matar. Que ele realmente aproveitou lutar com aquilo. Eu acho que ele matou aquilo mais para ele mesmo do que por mim. Como para provar para ele próprio que ele podia ou algo.

Daphne deu de ombros. — Bem, ele é um Espartano. Matar coisas é o que eles fazem. O que você esperava? Que ele mandasse pra você flores e escrevesse pra você poesia ruim? Aquele gatuno de Nemean é muito mais perto de um bicho de pelúcia que você alguma vez vai conseguir de um Espartano como Logan Quinn.

Eu dei a ela um olhar em branco. — O que ser um Espartano tem a ver com bichos de pelúcia?

Daphne suspirou. — Você está aqui, o que, dois meses e você ainda não entende, não é, Gwen? Como as coisas funcionam por aqui? Por que todos nós estamos realmente aqui?

Eu encolhi de ombros.

Daphne me encarou, seus olhos pretos sérios em seu rosto bonito. — Nós todos estamos aqui, todos nós — Valquírias, Espartanos, Amazonas, e todo o resto — por que nós somos *mágicos*. Por que nós descendemos de mitos. Você conhece todas aquelas histórias que falam como quanto corajosos os Espartanos foram na Batalha de Termópila? Como o tal pequeno grupo deles segurou todas aquelas centenas e centenas de outros guerreiros? Bem, isso não é apenas uma história. É *real*. Justo como as Valquírias anciãs escoltando os mortos para Valhalla, justo como Troianos totalmente sendo tratados como lixo pelos Gregos e aquele cavalo de madeira durante a Guerra de Tróia. Todos esses mitos, todas as lendas, toda a magia é real. E é tudo isso parte de nós, um pedaço de nós. Nós mantemos isso vivo, e nós usamos isso para impedir o Caos e a escuridão de engolir o mundo.

Uma semana atrás, eu teria gargalhado dela. Mas agora eu estava realmente começando a acreditar nela, a acreditar em todos esses mitos, magia, e monstros. Muitas coisas estranhas tinham acontecido nos últimos dias para eu acreditar. O assassinato de Jasmine. A Tigela das Lágrimas desaparecendo. A estátua quase atingindo Morgan e Samson. O gatuno me perseguindo, depois evaporando em

uma nuvem de fumaça depois de Logan matá-lo. Aquela estranha espada na biblioteca que eu não podia parar de encarar.

— Tudo bem, — eu disse. — Talvez Logan seja um Espartano e isso explica por que ele ficou todo frenético na noite passada. Talvez você seja uma Valquíria que pode esmagar diamantes com suas próprias mãos e disparar faíscas rosadas das pontas dos seus dedos. Mas tudo isso não me conta nada sobre *mim*. Eu sou a única Cigana aqui. Que eu saiba, de qualquer modo. A única que não é como o resto de vocês. Eu não sou uma grande guerreira. Tudo o que eu faço é tocar coisas e ver coisas. Eu não me encaixo com ninguém mais.

— Eu não diria isso, — Daphne disse. — Você tem magia justo como o resto de nós tem.

— Talvez, mas eu não sei por que minha magia me faz uma Cigana e nem nada mais. Você sabe?

Ela deu de ombros. — Eu ouvi sobre Ciganos ao longo dos anos, mas nada concreto sobre seus poderes ou nada. Eu até mesmo perguntei pela escola depois da sua primeira aproximação sobre eu roubar o bracelete de Carson, mas nenhum dos outros jovens sabe algo também. Nem os professores que eu perguntei. Ou se eles sabem, eles não me contaram. Eu sempre pensei que Ciganos eram guerreiros, como as Valquírias, Amazonas, e o resto de nós. Apenas com um diferente tipo de magia.

— Até você me conhecer, — eu disse em uma voz amarga. — E perceber apenas o quanto de guerreira eu não sou.

Daphne inclinou a sua cabeça a um lado. — Como você sequer acabou aqui em primeiro lugar? Eu tenho me perguntado isso.

Eu disse a ela a história sobre Paige Forrest e como o seu padrasto esteve abusando dela. E como vendo tudo isso tinha conduzido minha mãe à morte.

— A próxima coisa que eu sei, Professora Metis estava batendo na porta da frente da minha Avó Frost me dizendo que eu estava indo para a Mythos Academy esse outono, — eu disse, minha voz ainda com raiva e amarga, — Mas ela nunca me contou por que. Eu perguntei a ela no outro dia, e ela ainda não me deu uma resposta direta. Minha avó sabe algo sobre tudo isso, também, mas ela não está falando também. Ela apenas continua me dizendo para dar à academia uma chance, que as coisas irão ficar melhores para mim.

— Eu não sei sobre a sua avó, mas Metis é astuta, — Daphne disse. — Ela não é nada como os outros professores. Algumas pessoas dizem que ela é realmente uma Campeã.

— Uma Campeã? O que é isso?

Daphne rolou seus olhos. — Você realmente precisa prestar mais atenção na aula de história-mítica, Gwen. Depois que a Guerra do Caos terminou, todos os deuses e deusas concordaram com uma trégua. Que basicamente, eles não iriam usar seus poderes uns contra os outros ou interferir com as coisas aqui no domínio mortal. Mas, claro, nenhum deles podia apenas sentar-se e não fazer nada, então eles criaram os Campeões ao invés disso, como um tipo de válvula de saída à trégua. Campeões, são pessoas que são escolhidas pelos deuses para serem, bem, seus Campeões. Seus heróis – ou vilões, dependendo com qual deus seja. Um bom Campeão ajuda a defender os desejos do deus e impedir coisas ruins de acontecerem. Campeões matam Ceifadores, guardam artefatos, ou até mesmo são mentores de outras pessoas e as ajudam a entender suas magias. É um trabalho perigoso, ser um Campeão. A maioria deles não vive muito tempo.

Bem, isso respondeu a minha pergunta sobre por que os deuses e deusas não lutavam com as coisas entre eles mesmos. Eles tinham concordado em não fazer e estavam usando o resto de nós para fazer seus comandos ao invés, o qual era tão totalmente *Fúria de Titãs*. Sendo um Campeão soava exatamente como algo que Metis faria. Não a parte da matança ou da segurança, mas em ensinar os outros. Entretanto se a professora tinha estado tentando fazer isso comigo, ainda não estava caindo a ficha.

Eu me desloquei na cama. Talvez tudo que Daphne tinha dito fosse verdade, mas isso ainda não explicava por que eu estava aqui e o que eu tinha que fazer com mitos, deuses, e Guerra do Caos, ou algo do resto disso. Eu era apenas uma garota Cigana que tocava coisas e via coisas. Dificilmente algo especial. Não como Logan e suas habilidades guerreiras mortais, ou Daphne e sua incrível força e dedos brilhosos.

Algun tipo de alarme soou, e os olhos pretos de Daphne agitaram-se ao relógio no canto do quarto. — Já são sete horas. Carson provavelmente está esperando por mim lá em embaixo. Como eu estou?

Ela deu a volta, fazendo o seu vestido oscilar em um arco ao seu redor, antes dela alisar ele de volta ao lugar.

— Você está linda, — eu disse em uma voz verdadeira. — Agora vá se divertir.

Daphne sorriu para mim, arrancou sua bolsa da cama, e foi até a porta. Ela parou e olhou de volta sob seu ombro para mim.

— Obrigada por vir, Gwen, — ela disse. — Eu me diverti.

Eu sorri para ela. — Eu também.

— Eu posso te ligar mais tarde? — a Valquíria perguntou em uma voz tímida. — Se não for muito tarde?

— É melhor mesmo, — eu avisei em uma voz dura. — Por que eu quero ouvir tudo sobre como bom beijador o Carson é.

Daphne gargalhou e sustentou sua mão. Eu peguei, e ela laçou o seu braço através do meu, descansando sua mão na manga do meu casaco.

Braço com braço, nós deixamos o seu quarto, o começo de uma verdadeira amizade brilhando no ar entre nós, justo como as brilhantes faíscas rosadas vibrando dos dedos da Valquíria.



I7

EU ESCOLTEI DAPHNE ABAIXO NAS ESCADAS. CARSON ESTAVA ESPERANDO na principal sala de estar.

Ele vestia um clássico smoking que o fazia parecer como um alto, esguio pinguim, mas eu não disse nada disso à Daphne. Por que o rosto do cara membro da banda se iluminou com a visão da Valquíria, apenas como o dela fez quando ela o viu. Mais faíscas piscaram ao redor dos dedos de Daphne, e se o sorriso de Carson ficasse ainda maior, seus lábios iriam saltar do seu rosto.

— Oi, — Daphne disse em uma suave voz, parando na frente dele.

— Oi, — Carson sussurrou de volta. — Você está *linda*.

Daphne corou. Carson continuou olhando para ela. Nenhum dos dois se moveu ou disse outra palavra. Finalmente, eu limpei minha garganta para fazer o cara membro da banda prosseguir com as coisas.

— Oh! Isso é pra você. — Carson empurrou-se adiante e estendeu uma caixa com uma única rosa de cor rosada no interior, como se ele tivesse acabado de se lembrar que ele esteve segurando isso por todo o tempo.

— Obrigada. — Daphne tirou a flor, entregou para mim a caixa, e deslizou um simples buquê pelo seu pulso.

Eu tive um pequeno clarão saindo da caixa, uma imagem de Carson apertando-a em suas mãos suadas e se perguntando se ele escolheu a cor certa de rosa. Era uma doce, sensação nervosa, que ele tivesse se preocupado tanto sobre algo tão pequeno. Eu podia sentir que Carson queria que tudo estivesse perfeito essa noite, começando pelo buquê.

Os dois ficaram de pé ali se encarando, antes de Carson limpar sua garganta.

— Bem, eu imagino que nós devêssemos ir andando. Nós não queremos estar atrasados. — Ele franziu o cenho. — Ou nós queremos? O que é mais legal?

Daphne gargalhou. — Eu direi a você tudo sobre isso no caminho até o refeitório.

Carson esticou seu braço, e Daphne deslizou o dela pelo dele. A Valquíria se virou para gesticular para mim; então os dois deixaram o dormitório. Eu os observei irem e sorri. Eles realmente faziam um casal bonitinho.

Agora que eles se foram, eu não tinha razão para ficar por aqui no Valhalla Hall. Mas ao invés de seguir até meu próprio dormitório, eu me virei e caminhei de volta para cima das escadas ao segundo andar. Todos já tinham partido para o baile, e o dormitório estava imóvel e silencioso, como se ninguém nunca vivesse aqui.

Ninguém me viu usar minha carteira de motorista para destravar a fechadura e deslizar de volta para dentro do quarto de Jasmine.

Ele pareceu exatamente o mesmo que ele tinha parecido na primeira vez que eu estive aqui alguns dias atrás. Cama. Penteadeira. Mesa. TV. Prateleiras. Eu puxei a cadeira de Jasmine para fora e me sentei, ainda segurando a caixa vazia do buquê em minhas mãos. Meus olhos escanearam o quarto, esperando encontrar uma pista ou uma vibração de algo que me diria o que realmente tinha acontecido com ela.

Mas tudo estava exatamente da maneira que eu deixei durante minha última invadida. As fotos de Jasmine mantinham-se enfileiradas no espelho sobre a penteadeira. Maquiagem ainda desordenava na superfície do vidro. E sua prateleira ainda estava repleta de livros de consulta com títulos como *Poderes Comuns das Valquírias*, *Dominando sua Magia*, e *Manipulando Ilusões de Magia*.

Eu olhei fixamente para os livros um minuto. Algo sobre eles agitaram uma fraca memória no fundo da minha mente, algum vago, meio-formado pensamento. Meus olhos continuaram voltando ao último livro. Ilusões, ilusões... era algo a ver com ilusões e magia. Algo que eu tinha visto ou sentido ou ouvido alguém dizer. Mas mesmo enquanto eu esticava a mão para ela, eu podia senti-la deslizando para longe. O que quer que fosse, a memória, pensamento, ou a ideia não estava pronta para vir à superfície da minha mente ainda. Mais cedo ou mais tarde, entretanto. Elas sempre vinham.

Eu não sabia por que eu tinha vindo aqui. O que eu pensei que encontraria, além de nada. Só parecia... triste. Que alguém poderia ser esquecido tão facilmente tão cedo, mesmo se Jasmine não tivesse sido uma pessoa simpática na Mythos Academy. Ninguém jamais queria ser esquecido.

Mas não havia respostas reais para serem encontradas no quarto silencioso, então eu me levantei e parti.

Eu fiz o caminho de volta para meu próprio dormitório, fui para dentro da torre, e fechei a porta. Todos que viviam aqui estavam no baile, também, e meu dormitório estava apenas tão silencioso quanto o Valhalla Hall. Eu era provavelmente a única pessoa que ficou. Sozinha novamente. Naturalmente.

Eu caí pesadamente em cima da cama e olhei fixamente para o teto. Havia coisas que eu podia fazer. Ler o último dos novos gibis que eu tinha, tomar um banho, assistir algum reality show deplorável, comer o resto dos biscoitos açucarados de amêndoa de Vovó Frost.

Eu ainda tinha aquele relatório a apresentar para a aula de história-mítica de Metis, aquele onde nós tínhamos que escolher um deus ou deusa e escrever uma dissertação sobre eles. Talvez eu escolhesse Nike, eu pensei. A deusa Grega da vitória parecia estar no grosso das coisas quando vinha a ser Loki, Ceifadores, e a Guerra do Caos.

Ao invés de alcançar meu livro de história-mítica, eu me encontrei me sentando e encarando a porta fechada do meu closet. Depois de alguns segundos, eu saltei acima para fora da cama, fui até ele, e o abri. Meu habitual sortimento de

jeans, T-shirt estampadas, casacos com capuz, e tênis preencheram o closet, junto com umas poucas coisas a mais. Meu pesado casaco de inverno de xadrez roxo. Um par de calças pretas vistosas. Grosso casaco de pescador cinza para quando o inverno ficasse realmente frio. O rugoso vestido preto que eu vesti no funeral da minha mãe.

Eu não tinha um vestido preto naquela época, e Vovó Frost tinha me levado ao shopping no dia antes do funeral para comprar um. Eu escolhi o primeiro vestido que eu tinha visto no meu número, sem me importar como ele parecia ou quem me via nele. Eu odiava o fato de que eu até mesmo teria que vesti-lo, que minha mãe estava morta e nunca estaria voltando.

Meus dedos pairavam sobre o tecido, mas eu não o toquei. Eu não queria me lembrar daquele dia e como miserável eu me senti naquele vestido, quanto devastada eu estava que minha mãe tinha ido para sempre por que ela estava tentando ajudar uma das minhas amigas ao invés de ficar em casa onde ela pertencia, comigo. Como se o seu acidente fosse completamente minha culpa por que eu estive sendo tão intrometida e tão determinada a aprender o segredo de outra garota. Eu nunca quis colocar aquele vestido novamente. Só olhando para ele fazia meu estômago girar com um doentio, sentimento de culpa, como se eu fosse responsável pela morte de minha mãe ao invés de algum anônimo motorista bêbado...

Eu deslizei o cabide de metal ao lado, com cuidado em não tocar o tecido preto, e tirei o traje enterrado bem no fundo do closet – o vestido de formatura que minha mãe e eu tínhamos comprado na semana antes dela morrer.

Era de uma curiosa tonalidade, algum lugar entre o roxo e o cinza – aquela mesma cor suave de violeta que minha mãe sempre provocadamente afirmou que meus olhos eram. O vestido tinha um tipo de vibração de deusa Grega – manga cavada com uma cintura estilo imperial alta e uma longa, saia fluída. Lantejoulas prateadas corriam de um lado ao outro do vestido em uma faixa fina onde a cintura estava e margeava o colarinho circular, adicionando um pouco de suave brilho a ele.

Eu atraí um fôlego, tirando o vestido para fora, e roçando meus dedos contra o tecido.

Não havia sensações débeis, sem fracas vibrações, associadas com o vestido. Ao invés, de repente, eu fui atacada com imagens. Mamãe e eu gargalhando na praça de alimentação de um shopping sobre os milkshakes de chocolate que nós

pedimos para o almoço. Nós duas folheando prateleira atrás de prateleira de vestidos, tentando encontrar justo o certo. Sempre vindo de mãos vazias, mas mesmo assim nos divertindo juntas. Mamãe decidindo tentar uma pequena boutique que ela conhecia do outro lado da cidade como uma última solução. E finalmente, o olhar da minha mãe quando ela espiou esse vestido e o mostrou para mim.

Eu fechei meus olhos e me concentrei, tentando trazer as imagens até mesmo em foco mais agudo. Meus dedos acariciaram o tecido sedoso do vestido, eu inalei, quase imaginando que eu podia sentir o cheiro do doce, suave perfume lilás que minha mãe sempre usou. Eu gostava tanto dele que ela me deu um frasco no meu último aniversário, mas eu não tinha usado desde quando ela morreu. Ele apenas me lembrava o quanto eu sentia a falta dela.

Lentamente, as ondas de sentimentos e imagens começaram a desaparecer, da maneira que elas algumas vezes faziam com um objeto como esse. Se elas não fossem usadas, ou no caso desse vestido, emoções e sensações vazavam dos itens ao longo do tempo, como água gotejando de um copo com um buraco no fundo dele, até não houver restado nada. Algumas vezes, as imagens antigas eram impressas com novos pensamentos, sensações, e emoções enquanto novas experiências aconteciam ou novas pessoas usavam o objeto em questão. Algumas vezes, elas apenas desvaneciam completamente, não deixando nada para trás além de fracos ecos de quem e o que tinha estado antes.

Eu comecei a colocar o vestido de volta ao armário, mas as imagens que eu tinha acabado de ver, as sensações que eu tinha acabado de experimentar, não me deixavam.

Talvez fosse a maneira que eu me senti quando eu o experimentei pela primeira vez, como se eu fosse a garota mais linda no baile do segundo ano. Talvez fosse o sorriso no rosto da minha mãe quando ela viu o vestido, quando ela percebeu o quanto perfeito ele iria parecer em mim. Talvez fosse o conhecimento de que um pequeno pedaço dela que eu pensei ter perdido para sempre estava bem aqui pendurado dentro do meu armário o tempo todo.

Mas subitamente eu quis ir ao baile, e eu quis usar esse vestido, se por nenhuma outra razão do que ter feito a minha mãe feliz. Vovó Frost estava certa. Era hora de começar a viver novamente.

Morgan tinha me dito a mesma coisa sobre Jasmine, que isso é o que Jasmine teria querido que todos fizessem depois da sua morte. Exceto que no caso da

minha mãe eu sabia que isso era verdade, que isso era o que Grace Frost teria querido para mim, sua filha.

Eu podia sentir no tecido do perfeito vestido que ela comprou para mim.

E eu percebi que isso era o que eu queria, também.

Então eu escorreguei o vestido para fora do cabide e o coloquei na cama. As lantejoulas piscaram para mim como olhos, cada uma piscando com encorajamento.

— Lá vou eu me arrepender disso depois, — eu murmurei, abrindo o zíper do meu casaco com capuz e deixando-o cair no chão.



I8

N

A HORA EM QUE EU FIQUEI PRONTA, ERA DEPOIS DAS OITO, O QUE significava que o baile estava acontecendo por uma hora. Eu perdi a parte onde o rei e a rainha do baile seriam anunciados para cada turma, os outros estudantes tinham votado duas semanas atrás. Mas como Morgan tinha dito, quem mais ia ser na nossa turma de segundo ano além dela e Samson agora que Jasmine se foi?

Eu me olhei no espelho no banheiro. Vestido violeta e olhos, cabelo castanho ondulado solto ao redor dos meus ombros, sardas espalhadas de um lado ao outro da minha pele branca de inverno. Eu não parecia como uma bonita princesa de contos de fadas como Daphne tinha parecido, mas ao menos eu não tinha acabado como uma total vadia como Morgan. Eu não sabia o que eu era, outra coisa além

daquela garota Cigana que via coisas. Mas eu estava determinada a me divertir essa noite – ou ao menos fingir isso bem o bastante para que ninguém mais soubesse a diferença além de mim.

Eu deixei o meu quarto e cruzei o quadrilátero do campus. Todos mais já estavam no refeitório, então o quadrilátero estava até mesmo mais deserto do que antes. Uma brisa fria soprou em todo o gramado, trazendo um declínio de frio com ela, junto com a mais fraca picada do inverno. Eu envolvi meus braços ao meu redor, desejando que eu tivesse a consideração de agarrar um casaco antes de eu deixar meu quarto, mas eu não queria voltar por um agora. Se eu voltasse, eu duvidava que eu fizesse o esforço para voltar e ir ao baile.

Finalmente, eu cheguei ao refeitório. As portas da frente estavam abertas, a luz derramando para o lado de fora e expulsando algumas das sombras. Vários alunos estavam em pé ao redor da entrada, uns poucos deles tragando cigarros ou algo mais forte quando eles pensavam que ninguém estava olhando. Alguns jovens estavam bebendo, também, e o azedo fedor de cerveja derreteu com as nuvens da doce, asfixiante fumaça.

Eu caminhei passando os outros alunos e fui para o lado de dentro. Para minha surpresa, o refeitório tinha sido completamente transformado desde a hora do almoço. As habituais mesas redondas de almoço se foram, substituídas por uma única longa mesa de banquete que se estendia na parede esquerda. Folhas de outono carmesim e da cor de abóbora entrelaçavam com folhagens e gysófilas agrupadas ao redor de uma enorme escultura de gelo com formato como uma gigante cornucópia¹⁹. Velas também cintilavam na superfície. Mais folhagens penduradas a partir do teto, junto com cordas prateadas e luzes douradas que banhavam a área em um suave, romântico brilho. Mesmo eu tinha que admitir que tudo isso era muito classudo, muito elegante, e muito bonito.

Eu perdi o ritual da colheita, o qual tinha sido presidido antes da dança ter começado, mas eu podia ver os vestígios disso. Altas hastes de bronze cobertas com cera de abelhas queimando no jardim ao ar livre, e vasilhas douradas cheias de uvas recém colhidas, laranja, amêndoa, e olivas fixavam-se nos pés de várias estátuas de deuses ali, incluindo Dionísio e Deméter. Tudo no jardim parecia ter uma tintura de bronze quente a ele essa noite, incluindo as taças cheias de vinho que tinham sido colocadas próximas às tigelas de frutas e nozes, e o ar cheirava agudo e doce, como cítrico. Eu esperei um momento, me perguntando se eu

¹⁹ (Cornucópia é um símbolo representativo de fertilidade, riqueza e abundância. Na mitologia greco-romana era representada por um vaso em forma de chifre, com uma abundância de frutas e flores se espalhando dele.)

sentiria o mesmo tipo de força invisível que eu senti na fogueira na noite passada. Mas qualquer presença que poderia ter sido invocada pelo ritual já tinha desaparecido. Eu soltei minha respiração. Sem mais magia surreal essa noite. Bom.

Eu não sabia quantos alunos iam à Mythos, mas pareceu como se cada um deles tinha aparecido para o baile. Casais usando vestidos brilhosos e smoking, se abraçavam e balançavam para frente e para trás na pista de dança. Alguns sentavam nas mesas que tinham sido montadas no lado distante do salão, beijando-se, rindo, e sussurrando no ouvido um do outro. Outros se agrupavam ao redor da mesa de comida, mergulhando morangos e outras frutas frescas dentro de uma fonte de escuro chocolate que expelia uma corrente interminável de quente, gosmenta virtude. Eu até mesmo vi uns poucos jovens comendo o caviar que tinha sido colocado como parte do Buffet. Eca.

Eu estava certa sobre os reis e rainhas já terem sido coroados. Morgan McDougall estava em pé na extremidade da pista de dança conversando com suas amigas Valquírias bajuladoras. Uma tiara brilhosa em cima da cabeça de Morgan, e um sorriso triunfante curvado nos seus lábios carmesins. Essa era a sua festa de revelação, e ela queria que todos soubessem disso. Morgan tinha o seu braço curvado através do de Samson Sorensen, seu corpo revestido na lateral dele. Samson pareceu lindo em seu smoking, embora ele estivesse segurando a sua vistosa coroa dourada ao invés de realmente usá-la. Ele se inclinou para baixo e babou um beijo no pescoço de Morgan enquanto ela conversava com suas amigas.

Eu não podia evitar além de me perguntar o que Jasmine faria se ela estivesse aqui nesse momento. Se ela visse o quanto facilmente Morgan tinha pisado dentro do seu lugar como rainha dos alunos do segundo ano da Mythos. Eu imaginei que Jasmine iria se aproximar, arrancar a coroa de cristal de Morgan da cabeça, e começar a bater na sua amiga e em Samson com ela. A Valquíria certamente tinha sido capaz de fazer algo assim, dada toda a raiva que eu senti quando eu peguei aquela foto no seu quarto. Aquela de Morgan e Samson que Jasmine tinha rasgado.

Meus olhos vagaram sobre o resto do refeitório. Alunos não eram os únicos aqui essa noite. Mais do que alguns professores podiam ser vistos na multidão, incluindo Metis, Técnico Ajax, e Nickamedes. Os três estavam em pé saindo de um dos cantos do salão, bebendo ponche, conversando, e ocasionalmente pisando adiante para manter a seca-encoxada na pista de dança a um mínimo. Ajax e

Nickamedes, ambos, estavam de smoking, enquanto Metis pareceu suave e bonita em um vestido de noite verde.

Finalmente, eu localizei Daphne e Carson profundamente em uma música lenta. Daphne tinha sua cabeça no ombro de Carson, e o cara membro da banda tinha um pateta, olhar sonhador no seu rosto. Morgan disse algo para as duas Valquírias de pé perto dela e apontou para Daphne e Carson. Elas três gargalharam e riram, zoando o novo casal. Mas Daphne e Carson estavam tão um no outro que eles não viram ou ouviram as Valquírias. Eu duvidava que isso os teria incomodado de qualquer modo. Não essa noite.

Uma vez que eu não queria andar pesadamente através da multidão para chegar à Daphne e Carson, eu contornei a borda do refeitório e segui para a mesa de bebidas, apenas para ter algo com que fazer. Só assim ninguém veria que eu era uma total perdedora que estava aqui sozinha. Vir aqui tinha sido um erro. Eu pensei que seria divertido, mas agora eu não estava tão certa. Por que minha única, meio que amiga estava totalmente ligada ao seu acompanhante, o que significava que eu não tinha ninguém mais para conversar – muito menos dançar.

Eu suspirei. Eu não sabia o que estava pensando, vindo aqui sozinha. Eu ia levar minha comida de volta ao meu quarto e entupir minha cara antes de ler gibis pelo resto da noite. O que era o que eu deveria ter feito em primeiro lugar ao invés de vir aqui e tentar me adequar, tentar fingir como se eu realmente *pertencesse* aqui.

Eu me virei caminhei de volta ao redor da borda da pista de dança, costurando para dentro e para fora os casais que cruzavam meu caminho. Eu estava cerca da metade do caminho em direção à saída quando alguém pisou na minha frente. O cara tinha suas costas para mim, então ele nem sequer me viu. Eu tive que pular para trás a fim de impedir de tropeçar nele, e o movimento agudo fez o ponche esguichar para fora do meu copo e respingar na frente do meu vestido, manchando-o. Ótimo. Bem ótimo.

— Hei, — eu murmurei. — Observe onde você está indo.

O cara deve ter me ouvido, por que ele se virou e me olhou, e eu me descobri encarando acima para Logan Quinn.

Eu não tinha falado com Logan desde a noite passada quando ele tentou me beijar e eu totalmente enlouqueci sobre isso. Eu não tinha sido capaz de chegar perto dele na aula de educação física, mas eu procurei por ele o resto do dia no

quadrilátero, esperando me desculpar novamente. Eu não o tinha visto então, mas agora que eu finalmente tinha, eu não podia parar de encará-lo.

Logan pareceu absolutamente *deslumbrante* no seu smoking preto, embora ele já tivesse desfeito sua gravata, como se isso estivesse sufocando-o. O paletó esticado sobre seus ombros, realçando justo como totalmente musculoso eles eram. Seu cabelo preto reluzia debaixo dos brilhos prateado e dourado das luzes piscando, e seus olhos brilharam como gelo em seu rosto. Eu fiquei ali, sem respirar.

Logan me olhou outro segundo antes de fazer uma visível olhada dupla. Seus olhos deslizaram para baixo da frente do meu vestido, demorando-se nas manchas de ponche que marcavam na longa saia. Minhas bochechas começaram a queimar. Por que eu tinha que tropeçar nele agora? Por que eu não podia ter ao menos o visto antes de eu conseguir respingar ponche por mim toda?

— Dá licença, — eu murmurei, e movi passando por ele.

Eu me apressei até a mesa de Buffet e abaixei o meu prato e copo, perdendo o meu apetite por, bem, por tudo. Eu me virei, e ali estava ele novamente, de pé bem atrás de mim, ainda me encarando.

— Garota Cigana? — Logan perguntou com uma voz incerta, como se ele não estivesse bastante certo se ou não essa era eu.

— Espartano, — eu respondi, cruzando meus braços sob meu peito para tentar esconder algumas das manchas viscosas no meu vestido. — Aproveitando o baile?

Logan olhou para mim outro momento, depois encolheu de ombros. — Tanto como qualquer outro, eu suponho. Eles são os mesmos – longos e chatos.

Eu não disse nada. Eu não sabia como falar com ele quando ele não estava me provocando – ou quando ele não estava salvando minha vida. E eu certamente não sabia como fazer agora, quando ele parecia tão insanamente sexy naquele smoking.

— Você quer dançar? — Logan perguntou em uma baixa voz, seus olhos brilhando no seu rosto.

Meu coração saltou na minha garganta. Eu nunca percebi até justo esse segundo quanto eu queria muito essa coisa. Quanto eu queria pisar dentro dos seus braços, mesmo que fosse apenas por essa noite. Mas eu não podia respondê-lo. Eu só não conseguia me fazer dizer as palavras.

Eu não tive que dizê-las. Logan colocou sua mão ao redor da minha cintura, com cuidado para não tocar a pele nua dos meus braços, e me puxou em direção à

pista de dança junto com todos os outros casais se remexendo. Eu o deixei, como se em transe, fascinada pela sensação da mão dele na minha cintura. Eu podia sentir o calor dos seus dedos até mesmo através do tecido sedoso do meu vestido.

— Então, — Logan disse uma vez que nós estávamos no meio da pista. — Como nós vamos fazer isso? Por que eu não posso tocar a sua pele ou algo assim, certo?

Eu apenas olhei para ele. Se houvesse alguém que eu quisesse me tocando, esse seria Logan. Mas eu não podia arriscar. Eu só... não podia. Por uma vez, eu não queria saber o segredo de ninguém mais. Eu não queria tocar Logan e perceber que ele estava realmente gargalhando de mim bem lá no fundo. Que ele estava pensando sobre como patética eu era e quanta pena ele sentia de mim. Eu queria fingir que ele realmente se importava comigo, mesmo se isso fosse apenas por essa dança.

— Não, — finalmente eu disse. — Você não pode tocar a minha pele, não sem que eu tenha flashes de você. Então, apenas, uh, coloque suas mãos na minha cintura ou algo assim, e eu vou colocar as minhas nos seus ombros, tudo bem?

Ele me deu um sorriso torto. — Qualquer coisa que você disser, garota Cigana.

As mãos de Logan curvaram-se ao redor da minha cintura, eu posicionei as minhas nos seus ombros, de alguma forma resistindo com a urgência de estendê-las e correr meus dedos através do seu denso cabelo tingido de preto. Lentamente, nós começamos a balançar no tempo da música, alguma antiga, triste música sobre amor perdido.

Nós não conversamos. Eu podia sentir os olhos azuis de gelo em meu rosto, mas eu não olhei para dentro deles. Eu não queria que ele visse tudo que eu estava sentindo nesse momento. Eu não estava tocando-o, não *realmente*, não tocando sua pele de qualquer modo, mas eu ainda sentia tanto. A esguia força do seu corpo. A maneira gentil que ele me segurava. Quão fácil era se mover com a música com ele apesar do fato de que eu era totalmente descoordenada e uma droga tanto como uma dançarina quanto na aula de educação física. Era a primeira vez em um longo tempo que eu estava completamente oprimida com sensações, mesmo embora eu não estivesse usando nada da minha magia psicométrica.

Uma afiada apunhalada de desejo perfurou o meu coração, fazendo todo o meu corpo estremecer com sua dolorosa intensidade. Por que eu sabia que estava

muito perto de desenvolver uma grande, *grande* queda por Logan Quinn. Se eu já não fosse um completo caso perdido.

Eu não sei quanto tempo nós dançamos antes dele limpar sua garganta.

— Você está bonita essa noite, Gwen, — Logan disse.

Ele não estava me paquerando ou falando sobre sexo como ele normalmente fazia, mas, por uma vez, eu quase acreditei nele. Era como... se eu pudesse quase *sentir-lo* dizendo a verdade, mesmo embora eu não estivesse tocando sua pele nua. Ou talvez isso fosse apenas por que eu estava mentindo para mim mesma, tentando me convencer que essa dança, esse momento, significava tanto para ele quanto significava para mim.

— Obrigada. Você também. Um, não bonita, mas bonito. Muito, muito bonito, — eu terminei em um tom falho.

A verdade era que ele estava lindo – muito mais bonito do que eu jamais poderia ser. Logan parecia como uma das ilustrações saídas do meu livro de história-mítica ganhando vida – como algum guerreiro ancião vestido com roupas modernas. Uma mistura de antigo e novo que parecia como tudo para mim. Que parecia completamente maravilhoso para mim.

Nós continuamos dançando, o resto da sala desaparecendo. Os outros dançarinos, os casais se beijando, os jovens rondando a mesa de bebidas, Morgan e seu séquito malicioso. Tudo isso apenas desapareceu até não haver nada além de Logan e eu.

Logan me segurando, seus olhos nos meus, sua cabeça lentamente mergulhando mais baixo e mais baixo, meus olhos tremulando fechados, minha respiração presa, presa na minha garganta em antecipação de algo que eu sabia que seria completamente maravilhosa –

Uma afiada pancadinha no meu braço me tirou da minha fantasia, e um quente surto de irritação surgiu através de mim com o contato. Eu me empurrei para um lado, causando que os lábios de Logan deslizassem pela minha bochecha e fosse para o meu cabelo. A afiada pancadinha veio novamente, e mais irritação me preencheu. Quem quer que estivesse me apunhalando com seu dedo, ela não estava muito feliz.

Eu larguei meus braços e pisei para longe de Logan. Uma garota moveu-se ao meu redor e deslizou entre nos dois. Eu a reconheci como uma das amigas da Amazona Talia Pizarro, embora ela fosse justo do meu tamanho e não tão alta quanto a outra garota. Mesmo assim, a Amazona era linda, com uma chama de

cabelo vermelho e olhos que eram mais verdes do que o colar de esmeralda que ela usava ao redor da sua pálida garganta. Ela usava um vestido ajustado de cor verde água que abraçava suas curvas em todos os lugares certos.

Bum! foi-se meu momento pseudo-Cinderela, eu subitamente me senti como uma uva gigante perto dela. Uma que estava para ser esmagada.

— O que você pensa que está fazendo com o *meu acompanhante*? — a garota perguntou em uma aguda, voz zangada.

Eu olhei para Logan. Ele me encarou, depois a ela. Depois de um momento, Logan circulou um braço ao redor da sua cintura e a aninhou mais perto.

— Nós estávamos apenas dançando, Savannah, — ele disse em um leve tom, sorrindo abaixo para a outra garota justo como ele tinha feito comigo um momento atrás.

Mágoa me preencheu — mágoa que Logan pudesse me dispensar tão facilmente. Que ele pudesse quase me beijar, depois parecer como se estivesse para fazer o mesmo com a outra garota segundos mais tarde. Talvez ele pudesse, entretanto. Talvez ele não tivesse sentido as coisas que eu senti quando nós estávamos juntos. Talvez ele nunca tivesse sentido.

Eu sacudi minha cabeça para clarear para longe o resto da estúpida névoa romântica. *Claro que ele não sentia*, eu me repreendi. Ele era Logan fenômeno Quinn, o cara que ia por toda a Mythos e assinava os colchões de todas as garotas com quem ele dormia. O que eu estava pensando? Por que havia diversão e havia insanidade. E tudo a ver com Logan caía diretamente na última categoria.

— Sim, — eu disse em uma voz fria. — Nós estávamos apenas dançando. E agora nós não estamos.

Logan olhou para mim, culpa cintilando em seus olhos. Ele abriu sua boca como se ele quisesse dizer algo para mim, mas eu não lhe dei a chance. Eu me virei sob meu calcanhar e me afastei, deixando-o com a sua acompanhante pela noite.



I9

B

U ME AFASTEI DE LOGAN TÃO RÁPIDO QUANTO EU PUDE, DESLIZANDO através da multidão de dançarinos, com cuidado de não roçar contra ninguém para que eu acidentalmente não recebesse um vislumbre deles.

Vir aqui essa noite tinha sido uma má, má ideia. Mas que diabos eu estava pensando? Todo mundo tinha um lugar na Mythos – todos exceto eu. Não espere. Isso não estava certo. Eu tinha um papel aqui, também, agora – aquela garota Cigana que tinha acabado de se fazer de uma tola completa. A idiota da classe, em outras palavras.

Eu corri para fora da entrada da frente do refeitório. Mais garotos aglomeravam-se do lado externo em torno das portas agora, passando copos de cerveja e cantil prata de quem-sabia-o-que de uma mão para a outra, junto com cigarros e até mesmo cigarro de maconha.

Por um momento, eu pensei sobre parar e pedir por uma bebida de um deles. Talvez umas duas. Eu nunca estive bêbada antes, então eu não sabia exatamente quantas iria precisar. Mas eles provavelmente não iriam compartilhar comigo de

qualquer modo. Além disso, eu duvidava que ficando bêbada fosse abafar esses sentimentos que eu subitamente desenvolvi por Logan Quinn. Eu não achava que nada iria me ajudar com isso, exceto talvez uma total lobotomia.

Eu não podia voltar ao baile, mas eu não queria voltar ao meu quarto também. Eu já sabia que eu era uma estúpida, estúpida perdedora. Eu não queria sentar por aí e pensar sobre isso o resto da noite. Além disso, eu coloquei meu maldito vestido de formatura. Eu ia ao menos usá-lo por mais do que uma hora, mesmo que isso me matasse.

Sem realmente pensar onde eu estava indo, eu virei à esquerda em direção a um trajeto de paralelepípedo circular que enrolava passando todos os cinco prédios que anelavam o quadrilátero. Eu apenas comecei a andar o enorme círculo, tentando encontrar um local silencioso onde eu pudesse sentar sozinha e... e fazer algo. Talvez gritar. Talvez chorar. Eu não sabia.

Eu não era a única que deixou o baile mais cedo. Casais sentavam-se em cada um dos bancos de ferro perto do refeitório. Todos eles encarando sonhadoramente dentro dos olhos do outro, rindo e beijando-se. Um cara até mesmo tinha sua mão debaixo do vestido da sua acompanhante, e os dois estavam praticamente deitados em cima um do outro.

Tudo isso me deixou enjoada.

Por que até mesmo aqui fora, eu não podia fugir da dançinha perfeita de todo o mundo –

Algo piscou nas sombras mais adiante, distraíndo-me dos meus pensamentos sombrios. A luz brilhante veio novamente, subindo e descendo, e eu localizei outra longa figura movendo-se do outro lado do quadrilátero. Ela estava... usando algo na sua cabeça? Eu apertei os olhos, mas eu não podia decifrar completamente quem era. Então, ela pisou dentro do brilho de um dos postes de luz que enfileirava a calçada, e eu fui capaz de dar uma boa olhada nela.

Morgan McDougall.

A rainha do baile arrastou-se de um lado ao outro do quadrilátero, seguindo em direção à Biblioteca de Antiguidades. Provavelmente para que ela e Samson pudessem transar no lado de fora do pátio novamente. Eu rolei meus olhos. Piranha. Os flashes que eu vi tinham vindo da tiara da rainha do baile que Morgan usava no topo da sua cabeça. Os caros cristais piscaram para mim com cada passo que a Valquíria dava.

Eu franzi o cenho. Por alguma razão, algo sobre Morgan pareceu... deslocado. Eu continuei seguindo atrás dela, me perguntando o que era. Finalmente, eu percebi que era a maneira com que ela estava andando, tão lento e firme com cuidado, medindo os passos. Não era a forma normal que uma pessoa andaria, especialmente uma garota que estava ansiosa para transar com o gostoso cara com quem ela esteve dormindo às escondidas. Morgan pisou através do brilho de outro poste de luz, e eu percebi que ela tinha um estranho olhar no seu rosto, também. Um que era totalmente... em branco. Ela me lembrou um zumbi ou algo, como se ela não fosse realmente ela mesma. Como se ela fosse possuída ou estava controlada por alguém mais –

Pequenos sinos de advertência saíram de dentro da minha cabeça, e eles apenas ficaram mais altos e mais longos enquanto eu avancei para a Valquíria.

Eu olhei ao redor, mas nesse ponto o refeitório e todos os casais estavam várias centenas de metros de distância. Ninguém mais tinha notado Morgan. Todos eles estavam muito absortos em seus pequenos dramas, em seus próprios romancezinhos ruins, para notarem-na – ou a mim.

Portanto eu comecei a segui-la.

Eu não sabia por que. Talvez por que eu estivesse puta comigo mesma por ser tal idiota na frente de Logan. Talvez por que eu não tivesse nada melhor para fazer. Ou talvez fosse por causa dessa... dessa sensação que eu tinha. Que algo sobre isso estava muito, muito errado. Eu quase sentia como se eu *precisasse* seguir Morgan por alguma razão. Que algo realmente, realmente ruim iria acontecer se eu não seguisse.

Era a exata mesma sensação que eu tive na noite antes que eu peguei a escova de cabelo de Paige.

Morgan caminhou atravessando o quadrilátero, ainda seguindo em direção à biblioteca. Eu franzi o cenho. Esquisito. A biblioteca estava fechada essa noite por causa do baile, e apenas umas poucas luzes queimavam do lado de dentro do prédio. Então por que Morgan estaria indo para lá? Especialmente essa noite de todas as noites? Sim, talvez ela e Samson fossem transar novamente... exceto que eles dois não tinham mais que esconder o fato de que eles eram um casal. Todos já os tinham visto juntos no baile. Então por que eles se encontrariam na biblioteca de novo? Por que eles não iriam a um dos seus dormitórios? O que a Valquíria estava fazendo? E por que ela tinha aquele olhar em branco, vazio no seu rosto?

Morgan se arrastou acima nos degraus na frente da biblioteca, ainda se movendo naquela lenta, firme forma de zumbi. Eu recolhi minha saia para cima e me apressei atrás dela. A Valquíria realmente acha que ela ia entrar? As portas estavam fechadas, e eu observei Nickamedes trancá-las depois do meu turno essa tarde –

Morgan puxou abrindo uma das duplas portas e pisou para dentro da biblioteca, desaparecendo de vista. Eu desacelerei e parei no alicerce da escada. Eu mordi meu lábio e encarei a estrutura diante de mim. Todas as estátuas de pedras, torres, e varandas pareciam especialmente sinistras essa noite, como se todo o prédio fosse uma coisa viva apenas esperando para me engolir. Eu pisquei, e, por um momento, pareceu como se toda a biblioteca apenas...*ondulasse*. Como se houvesse algo rastejando ao redor, debaixo da pedra. Algo velho. Ancião. Poderoso. Malvado.

Eu estremeci, envolvi meus braços ao redor de mim, e olhei para trás sobre meu ombro. Na distância do outro lado do quadrilátero, as luzes do refeitório pareciam calorosas, brilhantes, convidativas. Eu devia voltar para lá. Ir arrancar um copo plástico de cerveja de alguém, fumar alguma maconha, ficar completamente perdida, e fingir que essa noite sequer tivesse existido.

Mas eu não podia fazer isso, não mais do que eu fui capaz de me impedir de alcançar aquela maldita escova de cabelo. No final, eu sempre quis saber o segredo das pessoas, sem importar quanto sombrio e retorcido eles fossem. Talvez fosse meu dom cigano ou talvez apenas minha própria imaginação paranóica, mas eu sentia como se houvesse um à espreita na biblioteca essa noite – talvez o maior segredo de todos. De alguma forma, eu sabia disso no mais profundo da minha alma. Quem matou Jasmine, quem roubou a Tigelas das Lágrimas, até mesmo a razão que eu estava aqui na Mythos Academy em primeiro lugar. Tudo isso estava dentro da biblioteca, apenas esperando para eu entrar e descobrir por mim mesma.

Venha para dentro, e tudo será finalmente revelado, uma voz pareceu sussurrar no fundo da minha mente. Ou talvez fosse apenas meu próprio desejo pensando.

Fosse o que fosse, eu recolhi minha saia para cima, subi os degraus, e deslizei para dentro.



EU ESTIVE ERRADA ANTES, QUANDO EU PENSEI QUE APENAS HOUVESSE UMAS poucas luzes na Biblioteca de Antiguidades. As portas duplas que conduziam para dentro do piso principal, permaneciam amplamente abertas, e o brilho dourado do lado de dentro extravasou para o corredor, mostrando o caminho. Mas havia algo estranho sobre as luzes essa noite. Parecia expulsar mais sombras do que ela realmente derramava e deu um preto, sinistro ar a tudo que ela tocava, das armaduras que enfileiravam o corredor as criaturas mitológicas esculpidas nas paredes de mármore.

Mais uma vez, os olhos de pedra dos grifons e Górgons me observaram, rastreando meus movimentos enquanto eu rastejava adiante. A estranha luz respingou do outro lado das esculturas, fazendo as criaturas parecerem até mesmo mais ferozes e mais vivas do que uma vez antes – como se elas pudessem brotar da pedra a qualquer segundo e me rasgar em pedaços. Eu estremeci e deixei meu olhar cair das paredes.

Morgan já tinha desaparecido de vista, mas o ruído seco de seus saltos agulha no piso dentro do espaço principal ecoou através de toda a biblioteca. Eu parei um momento para tirar meus próprios saltos, então a segui. O piso estava tão frio quanto gelo nos meus pés descalços, mas ao menos agora eu não faria tanto barulho quanto a Valquíria fez.

O oco eco dos seus passos, soou como se Morgan tinha ido abaixo ao corredor principal da biblioteca, andando bem na direção de quem quer que ou o que estivesse esperando do lado de dentro. Eu não era tão ingênua ou estúpida em pensar que não houvesse ninguém ou algo mais aqui. Alguém tinha que ter acendido as luzes e aberto as portas para Morgan, e eu duvidava que fosse Nickamedes, desde que eu acabei de vê-lo pelo refeitório, supervisionando o baile de formatura.

Uma vez que eu não estava certa que eu queria topar com mais quem que estivesse esperando do lado de dentro, eu segui até uma das portas laterais que conduziam para dentro do piso principal, abri, e escorreguei para dentro daquela maneira. Eu não estava certa do que estava acontecendo, mas eu não ia tropeçar direto para o meio disso. Não se eu pudesse evitar, a propósito.

Eu ia fazer a coisa certa dessa vez. A coisa esperta. Conseguir uma rápida olhada no que quer que estivesse acontecendo, e quem quer que tinha feito Morgan vir aqui, depois deslizar para fora e ir conseguir ajuda da Professora Metis, Técnico Ajax, e até mesmo Nickamedes de volta no refeitório.

Eu me movi pelas prateleiras, tentando dar uma olhada em Morgan através das filas de livros mofados que nos separava. O som dos passos dela estava mais alto aqui dentro, ecoando todo o trajeto para cima ao teto e de volta para baixo novamente, e ela ainda estava andando naquele lento, firme passo.

Através das estantes, eu captei um vislumbre da Valquíria. Morgan ainda tinha aquele olhar em branco, vazio no seu rosto, como se ela não estivesse sequer consciente do que ela estava fazendo, como se ela não mais estivesse sequer no controle de si. Como se ela estivesse... possuída.

Como se alguém tivesse gotejado seu sangue na Tigela de Lágrimas.

O pensamento explodiu do fundo do meu cérebro, estourando através da superfície. Eu vislumbrei de volta a última noite no meu quarto quando eu estive lendo o livro de Jasmine, aquele que tinha todas as informações sobre a Tigela das Lágrimas nele. Eu foquei na memória, e as palavras na página estalaram dentro da minha cabeça.

Há rumores que Loke usou a Tigela para inclinar as pessoas a sua vontade. Uma vez que o sangue da pessoa fosse gotejado dentro da tigela do deus – ou quem quer que tivesse a Tigela no momento – tinha controle completo sobre ele ou ela...

As palavras engatilharam outras memórias de todas as coisas que eu tinha visto e feito ao longo dos últimos dias. Nickamedes falando sobre a Tigela e o fato de que quem quer que a tivesse roubado não deveria sequer ter sido capaz de tirá-la da biblioteca em primeiro lugar. A foto rasgada de Morgan e Samson que eu encontrei no quarto de Jasmine. A raiva que eu senti quando eu toquei a imagem. Todos aqueles livros sobre magia e ilusões que tinham estado nas prateleiras de Jasmine. A estátua de pedra que quase esmagou o cérebro de Morgan e Samson

quando eles estavam ocupados do lado de fora da biblioteca. O gatuno aparecendo, então evaporando depois de Logan tê-lo matado.

Mas a única coisa que eu continuava retornando repetidamente, a *maior coisa*, era o fato de que eu não tinha sentido nada, que eu não tinha obtido qualquer tipo de flash ou vibração de todo o corpo de Jasmine aquela noite que eu a encontrei na biblioteca. A noite que eu pensei que ela foi assassinada. Eu pensei que houvesse algo errado com meu dom Cigano, minha magia psicométrica, mas talvez... apenas talvez não tivesse nada ali para eu sentir em primeiro lugar. Não realmente.

Quanto mais eu pensava sobre isso, mas sentido isso fazia. Meu dom Cigano sempre me deixava ver *algo*, quer eu quisesse isso ou não. Mas não com Jasmine, o qual tinha sido a primeira vez que eu não vi nada. *Nunca*. Todas as imagens, todas as memórias e sentimentos, subitamente vieram juntos na minha cabeça, clicando no lugar como os pedaços de um quebra-cabeças. Eu pensei que eu tinha uma ideia muito boa de quem tinha matado Jasmine, roubado a Tigela das Lágrimas, e por que.

Oh, não. Se Morgan estava andando em direção a quem eu achava que ela fosse, então a Valquíria estava em um grande problema, e eu estava também –

Eu estava tão ocupada descobrindo as coisas que eu não estava realmente olhando onde eu estava indo e eu esbarrei em uma das caixas de vidros de artefatos. Mas não apenas qualquer caixa – A Caixa, aquela com a estranha espada dentro dela. Aquela com o cabo que parecia como a metade do rosto de um homem. Eu atingi A Caixa tão forte que eu sacudi a espada do lado de dentro – provocando que o olho no cabo estalasse aberto.

Eu congelei e pisquei várias vezes, pensando, não, *esperando* que isso fosse apenas uma invenção da minha imaginação. Que o olho fosse desaparecer da maneira que ele tinha desaparecido antes e que eu pudesse dizer a mim mesma que eu estava apenas vendo coisas por que eu estava um uma má, má situação e me sentindo um pouco estressada. Tudo bem, *muito* estressada.

Eu pisquei e pisquei, e nada aconteceu. O olho ainda estava ali, e ele ainda estava me encarando.

O olho tinha uma cor peculiar, em algum lugar entre roxo e cinza, e o tipo de cor que me fazia pensar em um suave crepúsculo caindo, aquela prata do tempo depois do pôr do sol justo antes do mundo ficar escuro para a noite.

Eu estava em uma estranha posição, meio espalhada sobre A Caixa, meus dedos deixando listras por todo o vidro, mas eu não podia me mover. Eu apenas não podia afastar o olhar do olho da espada. Eu senti essa peculiar sensação em meu peito, um tipo de euforia. Por alguma razão, olhando para a arma me fazia feliz. Da mesma maneira que lutar parecia fazer Logan feliz. Eu estremeci. Por que uma espada iria me fazer feliz? Eu nem sequer sabia como usar uma –

O olho subitamente se estreitou, como se me medindo, como se ele soubesse cada um dos meus segredos apenas por olhar para mim. Eu senti como se eu estivesse de alguma forma caindo nele, afundando no seu olhar de crepúsculo, que eu nunca poderia afastar o olhar daquele único, perfurante olhar e que, bastante estranhamente, eu realmente não queria.

Eu não sei quanto tempo eu teria ficado ali, apenas encarando o olho sem piscar, se eu não tivesse ouvido algo assobiar atrás de mim.

Um baixo particular assobio maldoso que eu tinha ouvido apenas uma vez antes. O tipo que fazia meu sangue correr gelado e meu coração virar-se gelo. O barulho cortou através do meu devaneio confuso e estalei de volta para a realidade. Eu pensei sobre o que tinha acontecido na última vez que eu ouvi aquele horroroso som.

Oh *não*.

Eu lentamente me virei ao redor e olhei sobre meu ombro.

Um gatuno de Nemean estava de pé atrás de mim.

Ele parecia justo do mesmo jeito como aquele do lado de fora da biblioteca na noite passada. Uma preta criatura semelhante a uma pantera com grandes garras e até mesmo maiores dentes que podiam me matar tão facilmente quanto ele podia respirar. Se ele realmente respirasse e apenas não existisse em pura maldade somente. Eu ainda não estava certa sobre essa parte.

O gatuno assobiou para mim, seus lábios curvando para trás para exibir suas presas. As quais, claro, brilhavam *de forma magnífica*, com um estranho brilho dourado louco que preenchia a biblioteca. Eu engoli, mas não desfiz o duro nódulo de medo preso na minha garganta. Dessa vez, entretanto, eu não me importei em dizer, *gatinho bonzinho*. Não havia nada bom sobre ele, especialmente não da maneira que ele estava olhando para mim.

Por um momento, eu pensei que o gatuno estava indo me atacar bem ali e arrancar minha garganta com todos os seus muitos, muitos dentes. Mas ao invés,

um lento apito soou e a criatura se moveu para o lado para que seu mestre pudesse se aproximar na minha direção.

Uma figura usando uma longa manta escarlate cravejada com jóias andou abaixo no corredor. A vestimenta carmesim ondulava para fora enquanto a pessoa se aproximava. O tecido ondulante me fez pensar em um rio de sangue. Eu estremeci novamente. A visão disso não deveria ter me surpreendido, entretanto. Depois de tudo, eu vi uma imagem dela comprando-a online quando eu toquei o seu laptop. Eu só não tinha pensado nada assim naquela época. Verônica Mars eu não era. A pessoa usando a manta era definitivamente mais esperta do que eu. Mais esperta do que todos nós. Por que ela colocou em prática todo o seu maluco plano diabólico lindamente até agora.

A manta tinha um capuz nela, então eu não podia dar uma boa olhada no seu rosto. Tudo o que eu vi foi uma insinuação de um sorriso em seus lábios rosados e o clarão do seu dente branco. Por alguma razão, os dela me assustaram até mesmo mais do que os do gatuno.

— Oi, Cigana, — uma baixa voz murmurada das profundezas da manta com capuz. — Eu estava me perguntando quando você ia aparecer.

Se eu tivesse qualquer dúvida antes, agora não havia nenhuma, por que eu conhecia aquela voz. Sabia exatamente a quem ela pertencia. A última vez que eu a tinha ouvido ela estava gargalhando no quadrilátero da academia, no dia em que toda essa coisa começou.

A figura estendeu a mão e empurrou para trás o capuz da sua manta. Cabelo loiro-morango, olhos azuis, pele perfeita, rosto esplêndido.

Eu mais uma vez me encontrei encarando Jasmine Ashton – apenas que dessa vez, ela estava tão viva quanto eu.



20

NINGUÉM JAMAIS REALMENTE MORRE EM UM GIBI, NEM MESMO O VILÃO. *Ao menos não por muito tempo.*

As palavras que eu disse a Logan na noite passada sussurraram na minha mente, zombando de mim enquanto eu encarava Jasmine. Por que a garota em pé na minha frente definitivamente não estava morta. Meus olhos caíram para a sua garganta, a qual era justo tão lisa quanto a minha. Não, *definitivamente* não morta. Eu tinha uma impressão que o mesmo não seria dito sobre mim, entretanto, antes da noite acabar.

— Você está – você está *viva*, — eu disse finalmente.

A Valquíria soltou uma suave risada que ricocheteou nas paredes da biblioteca. — Certamente eu estou, Cigana. Certamente eu estou. Seja uma boa garota, vá ficar de pé ao lado de Morgan, e eu vou explicar tudo para você. O

único problema com os planos como esses é que nunca há ninguém por perto com quem se vangloriar.

Meus olhos deslizaram passando Jasmine para a porta aberta na extremidade distante das estantes, enquanto eu me perguntava se eu podia correr passando por ela e acelerar para fora antes que Jasmine, oh, eu não sei, *me matasse* até eu estar morta, morta, morta. Mas o gatuno viu o que eu estava olhando e soltou outro assobio maldoso.

Eu molhei meus lábios. — Essa coisa é uma ilusão? Como aquele na noite passada era?

Jasmine se aproximou e colocou sua mão nas costas da criatura, acariciando sua pelagem preta. Os olhos sangrentos do gatuno ficaram mais brilhantes, e ele soltou um pequeno ronrono de prazer que me fez estremecer.

— Oh não, Cigana. Esse gatuno é muito real. Mas isso realmente não importa, de alguma forma. Ilusões podem rasgar você em pedaços apenas tanto quanto os reais dentes e garras podem.

Daphne tinha dito algo similar para mim do lado de fora da biblioteca na noite passada, mas eu não tinha acreditado muito nela. Como algo que não era sequer real podia machucar você? Mas eu estava começando a perceber que havia muito sobre mitos e magia que eu apenas não entendia.

Eu não tinha nenhuma escolha além de fazer o que Jasmine me pediu. Por outro lado, o gatuno – real ou ilusão – iria me rasgar em pedaços, algo que eu desesperadamente não queria que acontecesse. Então eu caminhei abaixo a um corredor e virei à esquina, entrando na principal, parte aberta da biblioteca.

Morgan estava de pé à minha esquerda no mesmo local onde a caixa de vidro tinha estado, aquela que uma vez alojou a Tigela das Lágrimas. O Artefato que supostamente tinha sido roubado na noite em que Jasmine supostamente tinha morrido.

A Tigela que Morgan estava agora segurando.

Ela parecia à mesma tanto quanto eu me lembrava. Pequena, redonda, marrom, lisa. Uma simples tigela sem pinturas, esculturas, ou extra de qualquer tipo nela. Sem ouro, sem joias, nada. Enfadonha, apenas de olhar para ela essa noite me fez enjoada do estômago. Eu nem sempre tinha que tocar em um item para ter uma vibração dele. Se um objeto tinha bastante emoção atada a ele, tinha bastante memórias embebidas nele, então ele podia radiar aquelas emoções, meio como uma áurea. Como Daphne e seus dedos soltando faíscas rosadas.

E essa noite a Tigela radiava fria, preta maldade.

— Pare, — Jasmine disse.

O gatuno assobiou na hora ao seu comando.

Eu pausei onde eu estava perto de uma das mesas de estudo. Um par de livros estava disposto na beirada da mesa, aqueles que Nickamedes tinha saído com eles das estantes mais cedo hoje. Por alguma razão, o bibliotecário não tinha guardado os livros. Eu me inclinei contra a mesa e casualmente coloquei minha mão em cima de um. Eu tive a mesma vibração que eu sempre tinha dos livros da biblioteca — uma de antigo conhecimento. Não era muito e certamente ele não era uma arma, mas era algo ao menos. Eu pegaria cada pequena coisa que eu conseguiria nesse momento, começando com uma explicação.

— Então você fingiu toda essa coisa, — eu disse, virando para encarar Jasmine. — O ladrão da Tigela, seu corpo, todas as poças de sangue. Tudo isso era apenas uma ilusão, certo?

— Bem, bem, bem, — Jasmine disse. — A Cigana tem um cérebro depois de tudo. Você está certa, claro. Eu fingi tudo que você viu naquela noite, e muitas coisas depois disso.

Jasmine se moveu passando por mim para onde Morgan estava de pé, ainda encarando em branco adiante. O gatuno dava passos ao redor das mesas da biblioteca, movendo-se para frente e para trás e tecendo entre elas como se elas fossem algum tipo de percurso de obstáculo para um gigante gatinho. Mas a criatura nunca tirou seus olhos vermelhos de cima de mim, nem mesmo por um segundo.

Jasmine parou na frente de Morgan, encarando a sua melhor amiga, ódio queimando em seu olhar azul. A Valquíria estendeu a mão e arrancou a tiara da rainha do baile da cabeça de Morgan. Morgan encarava direto para frente, sem emoção piscando no seu rosto, nenhum tipo de conhecimento de que estava acontecendo tremeluzindo nos seus olhos amendoados.

Eu estive certa quando eu pensei que Morgan tinha sido possuída. Jasmine estava usando a Tigela das Lágrimas para controlar a sua melhor amiga. Pela primeira vez, eu notei que havia algo na Tigela que Morgan estava segurando — algo escuro, vermelho, e de aparência pegajosa.

— Como você fez isso? — eu perguntei. — Como você colocou o sangue de Morgan dentro da Tigela? Eu sei que você teve que fazer isso, teve que gotejar o

sangue dela dentro da tigela e cantarolar algum tipo de magia surreal. Por outro lado, você não seria capaz de controlá-la da maneira que você está.

Jasmine continuou fitando a coroa de cristal nas suas mãos. — Oh, essa foi realmente a parte mais fácil. Houve uma coleta de sangue no campus uns dois meses atrás. Morgan e eu, ambas, demos sangue. Foi fácil furtar a bolsa com o dela quando a enfermeira não estava olhando.

Jesus, o que era ela? Algum tipo de louca mente criminosa ou algo? Por que isso não era algo que eu sequer pensaria em fazer, especialmente não à minha suposta melhor amiga.

Jasmine virou a tiara para esse lado e para aquele, observando os cristais captarem a luz e piscarem de volta para ela. Ela raspou suas unhas contra a tiara, e feias faíscas vermelhas agitaram-se no ar a sua volta. Depois, a Valquíria rompeu a coroa em dois com suas mãos. Cristais silvaram através do ar, e eu me encolhi com os agudos estalos que eles faziam enquanto eles atingiam o piso de mármore.

— Eu sempre me perguntei como seria ser a rainha do baile com Samson ao meu lado, — Jasmine murmurou. — Eu espero que você tenha aproveitado, Morgan. Por que essa é a última coisa que você alguma vez irá aproveitar.

Jasmine pegou uma extremidade da coroa estilhaçada e a alisou no rosto de Morgan, extraíndo sangue. Depois, a Valquíria retorceu a ponta da extremidade, enfiando na pele da sua melhor amiga muito mais. Faíscas vermelhas cintilaram ao redor das duas como vagalumes, piscando aceso e apagado, advertindo o perigo, ódio, morte.

Eu repreendi um grito e avancei adiante para tentar fazer algo para ajudar Morgan. Mas o gatuno soltou um rosnado de aviso, e eu parei onde eu estava.

Não importou de alguma forma, por que Morgan não se moveu um músculo. Ela não vacilou, gritou, ou até mesmo chorou de dor. Era como se ela fosse uma boneca sem vida, congelada no lugar. Eu me perguntei se ela até mesmo sentiu Jasmine retalhando seu rosto com a coroa, ou se sua mente se foi para sempre.

Jasmine arrancou a extremidade sangrenta da coroa do rosto de Morgan e recuou o seu braço, se preparando para outro golpe.

— Pare! — Eu gritei. — Pare de machucá-la! Ela é sua amiga! Sua melhor amiga!

Jasmine se virou e me fitou, como se ela tinha até mesmo se esquecido que eu estava de pé na biblioteca com as duas. — Correção: Ela *era* minha melhor

amiga antes dela começar a transar com meu namorado atrás das minhas costas há seis meses atrás.

Jasmine jogou o final da coroa ensanguentada para baixo e espreitou ao redor de Morgan, seu rosto tão escuro quanto uma nuvem tempestuosa. Eu não sabia o que a Valquíria faria a seguir, mas eu tinha que fazer meu melhor para distraí-la. Eu não queria que ela machucasse Morgan novamente. Ou pior, matar a outra garota na minha frente.

— É por isso que você está fazendo tudo isso? — eu perguntei em uma voz trêmula. — Só por que seu namorado te traiu?

— Ele não só me *traiu*, — Jasmine estalou. — Ele fez isso com *ela*. Minha suposta *melhor* amiga. Por *meses*. E eles dois mentiram na minha cara esse tempo todo. Eu estava começando a suspeitar, você sabe? Samson estava agindo estranho, meio que distraído. Ele encurtou alguns de nossos encontros, não atendia seu telefone na minha frente, esse tipo de coisa. Eu pensei que ele pudesse estar me traindo, que ele pudesse estar vendo alguém mais, então eu contei a Morgan sobre isso. Realmente me *confidenciei* com ela sobre isso. E você sabe o que ela me disse?

Eu neguei com a minha cabeça.

— Que eu não deveria me preocupar. Que Samson era louco por mim e que tinha dito isso a ela. Que ele estava encurtando nossos encontros por que ele me amava tanto e que era difícil para ele se controlar comigo quando nós estávamos juntos. Eu não posso acreditar que eu caí nessa mentira dela. — Jasmine soltou uma gargalhada amarga.

Ela deu passos ao redor de Morgan novamente, murmurando algo debaixo da sua respiração. Eu estendi minha mão atrás de mim, meus dedos curvando-se ao redor da extremidade do livro. O gatuno circulou ao redor da mesa e passeou de volta nesse caminho, espreitando para longe e depois na minha direção, seus olhos sangrentos fixos no meu rosto todo o tempo.

— Você sabe qual é a pior parte? — Jasmine perguntou. — A razão de Samson dormir com ela em primeiro lugar. Você sabe por que ele dormiu com ela?

Eu encolhi de ombros. A foto rasgada do casal tinha me mostrado muitas coisas, mas isso não tinha sido uma delas.

— Por que eu não dormi, — ela murmurou. — Eu queria esperar, e Samson disse que ele queria, também. Que nós não estávamos prontos ainda. Que era

melhor levar as coisas devagar e esperar pelo momento certo. Que seria mais *romântico* dessa forma. E todo o tempo, os dois estavam transando como coelhos atrás das minhas costas.

— Eu encontrei aquela foto de Morgan e Samson. Aquela que você rasgou e descartou na sua lata de lixo. Como você sequer descobriu sobre eles? — eu perguntei em uma voz calma, mesmo enquanto meus olhos escaneavam a biblioteca, tentando encontrar uma maneira para sair dessa bagunça. Mas nada veio à mente, sem chance que eu conseguiria me tirar ou Morgan daqui. Não com vida, de qualquer forma.

Jasmine encolheu de ombros. — Morgan mentiu para mim sobre onde ela foi nas férias de verão. Ela disse que ela e sua família iam para sua causa nas Bahamas por um mês. Mas uma semana mais tarde meu irmão me mandou uma mensagem de texto que ele tinha visto Morgan nos Hamptons. Por que Morgan mentiria? Isso me fez desconfiar, especialmente uma vez que os pais de Samson tinham uma casa de veraneio ali. Então eu peguei emprestado o jatinho do meu pai e voei até lá. Eu escapuli para a casa de Samson, e os vi juntos na praia. Eles estavam se abraçando, se beijando. Foi nojento.

— Mas isso foi no verão, — eu disse. — Isso foi há meses atrás.

Jasmine me deu um sorriso frio, satisfeito. — Eu sei. Eles dois nunca suspeitaram de nada. Eles nunca sequer tiveram uma pista que eu soubesse sobre eles.

— E daí? — eu perguntei. — Você gastou os últimos meses planejando como fingir sua própria morte e dar o troco na sua melhor amiga por dormir com seu namorado? Você não acha que isso é um pouco extremo?

Os olhos azuis de Jasmine se estreitaram no seu rosto, e ela abriu sua boca, provavelmente para latir algum comando ao gatuno para se aproximar e me matar, mas eu a cortei.

— Eu quero dizer, sim, é completamente uma merda, e eu posso totalmente entender por que você iria querer vingança. Eles dois magoaram você muito mau. Eles merecem ser punidos.

Jasmine assentiu. — Exatamente. Eu *amava* Samson; eu realmente amava. Mas ele é um cara, depois de tudo, e ele sempre pensará com o seu pênis. Eu esperava esse tipo de coisa dele. Mas Morgan e eu crescemos juntas. Ela é quase como uma irmã pra mim, o que fez sua traição completamente pior. É por isso que ela vai pagar por transar com meu namorado.

Eu imagino que isso explicava por Samson não estava de pé perto de Morgan, completamente zumbi da maneira com que ela estava. Meio que machista da Jasmine se você me perguntasse, apenas culpando a outra garota e não o seu precioso namorado, também. Do que eu tinha visto, Samson tinha sido um participante bastante solícito. Da sua própria maneira, ele era apenas tanto de um grande cafajeste quanto Morgan era.

— Então por que não fazer algo um pouco mais... razoável para eles? — eu perguntei. — Por que fingir a sua própria morte? Qual era o objetivo?

— Por que eu queria que eles me perdessem, — ela estalou em uma zangada voz. — Eu queria machucá-los. Eu queria que eles sentissem culpa sobre o que eles tinham feito. Eu queria que a culpa os comessem vivos até eles nem sequer *olhassem* um ao outro. Só... que isso não aconteceu.

Não, não tinha acontecido. Eu pensei em como toda a escola, como todos os outros alunos, tinham apenas seguido com suas vidas depois de suposta morte de Jasmine, como se ela nem sequer tivesse acontecido. Morgan e Samson estavam felizes que ela morreu então eles finalmente poderiam estar juntos a céu aberto. Todos os outros tinham apenas estado aliviados que Jasmine não estava mais por aí para aterrorizá-los. Todos além de mim. A garota Cigana que via coisas e decidia meter o seu nariz nos assuntos das outras pessoas mais uma vez, para tentar aprender todos os segredos de Jasmine. E olhe quão bem isso estava funcionando para mim.

— Como você fez isso? — eu perguntei. — E por que aqui na biblioteca?

Jasmine encolheu de ombros. — Poderes de ilusões correm na minha família. Minha mãe é muito boa em criá-las, e ela me ensinou toneladas delas no verão quando minha magia finalmente vivificou. Foi fácil fazer uma do meu próprio corpo apenas deitado ali com minha garganta aberta. Minha mãe costumava criar dúzias de corpos mortos e ilusões de zumbis todo ano no Halloween quando eu era uma criança e nós tínhamos uma casa assombrada.

Então eu estava certa. Eu não tinha obtido uma vibração do corpo de Jasmine ou sangue naquela noite por que não havia nada ali para começar. Nada real, de qualquer maneira.

— Mas se isso tudo era uma ilusão, como seu sangue encerrou por todas as minhas roupas? — eu perguntei.

Eu ainda tinha o casaco de capuz roxo e jeans amassados no fundo do meu cesto de roupa suja. A última vez que eu tinha olhado as manchas de sangue, ainda estavam nelas.

— Por que uma vez que a pessoa acredita naquela ilusão, é real para elas. Uma vez que você acredita em algo, você dá a ele vida e forma e substância. Você pensou que você viu o meu sangue, então ele acabou por todas as suas roupas. Apenas como Metis, Ajax, e Nickamedes pensaram que eles viram meu corpo, então eles o embalaram e o colocaram em um depósito frio no porão no prédio de ciência-matemática. É aonde eles mantêm todos os corpos, você sabia?

Não, eu não sabia disso, e eu meio que desejei que ela não tivesse me dito. Um necrotério na ciência-matemática? Arrepiante.

Eu arrastei minha cabeça ao gatuno passeando. — E sobre o seu gatinho aqui? Como você entrou com isso no campus? Quando? E por quê?

Jasmine encolheu de ombros. — Outra ilusão. Eu consegui fazer com que ele parecesse com um gato de rua faminto que veio ao campus procurando por comida essa noite. As esfinges no portão principal nem sequer olharam para ele duas vezes, muito menos o atacaram como eles deveriam fazer com intrusos. Nickamedes não é muito hábil com seus feitiços quanto ele pensa que é. E pelo porque, bem, eu pensei que poderia ser bom ter a coisa real convenientemente uma vez que seu namorado Espartano matou minha ilusão na noite passada.

— Você está falando sobre o que aconteceu com a estátua, — eu disse. — Então você a empurrou pelo lado da biblioteca, tentando atingir Morgan e Samson com ela?

— Eu empurrei. — Os olhos de Jasmine agitaram-se para Morgan. — Eu estava aproveitando o pequeno ar fresco da noite na varanda do quarto andar quando eu vi o que eles estavam fazendo. Eu admito que meu temperamento tomou conta de mim e me fez querer matar os dois em seguida e ali, ao invés de continuar com o meu plano para essa noite. Mas para a sorte deles, você estava ali para gritar um aviso. Claro, isso me fez ficar com muita raiva de *você*, o qual foi por que eu invoquei aquela ilusão de gatuno. Eu ia deixá-lo arranhar você a morte por ficar no meu caminho. Mas, claro, Logan Quinn apareceu e obteve o melhor, ao invés.

— E a Tigela das Lágrimas? — eu perguntei. — Por que roubá-la?

Jasmine soltou outra gargalhada que me lembrou o assobio do gatuno. — Oh, eu não a *roubei* nada. A Tigela esteve bem aqui na biblioteca todo o tempo,

justo como eu tive. Há um quarto de depósito no quarto andar aonde ninguém nunca vai. Eu estive furtando coisas ali pra cima desde que o semestre começou: comida, roupas, um saco de dormir. É onde eu estive os últimos dias, junto com a Tigela. Nickamedes colocou tantos encantamentos na Tigela que ela não podia deixar a biblioteca, encantamentos que eu não poderia romper. Então eu usei minha magia de ilusão para escondê-la, e fazer todos pensarem que a Tigela tinha sido roubada e levada para algum lugar longe, bem longe. E isso funcionou, também. Tudo funcionou – mas então você começou a xeretar.

Eu me desloquei em meus pés.

Jasmine olhou para mim, inclinando sua cabeça para um lado. — Você sabe, eu estive observando você nos últimos dias, e eu só não pude descobrir por que você se importou tanto por mim. Você não era uma das minhas amigas. Você nem sequer me conhecia.

— Não, — eu disse em uma voz calma. — Mas eu não achava que você merecia morrer assim. Eu queria descobrir o que aconteceu com você. Eu sentia pena de você, por você ter morrido.

O rosto de Jasmine endureceu. — Você? Sentia pena de mim? Você não é ninguém, Cigana. Você não tem nenhum amigo, e você não pertence aqui. Você é patética.

O escárnio na voz dela me fez levantar um pouco mais esticada. — Eu tenho um nome. É Gwen Frost. Eu sou *alguém*. E você acha que eu sou patética? Eu não sou a garota que fingiu sua própria morte apenas para que ela pudesse dar algum tipo de vingança maluca à sua melhor amiga. *Isso* é patético.

O rosto de Jasmine escureceu com o meu insulto, mas ela soltou outra gargalhada. — Você acha que isso é apenas sobre eu obtendo vingança por Morgan? Oh, Cigana, você realmente não tem nenhuma ideia com o que você está lidando, você tem?

Eu encolhi de ombros. — Então me conte. Você vai acabar me matando de qualquer maneira.

— Oh, sim, — Jasmine disse, desfazendo qualquer esperança que eu tinha que ela me deixaria viva. — Mas isso é muito mais do que Morgan e o fato de que ela não pode manter suas pernas fechadas. Isso – isso é sobre o Caos.

Quando ela disse a palavra “Caos,” algum tipo de... brisa soprou através da biblioteca, algum tipo de força que fez as estantes estalarem e minha pele arrepiar. Mas a coisa mais estranha era a Tigela das Lágrimas. Morgan ainda estava

segurando-a em suas mãos, mas, por um momento eu pensei ter visto um rosto com uma luz difusa no ar acima dela. Um maluco, maldoso, derretido, penetrante tipo de rosto. A visão fez meu estômago dar um nó.

— Você é — você realmente é um Ceifador do Caos? — eu perguntei em um sussurro. — Um dos vilões? Você realmente serve ao deus Loki e quer trazê-lo de volta para esse mundo?

Jasmine assentiu sua cabeça. — Agora você está captando. Você não é tão burra quanto você parece, Cigana. Há muitos Ceifadores na Mythos, garotos e professores. E não sou apenas eu. Toda a minha família são Ceifadores. Nós sempre fomos. Sshh. Não conte a ninguém na academia, entretanto. Todos os professores acham que minha família é tão boa, que eu sou tão bem criada. Metis realmente ficaria chateada se ela soubesse que minha família esteve servindo Loki por séculos. Quando eles anunciaram na minha aula de história-mítica que Nickamedes estava tirando a Tigela das Lágrimas do depósito e colocando-a a exposição na biblioteca, bem, era apenas uma oportunidade tão boa para deixar passar. Uma maneira de dar o troco em Morgan e servir o meu deus ao mesmo tempo.

— Mas —

— Basta! — ela estalou. — Basta de falatório. Eu estou entediada agora. É a hora de continuar com as coisas, começando com o sacrifício que Morgan irá fazer essa noite.

Ela se virou para olhar para a outra Valquíria, que tinha permanecido em silêncio e congelada sem interrupção por tudo isso, embora o sangue ainda gotejasse da sua bochecha de onde Jasmine tinha apunhalado-a com a coroa do baile.

— Morgan, — Jasmine disse, sua voz soando exatamente como o assobio do gatuno. — Vá se deitar em cima de uma das mesas e leve a Tigela com você. E não derrame uma gota de sangue dentro dela.

Morgan se sacudiu para frente, como se ela fosse um fantoche e Jasmine fosse aquela puxando suas cordas malucas. Eu observei, horrorizada, enquanto Morgan subia em cima da mesa da biblioteca mais próxima, deitava-se nela, e colocava a Tigela no meio do seu peito. E apenas como Jasmine tinha comandado, ela não derramou uma gota.

Das profundezas da manta carmesim, Jasmine extraiu uma adaga com um rubi fixo no cabo. Eu a reconheci, também — era a mesma que eu tinha visto no

chão da biblioteca na noite que eu pensei que ela tinha morrido. Agora eu sabia por que a adaga não tinha nenhum sangue nela – por que as poças tinham sido apenas ilusões para começar.

Meu cérebro retrocedeu na engrenagem, e eu finalmente percebi o que ela ia fazer com a adaga – ela ia sacrificar sua melhor amiga para um deus malvado. Jasmine realmente ia matar Morgan bem na minha frente, e não havia nada que eu pudesse fazer para impedir isso.

— Pare! — eu gritei, avançando para frente. — Saía de perto dela!

Jasmine olhou sobre seu ombro para mim e me deu um fungar desdenhoso.

— Mate-a, — Jasmine ordenou ao gatuno, e virou-se de volta para Morgan.

A criatura lambeu seus lábios e correu para mim.



21

ANTES QUE EU PUDESSE SALVAR MORGAN, EU TINHA QUE ME SALVAR DO gatuno.

Eu não tinha tempo de pensar sobre o que eu ia fazer, então eu joguei o livro que eu tinha esalmado no gatuno. Eu tive sorte, por que o grosso volume atingiu a criatura justo no nariz, fazendo-o hesitar e cair um pouco desequilibrado. Eu mergulhei debaixo da mesa da biblioteca mais próxima, e a criatura aterrissou em cima dela, ao invés de em cima de mim.

O gatuno meteu suas garras dentro da madeira, destruindo-a como se ela fosse feita de palitos de dentes. Eu rastejei para fora de debaixo da mesa desmoronando, lutei para ficar de pé, e corri em direção às duplas portas abertas. Mas o gatuno era mais rápido do que eu. Com um grande salto, ele voou pelo ar sobre a minha cabeça e aterrissou na minha frente, colocando-se entre mim e o espaço.

Eu imediatamente recuei. O gatuno rosnou e começou a me espreitar, aproveitando o jogo de grande, grande gato, pequeno, pequeno rato.

Fora do canto do meu olho, eu vi Jasmine se afastar de Morgan para me encarar.

— Você não irá se safar dele novamente, — ela disse. — Esse não é uma ilusão, e dessa vez, o Espartano não está por perto para salvar você.

— É aí onde você está errada, — outra voz chamou.

Logan Quinn apareceu na entrada da porta da biblioteca. Ele ainda usava seu smoking, mas ele tinha parado para pegar dois outros acessórios ao longo do caminho – um escudo e uma lança. O escudo prateado estava preso ao seu braço esquerdo, enquanto ele segurava a lança com sua mão livre. De alguma forma, ele pareceu certo com eles, como se eles pertencessem a ele e a somente ele. Eu pensei sobre o que Daphne havia me dito sobre o porque dos outros jovens estarem aqui. Logan conhecia o seu destino como um Espartano, como um guerreiro. Eu só esperava que eu não seria a morte dele essa noite.

O gatuno assobiou novamente assim que ele viu Logan, reconhecendo-o como uma ameaça real. O Espartano apertou o seu agarre no seu escudo, e um tipo de calma fria preencheu o seu rosto. Ele não ia fugir do gatuno – ele ia lutar até a morte apenas como ele tinha feito antes. Apenas que dessa vez, a criatura não era uma ilusão. De alguma forma, eu sabia que fazia isso até mesmo maior, mais forte, e mais mortal do que antes.

Depois de um momento, os olhos gelados de Logan tremularam para mim. — Gwen, vá! Obtenha ajuda —

Isso foi tudo o que Logan soltou antes do gatuno lançar-se nele.

Ao invés de fazer o que ele pediu, eu peguei o livro que eu tinha jogado no gatuno antes, e corri de volta para o meio da biblioteca, onde Jasmine ainda punha-se de pé sobre Morgan, a adaga brilhando na sua mão. Enquanto eu teria amado nada mais do que fugir, encontrar Professora Metis, e dizer a ela toda a coisa maluca que estava acontecendo, eu sabia que se eu fizesse, Jasmine mataria Morgan e terminaria qualquer que fosse o ritual bizarro que ela começou. Minha mãe nunca tinha fugido de uma luta quando ela era um detetive, e eu não ia agora.

Jasmine me viu vindo e se distanciou de Morgan, apontando sua adaga na minha direção. Nada bom. Mas eu estava muito empenhada para voltar agora. De tudo o que eu sabia, no segundo em que eu virasse minhas costas Jasmine arremessaria a adaga e me mataria assim. Ela podia fazer. Ela era uma guerreira, também, e esteve treinando para ser uma por anos.

— Você apenas deveria ter partido, Cigana, — Jasmine murmurou, intensificando para me encontrar. — Você apenas deveria não ter prestado nenhuma atenção na minha morte da maneira que os outros fizeram.

Eu derrapei a uma parada na frente dela. — Me diga uma coisa: Por que você não me matou naquela noite na biblioteca quando você teve a chance? A noite que você me atingiu na cabeça, eu assumo que com essa estúpida adaga que você está segurando, e me nocauteou. Por que você apenas não abriu minha garganta então?

Ela encolheu de ombros. — Por que você não era ninguém. Eu nem sequer sabia seu nome. Você não tinha nenhum poder real, nada que eu pudesse tomar ou usar, então qual era o objetivo em matar você?

Meus dedos apertaram ao redor do livro, e por um momento eu pensei sobre Paige Forrest. Ela não tinha nenhum poder também. De acordo com minha mãe, o padrasto de Paige tinha dito a ela que se ela não fizesse o que ele disse, se ela não permitisse que ele a tocasse, então ele iria descer o corredor até o quarto da sua irmãzinha. Foi por isso que Paige não tinha contado a ninguém o que estava acontecendo. Então ela tinha feito a única coisa que ela podia — ela tinha dado a sua escova de cabelo para eu tocar.

Por que ela sabia o que eu podia fazer. Paige sabia que eu tinha poder, que eu tinha magia, mesmo se ela não entendesse. Mesmo se eu não entendesse.

— Eu sou alguém. — Eu bruscamente interrompi as palavras.

Jasmine rolou seus olhos. — Tanto faz. Você ainda vai morrer.

Ela se lançou para mim. A adaga cortando através do ar com um malvado assobio que combinava com o do gatuno. Agindo por puro instinto, eu ergui o livro, colocando-o entre mim e a adaga. A arma afundou dentro das páginas, sua afiada ponta perfurando todo o caminho até o outro lado — e apenas parando uns centímetros de distância do meu olho. Sim, eu totalmente gritei com isso.

Jasmine soltou uma audível maldição e tentou puxar a adaga para fora do livro, mas eu apertei meu agarre e o retorci para longe dela, arrancando o cabo da arma para fora das suas mãos. Depois, eu joguei o livro com a adaga ainda embutida nele, tão longe quanto eu pude. Ele atingiu o lustroso piso de mármore e rolou para o outro lado dele, virando e revirando, antes de finalmente parar do outro lado da biblioteca debaixo de uma das mesas.

— Vadia, — Jasmine disse. — Essa era a minha adaga favorita.

Ela tinha uma adaga favorita? Sério? E ela pensou que eu era uma aberração.

Antes que eu pudesse me afastar de Jasmine, ela de bateu no rosto, então me socou no estômago, usando sua força de Valquíria para sua completa vantagem. A dor dos seus golpes era bastante ruim, mas sua pele tocou a minha, e eu senti toda a sua raiva reprimida e fúria por Morgan, Samson, e todos mais na escola que ignoraram sua morte fingida. Isso queimou através de mim como ácido. Eu caí de joelhos, arfando por ar e tentando não vomitar.

Jasmine olhou abaixo para mim, sacudindo sua cabeça, e caminhou de volta para Morgan, que ainda estava deitada na mesa e olhando para cima ao teto para nada em particular.

A Tigela das Lágrimas descasava no peito de Morgan, e o sangue dentro dela começou a borbulhar. Mesmo do outro lado da biblioteca, eu podia sentir algum tipo de poder emanando dela. Se eu pensei que a Tigela tinha sido mal antes, ela radiava o mais feio tipo de ódio negro agora.

Jasmine estendeu a mão para baixo e puxou uma longa espada de debaixo da mesa. De onde diabos isso tinha vindo? Jasmine virou-se e seguiu de volta na minha direção, golpeando a espada através do ar como se ela não pudesse esperar para me cortar com ela.

Eu estava fracamente consciente de Logan lutando com o gatuno no fundo da biblioteca perto da porta. Os assobios impiedosos do gatuno preencheram a sala, assim como o tinido das suas garras no escudo de Logan enquanto ele tentava arrancar a barreira para que ele pudesse rasgar o Espartano de uma vez por todas. Eu até mesmo pensei que eu ouvi Logan gritar meu nome, me dizendo para dar a volta a correr, que Jasmine iria me cortar em pedaços com a espada. Eu rolei meus olhos. Como se eu já não soubesse disso. Eu poderia ser uma droga na minha aula de educação física, mas eu não era uma completa *estúpida*.

Portanto eu fiquei de pé, me virei, e corri em direção à porta mais próxima – a porta lateral que eu usei para deslizar para dentro da biblioteca. Mas justo antes que eu a alcançasse, a porta bateu fechada. Atrás de mim, Jasmine gargalhou.

— Cigana estúpida. Tudo aqui está sob meu controle, incluindo as portas. Você não pode sair, então por que você apenas não seja uma boa garota e venha aqui para que eu possa matar você?

Eu não sabia que tipo de magia de Valquíria ela estava usando, quer fosse apenas uma ilusão ou se a porta estivesse realmente e verdadeiramente fechada. Então eu corri em direção à próxima porta localizada na parede. Ela também bateu fechada justo antes de eu alcançá-la. Eu envolvi minha mão ao redor na

maçaneta e tentei abri-la, mas ela não cedia. Qualquer que fosse a magia que Jasmine tinha, ela tinha selado todos nós na biblioteca com ela. Ou ao menos nos fez pensar que ela tinha. O qual era realmente a mesma coisa como se verdadeiramente estivesse fazendo isso. Ao menos, eu pensei que fosse. Essa coisa de ilusão fazia minha cabeça doer.

Uma vez que as portas não estavam funcionando, eu corri até uma das janelas. Ela estava trancada também, e ela não cedia. Do lado de fora no quadrilátero, um flash de movimento captou meu olho, eu localizei Daphne e Carson caminhando de mãos dadas, fazendo o mesmo lento círculo ao redor do quadrilátero que eu comecei a fazer mais cedo essa noite.

— Daphne! Carson!

Eu gritei, berrei, e soquei o vidro, mas eles não me ouviram. Eles estavam tão presos um no outro para isso. Eu teria que fazê-los me ouvir. Frenética agora, eu olhei ao redor. Uma mesa de estudo estava enfiada na beirada perto da janela, junto com uma cadeira de madeira. Eu ergui a cadeira e bati na janela.

O vidro eclodiu com um rugido.

Qualquer que fosse a magia que Jasmine tinha, ela não tinha pensado em usá-la para a segurança completa das janelas, apenas das portas. Então a cadeira estilhaçou vários pedaços de vidro, deixando para trás um buraco irregular justo acima da minha cabeça. Eu teria me içado para cima e rastejado para fora, se não houvesse um par de barras de ferros no caminho. Então eu me levantei na ponta dos pés e fiquei tão perto dos cacos brilhando quanto eu ousava.

— Daphne! — Eu gritei tão alto quanto eu pude. — Aqui dentro!

Minha voz ecoou através do quadrilátero. Daphne e Carson congelaram, e suas cabeças estalaram nessa direção.

Eu gesticulei para eles, mas eu não podia dizer se eles me viram ou não. Algo assobiou atrás de mim, e eu mergulhei. A espada de Jasmine bateu nas barras de ferro, lançando faíscas vermelhas para todo o lugar. Eu me virei para encará-la. Jasmine tinha uma aparência selvagem agora. Seu cabelo loiro fluindo abaixo do seu rosto, e seus olhos uma vez azuis brilhavam aquele mesmo estranho vermelho que o gatuno. *Arrepiante.*

— Fique imóvel para que eu possa arrancar a sua cabeça, — ela murmurou.

Jasmine balançou a espada para mim novamente, e eu mergulhei para fora do caminho. De novo e de novo, ela veio para mim, balançando a lâmina, mas toda a

vez eu consegui evitar. Talvez algo da aula de educação física tenha se afundado depois de tudo, por que eu não podia acreditar que eu ainda estava viva.

No seu próximo passo, a espada de Jasmine bateu em uma das estantes e ficou presa na grossa madeira. Xingando, ela envolveu suas mãos ao redor do cabo e tentou arrancá-la. Uma vez que ela não estava focada em mim, eu corri dando a volta por trás da estante e bati meu ombro nela tão forte quanto eu pude.

— Vamos, — eu murmurei, e empurrei de novo e de novo, finalmente conseguindo balançá-la para trás e para frente. — Vamos! Vamos!

Eu dei a ela um final, cruel empurrão. Com um audível, infeliz estalo, a estante tombou. Um segundo mais tarde, ela aterrissou em cima da Valquíria, enterrando-a sob centenas de livros.

Por um momento, tudo o que eu pude ouvir foi o som da minha própria áspera, em pânico respiração e o baque do fluxo de sangue nos meus ouvidos. Então, Jasmine soltou outra malvada gargalhada.

— Você se esqueceu que eu sou uma Valquíria, Cigana, — ela disse. — Eu sou mais forte, muito mais forte do que você. Isso irá apenas me atrasar. Isso não vai me impedir de matar você. Nada pode fazer isso agora.

A pesada estante começou a deslocar para frente e para trás, enquanto Jasmine sacudia seu caminho para fora debaixo dela e a montanha de livros que eu tinha enterrado-a. Eu recuei, me perguntando o que eu podia fazer agora para impedi-la. Não havia nenhum lugar para fugir, não realmente, não uma vez que eu não podia sair da biblioteca, e era apenas uma questão de tempo antes que Jasmine rastejasse livre.

Eu não sabia o que estava acontecendo com Logan e o gatuno, mas eu ainda podia ouvir a criatura miando, o que significava que ela não estava morta ainda. Mesmo se Logan pudesse matá-la sem morrer, eu me perguntei se ele poderia derrotar Jasmine, também, por que ela teve o mesmo treinamento guerreiro que ele teve e se o gatuno o machucasse, ele estaria em séria desvantagem.

Eu mordi meu lábio e olhei ao redor, tentando ficar calma, tentando pensar o que minha mãe faria nessa situação. Tudo bem, então talvez minha mãe nunca tivesse ido contra uma Valquíria maluca que queria sacrificar sua melhor amiga piranha a um deus malvado, mas ela tinha encarado muitos vilões enquanto ela foi detetive. Eu me lembrei de observá-la vir para casa algumas vezes, tirar sua arma do seu cinto, e —

Meus olhos se estreitaram. Claro. Eu precisava de uma arma.

Não que eu realmente soubesse *usar* uma arma de algum tipo, mas isso era melhor do que fugir de Jasmine ou, pior, deixar ela me cortar em pequenos pedaços com sua espada.

Meus pés descalços pareceram se mover com seus próprios consentimentos, e eu voltei correndo para dentro das estantes. Eu nem sequer realmente pensei sobre onde eu estava indo até que eu derrapei em uma parada na frente da caixa de vidro.

A Caixa – aquela com a estranha espada dentro dela.

Eu apalpei o fecho, esperando que ele não estivesse trancado ou magicamente selado. Para minha surpresa, ele abriu imediatamente e eu não obtive nenhuma vibração indesejada dele. Eu joguei para trás o topo Da Caixa, estendi a mão para a espada – e parei. Eu não sabia exatamente o que iria acontecer se eu a erguesse. Que tipo de clarões ou vibrações eu poderia obter dela. Mas eu sabia que seria algo – algo *grande*. Algo que iria mudar minha vida para sempre.

Atrás de mim, houve um enorme rugido, e a gargalhada de Jasmine preencheu a biblioteca mais uma vez. Ela se libertou da estante. Se eu não pegasse a espada, o resto da minha vida seria curta. Muito, muito curta.

— Cigana, — Jasmine assobiou, sua voz ecoando até mim. — Eu vou gostar de matar você.

Rápidos passos soaram, correndo na minha direção. O tempo se esgotou, então eu estendi a mão dentro Da Caixa e agarrei a espada.



22

ASSIM QUE MEUS DEDOS ROÇARAM O CABO, O OLHO ESTALOU ABERTO e me considerou com seu olhar roxo-acinzentado mais uma vez.

— Cigana, — uma antiga, rabugenta voz pareceu murmurar dentro da minha cabeça. — *Até que enfim.*

Tudo bem, então aparentemente ela falava, também. *Super-arrepiante*, mas eu tinha ido muito longe agora para me importar. Meus dedos fecharam-se todo o caminho ao redor do cabo, e eu puxei a espada para fora Da Caixa. Na forma com que o cabo foi desenhado, minha mão cobria a metade inferior do rosto do homem — da boca para baixo. Seu nariz enganchado sobre minha mão, um guardião de pulso, eu acho que ele se denominou, com o olho aberto claramente visível acima disso — o olho que ainda estava me fitando. Por um momento, nada aconteceu.

E então, as emoções me atingiram.

A espada era antiga — até mesmo *anciã* — da maneira com que a Tigela das Lágrimas era. Tantas coisas piscaram através da minha mente. Tantas imagens. Batalhas, na maior parte. Centenas, milhares delas, todas acontecendo em um único segundo. Grande, pequena, silenciosa, barulhenta. Eu senti cheiro de

fumaça e sangue. Ouvi gritos de raiva e dor. Senti outras espadas, outras lâminas, cortando a minha própria pele de uma maneira com que me fez gritar de dor e completamente furiosa ao mesmo tempo.

Eu não podia fazer nada além de ficar de pé ali e ver as imagens e viajar nas ondas de emoções derramando através de mim. Eu não teria soltado a espada nem se eu quisesse. Depois de um segundo, as imagens desaceleraram o bastante para eu colocar algum sentido nelas. Eu percebi que eu estava assistindo as batalhas ao longo da história. Diferentes épocas, diferentes lugares, diferentes inimigos. Roupas, armas, armadura, pessoas. Todos eles mudaram, se tornando mais e mais modernos com cada passagem da luta.

Mas uma coisa era a mesma em todas as imagens – em cada batalha, uma mulher empunhava a espada. Uma atrás da outra, seus rostos piscaram através da minha mente, quase muito rápido para eu seguir. Mas eu as senti, senti suas emoções, senti todas as coisas que elas tinham sentido quando elas estavam empunhando a espada. Orgulho. Poder. Medo. Raiva. E mais do que tudo, uma compreensão de dever e honra.

Havia lacunas, também, horas em que a espada não estava nas imagens, quando eram apenas as mulheres, uma após a outra, nascendo, crescendo, tendo filhas por conta própria, envelhecendo, e finalmente morrendo. As imagens pulavam de uma à seguinte, e eu tive a impressão de que isso era uma longa, inquebrável cadeia de mulheres remontando ao tempo quando os próprios deuses andavam na terra.

Junto com as imagens, eu vi um rosto familiar – Vovó Frost. Suas feições chamejaram diante de mim por um instante, antes que elas fossem substituídas por outro rosto – o rosto de minha mãe.

— Mãe? — eu sussurrei.

Grace Frost sorriu para mim, e sua boca se abriu, quase como se ela estivesse tentando dizer algo para mim.

— Mãe! — eu estendi minha mão para ela, como se eu pudesse de alguma forma alcançar dentro da visão e tocá-la.

E eu me senti caindo, caindo, caindo...

Com um arquejar, meus olhos estalaram abertos, e eu me encontrei de pé no meio da Biblioteca de Antiguidades, no local onde a caixa de vidro que tinha uma vez sustentado a Tigela das Lágrimas estava. Eu ainda tinha a espada na minha mão, e eu rodopiei, procurando pelos outros.

Eles não estavam.

Não havia Jasmine vindo me matar. Sem Morgan deitada na mesa olhando para o nada. Sem Logan combatendo o gatuno de Nemean. Era apenas eu na biblioteca – sozinha.

— Oi? — eu gritei. — Tem – tem alguém aqui?

Minha voz ecoou através da biblioteca, um assustador solitário pequeno som que pareceu estender para sempre –

— Oi, Gwendolyn, — uma suave voz murmurou.

Eu mordi de volta um grito e me virei. Uma mulher estava atrás de mim, bem na frente das duplas portas fechadas. Em um primeiro olhar, não havia nada notável sobre ela. De altura mediana, esbelta, mas com alguns músculos. Seu cabelo caía aos seus ombros em um suave caracol castanho que pareciam brilhar com um resplendor de bronze metálico. Ela usava um vestido que me lembrou uma toga – longo tecido fluído em uma doce cor lilás. Um cinto prateado prendia ao redor da sua cintura, e algum tipo de flores prateadas rodeavam sua cabeça como uma coroa. Louros, eu pensei, me perguntando como eu sequer soubesse disso para começar.

Mas quanto mais eu olhava para ela, mais eu percebia que ela simplesmente era a mulher mais bonita que eu já tinha visto. Não por que suas feições eram bonitas, mas por que havia uma áurea ao redor dela, uma presença, uma sensação de paz e serenidade e eternidade. Por alguma razão, isso me confortou, mesmo agora, quando eu provavelmente deveria estar gritando para minha cabeça sair de toda aquela esquisitice que tinha acontecido na última hora. No último pirado *minuto*.

A mulher caminhou para mais perto de mim, seu vestido fluindo ao redor do seu corpo como água. Pela primeira vez, eu notei que ela tinha um conjunto de suaves, emplumadas asas atadas nas suas costas, do tipo que eu sempre pensei que um anjo iria aparentar. Eu estava morta? Isso era algum tipo de paraíso?

A mulher alada parou na minha frente e me considerou com olhos que não eram nem cinza nem roxo, mas da suave tonalidade do crepúsculo entre eles.

— Quem é você? — eu sussurrei.

Ela inclinou sua cabeça para o lado e sorriu. — Eu acho que você sabe.

E subitamente eu soube. O conhecimento preencheu minha mente. Eu tinha visto a sua fotografia antes no meu livro de história-mítica e tinha ouvido Professora Metis falar sobre ela. Eu tinha visto sua estátua nesta mesma biblioteca.

Eu olhei para cima ao local no segundo andar onde a estátua de mármore sempre esteve, mas ela se foi. Talvez por que ela estava em pé na minha frente.

— Você é Nike, a deusa Grega da vitória, — eu disse em uma pequena voz.

Ela assentiu. — Isso mesmo. E você é Gwendolyn Frost, filha de Grace Frost, neta de Geraldine Frost, e assim por diante e etc.

— Você conhece minha mãe? E minha avó?

Um misterioso sorriso curvou nos lábios de Nike. — Eu conheço todos os seus ancestrais, Gwendolyn. As mulheres na sua família têm servido a mim desde que o próprio tempo começou.

Tudo bem, eu senti como se minha cabeça fosse explodir. Eu quero dizer, aqui estava eu, falando com uma deusa. Uma deusa de verdade. E não apenas qualquer deusa, mas Nike, a mulher durona que derrotou Loki e praticamente salvou o mundo da destruição. E ela me conhecia e tudo sobre minha família. Sim, meu cérebro estava *definitivamente* explodindo dentro do meu crânio.

— Um... eu deveria me curvar ou algo assim? — eu perguntei, sentindo como se eu estivesse em pé do lado de fora do meu corpo, como se tudo isso estivesse acontecendo à outra pessoa. — Por que eu não prestei atenção na minha aula de história-mítica, então eu realmente não conheço a etiqueta apropriada para toda coisa de conversando-com-uma-deusa. Desculpe.

O sorriso de Nike se alargou. — Não Gwendolyn, você não tem que se curvar a mim. Mas nós precisamos conversar sobre algumas coisas.

— Como o que?

Ela assentiu para a espada na minha mão. — Como isso.

Eu percebi que eu ainda estava segurando a espada. Eu a mantive erguida. O único olho roxo-acinzentado me considerando com um olhar incrédulo.

— Eu não sei sobre isso, deusa, — a espada disse. — Ela não parece grande coisa para mim.

Eu senti a fria, boca de metal mover debaixo da minha palma, fazendo cócegas na minha pele. Eu estremeci e larguei a espada. A arma tiniu no chão.

— Oh, inferno sangrento, — a espada reclamou, seu rosto no piso de mármore. — Ela não pode sequer pendurar-se em mim.

— Esse é Vic, — a deusa disse, inclinando-se para baixo para erguer a arma. Ela esfregou um local na lâmina justo acima do cabo. — Ele vai ajudar você a encarar o que está adiante, o perigo que está se aproximando.

Perigo? Eu não gostei do som disso. Um minuto atrás, eu já estive em bastante perigo, com Jasmine tentando me matar e tudo.

Vic quase pareceu ronronar sob o toque gentil da deusa, como se ele fosse o seu bicho de estimação favorito para quem ela estava dando todo o seu amor e atenção.

— Você sabe sobre o Caos, não sabe, Gwendolyn? — Nike perguntou com uma voz suave. — Sobre Loki e seus Ceifadores?

Eu assenti.

— Bem, Loki está perto de retornar ao seu mundo, ao reino mortal, do que ninguém imagina. Sua prisão está enfraquecendo, e seus seguidores estão reunindo forças cada dia. O qual é onde você entra, Gwendolyn. Você irá me ajudar a lutar com os Ceifadores e manter Loki de mergulhar o mundo em uma segunda Guerra do Caos.

— Eu? — eu guinchei.

Nike assentiu. — Você, Gwendolyn Frost. Por milhares de anos as mulheres da sua família têm me servido, agindo como minhas Campeãs, ajudando-me a manter a ordem das coisas, ajudando-me a manter o mundo equilibrado entre bem e mal, entre vitória e derrota.

Eu me lembrei do que Daphne tinha dito sobre os Campeões, como eles eram pessoas escolhidas pelos deuses. Para ajudar outras pessoas.

Para serem heróis.

Eu pensei nas imagens que eu tinha acabado de ver de todas as mulheres e todas as batalhas ao longo dos anos. Eu era uma parte disso? Isso não parecia possível. Isso só não parecia *certo*, muito menos *real*. Com certeza, minha Vovó Frost era a pessoa mais forte que eu conhecia, e minha mãe tinha sido da mesma forma antes dela morrer. Mas eu? Nem tanto. Eu não podia sequer fazer amigos na Mythos, e eu não era nenhuma boa guerreira como os outros jovens eram.

— Por que eu? — eu perguntei. — Eu não sou como os outros jovens aqui. Eu não sou ninguém.

Eu estremeci enquanto eu repeti o que Jasmine tinha dito para mim momentos atrás na biblioteca, a biblioteca real. Ou espere, talvez essa fosse a biblioteca real agora? Minha cabeça *definitivamente* doía.

— Você é alguém, — Nike disse em uma voz aguda. — Você é Gwendolyn Frost, e você é minha Campeã.

Olhos amplos, eu a encarei, me perguntando o que eu tinha feito para fazê-la zangar-se. Depois de um momento, o rosto da deusa suavizou mais uma vez.

— Quando todos os outros ignoraram a morte de Jasmine, você foi a única que se importou, Gwendolyn, — ela disse em um tom sério, como se isso fosse algo de grande importância.

— Mas eu não *fiz* nada, — eu protestei. — Não realmente. Nada importante de qualquer maneira. Eu só meio que me atrapalhei por aí e segui as pessoas e usei meu dom Cigano para captar vibrações. Não era nada que ninguém mais não poderia ter feito.

— Não, — Nike concordou. — Mas você ao menos se importou o suficiente para tentar. Isso foi algo. Justo como você contou à sua mãe como aquela outra garota estava sendo abusada.

— Você viu isso, também? — eu sussurrei.

Ela assentiu. — Eu vejo muitas coisas, mas acima de tudo, eu vejo a força e a bondade no seu coração. Mas eu não posso deixar que você faça algo que você não queira, Gwendolyn. Isso tem que ser sua escolha.

Eu fiquei ali, pensando sobre as coisas. Eu não acreditei em nada, que eu era um material de Campeão. Mas quem era eu para argumentar com uma deusa? Especialmente a deusa da vitória? Mas eu não ia apenas entrar nisso cegamente também.

— O que acontece se eu disser não? — eu perguntei. — Na biblioteca nesse momento?

— Você quer dizer ao garoto Espartano? — Nike perguntou.

— Porque, ele irá morrer, claro, — Vic, a espada estalou, encarando-me com seu um olho. — Se o gatuno não matá-lo, a Valquíria certamente irá. O que você acha que iria acontecer?

Tristeza me preencheu, e meus joelhos tremeram. *Logan*. Eu cambaleei até uma das mesas da biblioteca e me inclinei nela para suporte.

— Isso não será sua culpa, Gwendolyn, — Nike disse. — O garoto Espartano fez sua própria escolha ao entrar na biblioteca. Era o que sempre ia acontecer com ele.

O que sempre ia acontecer com ele? O que isso significava? Que tinha sido fadado ou algo desde o começo? Eu me perguntei se a deusa sabia o que sempre ia acontecer comigo, também, mas eu não perguntei.

Agora que eu sabia que Logan morreria, minha escolha tinha sido feita por mim. Sim, eu ainda estava totalmente puta com ele – por tudo. Mas ele veio atrás de mim, tinha me seguido para a biblioteca por alguma razão. Eu não podia ignorar isso ou os sentimentos que eu tinha por ele. Eu só... não *podia*.

— Tudo bem, — eu disse. — Eu serei sua Campeã, Nike.

Um sorriso se espalhou de um lado ao outro do rosto bonito da deusa, e suas asas retorceram-se atrás das suas costas. — Então sustente suas mãos para fora, Gwendolyn Frost, e aceite todos os dons que eu posso dar a você.

Eu fiz como ela pediu. Nike colocou Vic, a espada em minhas mãos. A arma olhou acima para mim com seu um olho.

— Tudo bem então, — ele disse em um superficial mais satisfeito tom. — Nós podemos começar com matar as coisas em seguida?

— Um, eu não sei exatamente como matar coisas, — eu disse.

— Ela nem sequer sabe como matar coisas corretamente? Que tipo de garota você me deu, deusa? — Vic protestou, fixando seus olhos em Nike mais uma vez.

Nike soltou uma gargalhada. — Vic é um pouco sanguinário. Você irá se acostumar com isso.

Eu meio que duvidava disso.

Nike me fitou um outro momento, então fez a coisa mais curiosa. Ela se inclinou e me beijou na bochecha.

Imediatamente eu senti o poder frio fluir por mim, como se meu corpo tivesse virado gelo. Eu me apoiei, esperando pelos clarões darem o pontapé inicial, entretanto eu não tinha ideia do que eu veria por tocar uma pirada *deusa*. Mas a sensação do gelado desapareceu, e eu não obtive nenhuma vibração dela. Mesmo assim, eu me sentia diferente, como se algo dentro de mim tivesse deslocado a um novo lugar, como se um interruptor estivesse sido ligado. Eu exalei, e minha respiração geou o ar na minha frente, mesmo embora eu não sentisse mais frio.

Nike estendeu o braço e colocou suas mãos sobre as minhas. Eu olhei para cima dentro dos seus olhos – olhos que não eram nem roxo nem cinza, mas ao invés disso a suave cor do crepúsculo. E eu senti aquele poder no seu olhar me envelopar novamente. Um frio, forte poder, mas um que não era prazeroso.

— Agora vá, — Nike disse. — Salve o garoto Espartano.

Eu olhei acima para ela. — Mas como eu deveria fazer isso? Eu nem sequer sei como lutar –

A deusa sorriu para mim e pisou para trás, seu corpo subitamente brilhando e derretendo da maneira que o crepúsculo sempre fazia quando ele dava lugar para a noite verdadeira – ou ao amanhecer se aproximando.

— Espere! — eu disse. — Me diga o que eu deveria fazer —

Mas Nike já tinha desaparecido, levando sua sabedoria com ela.

Com um suspiro, eu estalei de volta à realidade. Eu estava no mesmo local que eu tinha estado antes, bem na frente da caixa de vidro que sustentava a espada – a espada que eu ainda estava segurando na minha mão.

— Nós podemos começar com matar as coisas em seguida? — Vic repetiu em um superficial, petulante tom, e eu notei que ele tinha um sotaque Inglês realmente legal. — Faz tanto tempo desde que eu senti gosto de sangue. Eu estou faminto.

Eu empalideci e não apenas por que era totalmente *louco* como a boca da espada se movia debaixo da minha palma. — Você realmente *gosta* do gosto de sangue —

Um agudo assobio soou atrás de mim, e fez lançar-me ao lado. Uma espada bateu abaixo Na Caixa, cortando-a em dois e enviando vidros e pedaços de madeira em todos os lugares. Eu lutei para ficar de pé e encontrei Jasmine já se virando na minha direção, sua espada suspensa no alto mais uma vez.

Jasmine sorriu maliciosamente para a espada na minha mão. — Esse pequeno palito de dente não irá salvar você, Cigana.

— Palito de dente? — Vic murmurou em um tom indignado. — Ela acabou de me chamar de um sangrento palito de dente? Mate-a! Mate-a agora!

— Se você tem quaisquer pistas de como fazer isso, eu ficaria mais do que feliz em escutá-las, — eu estalei, erguendo Vic em resposta. — Por que eu sou totalmente uma droga nesse tipo de coisa na aula de educação física.

— Oh, fantástico, — Vic murmurou. — Simplesmente sanguineamente fantástico. A deusa me deu á uma sangrenta *pacifista* —

Eu teria apontado que eu não era uma pacifista, apenas totalmente descoordenada, mas Jasmine veio para mim novamente, sua espada movendo-se em um borrão prateado. Bloqueio, bloqueio, bloqueio. Isso foi tudo o que eu consegui fazer para impedir seus enlouquecidos ataques de me cortar. Mesmo assim, a Valquíria era muito mais forte do que eu era, e cada um dos seus golpes parecia como se alguém estivesse me atingindo com uma marreta. A força

absoluta deles abalou todo o meu corpo, tornando difícil para mim, apenas manter-me de pé direito.

Eu desesperadamente tentei me lembrar de todas as coisas que eu deveria ter aprendido naquelas lutas simuladas na aula de educação física. Tentei balançar minha espada e mover meus pés da maneira que eu me lembrei do Técnico Ajax mostrando-nos como fazer.

Mas por mais que eu tentasse, eu não podia tocar Jasmine. Eu não podia sequer entalhá-la com minha espada. Eu estava indo muito bem apenas impedindo-a de me matar. Eu vi bastante lutas no ginásio para perceber que a menos que eu não fizesse algo drástico, Jasmine ia apertar a lâmina através do meu coração muito, muito em breve.

Eu olhei fixamente no seu rosto, observando seus olhos, tentando imaginar o que ela ia fazer a seguir, como ela ia vir até mim em seguida. Seus olhos uma vez azuis ainda estavam completamente vermelhos, justo como o do gatuno. No mínimo, a cor tinha escurecido desde quando ela começou a me atacar, e pareceu como se sangue tivesse preenchido os encaixes onde seus olhos deveriam estar. Os lábios rosados de Jasmine foram recolhidos em um rosnado, mas havia um vago vazio no seu rosto, o mesmo tipo de vazio que estava nas feições de Morgan. Era como se parte de Jasmine já não estivesse mais aqui, como se alguém ou algo do lado de fora do seu corpo tivesse tomado controle dela e estava alimentando-a, alimentando o seu poder para só assim ela poder me matar.

Eu estava disposta a apostar que esse algo era a Tigela das Lágrimas.

Jasmine girou para mim novamente, e eu pisei para trás, fora do alcance. Ela escorregou em um livro que tinha caído para fora das estantes enquanto nós estivemos lutando, e eu usei a chance para saltar sobre ela e correr de volta para o centro da biblioteca.

— O que você está fazendo? — Vic disse. — Porque você está recuando? A luta está lá trás por aquele caminho!

— Cale a boca, Vic! — Eu disse sobre o barulho do sangue rugindo em minhas orelhas e meus pés descalços batendo contra o frio piso de mármore. — Ao menos que você queira voltar para dentro daquela caixa por outra década ou duas.

Vic se calou.

Eu derrapei a uma parada na frente de Morgan, que ainda estava deitada na mesa olhando fixamente para cima ao nada. Nesse ponto, o sangue na Tigela das

Lágrimas tinha borbulhado até a superfície, parecendo como um vulcão carmesim prestes a entrar em erupção. O que quer que fosse acontecer a seguir, não ia ser bom. Eu não podia derrotar Jasmine, mas eu podia destruir aquela... aquela... aquela *coisa* má.

— Eu sei que vou me arrepender disso depois, — eu murmurei, e ergui Vic sobre minha cabeça com ambas as mãos.

Jasmine derrapou dando a volta na esquina da estante de livros, sua espada ainda apertada em sua mão. Ela congelou quando ela viu o que eu estava para fazer.

— Não! — Jasmine gritou. — Não faça!

Muito tarde. Eu bati a espada para baixo tão forte quanto eu podia em direção à Tigela das Lágrimas. No segundo que a espada tocou na Tigela, um grito preencheu a biblioteca, soando tão audível e alto e cheio de dor que ele pareceu rasgar o próprio ar em pedaços. Luz carmesim explodiu da Tigela, queimando tão brilhante que eu tive que olhar para longe dela.

Depois disso, eu não estava realmente certa do que aconteceu. A luz continuou queimando, a voz continuou gritando, e a explosão de calor me atingiu, tão quente que ela parecia que iria cauterizar toda a pele do meu corpo. Mas por alguma razão, a espada nas minhas mãos permaneceu tão fria quanto gelo. Eu intensifiquei meu aperto em Vic e trouxe a lâmina para cima, como se ela fosse me proteger da luz intensa e calor.

De alguma forma, ela protegeu.

Assim que eu ergui a espada, a luz e calor diminuíram, como se a arma tivesse virado algum tipo de escudo ou algo. Eu recuei uns poucos passos e me forcei a abrir meus olhos, a olhar o que estava acontecendo.

Uma oscilante nuvem carmesim de... de... de *magia* pendia na biblioteca na minha frente, centralizada sobre a Tigela das Lágrimas. A nuvem formou um arco para cima, como se estivesse tentando escapar, mas eu podia ver que a extremidade final dela era como um tornado, oscilando ao redor mais rápido e mais rápido e comendo tudo acima dela. Como um gênio de desenho animado sendo forçado de volta dentro da sua garrafa, quer ele quisesse ir ou não.

Justo antes do final da nuvem de magia ser sugado abaixo para dentro da Tigela das Lágrimas, um enorme par de olhos vermelhos estouraram abertos e rodopiaram no meio dela. Os olhos fixaram em mim, estreitando-se para pálpebras zangadas, e uma explosão de emoção me atingiu — uma de absoluta

fúria e ódio e perversidade. Eu gritei e cambaleei para trás pela força dela. Os olhos me encararam outro segundo antes que eles e do resto da magia pudessem desaparecer dentro da Tigela.

Eu estremei, por que eu sabia, eu apenas *sabia*, que aqueles olhos tinham sido reais. Que eles pertenciam a alguém que tinha me visto. Que me odiava. Que queria me *matar* mais do que qualquer outra coisa.

Loki, uma voz sussurrou no fundo da minha mente. O deus malvado podia estar preso em uma prisão esférica, mas de alguma forma, Loki tinha sido capaz de perscrutar na biblioteca essa noite – e eu senti apenas o quanto ele queria me destruir. Eu estremei novamente.

A nuvem de magia desapareceu. E também a luz carmesim. Os gritos, o barulho, a magia, tudo. Tudo isso se foi, e a biblioteca estava sossegada e silenciosa mais uma vez.

Então, a Tigela das Lágrimas escorregou para fora do peito de Morgan, caiu no piso de mármore, e estilhaçou em milhares de pedaços.

23



RESTOS DA TIGELA DAS LÁGRIMAS SE TORNARAM PRETO, MURCHOS, e começaram a evaporar, justo da maneira que o gatuno de Nemean do lado de fora da biblioteca tinha virado quando Logan o matou –

Logan.

Eu me virei, mas eu não vi o Espartano em nenhum lugar na biblioteca. O que eu vi foi Jasmine vindo para mim mais uma vez, sua espada ainda apertada em suas mãos.

— Você arruinou tudo! — ela gritou. — Minha vingança, meu sacrifício para Loki, tudo!

A Valquíria continuou vindo para mim, e eu me apoiei. Apenas que dessa vez, meu pé foi aquele que escorregou no livro caído. Eu atingi o chão forte, e Vic, a espada, caiu da minha mão e deslizou ao outro lado do frio mármore.

— Não acredito que ela sangradamente me largou *novamente...*, — eu o ouvi murmurar.

Sob minhas mãos e joelhos, eu rastejei atrás da arma, mas ela só continuou deslizando mais e mais longe de mim. Finalmente, ela parou, e eu vi Vic olhando para mim em desaprovação.

Eu tinha acabado de alcançar a espada quando duas botas de salto agulha pretas plantaram-se na minha frente. Uh-oh. Eu olhei acima para encontrar Jasmine em pé sobre mim.

— Hora de morrer, Cigana, — ela murmurou, e ergueu sua espada alta, pronta para trazê-la abaixo na minha cabeça e me matar de vez dessa vez —

Uma lança voou através do ar e perfurou todo o caminho através do meio do peito de Jasmine. A boca da Valquíria abriu em um perfeito *O*, e surpresa piscou nos seus olhos. Sua espada escorregou dos seus dedos, e ela tropeçou para trás contra a mesa onde Morgan estava deitada. Jasmine me encarou, seu rosto bonito cheio de dor e descrença, e ela caiu no chão da biblioteca. Morta. Dessa vez, eu sabia que o gosmento sangue carmesim rapidamente empossando sob seu corpo era real.

Foi horrível.

— Agora *isso* é o que eu estava falando, — Vic cantou em uma voz tagarela.

— Cale a boca, Vic, — eu sussurrei.

Eu ergui a espada, fiquei de pé, e me virei.

Logan Quinn estava atrás de mim.

Cortes de linhas vermelhas feias e profundas abaixo na sua bochecha de onde o gatuno de Nemean tinha arranhado-o, e o paletó do seu smoking preto e camisa branca pendurados em farrapos no seu corpo. Mais marcas de garras cobriam seu peito, e eu podia ver sangue pingando para fora das feridas. O escudo de metal do Espartano ainda preso no seu braço, entretanto ele tinha sido destruído em dois pedaços separados pelo gatuno. Mesmo assim, apesar das suas feridas, orgulho preenchia os olhos azuis gelo de Logan, aquecendo-os.

Naquele momento, ele era a coisa mais bonita que eu já tinha visto.

Eu corri até ele e estendi meus braços. Eu queria abraçá-lo, beijá-lo, tocá-lo — e então eu me lembrei que eu não podia. Que meu dom Cigano, minha psicomетria, não me permitia. Não sem ter clarões dele. Não sem ver o que tinha acabado de acontecer entre ele e o gatuno. Não sem aprender todos os segredos de Logan. E eu não queria fazer isso. Não agora, não assim.

Eu fiquei em pé ali um momento, meus braços estendidos. Então, eu lentamente os larguei aos meus lados.

— Você está bem? — eu sussurrei. — Onde está o gatuno?

— Morto. Seu corpo está atrás das estantes. Ele não evaporou uma vez que ele era o verdadeiro dessa vez e não apenas uma ilusão. — Logan colocou seus dedos para cima nas sangrentas feridas no seu rosto e estremeceu. — Bem, uma vez que eu estou vivo e Jasmine e o gatuno não estão, eu diria que qualifica como tudo bem. Você?

Eu encolhi de ombros. Não havia maneira de dizer a ele todas as coisas malucas que tinham acontecido na biblioteca essa noite e todas as coisas que eu estava sentindo, especialmente quando eu olhava dentro dos olhos dele.

— Obrigada, — eu disse em uma calma voz. — Eu não sei como você me encontrou ou porque, mas obrigada. Jasmine e seu gatuno teriam me matado, se não tivesse sido por você.

Ele me deu um sorriso torto que fez meu coração acelerar. — Eu não podia deixar você sair do baile tão irritada, agora eu poderia?

— Mas... mas por que vir atrás de mim de qualquer maneira? — eu perguntei, meus olhos nunca deixando os dele.

Logan me encarou. Depois de um momento, ele exalou uma respiração. — Por que eu —

— O que está acontecendo aqui? — uma aguda voz gritou.

Assustada, eu ergui minha espada ao mesmo tempo em que minha cabeça estalava ao redor para as portas duplas do fundo da biblioteca. Para minha surpresa, elas estavam abertas mais uma vez e três pessoas encheram a entrada da porta — Professora Metis, Técnico Ajax, e Nickamedes. Eu localizei Daphne e Carson espreitando atrás deles, tentando ver o que estava acontecendo no interior.

Nickamedes entrou na biblioteca e andou na minha direção, seu rosto até mesmo mais pálido do que o normal e sua boca escancarada de choque. O bibliotecário tinha o direito de estar aturdido. Pareceu como se uma bomba tinha sido soltada aqui. Milhares de livros desarrumavam o piso de mármore, dúzias de estantes tinham sido tombadas, mesas e cadeiras tinham sido invertidas e destruídas em tiras pelo gatuno de Nemean — e esse era apenas o estrago que eu podia ver daqui onde eu estava.

E então, havia a maior de todas — Jasmine Ashton despencada contra uma das mesas, seus olhos sem vida encarando acima ao teto, a lança de Logan através do

seu peito, seu sangue cobrindo o chão a volta dela. Bem acima dela, Morgan McDougall ainda estava esticada no topo da mesa, como algum tipo de princesa de conto de fadas em coma, esperando pelo seu lindo príncipe aparecer e acordá-la com um beijo.

Eu estremei. Isso não ia ser engraçado.

Certamente, Nickamedes me rodeou e apunhalou seu dedo na minha direção. — O que você fez com a minha biblioteca, Gwendolyn?

Havia muita explicação a se dar depois disso. *Muita* explicação. Eu disse a Professora Metis e aos outros sobre tudo que eu descobri sobre a trama de Jasmine para usar a Tigela das Lágrimas para controlar Morgan. Como Jasmine quis obter sua vingança contra sua melhor amiga piranha por dormir com Samson. Como Jasmine tinha afirmado que ela e toda a sua família eram Ceifadores que serviam Loki.

Eu não contei a eles sobre ter visto Nike, todavia, e que a deusa tinha me dito que eu era sua Campeã. Eu ainda não estava certa como eu me sentia sobre tudo isso — ou se isso tinha até mesmo sido real para começar e não algo que eu apenas imaginei.

Em alguma hora no meio de tudo isso, Morgan acordou de qualquer tipo de transe zumbi que Jasmine colocou nela. A Valquíria piscou, sentou-se, olhou para todos nós, e exigiu saber o que estava acontecendo — e exatamente quem tinha roubado sua tiara de rainha, arruinado seu vestido de marca, e arranhado seu rosto. Técnico Ajax a levou para o canto e tentou explicar as coisas para ela. A Valquíria ainda pareceu confusa, entretanto. Apenas como eu me sentia.

Enquanto todos estavam ocupados com Morgan, eu mostrei à Professora Metis a espada que eu tinha arrancado da Caixa nos fundos da biblioteca. Aquela que Nike tinha me dado de volta durante o meu sonho, visão, ou o que quer que tenha sido. Algum momento durante a comoção, Vic tinha fechado seus olhos, e ele não o abria novamente ou falava sem importar o que eu fiz ou falei ou como eu pleiteei com ele em mostrar à Metis que ele estava de fato meio que vivo.

— Está tudo bem, Gwen, — Professora Metis disse, encarando a espada com um estranho olhar em seu rosto. — Eu acredito em você sobre a espada.

Eu olhei abaixo ao local onde o olho fechado de Vic estava. — Então o que você quer fazer sobre isso? Você quer tomá-la e enfiá-la de volta em uma das caixas de artefatos?

Metis negou com a cabeça. — Não, eu acho que você deveria ficar com a espada, Gwen. Pelo menos por agora. Nós temos muito o que fazer essa noite, e ela apenas ficaria perdida em toda essa bagunça. Nós vamos conversar sobre isso mais tarde, tudo bem?

Eu encolhi de ombros. Eu supus que podia ficar com Vic. Mesmo se o fato daquela espada pudesse olhar e falar comigo era meio que bizarro.

— Eu acho que você foi muito corajosa essa noite, Gwen, — Metis disse, seus olhos verdes suaves e bondosos em seu rosto. — Tentando ajudar Morgan. Sua mãe ficaria muito orgulhosa de você.

Eu franzi o cenho, me espantando mais uma vez com o tom familiar na voz de Metis quando ela falava sobre minha mãe. Mas então eu pensei como eu vi o rosto da minha mãe quando eu peguei a espada pela primeira vez, de como ela tinha parecido sorrir para mim. Emoção entupiu minha garganta, e eu apenas assenti. Eu achei que minha mãe iria se orgulhar de mim, também. E isso me fez mais feliz do que nada mais tinha feito em um longo tempo.

Metis sorriu para mim, então caminhou até Ajax e o ainda-aturdido Nickamedes. Os três se recolheram, falando sobre para quem eles precisavam ligar, quanto tempo levaria para limpar a bagunça na biblioteca, e o que fazer com o corpo de Jasmine — o real — dessa vez. Eu me perguntei se eles o colocariam na câmara frigorífica no necrotério, como Jasmine tinha afirmado que eles tinham feito ao outro corpo, a ilusão que ela criou para enganar a todos nós.

Trinta minutos mais tarde, eu fiquei de lado e observei enquanto dois homens vestidos de macacões escuros carregavam Jasmine para dentro de um saco preto e fechavam o zíper. Apesar do fato que ela tentou me matar, eu ainda sentia pena da Valquíria.

Sua melhor amiga a tinha traído, e seu namorado tinha sido infiel a ela. Ela fingiu sua própria morte para fazê-los sentir culpa sobre o que eles fizeram, mas tinha saído pela culatra, e ela percebeu justo como pouco eles realmente se importavam por ela. Apenas como pouco, todos tinham se importado por ela. Então Jasmine decidiu fazer sua melhor amiga pagar por tudo, especialmente por seus sentimentos feridos.

Jasmine Ashton tinha sido a mais rica, mais bonita e popular garota da nossa aula, e ela tinha tudo que ela podia possivelmente querer — exceto amigos de verdade.

Falando em amigos, eu estava muito certa que eu tinha ao menos dois agora, embora meus sentimentos por Logan tinham se ampliado passando longe da amizade e tinham se tornado algo mais completo. O Espartano estava de pé há poucos metros de distância, conversando com Daphne e Carson sobre tudo o que tinha acontecido.

Professora Metis estava logo ali, também, olhando as feridas de Logan. Ela pegou as mãos deles na dela e olhou dentro dos olhos do Espartano. Depois de alguns segundos, um brilho dourado envelopou Logan. Enquanto eu observava, os cortes feios no seu rosto lentamente se fechavam como se eles nunca sequer estivessem ali para começar. E também fizeram os mais profundos, sangrentos, no seu peito. Metis tinha me dito sobre a sua magia e como ela podia curar as pessoas. Pareceu como se Logan estaria muito bem em poucos minutos.

Mas eu não senti que poderia me unir a eles ainda. Alguém tinha que ficar com Jasmine apenas um pouco mais de tempo.

Um minuto mais tarde, Daphne disse algo em uma suave voz aos outros e andou até mim. A Valquíria ficou ao meu lado, uma expressão em branco no seu rosto enquanto nós assistíamos um dos homens começar a lavar o sangue de Jasmine do chão de mármore.

— Eu sinto muito, — eu disse. — Eu sei que ela era sua amiga.

Daphne encolheu de ombros. — Talvez. Talvez não. Eu não acho que eu alguma vez conheci realmente Jasmine. Eu nunca teria pensado que ela poderia ter feito nada disso.

Eu me perguntei se alguém aqui na Mythos sabia o que Jasmine realmente era – ou se eles até mesmo se importariam que ela estivesse morta de verdade dessa vez.

— Não é sua culpa, você sabe, — Daphne disse em uma baixa voz. — Jasmine fez suas próprias escolhas, justo como ela sempre fez. Ela queria vingar-se de Morgan, e ela decidiu ser completamente Ceifadora com todos para conseguir isso. Você e Logan eram os únicos defendendo-se. Essa é a forma como as coisas são aqui na Mythos. Pessoas vêm, pessoas vão, e algumas pessoas morrem.

— Pode ser, — eu respondi. — Mas Morgan e Samson quebraram o coração dela e depois mentiram pra ela sobre tudo. Eles pensaram que isso era engraçado, como um jogo ou algo, ficar se esgueirando por aí por trás das costas de Jasmine. Então eu ainda sinto pena por ela, você sabe?

— Sim, — Daphne disse. — Eu sei.

Nós não falamos nada por alguns minutos.

— Bem, — Daphne disse. — O baile ainda está acontecendo com força total, mas Carson, Logan, e eu vamos seguir para o dormitório de Carson. Ele tem algum vinho de Dionísio que seu pai enviou por navio para ele em especial de Napa.

Eu ergui minha sobrancelha. — O cara nerd da banda tem bebida alcoólica?

Daphne sorriu. — Quem saberia? Parece que há muitas coisas sobre Carson que eu não sei. Mas agora, eu começo a descobrir, graças a você. Então você quer vir conosco ou o que?

— Claro, — eu disse. — Só me dê um minuto.

Daphne assentiu, e ela voltou até Carson e Logan. Metis tinha terminado de curar Logan, e os três alunos disseram seus adeuses para a professora, seguiram em direção as portas duplas, e saíram da biblioteca. Metis os assistiu alguns segundos antes de voltar até Ajax, que ainda estava tentando consolar Nickamedes sobre a enorme bagunça na biblioteca.

Ninguém me viu deslizar para o fundo da biblioteca onde a caixa da espada estava. Eu olhei para os restos de vidro e madeira antes de lentamente erguer minha cabeça.

E ali ela estava na sacada do segundo andar, aquele preenchido com as estátuas de todos os deuses e deusas. A estátua de Nike estava bem acima da caixa de antiguidades esmagada, como se ela estivesse cuidando dela – e de mim – todo esse tempo. Talvez ela estivesse. O pensamento me confortou da mesma maneira que abraçar Vovó Frost sempre confortava.

Nike pareceu a mesma como ela tinha parecido quando eu a vi. Um longo, solto vestido fluindo ao redor do seu corpo, asas arqueadas para cima sobre suas costas, um frio, terrível tipo de beleza preenchendo o seu rosto. Eu não sei por que eu nunca a notei de pé ali em cima antes. Talvez por que eu não tivesse olhado. Talvez por que eu não estivesse pronta.

— Ahã, — uma voz tossiu.

Eu olhei abaixo para a espada na minha mão. Eu tinha completamente esquecido que eu estava segurando a arma todo esse tempo. Era estranho, mas ela parecia quase como uma extensão natural do meu braço agora. Uma parte de mim mesma, até.

Vic tinha aberto seu olho com coloração de crepúsculo novamente e estava me estudando atentamente. Bem, tão atentamente quanto ele podia com apenas o único olho.

— Você fez bem essa noite, para uma sangrenta recruta, — a espada disse, sua boca movendo-se sob minha mão e fazendo cócegas na minha palma. — Entretanto você realmente deveria conseguir que seu amigo Espartano mostre a você umas poucas coisas. Por que ele tem potencial para ser um guerreiro *de verdade*.

— Mais tarde, Vic, — eu disse. — Muito, muito mais tarde.

Ele pareceu assentir. — Bem então, com sua licença, eu acho que vou tirar uma pequena soneca. Toda essa excitação me cansou. Eu não sou tão jovem quanto eu costumava ser, você sabe.

— Claro que eu não sei, — eu disse em uma voz gentil. — Você tire a sua soneca, Vic. Nós podemos falar sobre tudo mais depois.

Eu mal terminei de dizer as palavras antes do olho estalar fechado novamente. Eu poderia ter apenas imaginado isso, mas pareceu como a parte do cabo que era a boca de Vic se curvou em um suave sorriso.

Eu estava para abaixar a espada e deixar a biblioteca quando algo tremulou na própria lâmina, acima do rosto de Vic e do resto do cabo. Eu segurei a espada para cima em direção à luz, virando-a de um lado e do outro, para que eu pudesse ver o que captou meu olho.

Eram os símbolos que eu tinha visto antes na lâmina, as fracas letras que eu não tinha sido completamente capaz de compreender. Agora, elas brilhavam com um frio, fogo dourado, e, pela primeira vez, eu pude claramente ler as palavras que tinham estado esculpidas na lâmina da espada — *Vitória Sempre*.

Claro. Nike era a deusa Grega da vitória, e essa era sua espada.

E agora, era a minha, dada a mim pela própria deusa para me ajudar a ser sua Campeã.

Eu só esperava que eu fosse digna de Vic e da estranha, resoluta fé que Nike pareceu ter por mim.



24



QUE ACONTECEU NA BIBLIOTECA DE ANTIGUIDADES NA NOITE DO BAILE FOI o falatório da Mythos Academy pela semana seguinte.

Mas não da maneira que eu esperava.

Mesmo embora ela não parecesse se lembrar nada, Morgan McDougall ainda conseguiu levar crédito em tudo, de frustrando Jasmine a destruindo a Tigela das Lágrimas e matando o gatuno de Nemean. Era como se Logan e eu não tivéssemos sequer estado ali e ela salvou todos na academia do pior destino do que a morte.

Nem todos os jovens acreditaram nela, entretanto, e rumores selvagens espalharam-se tão rápidos quanto as pessoas podiam mandá-los por mensagens de texto. Tudo, desde um grupo de Ceifadores plantando uma bomba mágica no campus a jovens bêbados desempenhando um ritual louco com Jasmine voltando dos mortos e destruindo a biblioteca por que ela estava puta da vida que ela não tinha sido coroada a rainha do baile antes dela ter sido assassinada. A última era um pouco mais verdadeira e que ninguém sabia.

Eu mantive minha cabeça baixa através de toda a bagunça. Algo me disse que quanto menos pessoas soubessem que eu estive envolvida no que aconteceu, melhor. Eu ainda me lembrava dos brilhantes olhos vermelhos que tinham estado rodopiando na nuvem de magia quando eu destruí a Tigela das Lágrimas. Como os olhos tinham se fixado em mim e exatamente como cheios de ódio, fúria, e raiva eles estavam. Eu me lembrei do que Jasmine tinha dito sobre ser uma Ceifadora e como havia outros Ceifadores na academia, outros jovens e professores que serviam Loki, que queriam libertá-lo da sua prisão e retornar o deus ao reino mortal para que ele pudesse trazer outra Guerra do Caos – algo que Nike tinha me dito e eu de alguma forma deveria ajudá-la com isso.

Apesar da minha inquietante, vida retornada ao normal. Eu fui para minhas aulas e trabalhei nos meus turnos designados na biblioteca. Realmente, eu trabalhei turnos dobrados, por que Nickamedes tinha mais ou menos decidido que eu sozinha fui responsável pela destruição da sua preciosa biblioteca, então ele estava me fazendo ajudá-lo a limpá-la do topo ao fundo como punição. Se eu pensava que Nickamedes não gostava de mim antes, ele absolutamente *odiava-me* agora. Então sim, meu mundo estava bastante de volta ao normal.

Eu liguei para Vovó Frost na noite em que tudo foi abaixo na biblioteca e disse a ela o que aconteceu. Ela imediatamente ofereceu para vir à academia me confortar, mas eu disse a ela que eu estava bem. A verdade era que eu precisava de algum tempo para mim mesma pensar sobre as coisas – muitas coisas. Finalmente, uns dois dias mais tarde, eu consegui fugir de Nickamedes tempo o bastante para espreitar para fora do campus e ir vê-la.

— Você sabia de tudo isso todo o tempo, não sabia? — eu perguntei a Vovó Frost enquanto eu me sentava na cozinha comendo o pegajoso, pecaminoso doce de chocolate que ela tinha acabado de fazer. — Que nós viemos de uma longa linhagem de garotas guerreiras que servem uma deusa durona.

— Garotas guerreiras? É assim que os jovens estão chamando esses dias? — Vovó Frost sorriu e alcançou outro pedaço de doce de chocolate, suas echarpes brilhantes flutuando com o movimento. Ela tinha acabado de fazer a leitura de um cliente, então ela estava vestida com sua habitual roupa de Cigana.

Eu rolei meus olhos. — Vamos, você sabe o que eu quero dizer.

— Claro que eu sei. É isso que nos faz Ciganas, Gwen.

Eu franzi o cenho. — Como sendo uma garota guerreira faz de nós Ciganas? Você nunca me contou isso antes.

Vovó Frost me fitou, um olhar sério no seu rosto. — Gwen, por que você acha que nós podemos fazer as coisas que nós podemos? Por que você acha que eu posso ver o futuro ou que você pode tocar objetos e saber tudo sobre eles? De onde você acha que esse poder veio?

Eu abri minha boca, mas nenhuma resposta veio a mim. Eu encolhi de ombros.

— Nós podemos fazer essas coisas e mais por que Nike nos dotou com esse poder. Voltando quando nossa primeira ancestral serviu Nike, a deusa recompensou-a dando-a o dom de ver o futuro. Ao longo dos anos e gerações, aquele dom psíquico tomou várias formas diferentes, como a habilidade da sua mãe de sentir a verdade e a sua psicometria.

— Mas eu pensei que nós éramos Ciganas, — eu disse. — Não guerreiras.

— ‘Cigano’ é só outra palavra para aqueles que são dotados pelos deuses, — Vovó disse. — Para quem tem poderes especiais e habilidades como nós temos. Nós apenas somos tão fortes na nossa magia e apenas tão guerreiras quanto todas as Valquírias, Amazonas, e outros jovens com quem você vai à escola.

Então Daphne esteve certa depois de tudo. Eu era uma guerreira, apenas com um diferente tipo de magia.

Eu pensei por um minuto sobre o que minha avó disse. — Tudo bem, então Nike nos deu nossos poderes. Eu suponho que eu posso entender isso. Mas há toneladas de outros deuses e deusas ali fora. Eu quero dizer, você deveria ver todas as estátuas deles na biblioteca. Então... há mais pessoas ali fora como nós? Mais Ciganas? Mais pessoas que Nike deu o dom?

— Sim e não. — Vovó Frost me fitou. — Há mais Ciganos ali fora, mas cada família é dotada por um único deus ou deusa, o que significa que nós somos as únicas dotadas por Nike, apenas como há apenas uma família que recebeu o dom de Atena e Ares e Odin e assim por diante.

— Você já conheceu qualquer outro Cigano? — eu perguntei.

— Sim, — Vovó Frost disse em um tom sombrio. — Mas nem todos eles são como nós.

— O que você quer dizer?

Ela me fitou com seus olhos violetas. — Nem todos eles são bons, Gwen. Alguns deles são preguiçosos e indiferentes ou usam seus poderes para ganhar riqueza e poder. E alguns deles são Ceifadores.

— Ceifadores? Como Jasmine?

Vovó Frost assentiu. — Apenas como Jasmine — e pior.

Então havia outras pessoas, outros jovens, correndo por aí apenas como eu, que tinham poderes? E alguns deles eram Ceifadores do Caos? Eu estremeci com o pensamento.

— Então por que você não me contou nada disso antes? — eu perguntei. — Sobre de onde nossos dons vieram e Ceifadores e Ciganos e por que eu fui despachada para Mythos em primeiro lugar? Teria feito as coisas... mais fáceis para mim. Mais simples. Ao menos, então eu teria entendido. Eu teria dado à academia uma chance. Eu teria acreditado em toda a magia para começar.

Eu hesitei, pensando sobre algo mais que tinha estado na minha mente ultimamente. — Você e Mamãe alguma vez... foram à Mythos? Vocês eram alunas ali, também?

Vovó me deu um sorriso triste. — Nós fomos. E é por isso que nós decidimos que você não deveria ter que ir.

— O que você quer dizer?

Ela suspirou. — Nós fazemos parte de um mundo perigoso, chuchuzinho. Ciganos, Ceifadores, Loki. Todos nós estamos unidos como um novelo de lã. Você não pode ser um sem todos os outros. Mas sua mãe e eu queríamos o melhor para você. Nós queríamos que você tivesse uma vida normal. Nós queríamos que você crescesse lentamente, naturalmente, sem sempre se preocupar sobre Ceifadores tentando matar você.

Eu pensei sobre Daphne e Carson e Logan e todos os outros jovens da escola. Sobre como toda a violência e deuses e magia pareceu normal para eles — e sobre como Carson tinha me dito que todos eles perderam alguém para Ceifadores. Subitamente eu estava agradecida pelo que minha mãe e minha avó tinham feito, por me proteger tanto quanto elas puderam.

— Mas então, eu peguei a escova de cabelo de Paige e minha magia saiu do controle, — eu disse. — É por isso que Professora Metis veio aqui?

— Em parte. — Sombras escureceram os olhos violetas de Vovó Frost, e ela não disse nada por um momento. — Metis pensou que era hora para você ir à Mythos, para você aprender de onde o seu poder realmente vinha e como melhorar o controle dele enquanto ele cresce. E eu não sou tão jovem quanto eu costumava ser, Gwen. Eu queria que você fosse à academia, também, para a sua segurança. Ao menos, tão segura quanto você pode ser ali.

— Mas e sobre Nike? — eu perguntei. — Você e mamãe serviram como suas Campeãs, também?

Vovó assentiu. — Nós servimos. Nike vem a nós e nos pergunta para servi-la quando ela acha que nós estamos prontas.

— Então por que você não me contou sobre isso também?

— Por que era sua decisão para ser feita, Gwen. Apenas como sua mãe e eu fizemos antes de você. Apenas como sua própria filha poderá fazer algum dia. — ela suspirou. — Tantos jovens na Mythos são cobrados a serem grandes guerreiros desde o nascimento. Sua mãe e eu não queríamos colocar esse tipo de pressão em você. Nós queríamos que você tomasse suas próprias escolhas por que você queria, não por que você sentia que você tinha que apoiar algum grande legado de família. Além disso, ser uma Campeã é tão bom quanto ter um alvo pintado nas suas costas. Ceifadores matam guerreiros, certamente, mas eles farão qualquer coisa — *qualquer coisa* — para derrubar um Campeão.

Meu estômago retorceu com suas palavras. — Por que isso?

— Por que Campeões sempre tem a magia mais forte, as melhores habilidades de luta, os mais corajosos corações. É por isso que eles são escolhidos para serem Campeões em primeiro lugar — por que eles podem fazer o bem maior. Isso os torna as maiores ameaças à Loki e seus Ceifadores. Nós apenas queríamos proteger você tanto tempo quanto nós pudéssemos, chuchuzinho. — Vovó pausou. — E nós também não queríamos que você crescesse e ficasse tão mimada quanto alguns dos jovens são.

Eu franzi o cenho. — O que você quer dizer?

Ela encolheu de ombros. — É difícil viver em um mundo onde você sabe que Ceifadores não querem nada mais do que matar você e seus filhos. Então a maior parte dos pais guerreiros satisfaz seus filhos e dão a eles qualquer coisa que eles queiram — carros, roupas, jóias — apenas no caso deles não estarem por lá para ver seus filhos crescerem. Eu não estou dizendo que seja errado ou certo, mas não é assim como sua mãe queria criar você. Ela queria que você conhecesse o valor do dinheiro — e da vida, também. Mais especificamente da vida.

Deveria ser por isso que os professores na Mythos permitiam que os jovens se safassem com tantas coisas, também — fumar, beber, transar — por que os professores sabiam que todos nós poderíamos ser mortos por Ceifadores em qualquer dado dia e eles achavam que os alunos deveriam viver enquanto isso. Mas as palavras de Vovó Frost ergueram outra questão na minha mente.

— Então nós temos dinheiro? Eu quero dizer... muito dinheiro? Como os pais dos outros jovens têm? E se nós temos, então por que eu tenho que trabalhar na Biblioteca de Antiguidades?

Vovó Frost encolheu de ombros. — Não tanto dinheiro quanto alguns, mas o bastante. Mais do que o bastante. Seu trabalho na biblioteca era realmente ideia da Professora Metis. Ela pensou que interagindo com todos os outros alunos ali iria ajudar você a se ajustar na academia. Claro, isso não funcionou muito dessa forma.

Não, não funcionou. Eu empurrei o prato de doce de chocolate para longe. Minha cabeça estava rodopiando com muita informação para eu aproveitá-las nesse momento. Eu ainda não acreditava muito em tudo o que Vovó tinha me contado, tudo o que eu aprendi nos últimos dias passados, todos os segredos que tinham finalmente sido revelados a mim. Sabendo que eu estava em perigo agora por que eu concordei em ser a Campeã de Nike não exatamente me colocou em um bom humor. Mas essa era a coisa sobre segredos – eles quase nunca eram bons.

Vovó Frost não disse uma palavra. Ao invés disso, ela estendeu o braço e colocou sua mão em cima da minha. Como sempre, eu senti o suave, quente cobertor do seu amor me envolver. E eu soube que sem importar o que aconteceu, sem importar quanto loucas as coisas ficavam, Vovó Frost sempre me amaria apenas tanto quanto eu a amava. Apenas tanto quanto eu amava minha mãe.

Eu pensei sobre como eu tinha visto minha mãe, Grace, quando eu peguei Vic pela primeira vez. De como eu era agora, parte da mesma coisa que ela tinha sido. De como minha mãe tinha sorrido para mim como se ela aprovasse o que eu estava fazendo. A ideia, quer ela fosse verdade ou não, me fez sentir falta dela um pouco menos, fez a dor pela sua perda e minha culpa sobre sua morte um pouco mais fácil de suportar. Talvez esse fosse um segredo que eu pudesse viver com ele depois de tudo.

— Mas basta de falar sobre Ciganos e deuses e tudo mais, — Vovó disse, uma leve, provocação rastejando na sua voz. — Metis me contou sobre ter visto você no baile com um muito bonitinho garoto Espartano, o mesmo garoto Espartano que ajudou você naquela noite na biblioteca. Você esteve se segurando comigo, Gwen. Agora, eu quero saber tudo sobre ele.

Eu ainda tinha mais coisas para descobrir, mais coisas que eu queria perguntar para ela sobre minha mãe e a academia e ser uma Campeã de Nike. Mas

tudo isso poderia esperar. Nesse momento, eu só queria aproveitar esse momento com minha avó.

— Você quer saber sobre Logan Quinn? — eu perguntei, arqueando minha sobrancelha.

— Cada pequeno detalhe, — Vovó gracejou. — Agora desembuche, como vocês jovens dizem.

Eu só gargalhei e sacudi minha cabeça. Nós ficamos ali na cozinha, comendo e conversando, o resto da tarde.



25

NO DIA SEGUINTE, PROFESSORA METIS ME CHAMOU PARA O SEU ESCRITÓRIO. A última vez que eu estive ali, tinha sido o dia em que eu tinha vindo para a Mythos Academy no início do semestre de outono, e eu estava tão zangada e irritada com ela e com todos mais, para realmente notar as coisas.

Antigos, grossos livros de história-mítica enfileiravam-se nas prateleiras das estantes que cobriam duas das paredes, enquanto que vasos de barro de girassóis e violetas fixavam-se nos peitoris das janelas. Acima deles no outro lado da janela estavam várias placas, mostrando todas as graduações e prêmios da professora. Havia *toneladas* delas. A mesa de Metis estava amontoada com papéis e canetas e coisas, junto com uma minúscula estátua de mármore que se empoleirava no canto esquerdo. Pareceu como uma versão menor daquela de Atenas, a deusa Grega da sabedoria, que ficava na Biblioteca de Antiguidades, mas eu não estava certa.

Mas as coisas mais estranhas eram as armas. Uma estante cheia delas estava no canto. Um par de espadas, uma vara, algumas adagas, até mesmo um arco e as flechas dele. Com seus óculos prateados e uma calma, vibração escolar, Metis nunca me despertou como sendo uma guerreira. Não como Técnico Ajax, de qualquer maneira, quem era todo rasgado, musculoso, e totalmente Huck.

Professora Metis estava olhando para fora pela janela ao quadrilátero quando eu entrei. Eu fechei a porta atrás de mim e fiquei de pé ali, esperando até ela me notar. Depois de um momento, ela se virou e sorriu para mim.

— Oi, Gwen. Sente-se, por favor. Há algumas coisas que nós precisamos conversar.

Sim, eu imaginei isso, uma vez que, você sabe, eu estive envolvida na morte de uma aluna, na destruição da biblioteca, e num monte de outras Coisas Ruins, Muito Ruins. Então eu fiz como ela pediu e me sentei na frente da sua mesa.

Professora Metis sentou-se também. Seus olhos verdes agitaram-se para uma das fotos do porta retrato na mesa, mas uma vez que ele estava virado para o outro lado, eu não podia ver quem estava nele. Seu marido ou filhos, eu imaginei. Talvez um namorado ou bicho de estimação.

— Como está você hoje, Gwendolyn?

Eu dei de ombros. — Bem, mais ou menos.

E eu realmente estava. Sim, eu tinha visto e feito algumas coisas ruins nos últimos dias, e eu aprendi tantas coisas sobre mim mesma, meu dom Cigano, e por que eu estava aqui na Mythos meio que me impressionou. E talvez eu ainda estivesse totalmente assustada que a deusa tinha me escolhido para ser sua Campeã. Mas ao menos eu tinha algumas respostas agora, e eu aprendi mais do que um segredo, sobre mim mesma. Eu pensei que eu estava lidando com isso tudo muito bem.

— Bem, eu queria dizer que eu fiquei mais do que satisfeita pelo relatório que você enviou ontem, — Metis disse. — Aquele sobre Nike. Você está ganhando um A nele.

Eu sentei-me um pouco mais ereta na minha cadeira. Depois de tudo o que tinha acontecido, escrever o relatório tinha sido fácil. Eu realmente estive prestando mais atenção na aula de história-mítica, também. À noite, quando eu tinha tempo, eu comecei a ler tudo o que eu pude colocar minhas mãos na biblioteca sobre Nike, Loki, e a Guerra do Caos. Havia tantos livros com tantas histórias conflitantes que era difícil saber o que era real e o que não era. Mas

sempre tinha sido dessa forma para mim aqui na Mythos Academy, a escola de mitos, magia, e garotos magos guerreiros.

— Obrigada, — eu disse. — Foi fácil para eu escrever. Eu, uh, tive muita experiência em basear-me nela depois de tudo o que aconteceu na biblioteca.

— Sim, — Professora Metis disse em uma calma voz. — Eu imagino que você teve.

Metis estendeu a mão, tirou seus óculos prateados, e me encarou. Pela primeira vez, eu notei como linda ela era, com seu cabelo preto, pele bronze, e olhos verdes. Ela era também mais nova do que eu pensei, cerca da idade de minha mãe antes de ela morrer — em seus quarenta anos.

— Nós precisamos conversar sobre o que aconteceu na biblioteca, — Metis disse. — Por que embora suas ações fossem muito corajosas e nobres, elas também colocaram você em grande risco de perigo.

— Perigo? — eu perguntei. — Que tipo de perigo?

— Você mencionou que Jasmine disse a você sobre sua família, sobre como todos eles eram Ceifadores que serviam à Loki. Eu tenho razões para acreditar que Jasmine contou a eles o que ela estava fazendo, que ela estava planejando usar a Tigela para sacrificar Morgan, — Metis disse. — Seus pais e seu irmão mais velho passaram a se esconder, junto com o resto da sua família. Tias, tios, primos, todos. Todos eles passaram para a clandestinidade. Os membros do Panteão não podem achá-los em nenhum lugar.

— Espere um momento. Soa como se você estivesse indo... prendê-los ou algo.

— Ou algo, — Metis concordou, uma nota severa rastejando na sua voz. — Eu não sei como, talvez de outro aluno, mas a família de Jasmine descobriu que você estava ali naquela noite. Os Ashtons não são o tipo de pessoas que permitem que a morte de sua filha fique em vão. Eles podem vir atrás de você.

— Mas eu não a matei, — eu protestei. — Logan matou, e apenas para me salvar. Assim como tudo mais, eu realmente não fiz quase nada naquela noite. Tudo o que eu fiz foi fugir e ficar com medo e tentar não ser morta.

— Você fez um pouco mais do que isso, Gwen. Você destruiu a Tigelas das Lágrimas, um dos Treze Artefatos, um que muitos Ceifadores, a maior parte dos seguidores de Loki, desesperadamente queriam colocar suas mãos. E você impediu Jasmine de sacrificar Morgan, um sacrifício que teria aumentado o poder de Loki

e possivelmente ajudar a enfraquecer sua prisão. Isso faz de você um alvo para todos os Ceifadores e sua vingança.

Eu enfiei minhas mãos mais fundo nos bolsos do meu casaco com capuz e estremeci. Eu sabia que suas palavras eram verdadeiras. Antes da Mythos, eu não era ninguém, apenas como Jasmine tinha dito. Aquela garota Cigana que via coisas. Mas agora, eu era aquela garota Cigana, aquela com seus próprios segredos.

— Normalmente, isso não seria um grande problema, é para isso que os alunos aqui na Mythos são treinados – como usar sua magia, como lutar, e especialmente como se defender contra Ceifadores, — Metis disse. — Mas você só esteve na Mythos alguns meses, e você não teve nenhum dos treinamentos que os outros alunos foram expostos em todas as suas vidas. É por isso que eu deixei você manter aquela espada da biblioteca, por que você irá aprender como usá-la. Assim que possível. Eu posso vê-la, por favor? A espada?

Eu estendi minha mão para baixo e peguei Vic de onde eu o tinha colocado no chão quando eu entrei no escritório. Desde aquela noite na biblioteca, eu estive carregando a espada por aí comigo em todos os lugares que eu fui, justo como todos os outros jovens faziam com suas armas de escolha. Mas Vic nunca abriu seu olho ou falou com alguém além de mim. Verdade seja dita, ele ainda me arrepiava um pouco. Então sim, agora eu acreditava em deuses e deusas e Caos e coisas assim. Mas uma espada falante ainda era um pouco demais para eu suportar.

Eu passei Vic até Metis, quem tirou a espada da bainha de couro preta que Técnico Ajax tinha me dado para ele. Eu preendi meu fôlego, me perguntando se Vic abriria seu olho e olharia para a professora por interromper o seu cochilo. Era isso o que ele sempre fazia comigo quando eu tentava falar com ele quando ele não queria que eu fizesse. Vic era meio que um pé no saco dessa forma, sempre querendo fazer as coisas no seu próprio horário ao invés do meu.

— É uma bonita espada, — Metis disse, admirando a lâmina prateada. — Uma que certamente se encaixa à Campeã de Nike.

Me levou uns segundos para suas palavras se assentarem. — Como você... — eu mordi meus lábios.

Metis sorriu. — Como eu sei que Nike escolheu você para ser sua Campeã?

Ela totalmente me flagrou. Por que ter visto Nike e todas as coisas que a deusa disse para mim era algo que eu não tinha dito a ninguém mais, além de Vovó Frost.

Metis deslizou Vic para dentro da sua bacia e o entregou para mim. Então, ela caminhou até a estante de armas contra a parede e puxou uma vara do entalhe superior. A professora trouxe a arma até mim para que eu pudesse vê-la. A coisa era constituída de uma espessa madeira polida de dourado. Era completamente lisa e plana, embora eu pudesse ver que um tipo de escrita tivesse sido esculpido na frente dela.

— A cada Campeã é dada uma arma especial pelo seu deus ou deusa para ajudá-la em suas batalhas, — Metis disse. — E Campeãs sempre podem reconhecer outras Campeãs.

A professora encolheu de ombros. — Na maior parte do tempo, é apenas uma sensação que você tem; como se você soubesse que alguém é um Campeão. Nós todos meio que somos... atraídos uns para os outros. Especialmente aqueles de lados opostos, aqueles que servem deuses opostos. Por exemplo, não me surpreenderia se você um dia encontrasse o Campeão de Loki, uma vez que você serve Nike. Os dois deuses estiveram lutando por séculos agora — e também estiveram seus Campeões.

Loki tem um Campeão? Apenas como Nike tem? Eu não tinha me esquecido sobre ter visto o deus mal de olhos muito, muito vermelhos, naquela noite na Biblioteca de Antiguidades. Aquele olhar preenchido de ódio tinha assombrado meus pesadelos desde então, mesmo embora eu soubesse que Loki estava trancafiado onde ele não pudesse me ferir. Eu duvidava que o mesmo pudesse ser dito do seu Campeão, entretanto.

Determinada em pensar em algo mais, eu olhei para as letras na vara de Metis. — O que sua arma diz? E por que eu não posso lê-las?

Metis sorriu. — Apenas um Campeão pode ler as runas, a mensagem, na sua arma. A minha diz: 'Na sabedoria, há grande força.'

Sabedoria? Meus olhos se agitaram de volta para a estátua na beirada da mesa de Metis. Atenas era a deusa Grega da sabedoria, o qual significa que Metis tinha que ser sua Campeã. Daphne tinha me dito que a professora era uma Campeã, mas eu não tinha realmente acreditado nela. Eu *realmente* precisava começar a acreditar mais em Daphne.

— Mas se você é uma Campeã, por que você está aqui na academia? — eu perguntei. — Por que você não está lá fora lutando com Ceifadores ou algo?

Metis colocou a vara na estante de prateleiras com o resto das armas, caminhou de volta para sua mesa, e se sentou. — Por que meu trabalho como uma

Campeã é estar aqui e cuidar dos alunos. Ensiná-los sabedoria e tudo o que eles precisam saber para lutar com Ceifadores. E agora, eu estou aqui ensinando você, Gwen.

Ela hesitou. — Justo da maneira que Grace queria que eu fizesse.

Por um momento, eu estava atordoada. Bem... *atordoada*. Então, meu cérebro pegou no tranco. — Grace? Minha – minha mãe? O que você sabe sobre ela? Por que ela iria querer que você me ensinasse como ser uma Campeã? — As perguntas saíram da minha boca uma após a outra.

— Sua mãe e eu fomos amigas, — Metis disse. — Melhores amigas, realmente. De volta quando nós fomos à Mythos.

Professora Metis colocou de volta seus óculos e ergueu uma foto emoldurada do canto da sua mesa, aquela que ela estava olhando alguns minutos atrás. Ela virou para que eu pudesse vê-la. Duas pessoas estavam na foto, duas garotas com seus braços jogados ao redor uma da outra e amplos sorrisos em seus rostos. Uma delas era uma versão mais nova de Metis, tirada quando ela tinha cerca da minha idade.

A outra garota na foto era minha mãe.

Cabelo castanho, olhos violetas, pele pálida, sorriso maravilhoso. Grace Frost tinha sido bonita até mesmo naquela época. Minha mãe odiava tirar foto, então eu não tinha muitas fotos dela, especialmente quando ela era nova. Mas essa daqui – eu sabia que essa tinha algo especial.

— Eu posso – eu posso tocá-la? — eu sussurrei. — Por favor?

Metis tirou a foto da moldura e a sustentou para mim. Mão tremendo, eu estendi para ela. Meus dedos se fecharam em cima da suave, pegajosa borda, e eu fechei meus olhos e deixei as memórias me lavarem para longe.

Tantas imagens tremeluzindo através da minha mente, todas de minha mãe e Metis. Gargalhando, conversando, andando ao outro lado do campus juntas, almoçando no refeitório, praticando no ginásio, e fazendo todas as outras coisas que os alunos da Mythos faziam. Havia outras imagens, outros sentimentos, associados com a foto, também. A completa fé que elas tinham uma na outra, a confiança entre elas, todos os segredos sussurrados e corações partidos que elas compartilharam. Mas através de tudo isso, Metis e minha mãe tinham amado uma a outra – como irmãs. Essa foi a emoção que eu senti na sua maioria – amor. Era... legal saber que alguém tinha se importado sobre minha mãe justo como eu tinha. Que alguém mais sentia falta dela tão ferozmente como eu sentia.

Eu abri meus olhos e enxuguei um par de lágrimas.

— Você pode ficar com ela, se você quiser, — Metis disse em uma baixa voz.
— Eu tenho outra cópia.

Eu assenti, não confiando em mim mesma para falar ainda. Ao invés disso, eu cuidadosamente corri meus dedos sobre a foto, sentindo as emoções se arrancarem dela para dentro de mim.

Nós não falamos pela melhor parte de um minuto, mas finalmente Metis limpou sua garganta.

— Enfim, — Professora Metis disse. — Sua mãe e eu fomos amigas. Ela salvou minha vida mais vezes do que eu posso me lembrar, e eu planejo fazer o mesmo com você, Gwen. Para ajudar com isso, eu reorganizei o seu horário um pouco. Agora, em adição a sua habitual aula de educação física, você também irá ter aulas particulares todo o dia com o seu professor de combate para criar em você a velocidade e como usar sua espada.

Professor de combate? Eu não estava certa se eu gostava do som disso.

Metis olhou em direção a porta de vidro fosco. — Entre agora, por favor.

Um segundo mais tarde, a maçaneta se virou, a porta se abriu, e Logan Quinn pisou dentro do escritório.

— Eu acredito que você e Sr. Quinn já se conheçam, — Metis disse. — Ele pareceu ser a escolha mais lógica em ser seu tutor, dado o que aconteceu na biblioteca.

Eu realmente não falei com Logan desde aquela noite. Depois de tudo, ele foi até o dormitório de Carson com Daphne e comigo, mas ele não ficou conosco, ao invés disso, ele disse que estava cansado e estava voltando ao seu próprio dormitório. Eu procurei por ele desde então, mas eu nunca pareci localizá-lo nos corredores ou fora no quadrilátero, e ele nunca olhou na minha direção na aula de educação física ou veio até a biblioteca enquanto eu estava trabalhando.

Eu sorri para Logan, pensando que talvez isso não fosse tão ruim depois de tudo, mas ele apenas me deu um olhar gelado com seus olhos. Eu franzi o cenho. O que era isso tudo? Eu pensei que nós fôssemos ao menos amigos agora, talvez até mesmo algo mais. Eu certamente esperava que sim, de qualquer modo.

— Logan irá trabalhar com você toda manhã antes das aulas começarem, — Metis repetiu. — Você está para aprender cada coisinha que você puder dele, Gwen. Por que isso não é uma brincadeira, e o perigo em que você está é muito, muito real. Você me entendeu?

Eu estremei e assenti. Então, outro pensamento me ocorreu. — Um, e sobre...

Eu gesticulei para Vic. Poderia ser meio que estranho aprender a lutar com uma espada que estava viva. E o que eu diria a Logan sobre o que Vic era e quem tinha dado ele para mim?

Metis olhou para a espada, depois para mim. — É sua espada, Gwen. Você irá aprender como usá-la. Eu estou certa que ela irá funcionar para você, como a minha vara funciona para mim. Como tudo mais, eu vou deixar isso por sua conta.

Sua vara poderia ser uma coisa completamente diferente de Vic, por que eu não podia imaginar Vic sequer me obedecendo. Mas ao menos ela ia permitir que eu dissesse a Logan sobre a arma e tudo mais no meu próprio tempo, da minha própria maneira.

— Eu acho que isso cobre as coisas por agora, — Professora Metis disse. — Está ficando tarde. Vão e aproveitem o resto do seu dia, e se lembre, você tem outra redação para a semana seguinte.

— Sim, professora, — eu disse.

— Logan, Técnico Ajax falou com você sobre isso, — Metis disse. — Você irá trabalhar com Gwen tão forte quanto você precisar a fim de treiná-la rápido, entendeu?

— Sim, senhora, — ele disse.

— Bom. Vocês dois podem ir agora.

Professora Metis agarrou uma pilha de papéis e começou a trabalhar neles. Eu deslizei a foto da minha mãe que Metis tinha dado a mim dentro da minha bolsa carteiro, com cuidado para não amassá-la. Depois, Logan e eu deixamos o seu escritório e caminhamos para o lado de fora do prédio de História-Inglesa. Era depois das seis agora, e o quadrilátero estava deserto exceto por uns poucos alunos entrando e saindo do refeitório e da Biblioteca de Antiguidades. O crepúsculo rastejava do outro lado das gramas e árvores, os banhando em suaves tonalidades de roxo e cinza.

Nós dois ficamos na borda do quadrilátero, não muito olhando um para o outro. *Embaraçoso*.

— Então, — eu finalmente disse. — Você é meu professor de combate agora?

Logan assentiu.

— Metis te perguntou? Ou ela fez de você um?

Eu perguntei por que eu queria saber, não, por que eu *precisava* de algum tipo de pista de como Logan se sentia sobre mim. Algo que me diria se ele estava interessado em mim ou apenas tinha sido forçado dentro disso tudo.

— Não, — Logan disse em uma calma voz. — Ela não fez de mim um. Ela, Técnico Ajax, e Nickamedes me perguntaram, e eu disse a eles que sim.

— Por quê?

Pela primeira vez, Logan olhou para mim, sua boca curvando para cima em um pequeno, sexy sorriso. — Alguém tem que cuidar de você, garota Cigana. Problema parece seguir você em qualquer lugar que você vá. Nós dois sabemos que você não pode sequer andar ao redor do campus sem esbarrar nas pessoas — literalmente.

Seu sorriso derreteu algo do gelo nos seus olhos, e por um momento eu senti como se as coisas tivessem voltado da forma que elas eram antes do baile. Que nós estávamos de volta a provocação tipo paquera que esteve acontecendo entre nós. Então eu ferrei com a minha coragem e fiz algo no qual eu estive pensando desde aquela noite na biblioteca.

— Bem, talvez você gostaria de conversar sobre isso um pouco mais. Tomando... um café ou... qualquer coisa.

Sim, eu estava totalmente pedindo-o para sair, e ele sabia disso.

Mas ele não gostou disso, por que Logan imediatamente se enrijeceu. O calor nos seus olhos azuis se apagou, e sua boca se apertou. Ele deu um passo para trás e negou com sua cabeça.

— Isso não é uma boa ideia, Gwen.

Uh-oh. Ele usou o meu nome, o que significava que ele estava sério. Meu coração se apertou no peito.

— Por que não? Eu... gosto de você. Muito. E parece que você pode... gostar de mim, também? — eu estremeci. As palavras não tinham soado tão *necessitadas*, tão assustadoramente *desesperadas*, na minha cabeça.

Por um segundo, o rosto de Logan se suavizou. — Eu gosto de você, Gwen. Muito. Eu acho que há algo realmente especial em você.

Suas feições se endureceram mais uma vez. — Mas há coisas que — que você apenas não sabe sobre mim. Sobre Espartanos e o que nós somos. Coisas que você não quer saber. Especialmente sobre mim. Eu não sou o cara que você pensa que eu sou. Eu não sou algum tipo de herói. Nenhum pouco.

Logan tinha aquele olhar nos seus olhos, aquele selvagem, ferido, desesperado tipo de olhar que Paige Forrest tinha tido bem antes de eu pegar sua escova de cabelo. Quaisquer que fossem os segredos que o Espartano tivesse, eles eram muito grandes.

E tudo o que eu tinha que fazer para descobrir o que eles eram era estender a mão e tocá-lo.

Logan foi o primeiro garoto que eu gostei, bem, desde sempre. E ele estava de pé aqui me dizendo que, sim, ele gostava de mim, também, mas que nós não podíamos sequer tomar um café juntos. Muito menos fazer algo mais. Eu queria saber o que ele estava escondendo de mim, que segredo ele pensou que era tão terrível que eu não iria querer ficar com ele.

E eu queria saber nesse *momento*.

Seria tão mais fácil usar meu dom Cigano, minha psicometria, em Logan. Agarrar sua mão e ver todos os seus segredos. A tentação para fazer isso era tão forte.

Mas então, eu pensei em Jasmine Ashton e como a Valquíria tinha usado seus poderes, sua magia, para conseguir o que ela queria – vingança com a sua melhor amiga. Eu me lembrei do que Vovó Frost tinha me dito sobre outras pessoas como nós, outros Ciganos. Sobre como alguns deles usavam seus poderes para coisas egoístas. Sobre como alguns deles eram maus.

Lentamente, eu curvei minhas mãos em punhos. Não. Eu não seria assim. Eu não faria isso. Não com Logan. Não com alguém por quem eu me importava. Eu não usaria meu dom, aquele que Nike deu para minha família, para forçá-lo a revelar seus segredos. Eu era mais esperta do que isso agora. Eu era melhor do que isso agora. Eu era melhor do que Jasmine e todos os outros Ceifadores como ela, que apenas usavam seus poderes para ferir os outros.

Então eu apenas o olhei, meus sentimentos por ele tão óbvios nos meus olhos violetas. Mas Logan apenas desviou o olhar.

— Logan! — uma voz gritou. — Aí está você!

Uma garota atravessou o quadrilátero na nossa direção – a mesma garota que Logan tinha levado ao baile. Aquela que se irritou por ele estar dançando comigo. Daphne tinha me dito que seu nome era Savannah Warren e que ela era uma Amazona que vivia na Valhalla Hall. Eu perguntei por aí e descobri que era o seu quarto e a sua janela que Logan tinha pulado no dia em que eu esbarrei nele do lado de fora do dormitório depois de eu roubar o laptop de Jasmine.

Savannah me deu um olhar obsceno e deslizou passando por mim para chegar nele. Logan colocou seu braço ao redor dela. Ele virou sua cabeça, e ela ficou na ponta dos seus pés e o beijou. Logan puxou Savannah até mesmo mais perto, e ela envolveu seus braços ao redor do seu pescoço. Minhas mãos em punhos se fecharam muito mais apertadas. Se a Amazona enfiasse sua língua em qualquer lugar mais para baixo na garganta de Logan, ela ia expor o cérebro dele na parte de trás do seu crânio. Se houvesse até mesmo algo ali dentro para começar.

Depois de um minuto de sucção, os dois se afastaram. Logan sorriu abaixo para ela, embora seus olhos ainda estivessem frios no seu rosto. Savannah se virou e sorriu maliciosamente para mim, e eu senti meu coração congelar. Então era assim como isso seria. Logan Quinn, homem-vadia da Mythos Academy, estava de volta com força total, e eu era apenas aquela garota Cigana para ele novamente.

— Você está pronto, bebê? — Savannah perguntou, colocando sua cabeça no ombro de Logan e espiando-o através dos seus longos, perfeitos, cílios.

— Claro. Vamos, — Logan disse. — A Cigana e eu acabamos aqui de qualquer forma.

E então, ele se virou e foi embora com ela. Ele nunca sequer olhou para trás para mim.

Eu fiquei ali, sentindo como se meu coração tivesse acabado de se partir sem ele sequer ter sido realmente oferecido para sacrifício em primeiro lugar.



26

MAIS TARDE NAQUELA NOITE, DAPHNE VEIO ATÉ MEU QUARTO NO dormitório com uma pizza em uma mão e uma embalagem de seis refrigerantes na outra como parte dos nossos planos de uma séria sessão de estudo e uma festa total de fofoca. Eu estive responsável pela sobremesa, claro, e Vovó Frost me supriu com chocolate, manteiga de amendoim, e fudge²⁰ de abóbora quando eu a tinha visto ontem.

Daphne e eu espalhamos a comida no chão e sentamos na frente da TV, o qual eu liguei na última maratona de *Project Runway*, por pedido de Daphne.

²⁰ (fudge- é uma torta que usa como base doce de leite e chocolate)

Enquanto a Valquíria olhava a moda na tela vacilante, eu abri a caixa de pizza e congelei.

— O que é *isso*? — eu perguntei.

O que estava dentro da caixa não parecia como pizza para mim. Oh, havia uma crosta de alguma mussarela coberta com algum tipo de carne exótica, um suspeito cheiro apimentado com molho de tomate, e com legumes ao vapor, cortados em pedaços enfeitados, claro. Meus olhos se estreitaram. Aquilo era espinafre murcho? Eca.

— Eu peguei isso no refeitório, — Daphne disse, mergulhando na torta cozida e agarrando um pedaço. — É uma pizza Florentina de cordeiro grelhado. É a última coisa no cardápio.

— O que aconteceu com o simples antigo queijo e pepperoni? Ou presunto e abacaxi?

Daphne rolou os olhos. — Pepperoni? Isso é tão entediante e tão cafona. — Seus olhos agitaram-se para minhas roupas. — Justo como todos esses casacos com capuz que você usa. Nós seriamente temos que ir às compras, Gwen. Você totalmente precisa de alguns novos threads²¹.

Eu podia não ter amigos como a Valquíria há muito tempo, mas eu estava começando a compreender seus humores – e que não havia ponto em argumentar com ela sobre meus casacos com capuz. Então eu suspirei, agarrei um pedaço de pizza, e o mordi. Tudo bem, então era realmente meio que bom, espinafre e tudo, mas eu não ia dizer à Daphne isso. Ao menos, ainda não.

— Então, — Daphne disse, abrindo ruidosamente um refrigerante com seus dedos e fazendo que faíscas de magia enchessem o ar. — Eu esbarrei com Morgan no refeitório quando eu fui pegar a pizza.

— E como foi?

Daphne realmente não tinha muito o quê fazer com Morgan e com as outras Valquírias desde que ela foi ao baile de formatura com Carson. Nós estamos saindo muito, entretanto, e estávamos lentamente nos tornando amigas de verdade. Eu gostava de muitas coisas sobre Daphne. Ela era legal e engraçada e uma completa nerd quando vinha a se falar sobre coisas de computação. Ela não era como todas as mimadas, egoístas princesas Valquírias que eu pensei que ela

²¹ (thread coat que seria uma capa com cinto ajustado na cintura que pode ser longa ou curta)

fosse naquele dia quando eu a confrontei pela primeira vez no banheiro das garotas.

Daphne deu de ombros. — Como eu esperava. Morgan tentou me convencer a sentar com ela e as outras. Elas queriam saber tudo sobre o *grande encontro* com Carson. Mas eu sabia que se eu contasse a Morgan qualquer coisa, ela zombaria de mim pelas minhas costas apenas como Jasmine zombou.

— Sinto muito.

Daphne encolheu de ombros. — Não sinta. Eu disse a Morgan exatamente o que eu pensava dela e que vadia ela foi por dormir com Samson pelas costas de Jasmine. E então, eu dei às outras garotas todos os emails que eu retirei do laptop de Jasmine, todos aqueles que Morgan e Jasmine tinham trocado e re-trocado, falando sobre todos.

Eu quase me engasguei com a minha pizza. — Você não fez!

Daphne me deu um sorriso perverso. — Eu fiz. Você deveria ter visto o rosto delas. Elas estavam tão irritadas que elas começaram a gritar com Morgan bem no meio do refeitório. Elas ainda estavam gritando com ela quando eu parti para vir até aqui.

Não foi a sangrenta, horrível vingança que Jasmine queria, mas eu imaginei que era algo. Talvez agora, ao menos as outras garotas soubessem quem Morgan realmente era e elas poderiam se afastar dela.

— E você? — Daphne perguntou. — Você se encontrou com Metis como você deveria fazer? O que ela disse?

Eu não estava muito pronta para dizer a Daphne sobre a deusa Nike me escolhendo para ser sua Campeã, então eu encobri essa parte. Mas eu contei a Daphne todo o resto, incluindo o fato de que Metis pensou que eu estivesse em perigo pela família de Jasmine uma vez que todos eles eram Ceifadores.

— Eu conheci a família de Jasmine, — Daphne disse. — Metis está certa de estar preocupada. O irmão dela é especialmente assustador. Eu sempre achei que ele se ofendia um pouco demais, sem importar quanto bonitinho ele fosse.

— Metis não me contou isso, — eu disse. — Mas ela reorganizou meus horários. Agora eu tenho aulas particulares com um professor de combate toda manhã antes das aulas começarem. Metis quer que eu aprenda como realmente usar minha espada.

Eu gesticulei para Vic, que estava na sua bacia e pendurada na parede bem ao lado do pôster da minha Mulher Maravilha.

— Professor de combate? — Daphne perguntou. — Metis designou a você um professor? Quem?

— Logan Quinn.

Os olhos pretos de Daphne brilharam. — Sério? Isso é *realmente* interessante.

— Não vai ser nada assim, — eu disse, um tom amargo rastejando na minha voz. — Logan me disse isso ele mesmo. Ele realmente me deu o discurso *eu-gosto-de-você-mas-não-posso-sair-por-alguma-estúpida-razão*. E então, ele enfiou sua língua na garganta de Savannah Warren bem na minha frente no quadrilátero.

Daphne estremeceu em simpatia.

Eu não tinha contado a Daphne como eu me sentia sobre Logan, mas eu estava bastante certa que a Valquíria tinha adivinhado. Provavelmente era tão óbvio para ela como os sentimentos dela por Carson tinham sido para mim.

— Sinto muito, Gwen, — ela disse.

Eu apenas dei de ombros.

Nós comemos em silêncio por alguns minutos, antes de Daphne dirigir a conversa de volta a um assunto mais seguro — Carson e como maravilhoso ela pensava que ele era.

— Eu contei a você que ele escreveu uma música pra mim? — Daphne disse em um tom sonhador. — É algo assim....

Apesar dos meus outros problemas, eu me encontrei ficando presa na história de Daphne, e logo nós estávamos gargalhando e sorrindo como se nós fossemos BFFs desde sempre. Mais uma vez, essa sensação de normalidade, de paz, rastejou sobre mim. Focando com uma amiga com pizza. Eu não podia pensar em uma melhor maneira de passar a noite.

Claro, ainda havia muitas coisas acontecendo. Uma deusa tinha me dado uma espada e me declarado para ser sua Campeã, e a família de Jasmine e o resto dos Ceifadores vilões queriam fazer algumas coisas bastante malvadas comigo. Eu tinha acabado de dizer ao garoto que eu gostava, que eu realmente, bem, *gostava* dele, e antes de sair com outra garota ele tinha me dito que nós não podíamos ficar juntos.

Meus olhos foram para a foto da minha mãe, a qual estava na minha mesa bem sob o lugar de Vic na parede. Eu planejei colocar uma moldura na foto dela e de Metis e colocar ali também. Talvez fosse minha imaginação, mas pareceu como se minha mãe estivesse sempre sorrindo para mim onde quer que eu olhasse para a sua imagem agora. Como se ela pudesse me ver de onde ela estivesse ou algo. Talvez ela pudesse. Mythos Academy era um lugar de magia depois de tudo, onde lendas eram reais e tudo podia acontecer.

E eu finalmente entendi algo mais, também. Que as pessoas que você amava nunca realmente morriam, não por tanto tempo quanto você mantivesse suas memórias deles com vida, não tanto quanto eles vivessem no seu coração. E minha mãe sempre estaria no meu.

Daphne estalou seus dedos na frente dos meus olhos. — Terra para Gwen.

— O que? O que você disse?

Ela gesticulou para a caixa de pizza entre nós. Um único pedaço no lado de dentro. — Eu perguntei a você se você queria o último pedaço de pizza.

Eu olhei para ela, depois para a foto da minha mãe novamente e Vic e o resto do meu pequeno aconchegante quarto. Finalmente, meus olhos aterrissaram na pequena estátua de Nike que eu comprei na livraria do campus. A figura alada da deusa da vitória disposta na minha mesa, bem ao lado da foto da minha mãe.

Enquanto eu encarava a estátua, os olhos de Nike subitamente estalaram abertos justo como os de Vic tinham feito para mim naquela primeira noite na biblioteca. Eles eram da mesma cor dos olhos de Vic, da mesma cor que os olhos da deusa tinham sido quando eu a vi, da mesma cor dos meus olhos. Uma bonita mistura de roxo e cinza que sempre me fez pensar no crepúsculo.

Enquanto eu observava, de boca aberta, um dos olhos lentamente abaixaram e voltaram para cima novamente. Ela estava... dando uma piscadela para mim? Eu pisquei, e os olhos da figura estavam fechados justo como eles tinham estado antes.

Mas pela primeira vez, a visão não me assustou. Ao invés, eu senti como se merecesse a aprovação da deusa, como se eu alcançasse algum tipo de... paz ou algo. Algum tipo de vitória. Ao menos por essa noite.

— Gwen? — Daphne perguntou novamente. — Você está bem?

— Que tal, — eu disse, olhando para minha amiga. — Por que nós não dividimos o último pedaço?

Daphne sorriu. — Por mim tudo bem.

— Por mim também.
Então nós dividimos.

Bim

a série Mythos Academy continua em Kiss Of Frost